J. Alveirinho Dias

O annus mirabilis de 1666:

Peste, guerra e fogo

JAD

Algumas outras obras do autor:

- **Estudo Sintético de Diagnóstico da Geomorfologia e da Dinâmica Sedimentar dos Troços Costeiros entre Espinho e Nazaré** (com Ó. Ferreira e A. Ramos Pereira)

- **Portugal e o Mar: Importância da Oceanografia para Portugal (2003)**

- **A Análise Sedimentar e o Conhecimentos dos Sistemas Marinhos: uma introdução à Oceanografia Geológica (2004)**

- **A Conquista do Planeta Azul: o início do reconhecimento do oceano e do mundo (2004)**

- **Venturas e Desventuras do Litoral no País dos'Portugueses (2014)**

- **Mundividências projectadas: o início das representações do espaço geográfico. I - O reconhecimento espacial e as suas representações(2015)**

- **Mundividências projectadas: o início das representações do espaço geográfico. II - Representações do espaço na Pré-História (2015)**

- **E o Azul se fez Homem. Parte I - A Génese do Ambiente (2015)**

- **"Todo o mundo é composto de mudança". Considerações sobre o clima e a sua história. I - O Sistema Climático Terrestre (2016)**

- **"Todo o mundo é composto de mudança". Considerações sobre o clima e a sua história. II - Factores Astronómicos (2016)**

- **Malpica Seiscentista: demografia histórica e temas correlatos (2019)**

- **De cá para lá e de lá para cá. Diferenças lexicais (e outras) entre Português do Brasil e Português de Portugal (2019)**

- **Repositório do Conheciumento Inútil (2020)**

Verso da capa

J. Alveirinho Dias

O annus mirabilis de 1666:

Peste, guerra e fogo

JAD

Índice

Advertência ao leitor

É muito difícil fazer boas traduções de poemas, e muito mais para quem não é da área das linguísticas. Por isso, nem sequer tentámos! Neste trabalho apresentamos vários excertos do poema *Annus Mirabilis*[30], de John Dryden, originalmente publicado em 1667, mas sem intentar fazer qualquer tradução poética. Esses excertos são apresentados fazendo quase que apenas uma tradução literal, tentando apenas expressar o que dizem, sem qualquer preocupação com as métricas ou as rimas.

O mesmo se aplica em grande medida a outros excertos inclusos no texto que se segue, principalmente os dos diaristas Samuel Pepys e John Evelyn.

Annus mirabilis

Como é óbvio, a locução latina *annus mirabilis* foi utilizada, embora sem grande frequência, desde a Antiguidade Clássica, tendo continuado a ser usada esporadicamente em textos medievais, em geral inclusa em trabalhos de astrologia. No início dos tempos modernos continuou a ser aplicada com o mesmo sentido, principalmente em Inglaterra, na literatura panfletária que então florescia, começando mesmo a surgir nos títulos dessas publicações. Tanto quanto sabemos, a primeira vez que a locução foi utilizada no título de uma obra de literatura dita séria, foi no longo poema *Annus Mirabilis*, de Dryden, publicado em 1667 em Londres. A expressão continuou a ser utilizada na literatura, mas de forma muito esporádica, até que, a partir de meados do século XX, começou a ser aplicada de forma recorrente (muito por influência do poema de Dryden) para qualificar anos excepcionais (de cientistas, de artistas, ou de acontecimentos políticos ou sociais).

O *Annus Mirabilis* do poeta inglês John Dryden (1631-1700) versa sobre o ano de 1666, ou antes, o período entre meados de 1665 e de 1666, que foi para Londres um verdadeiro *annus horribilis*. Com efeito, a cidade foi atingida na Primavera de 1665 por uma grave epidemia de peste que em 18 meses causou provavelmente mais de 100 mil mortos, ou seja, quase um quarto da população de Londres na altura. Refira-se que nos Países-Baixos a peste também grassava com intensidade desde 1664, prolongando-se o surto até 1666. Em Março de 1665 foi declarada guerra às Sete Províncias Unidas da Holanda, em que os britânicos viriam a ser derrotados após violentos confrontos no mar, nomeadamente a chamada Batalha dos Quatro Dias, possivelmente a mais longa batalha naval da história. Para piorar ainda mais a situação, a 2 de Setembro de 1666 deflagrou o Grande Incêndio de Londres, que lavrou com grande intensidade nesta metrópole até ao dia 6, e que destruiu a antiga urbe medieval sita dentro da muralha da cidade romana e algumas partes fora desta estrutura.

A arte do poeta John Dryden conseguiu transformar esse *annus horribilis* de 1665/66 num *annus mirabilis*, em que Londres, qual fénix, renasceria das cinzas para dominar o comercio mundial e cobrir-se de glória. O longo poema de Dryden (com 304 estrofes), uma obra-prima da literatura mundial, apresenta uma visão pessoal dos acontecimentos relacionados com a guerra e com o incêndio (quase que omitindo a peste), tendo como elemento incessante, que atravessa toda a obra, a apologia do rei Carlos II, que então reinava em Inglaterra, na Escócia e na Irlanda.

Como dissemos, a locução *annus mirabilis* já era utilizada no título de algumas publicações panfletárias alguns anos antes da publicação do poema de Dryden. Originalmente, essa expressão era utilizada para designar *anos maravilhosos*, em que *maravilha* tem a acepção de prodígio, assombro, admiração. Portanto, os anos assim qualificados eram anos em que tinham ocorrido acontecimentos extraordinários, incomuns, insólitos, surpreendentes, fantásticos, espantosos, excepcionais, independentemente de tais acontecimentos se-

rem interpretados como positivos ou negativos. A literatura panfletária inglesa que no título usava a locução *annus mirabilis* (como a publicada nos anos 1661 e 1662) divulgava casos desses, como, por exemplo, o aparecimento de *três Sóis nos céus, não muito longe uns dos outros,* a observação de *um grande corpo de Fogo a cair do Céu*, o aparecimento de *um homem que era branco de um lado e vermelho cor-de-sangue do outro*, o nascimento de uma criança que tinha *quatro pernas e quatro braços e mãos, duas costas e apenas uma cabeça*, a água de um rio que inopinadamente ficou *vermelha como sangue*, ou um indivíduo que foi denunciar que havia pessoas que não se *conformavam com as Leis e Cânones da Igreja*, e que antes de terminar *caiu diante do Bispo e morreu imediatamente*[4]. Foi também nesta acepção que Dryden utilizou a expressão *annus mirabilis*, embora, como já referimos, a arte do poeta tivesse transmutado os acontecimentos extraordinários (incêndio e guerra, mas também peste) em ocorrências que, através da acção do monarca, da obediência do povo e da ajuda de Deus, seriam a base que conduziria à de futura glória de Londres.

O poema *Annus Mirabilis* de Dryden tem a particularidade, como referimos, de ter sido a primeira obra de literatura dita séria a utilizar essa expressão no título, usando-a na aludida acepção. Também como já dissemos, passados cerca de três séculos, essa locução viria a ser recuperada para qualificar anos excepcionais em ciência, mas também nas artes e na política, embora, em geral, com conotação algo distinta, isto é, referindo anos muito positivos, como os que se caracterizaram pela publicação de obras que marcaram de forma indelével o progresso científico, ou em que houve excepcional produtividade de um artista, ou que se destacaram por acontecimentos políticos ou sociais extraordinários.

Para os anos em que ocorreram acontecimentos marcantes considerados negativos há a tendência para os qualificar como *annus horribilis*, embora, na acepção original, estes não sejam o oposto daqueles. Com efeito, como já referimos, a locução *annus mirabilis*, no sentido em que foi utilizada nas primeiras publicações, eram anos de acontecimentos excepcionais, prodigiosos, independentemente de serem interpretados como positivos ou negativos.

A partir de meados do século XX, como já referido, publicações diversas passaram a aplicar a locução *annus mirabilis* a anos de ocorrências marcantes nos domínios, entre outros, da ciência, da história política, das artes, da tecnologia e da sociologia, sendo a expressão, em geral, usada com conotação positiva. Assim, em 1966, o ano de 1666 passou a ser considerado o *annus mirabilis* de Newton[81]. Curiosamente, é o mesmo ano cantado por Dryden, o que não é coincidência fortuita. Aliás, na realidade, o poema aludido refere-se a 1665/66, tal como o *annus mirabilis* de Newton é frequentemente considerado como abrangendo esses dois anos. Com efeito, em 1665, pouco depois de Newton (1643-1727) se ter formado em Cambridge, a peste começou a grassar com intensidade em Inglaterra, pelo que, como medida de precaução, a universidade fechou. Newton voltou para a sua terra natal, Woolsthorpe, no Leste de Inglaterra, de onde só regressaria em Abril de 1667. Esses tempos passados na tranquilidade do meio rural foram os mais produtivos e criativos da sua vida, tendo nessa altura feito avanços científicos decisivos nos campos da matemática, da óptica, da mecânica e da gravidade, os quais viriam a constituir as bases da Ciência moderna.

Apropriadamente qualificado como *annus mirabilis*, pois que se enquadra na acepção original da locução, foi o de 1783[74]. Nesse ano, a partir de Junho, toda a Europa começou a ser coberta por um estranho e enigmático *nevoeiro denso e seco*, como era referido na imprensa da época, cuja origem era desconhecida. Foi acompanhado por um Verão muito

quente, a que se seguiu um Inverno extremamente frio, estimando-se que na Europa as temperaturas médias tenham atingido cerca de 2ºC abaixo da média das décadas finais do século XVIII[26]. As anomalias meteorológicas continuaram nos anos seguintes, com grandes perdas agrícolas, o que, segundo vários autores contribuiu para fomentar o início da Revolução Francesa, em 1789. As comunicações eram então ainda bastante lentas, e só posteriormente é que se conseguiu fazer a ligação entre essa névoa insólita e aerossóis provenientes da erupção do Laki, na Islândia. Para muitos investigadores, esse Inverno rigoroso correspondeu ao que geralmente se designa por *Inverno vulcâ*nico. A coluna eruptiva do Laki introduziu grandes quantidades de gases contendo enxofre na troposfera superior e estratosfera inferior, formando aerossóis sulfúricos, os quais reflectiam para o espaço a radiação solar incidente, provocando um forçamento radiactivo negativo, isto é, a quantidade de calor solar que chegava à superfície da Terra diminuiu bastante, pelo que esta ficou mais fria.

Mas o ano de 1783 merece plenamente o epíteto de *annus mirabilis*, pois que nesse ano houve outros acontecimentos extraordinários. Foi o caso da grande crise sísmica da Calábria, em Itália, que em Fevereiro/Março causou mais de 50 mil mortos e provocou mesmo modificações topográficas, tendo os sismos por vezes sido acompanhado por *tsunamis*. É de incluir também nos prodígios de 1783 o grande meteoro que em Agosto cruzou os céus do Norte da Europa, provocando o espanto das populações. Ainda nos prodígios desse ano inclui-se o lançamento público do primeiro balão de ar quente pelos irmãos Montgolfier, em Annonay, a 5 de Junho de 1783. Este último acontecimento viria a gerar na Europa uma verdadeira *loucura dos balões*, quase que não havendo cidade importante na Europa que não quisesse ver o seu nome incluído nos anais da aeronáutica.

Desde meados do século XX muitos outros anos têm merecido o qualificativo de *annus mirabilis*. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o ano de 1534, assim rotulado na viragem do século[36] porque se iniciou então a revolução científica renascentista com a publicação de *De revolutionibus orbium coelestium* (Sobre as Revoluções das Esferas Celestes), de Nicolau Copérnico (1473-1543), e de *De Humani Corporis Fabrica Libri Septem*[129] (Sete Livros sobre a Estrutura do Corpo Humano), de Andreas Vesalius (1514-1564). Foram obras verdadeiramente revolucionárias, na medida em que romperam com a visão aristotélica do mundo e do homem, a qual tinha dominado os tempos medievais. Embora dissertassem *apenas* sobre a astronomia e a anatomia humana, o campo que começaram a desbravar viria em breve a ser também trilhado pelos outros ramos do conhecimento (química, biologia, matemática, etc.).

Refira-se também, a título meramente exemplificativo, o ano de 1905, que, por ocasião do cinquentenário da morte de Einstein (1870-1955) e do centenário do ano em que a sua produtividade científica foi verdadeiramente impressionante, foi classificado como *annus mirabilis*[48]. Com efeito, nesse ano, quando o físico completou 26 anos, submeteu aos *Annalen der Physik*, entre Março e Junho, três artigos inovadores que viriam a ser absolutamente estruturantes para a Ciência: um sobre o efeito fotoeléctrico (que viria a dar origem à teoria da natureza quântica da luz); outro sobre o movimento browniano das partículas; e ainda outro sobre a teoria da relatividade restrita (em que estava a famosa fórmula $E=mc^2$, em que E é a energia, m a massa e c é a velocidade da luz). Nesse mesmo ano, além de outros artigos publicados na revista aludida, em Julho foi aceite a sua tese de doutoramento *Eine neue Bestimmung der Moleküldimensionen* (Uma nova Determinação das Dimensões Moleculares), a qual viria a defender em Janeiro de 1906. A aludida produção científica de Einstein em 1905 viria a modificar radicalmente a Ciência, embora tal não ti-

vesse acontecido de imediato, pois que a comunidade científica demorou a adaptar-se a essas ideias. Devemos ter em consideração que, na altura, grande parte da comunidade (talvez a maior parte) ainda não acreditava na existência real de átomos. Por outro lado, as leis de Newton eram encaradas como axiomáticas e as equações de Maxwell eram unanimemente aceites. Os trabalhos de Einstein vieram, de certa forma, desconstruir muitas dessas 'verdades' científicas, propondo um novo universo da Ciência. Passado algum tempo, a comunidade teve de se render às evidências e começou a aceitar as novas ideias, principalmente na década de 20. Para muitos autores, a revolução científica que Einstein iniciou com os seus trabalhos de 1905 só é comparável à que Newton tinha feito em 1665/66.

Ainda como exemplo de anos qualificados como *annus mirabilis* pode-se apontar o de 1492, que, do ponto de vista de vista político e social marcou de forma indelével e duradoura um país, a Espanha, e, por extensão, o mundo. Reinavam aí então os Reis Católicos, ou seja, Isabel I, rainha de Castela e Leão, e Fernando II, rei de Aragão, que pelo casamento, em 1469, tinham concretizado a união dinástica entre esses reinos (que, a partir de 1512, se viria a designar por Reino de Espanha). Foi no aludido ano de 1492 que, a 2 de Janeiro, os reis católicos conseguiram conquistar finalmente o Emirato de Granada, último bastião muçulmano na Península Ibérica, culminando, desta forma, a longa Guerra da Reconquista (que durou mais de sete séculos e meio). Com o território peninsular pacificado e unificado (com excepção de Portugal), com o argumento da continuação da Reconquista cristã, decidiram iniciar a conquista do Norte de África, pois que essa região tinha constituído, em tempos romanos, primeiro a província de Mauritânia Tingitana, e depois a província de Hispânia Transfretana. Iniciou-se, assim, uma época de expansão, não apenas para África, pois que, a 3 de Agosto de 1492, Cristóvão Colombo (1451-1506), ao serviço dos Reis Católicos, tinha partido de Palos de la Frontera em busca de uma nova rota (por Ocidente) para chegar à India. A 12 de Outubro, o navegador chegou a terra firme do outro lado do Atlântico, mas, ao contrário do que julgava, não eram terras orientais: eram as Bahamas, e a data marca o Descobrimento das Américas. Era um novo mundo que mais tarde viria a abrir profundamente as visões europeias e a ser intensivamente explorado pelas potências da Europa Ocidental. O ano de 1469 foi ainda marcado pelo chamado Decreto de Alhambra, também conhecido como Édito de Granada, de 31 de Março, pelo qual os judeus que não quisessem converter-se ao catolicismo seriam expulsos do território espanhol, o que levou a que mais de 200 mil se convertessem e entre 40 mil e 100 mil tivessem sido forçados a emigrar, principalmente para outros países europeus. Esse édito só viria a ser formalmente revogado cinco séculos depois, em 16 de Dezembro de 1968, após o Concílio Vaticano II. Portanto, o ano de 1492 foi caracterizado por acontecimentos muito marcantes na história de Espanha, mas que tiveram também reflexos muito profundos e estruturantes na história mundial.

Também no campo artístico a expressão *annus mirabilis* é utilizada para designar anos decisivos na carreira de importantes artistas. Foi o que aconteceu com 1931 (para alguns autores 1932 ou o período desde a Primavera de 1931 até à Primavera seguinte), considerado como o *annus mirabilis* de Picasso, tanto no que se refere à escultura[66], como à pintura[67]. Nessa altura, Pablo Picasso (1881-1973) era já um artista com 50 anos, e a sua reputação estava bem consolidada há décadas, nomeadamente como um dos criadores do cubismo. Porém, logo no início da década de 30, entrou numa nova fase artística que, tal como as anteriores, pois que Picasso era um criador compulsivo, foi extremamente produtiva. Nessa nova fase rompeu, até certo ponto, com o passado e embrenhou-se em novas

vias de expressão artística. Influenciado, em parte, pelos surrealistas, substituiu o arlequim, que até aí era motivo frequente dos seus trabalhos, pelo Minotauro, que era reiteradamente utilizado como símbolo do surrealismo. Aliás, essa personagem da mitologia grega viria também a ser incluída na que, muitas vezes, é considerada a obra-prima de Picasso, a pintura a monumental intitulada *Guernica*, de 1937, em que são bem evidentes as opções estéticas que o artista adoptou no início da década. Outro motivo que passou a ser recorrente nessa fase artística de Picasso, por vezes apelidada *das Metamorfoses* (pois que o autor produziu, em 1931, uma célebre série de 30 águas-fortes para ilustrar a publicação do clássico *Metamorfoses* de Ovídio) foi Marie-Thérèse Walter, então com 22 anos, com quem manteve um longo e apaixonado romance.

Embora continuasse a residir em Paris, passava nessa altura grande parte do tempo numa mansão do século XVIII que tinha adquirido na Normandia. Foi aí que desenvolveu uma nova linguagem na escultura, o mesmo acontecendo com a pintura. Entre muitas outras, é dessa altura a *Grande nature morte au guéridon*, uma transfiguração entre a imagem de Marie-Thérèse e uma natureza morta, em que as formas podem ser interpretadas tanto como convexas, como côncavas, em que a cabeça corresponde a um prato com frutas, o pescoço a pedúnculos, os olhos a manchas de pêssegos, os seios a maçãs verdes e as nádegas a outros pêssegos. Sobre o conjunto ergue-se um jarro dourado que remete para um galo a cantar. São imagens que geram leituras múltiplas, num diálogo permanente entre representações de realidades diferenciadas. De entre a grande produção artística de Picasso nos anos 1931 e 1932 referimos, quase que aleatoriamente, no domínio da escultura, a *Baigneuse allongée*, em gesso, a *Tête de femme de profil*, em bronze, a *Tête de taureau*, também em bronze, *La Femme au jardin*, em bronze soldado, e a *Tête de femme*, também em bronze. No domínio da pintura exemplificamos com *Jeune fille devant un miroir*, *Nature morte: buste, coupe et palette*, *Trois femme jouant*, *Le Sculpteur*, *Femme couchée à la tête blonde*, *Nu au plateau de sculpteur*, *La femme au stylet*, e *Le Rêve*.

Os *anni mirabilis* referidos meramente a título exemplificativo representam a grande variedade de temas a que a locução tem sido atribuída desde meados do século XX. Muitos outros poderiam ser mencionados, entre os quais 70 a.C. (*annus mirabilis* de Roma), 1688/89 (da política inglesa), 1912 (das ciências da Terra), 1922 (do modernismo anglo-saxónico ou da literatura ocidental), 1939 (de Hollywood), 1960 (da biologia estrutural), 1969 (da tecnologia) e 1989 (da Europa Central).

A locução *annus mirabilis* foi mesmo utilizada como título de um pequeno poema do romancista e poeta inglês Philip Arthur Larkin (1922-1985), escrito em 1967 mas só publicado em 1974 no seu livro *High Windows*[49]. Versa sobre a chamada revolução sexual dos anos sessenta do século XX, para o autor 1963, tendo o título sido tirado, ironicamente, do longo poema de Dryden, pelo que este novo e breve poema pode ser interpretado como o relato de uma adversidade de proporções semelhantes. O poema inicia-se com a seguinte estrofe (numa tradução de Rui Carvalho Homem):

> Só começou a haver sexo
> Em mil novecentos e sessenta e três
> (Para mim, tarde demais) —
> Entre o fim do interdito
> Do Amante de Lady Chatterley
> E o primeiro LP dos Beatles.[49:34]

I

Precedentes do *annus mirabilis* em Inglaterra

Astrologia, presságios e *annus mirabilis*.

Como é evidente, a expressão *annus mirabilis* aparecia já na literatura clássica, embora não fosse muito frequente, e continuou a surgir esporadicamente nalgumas obras medievais. Em geral, verificava-se tendência para que essa locução estivesse associada a presságios, tendo nesse aspecto grande importância a astrologia. Não cabe aqui pormenorizar o assunto, mas adiantaremos que em 1522 foi publicado o *Mirabilis liber*, um livro de autor anónimo, cujo título completo é *Mirabilis Liber qui prophetias revelationesque, necnon res mirandas, preteritas, presentes et futuras apte demonstrat*[8] (Livro Maravilhoso que contém profecias e revelações, bem como eventos surpreendentes, passados, presentes e futuros adequadamente demonstrados), redigido em latim, com uma pequena última parte em francês. É de referir que termo *mirabilis*, maravilhoso, tem aqui a acepção de prodigioso, extraordinário, surpreendente. O *Mirabilis Liber* é uma compilação de presságios efectuados por vários santos e teólogos cristãos, entre os quais Agostinho de Hipona (354-430), Joaquim de Fiore (1135-1202), Tomás de Aquino (1225-1274), Brígida da Suécia (1303-1373) e Girolamo Savonarola (1452-1498). Numa sociedade imbuída de grande misticismo e muito supersticiosa, o livro foi um grande êxito editorial, tendo-se tornado muito popular, o que é atestado pelas mais de quatro edições que teve só até 1524.

Embora só tivesse sido publicado em 1522, parte da intenção original do compilador parece ter sido apoiar a tentativa de Francisco l, rei de França, de ser eleito imperador do Sacro Império Romano. Tal aconteceu quando, em 1519, morreu o imperador Maximiliano. O seu opositor era Carlos V, rei de Espanha (que acabou por ser o escolhido). Esse apoio é evidente no segundo prefácio da obra, dirigido ao *Sereníssimo Rei dos Gauleses*, em que se diz:

> *Príncipe mais invencível entre os cristãos mais piedosos, tendo lido com atenção essas profecias e revelações, acenando com a graça do rei todo-poderoso, concluímos que ascenderá ao pináculo do império por eleição canónica* [...].[8:f2]

Embora o resto do prefácio tenha sido mantido inalterado nas edições seguintes, esta passagem é exclusiva da edição de 1522, não constando das edições posteriores[15], possívelmente porque tinha deixado de fazer sentido, pois que o eleito tinha sido, como dissemos, Carlos V.

O primeiro prefácio, na página do título, muito breve, que é comum a todas as edições, é constituído pelo parágrafo seguinte:

> *Destas profecias e revelações,* [...], *é fácil reconhecer o Pontífice máximo, que em breve emergirá com santidade do piedoso reino dos Francos, que, sob a melhor orientação de Deus, providenciará a paz entre todos os cristãos e o estado dos homens (e principalmente dos iniciados mais sagrados),* [...], *cuidará de reformar com muito cuidado as terras dos palestinos (que é chamada sagrada nas santas escrituras) dos gregos, dos turcos e de muitos outros, e iluminará todos os que são avessos à fé cristã com a luz da verdade.*[8:f1]

Com estas palavras, o autor prenuncia o aparecimento do Papa Angélico, que, segundo o prefaciador, será francês e iniciará uma era de reformas e de conversão. Recorre, assim, a um tema frequente na literatura apocalíptica medieval, o do Papa Angélico (*Papa Angelicus*), que iniciaria uma nova Igreja e um novo mundo de perfeita santidade. Portanto, nos dois prefácios, é feita alusão a duas figuras frequentes da literatura escatológica, isto é, sobre o fim do mundo, dos tempos medievais: o Último Imperador do Mundo (manifestado na apologia de Francisco I) e o Papa Angélico, cujo advento corrigiria todos os erros e transformaria a sociedade.

A locução *annus mirabilis*, embora tivesse sido utilizada em publicações anteriores, aparece na literatura panfletária inglesa do início do século XVII. É exemplo disso o folheto *The Wonderfull Yeare*[28], do poeta e dramaturgo inglês Thomas Dekker (c.1572-1632), publicado em 1603. Dekker era um autor de peças de teatro que, quando em 1603 começou a grassar em Londres uma grave epidemia de peste e os teatros foram encerrados para evitar os contágios, se transformou em panfletista. A sua primeira produção foi o aludido *The Wonderfull Yeare* (Ano Maravilhoso, em que *maravilhoso* tem a acepção de prodigioso, surpreendente), redigido na sequência da morte da rainha Isabel I em Março desse ano, a qual tinha estado no trono desde 1558. No panfleto, o autor lamenta o fim da idade de ouro elisabetana e lembra como a alegria da Inglaterra foi repentinamente eclipsada pela morte da rainha, considerando que a peste era uma consequência divina da morte da monarca. A seguir, no texto, Dekker passa a referir-se à ascensão de Jaime I ao trono, dizendo que a sensação da idade de ouro voltou nos primeiros meses do governo do novo rei, mas que quando a peste começou a grassar, no verão de 1603, a população foi de novo afligida por lamentos. No seguimento, o autor narra os horrores da epidemia de peste.

Na primeira parte do texto, dedicado, como se disse, à rainha Isabel I, numa passagem um tanto ou quanto obscura, em que lateralmente tem a chamada *1603 Um ano mais maravilhoso que* 88, Dekker escreveu:

> *Assim, veja que tanto em sua vida quanto na sua morte ela foi designada para ser o espelho do seu tempo. E, certamente, se desde a primeira pedra que foi lançada para a fundação desta grande casa do mundo houve um ano para ser admirado, é apenas esse: o* Octogesimus Octauus Annus *das* Sibilas, *aquele mesmo terrível* [ano de] *88 em que veio navegando até aqui na Armada Espanhola, e que, apenas ao suspeitaram disso, fez os corações dos homens ficarem mais frios do que a Zona congelada: que 88, por cujas previsões horríveis os fabricantes de almanaques ficaram com medo de que o seu comércio fosse totalmente derrubado, e o pobre Erra Pater foi ameaçado (porque era judeu) de ser rebaixado* [...] *nesse mesmo 88, que tinha mais profecias espreitando do que Merlin, o Mágico, tinha na sua cabeça. Foi por isso um ano de júbilo. O* Mirabilis Annus *de Platão, (seja já no passado, ou dentro desses quatro anos) pode lançar o chapéu de Platão em* Mirabilis, *pois que esse título de maravilhoso é concedido a 1603.*[28:19]

Para ser bem compreendido, o texto carece de alguns esclarecimentos. A menção ao *Octogesimus Octauus Annus* (ano 88) remete para 1588, ano em que a chamada Armada Inven-

cível espanhola tentou atacar a Grã-Bretanha, fazendo ao mesmo tempo alusão, como veremos, a uma profecia do astrólogo alemão Regiomontanus. As sibilas eram profetisas da Grécia antiga. Erra Pater foi o autor de um famoso almanaque astrológico começado a ser publicado em 1535. Merlin foi o hipotético mago, profeta e conselheiro do rei Artur. A expressão *lançar o chapéu de Platão* era usada em inglês antigo com o significado de desesperar por conseguir.

A menção ao *Mirabilis Annus de Platão* está relacionada com o *annus platonicus* (ano platónico) da astrologia, e é sinónimo de *annus magnus* (grande ano). Advém de uma teoria da Antiguidade Clássica segundo a qual, após um longo período, reaparecem as mesmas configurações astrais e os planetas voltam às posições originais que tinham quando o mundo foi criado ou ficam todos em conjunção. O final desse ciclo mundial seria marcado por um cataclismo natural, após o qual o mundo seria restaurado, voltando ao seu estado original. Tal teoria, explorada por vários autores clássicos, está expressa no *Timaeus*, um dos diálogos de Platão (*c.*424 a.C.-*c.*348 a.C.), e pressupõe a conjunção das oito esferas superiores (Lua, Sol, Vénus, Mercúrio, Marte, Júpiter, Saturno e esfera das estrelas fixas), e o filósofo grego designou o ano em que tal acontecia como *annus perfectus* (ano perfeito). A mesma teoria foi retomada por Marcus Tullius Cicero (106 a.C.-43 a.C.) que, por exemplo, no *De Natura Deorum* (Sobre a Natureza dos Deuses), diz que há discussão sobre a duração desse período, que necessariamente tem de ser fixo e definido, designando o ano em que isso se verifica como *annus magnus*[21]. Não explanamos mais sobre o assunto, até porque é matéria algo complexa.

Sobre a *Armada Espanhola*, recordamos que, em meados do século XVI, a Espanha, em que, entre 1554 e 1598, reinou Filipe II, era talvez a potência política e militar dominante na Europa, detentora de um império global que se expandiu ainda mais em 1580 quando o monarca se tornou também rei de Portugal (e, pelo menos teoricamente, das suas possessões ultramarinas), formando assim a União Ibérica. Em comparação, a Inglaterra era apenas uma potência europeia menor, sem império. Na sequência de ataques britânicos a interesses espanhóis nas Índias Ocidentais e, mesmo, na Península Ibérica, muitos dos quais perpetrados pelo célebre corsário inglês Francis Drake (c.1540-1596), a Espanha apresou, em 1585, vários navios mercantes ingleses que estavam em portos espanhóis. Iniciou-se deste modo uma guerra não declarada entre os dois países (que só viria a terminar em 1604). Em 1588, Filipe II, no sentido de neutralizar a influência inglesa nos Países Baixos Espanhóis, reafirmar hegemonia nos mares e reestabelecer o catolicismo em Inglaterra, preparou uma grande armada que tinha como objectivo proceder a uma invasão da Grã-Bretanha e destituir a rainha Isabel I.

Essa armada, com cerca de centena e meia de navios, saiu de Lisboa em Maio com o propósito de destruir a frota inglesa no Canal da Mancha e proceder à invasão, desembarcando próximo de Londres. Porém, ao navegarem pelo Canal, foram sujeitos a uma batalha de desgaste, acabando por se refugiar em Calais, onde, a 7 de Agosto, navios incendiários ingleses quebraram a formação dos navios espanhóis, dispersando-os, após o que, no dia seguinte, se travou a Batalha de Gravelines (do nome de uma localidade perto de Calais, que então pertencia aos Países-Baixos Espanhóis), em que alguns navios espanhóis foram destruídos e muitos foram seriamente danificados. Estando já no Mar do Norte, os navios espanhóis, perante o desaire, decidiram regressar a Espanha evitando o Canal da Mancha (para se furtarem aos navios ingleses), pelo que seguiram um trajecto que passava pelo norte da Escócia e da Irlanda. Porém, foram atingidos por fortes temporais que fizeram com que alguns se afundassem, tendo mesmo cerca de uma trintena embatido nas costas

rochosas que se despedaçaram. Foi este o destino da *armada invencível*, como foi irónicamente apelidada pelos ingleses. Para Isabel I foi uma grande vitória, pelo que o ano de 1588 ficou memorável, razão que levou Dekker a ela fazer referência no seu *The Wonderfull Yeare*.

A menção que Dekker faz ao *Octogesimus Octauus Annus* está também relacionada com um estudo de profecias antigas que o filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626) publicou em 1597[11]. Recuperou aí um presságio feito no século XV pelo matemático, astrónomo e astrólogo Johannes Müller von Königsberg (1436-1476), mais conhecido pelo nome de Regiomontanus. Escreveu Bacon:

> *A previsão de Regiomontanus, "Octogesimus octavus mirabilis annus" foi igualmente realizada com o envio daquela grande frota, a maior em força, embora não em número, de todas as que já andaram no mar.*[11:215]

O aludido presságio foi efectivamente feito por Regiomontanus. Em 1475, o Papa Sisto IV tinha chamado este astrónomo e astrólogo a Roma para trabalhar na reforma do calendário juliano (que estava desajustado, havendo a intenção de fazer regressar o equinócio da Primavera para o dia 21 de Março). Porém, passados apenas alguns meses Regiomontanus acabou por falecer em Roma. O novo calendário, dito gregoriano, acabou por entrar em vigor em 1582, desfazendo o erro de dez dias que o calendário juliano tinha na época. Pouco antes de morrer, o astrólogo fez, com efeito, a referida previsão de que o ano de oitenta e oito iria ser um ano prodigioso (sem indicar de que século). Este presságio foi posteriormente adaptado e interpretado por várias vezes, incluindo o aludido Bacon, que considerou que era o prenúncio da vinda da chamada armada invencível, interpretação essa a que Dekker faz implicitamente menção.

As preocupações com o *ano da Besta*

Para se perceber melhor os dramáticos acontecimentos que ocorreram em 1666, que fizeram com que esse ano merecesse o epíteto de *annus mirabilis*, é importante ter em consideração o contexto em que se verificaram, designadamente o clima político e religioso que então se vivia em Inglaterra e as tensões permanentes entre as diferentes nações europeias, em especial a rivalidade entre a Inglaterra e a Holanda pela supremacia no comércio marítimo (que já tinha originado a Primeira Guerra Anglo-Holandesa, entre 1652 e 1654). Na Grã-Bretanha, como epílogo da 2ª Guerra Civil Inglesa (1648–1649), o rei Carlos I, que obstinadamente insistia no absolutismo, acabou por ser executado. Na Escócia, Carlos II, seu filho, foi proclamado rei, mas o mesmo não aconteceu em Inglaterra, tendo-se entrado no chamado *Interregno Inglês* (1649-1660), em que no país se instalaram sucessivamente várias formas de governo republicano, as quais culminaram, em 1653, com a nomeação de Oliver Cromwell (1599-1658) como *Lorde Protector*. Com a morte deste, em 1658, instalou-se uma crise política, a qual apenas terminou com o regresso, em 1660, de Carlos II, que estava exilado em França e que foi aclamado rei quando chegou a Inglaterra. Foi a chamada *Restauração* (da monarquia). Porém, a euforia provocada pela *Restauração* rapidamente deu lugar a dissensões. Reinstalou-se o conflito entre realistas (monárquicos) e parlamentaristas, bem como entre anglicanos e presbiterianos.

No meio da aludida agitação política e social, há que ter em consideração que se aproximava o ano de 1666, um ano muito especial pois que contém o número cabalístico *666*, o qual é referido no capítulo 13, versículos 15 a 18 do *Livro do Apocalipse* (uma profecia do fim dos tempos), da *Bíblia*, em que se diz:

[15] *E foi-lhe concedido dar espírito à imagem da besta, de modo que falasse a imagem da besta, e fazer que fossem mortos todos aqueles que não adorassem a imagem da besta.*

[16] *E fará que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, tenham um sinal na sua mão direita, ou nas suas fontes;*

[17] *e que ninguém possa comprar ou vender, excepto aquele que tiver o sinal ou o nome da besta, ou o número do seu nome.*

[18] *É aqui que está a sabedoria. Quem tem inteligência, calcule o número da besta. Porque é número de homem; e o número dela é seiscentos e sessenta e seis.*[7:531]

As inquietações e os presságios sobre o ano que tinha o *número da Besta* tinham começado já antes do período caótico do *Interregno* e foram-se intensificando com a passagem do tempo. As premonições referentes a 1666 foram-se consolidando firmemente no imaginário popular, tendo, por trás, os presságios dos astrólogos (então muito conceituados). Havia, portanto, apreensão sobre a chegada desse ano, e essa não se limitava aos dissidentes: era transversal a pessoas de toda a sociedade.

Refira-se, para contextualizar a situação existente, que, no século XVII, em Inglaterra (e nos outros países), a astrologia tinha elevada credibilidade perante a população. Pessoas de todas as camadas sociais consultavam os astrólogos para obterem prognósticos individuais específicos sobre os mais variados temas, desde a indicação de dias favoráveis para viajar ou casar até à previsão de resultados de negócios, desde presságios de relacionamentos amorosos até predições da evolução de doenças. Neste panorama, não surpreende que os almanaques astrológicos tivessem enorme sucesso. Embora tais almanaques, vendidos a preços bastante módicos, apenas gerassem parcos lucros para os autores, serviam de publicidade aos seus serviços particulares, de onde, na realidade, retiravam a maior parte dos rendimentos.

Os almanaques astrológicos eram também utilizados politicamente como *propaganda de guerra* por ambos os lados do conflito, principalmente durante a guerra civil (1642-1651), na sequência da qual Carlos I foi obrigado a fugir para França, prosseguindo depois no âmbito dos confrontos político-religiosos que então se instalaram. O autor de cada almanaque tentava, deste modo, defender a facção a que pertencia (realistas ou parlamentaristas, anglicanos ou presbiterianos, ...). Na época, utilizando a terminologia actual, pode dizer-se que esses astrólogos eram verdadeiros *influenciadores de opiniões* (*opinion makers*).

Como é óbvio, as previsões contidas nos almanaques iam variando consoante a situação política ia evoluindo. Porém, as preocupações referentes ao ano de 1666, o *ano da Besta*, persistiam e iam-se tornando progressivamente mais acentuadas. Em 1642, o clérigo, erudito e pensador inglês Francis Potter (1594-1678), que em 1663 passou a ser membro da *Royal Society of London*), publicou mesmo o livro *An Interpretation of the Number 666*[65] sobre a interpretação do número 666, que é, em muito, um trabalho de numerologia.

No que se refere aos astrólogos, o mais notável foi provavelmente William Lilly (1602-1681) que, em 1644, publicou a *A Prophecy of the White King and Dreadfull Dead-man Explaned*[88]. A *Profecia do Rei Branco* era um presságio muito antigo, talvez do início do século XII, em que se previa que apareceria um Rei Branco, mas que a certa altura a Bretanha diria *Rei é Rei, Rei não é Rei*. Previa-se que *viria do Sul, com o Sol, em cavalo de madeira, e sobre todas as ondas do mar, o filhote da Águia navegando para a Bretanha*, o qual se aninharia na rocha mais alta de toda a ilha, acrescentando-se que *ele não morrerá jovem, não envelhecerá, pois os dignos gentis nada sofrerão de errado com ele*. Originalmente, parece que a profecia se aplicava ao rei Stephen (*c.*1092-1154), um monarca fraco, cujo reinado

foi marcado pela anarquia e a guerra civil. Lilly recuperou essa profecia, associando o Rei Branco a Carlos I (que na sua coroação usou vestes brancas em vez do púrpura real, como era costume) e o filhote da águia a Carlos II[38:238]. Na sua paráfrase a esta profecia, o astrólogo diz a certa altura:

> *Quem foi, é ou realmente será no futuro este Rei Branco, ou se está no número dos reis falecidos ou vivos, não sei, não o encontrei. Sou de opinião que a sua tragédia (se tal vier a acontecer) ainda não foi encenada. Não me atrevo a dizer que está acontecendo.* [...]. *Pessoalmente, estou convicto de que um empreendimento grandioso, poderoso e supremo já está em curso no palco da Europa, o qual decorre, na maior parte, dos séculos passados e, na verdade, esta tão grande mutação ou transmigração de reis, reinos, monarquias e comunidades serão absolutamente perceptíveis, se não em certa medida, completadas antes ou próximo de* 1666[88:19].

Aliás, na aludida publicação há outras alusões ao ano de 1666, por exemplo, quando o astrólogo reproduz *uma profecia encontrada por um pedreiro numa parede de uma casa dos cartuxos, no condado de Sommerset, no ano do Senhor de 1548*, em cujo início se diz:

> *From Caesar did the Tell beginne,*
> *600. yeare ere Will did winne,*
> *66. hoyst Norman sayle,*
> *600. more makes up the tale.*
> *Remember M. D. C. L. X.*
> *V. and I, then neare a Rex;*
> *Marke the holy written beast,*
> *666. it heast,* [...].[50:29]

Os primeiros três versos referem-se ao ano de 1066, data da conquista normanda da Grã-Bretanha, e os três seguintes ao ano de 1666[38:38]. Portanto, nos anos que antecederam o de 1666, além de haver um conflito político aberto, que se alargava aos aspectos religiosos, havia, também, grande preocupação sobre o que poderia acontecer nesse ano.

Literatura panfletária e *annus mirabilis*

Em Inglaterra, a situação política da altura era conturbada: já há muito que tinha passado a Guerra Civil Inglesa (1642-1649) que tinha oposto os partidários do rei Carlos I ao Parlamento, a qual terminou com a execução do monarca em Janeiro de 1649, e o chamado *Interregno*, que se lhe seguiu, com os seus governos republicanos, fazia também já parte do passado, mas as suas feridas na sociedade continuavam abertas. Com a chegada do exílio de Carlos II, em 1660, e a sua coroação, em 1661, tinha-se entrado num novo período, o qual viria a ser conhecido como *Restauração* (dos Stuarts). Porém, os antagonismos políticos e religiosos continuavam acirrados.

Foi neste contexto de agitação, incrementada com a preocupação sobre o *ano da Besta* que se aproximava, que a alocução *annus mirabilis* começou a aparecer em títulos da literatura panfletária inglesa, do tipo sedicioso. Eram publicados essencialmente por republicanos e dissidentes, e neles eram relatados acontecimentos fantásticos e prodígiosos, como o nascimento de criaturas monstruosas e ocorrências assombrosas, os quais eram interpretados como presságios da ira iminente de Deus e dos julgamentos divinos que iriam verificar-se em breve.

A primeira publicação a utilizar essa expressão no título parece ter sido *Eniautos Terastios, Mirabilis Annus, or The Year of Prodigies and Wonders*[1], publicado em 1661, que continha relatos de 114 prodígios vistos nos céus, em terra e nas águas, além de terríveis acidentes que atingiam pescadores e outros profissionais. Nessa publicação refere-se que, só para esse ano de 1661, os prodígios *vistos nos céus foram em número de cinquenta e quatro, os que ocorreram em terra foram vinte e três, aqueles que sucederam nas águas dez, e os acidentes e julgamentos que atingiram várias pessoas vinte e sete*[1].

A publicação foi, por certo, um sucesso de vendas, pois que no ano seguinte surgiu outra com o título de *Mirabilis annus secundus or the second Year of prodigies*[3], cobrindo o período de Abril de 1661 a Junho de 1662, que foi logo seguido de *Mirabilis Annus Secundus or the Second Part of the Second Year's Prodigies*[4] (figura 1), referente ao período de Junho a Setembro de 1662. As primeiras frases que abrem o prefácio desta segunda série são reveladoras:

> *Entre todos os sintomas da miséria e destruição que está prestes a atingir qualquer povo, nenhum é mais significativo e fatal que ignorar e negligenciar os grandes sinais que Deus manifesta abertamente e as coisas maravilhosas que Ele (como num teatro público) se apraz em revelar e colocar na vida dos homens.*[4]

Nesse prefácio é também explicitado o objectivo:

> *A nossa intenção, portanto, ao publicar algumas das estranhas aparições e ocorrências prodigiosas que aconteceram no ano passado, não é outra se não a de alertar santos e pecadores, despertar tanto a 'Esposa' como as 'Virgens Néscias'* [alusão à Parábola das Dez Virgens, do evangelho de S. Mateus, 25:1-13]*, para que ninguém se surpreenda com a sua vinda, nem continue num curso de pecado e rebelião contra Deus, sem justas advertências de julgamentos apropriados, como as consequências naturais e directas de tais enormidades. E fazemos isso com base na suposição do que o próprio Deus fez em relação aos israelitas: "Se eles (diz o Senhor) não derem ouvidos à voz do primeiro Sinal, acreditarão na voz do Sinal seguinte".*[4]

MIRABILIS ANNUS SECUNDUS;
Or,
The SECOND YEAR
OF
PRODIGIES.

BEING
A true and impartial Collection of many ſtrange SIGNES and APPARITIONS, which have this laſt Year been ſeen in the Heavens, and in the Earth, and in the Waters.
Together with many remarkable Accidents and Judgements befalling divers perſons, according to the moſt exact Information that could be procured from the beſt Hands; and now Publiſhed as a Warning to all Men ſpeedily to Repent, and to prepare to meet the Lord, who gives us theſe Signs of his Coming.

Mat. 16. 3. ——*Can ye not diſcern the Signes of the Times?*
Pſal. 119. 27. *Make me to underſtand the way of thy Precepts, ſo ſhall I talk of thy Wondrous Works.*
Zeph. 3. 5. *The juſt Lord is in the midſt thereof, he will not do iniquity, every Morning doth he bring his Judgement to Light; he faileth not: but the unjuſt knoweth no ſhame.*

Quum Deus puniturus eſt Gentem vel Orbem, Prodigiis id prius ſolet ſignificare. Herodatus.
Omnia narrat mirabillia Dei qui credens viſibilibus, ad intelligenda inviſibilia tranſitum facit, Aug. *in* Pſal. 9.

Printed in the Year, 1662.

Figura 1 – Frontispício de *Mirabilis annus secundus or the second Year of Prodigies*[3], publicado em Londres em 1662.

Nestes panfletos são descritos largas dezenas de acontecimentos prodigiosos que ocorreram *nos céus, na terra e no mar*. Trata-se, em geral, de narrativas de acontecimentos difíceis de acreditar, de histórias simplórias aparentemente inocentes, de relatos imbuídos de superstições, de presságios, de estranhos acidentes, de mortes invulgares, e de toda

uma ampla gama de ocorrências com potencial para atrair o grande público. Entre os muitos que aí são descritos, referimos apenas alguns, a título exemplificativo:

> *Vários Prodígios e Aparições vistos nos Céus, acompanhados com frequência por Ruídos estranhos e aterrorizantes, desde o mês de Abril de 1661 até ao mês de Junho de 1662.* [...].
>
> *X.* [...] [Reading] [...] *na Sexta-feira, sendo o 14.º dia de Junho de 1661, entre as oito e as nove horas da manhã, apareceram Três Sóis nos Céus, não muito longe uns dos outros em linha direita* [...].
>
> *XXII. Por volta do Dia de São Miguel último* [29 de Setembro], *1661, várias pessoas que viajavam juntas próximo às fronteiras do País de Gales, viram de repente, uma manhã muito cedo, por volta das três ou quatro horas, um grande corpo de Fogo cair do Céu para Terra num campo perto da Estrada em que estavam a viajar, o que os deixou extremamente surpreendidos e aterrorizados* [...].
>
> *XXVII. Por volta do mês de Novembro, 1661, vários Habitantes de Lambeth viram no céu, entre as onze e as doze horas da noite, um cometa muito grande, que brilhou de forma notável durante um bom pedaço de tempo, para grande terror e espanto dos observadores* [...].
>
> XXIX. *Por volta do terceiro de Dezembro, 1661, às nove horas da noite, apareceu súbitamente no Céu, em Abbots Langley, no condado de Hertford, uma Luz, que alguns dos Espectadores pensaram primeiro tratar-se da Lua, mas, lembrando-se que a Lua estava entrando no último quarto, era impossível que ela brilhasse àquela hora da noite. Após ser observada durante algum tempo com medo e espanto, caiu no chão na forma de uma cabeça de Cavalo (como lhes pareceu) e de imediato o Céu voltou a ficar escuro como estava antes.* [...].
>
> *LI. No dia primeiro de Maio de 1662, estando um dia muito claro e calmo, vários homens sóbrios e honestos ouviram claramente, a cerca de duas ou três milhas de Norwoolsham, no Condado de Norfolk, um barulho muito terrível no ar, como o disparo de grandes Canhões, sendo o ruído tão grande como se Dois Mil Mosquetes tivessem sido disparados m simultâneo. Ao mesmo tempo, ouviram também perfeitamente vários tambores batendo juntos durante algum tempo, para grande espanto de todos os presentes, que eram pessoas muito credíveis,* [...].[4:4-20]

Não era apenas no céu que aconteciam coisas prodigiosas. Também sucediam em terra, como está expresso nos exemplos seguintes:

> *Vários Prodígios e Aparições estranhas vistas em Terra, junto com muitas tempestades terríveis e violentas, que aconteceram desde o mês de Abril de 1661 até ao mês de Junho de 1662*. [...].
>
> *I. Por volta de 22 de Abril de 1661, numa Cidade chamada Street, próximo de Lewes, no Sussex, morreu um Sr. Dubble, um homem que, quando vivo, tinha uma conversa muito depravada e era notável inimigo da religião e de todos os seus zelosos professores. Pouco depois da sua morte, quando a sua Viúva e os seus Filhos estavam sentados juntos numa Sala de Estar, desceu pela Chaminé (numa grande e terrível tempestade de Trovões e Relâmpagos), para seu grande terror e espanto, uma Bola de Fogo. Queimou muito o Lambril e, por fim, atravessou o Tecto até um Quarto superior onde estava o Corpo, e causou-lhe alguns estragos. Passando por várias Salas e danificando muito a Casa, saiu pela parte de cima da Casa. A Senhora e toda a família ficaram muito apavorados com o que aconteceu, e por isso foi rapidamente celebrado o Funeral, alguns dias antes do que estava previsto.* [...].

III. [...] *várias pessoas num milheiral entre Market-street e Dunstable, no Condado de Hertford, viram aparecer algumas vezes um homem que era branco de um lado e vermelho cor-de-sangue do outro, que se aproximou deles e gritou três vezes* Assassino, Assassino, Assassino. *Tendo ouvido falar desse Espectro, um homem resolveu esperar por ele e, se viesse, falar com ele. E por volta das duas horas da tarde (que era a hora habitual da sua aparição) ele veio, mas o homem ficou tão assustado que não conseguiu falar, mas ouviu-o gritar como antes,* Assassino, Assassino, etc. *e depois desvaneceu-se.* [...].

VII. Na tarde do dia 23 de Outubro de 1661, uma habitante da Cidade de Woodbridge, no Suffolk, deu à luz um ser monstruoso, [...]. *Tinha quatro pernas e quatro braços e mãos, duas costas e apenas uma cabeça, que era um pouco maior do que a proporção normal de uma criança. Tinha um rosto muito agradável e encantador. O pescoço era muito grande. Os dois corpos estavam unidos do umbigo para cima, e do umbigo para baixo havia dois corpos femininos, com perfeita aparência em cada parte,* [...].

XXIV. Em Lanceston, na Cornualha, uma ovelha deu à luz um cordeiro que tinha uma cabeça e dois corpos e oito pernas. [...].

XXXIII. [...] *no mês de Março passado* [1662], *em Dorcetshire, choveu Trigo em vários lugares daquele Condado. Uma boa quantidade foi trazida para Dorchester* [...].[4:41-63]

Nos acontecimentos prodigiosos, o *Mirabilis Annus Secundus* contempla também os que aconteceram envolvendo água. Alguns exemplos:

III. No mês de Agosto de 1661, durante oito ou dez dias, ouviu-se o percutir de um Tambor num Poço pertencente a uma pessoa, um Habitante de Owndle, em Northamptonshire. Quando o povo tirou toda a Água [do poço] *e uma pessoa desceu até ao fundo, esta disse que ouvia aí o mesmo ruído como se viesse da parte superior do Poço.* [...] *o mesmo barulho foi ouvido outra vez muito recentemente, neste Verão. Os Habitantes estão muito alarmados com isso, pois que a mesma coisa aconteceu muitas vezes antes, em alturas em que se verificaram mudanças notáveis e fatais.*

VI. Num lugar chamado Cogan, no País de Gales, [...] *numa manhã do dia do Senhor desta última Primavera, uma mulher, indo buscar Água a um Riacho que corre através da Cidade, viu que a Água estava vermelha como Sangue e, ficando muito assustada e surpreendida, chamou imediatamente vários Vizinhos para a verem, os quais* [...], *subindo o Riacho, constataram que até certo ponto a Água era como Sangue, mas dali até à Nascente era clara. Verificaram também que quando punham alguma Água Sangrenta numa vasilha, depois de algum tempo voltava a ficar novamente clara.* [...].

X. No dia 17 de Junho de 1662, por volta das onze horas da manhã, cerca de quarenta pessoas viram estranhas Aparições no rio Shannon, na Irlanda [...]. *Primeiro, apareceu um Banco de areia castanha, com vários grandes corpos de homens, e dela saíram várias partes que giraram à volta numa distância de um tiro de Mosquete, e depois foram mergulhando aos poucos. E passado pouco tempo a areia voltou a aparecer, e os homens marchando, e um navio que vinha à vela navegou em sua direcção. Então apareceram outros nove Navios* [...] *e depois desvaneceram-se, tanto a Areia, como os Homens.* [...].[4:69-73]

Os prodígios eram muitos, e vários não se integravam nas categorias principais (Ar, Terra e Água), como eram os que tinham acontecido com Ministros (pastores). Apenas dois exemplos:

XII. [...] *o Mayor* [Presidente da Câmara] *de Bridgenorth, em Shropshire, ameaçou muito duramente o Ministro* [Pastor] *daquela cidade, que é um piedoso Não-conformista* [que

não aceitava o Acto de Uniformidade, que à frente referiremos], *que se não se Comformasse* [seguisse essa Lei], *ele o acusaria nas próximas Sessões. Contudo, Deus impediu-o, pois que indo passear nos Campos, ficou de repente muito doente, tendo morrido em um ou dois dias no máximo, e assim não pôde executar a ameaça* [...].

XIV. [...] *antes da morte do primeiro bispo de Chester, um informador veio ter com ele à cidade e informou-o de algumas pessoas refractárias em Wiggen, em Lancashire, não se conformavam com as Leis e Cânones da Igreja*. *Fez amargas Queixas deles, mas antes que pudesse acabar, o Senhor terminou os seus dias, pois que enquanto as Acusações estavam ainda na sua Boca, caiu diante do Bispo e morreu imediatamente.* [...].[4:81-2]

É de ressaltar que estes panfletos do *Mirabilis annus* se enquadravam na crença tradicional dos ingleses no envolvimento activo de Deus na vida quotidiana, manifestada através de desastres naturais, prodígios estranhos e, muitas vezes, acidentes desastrosos. Assim, os autores destas publicações eram, na realidade, radicais subversivos que se baseavam no pressuposto básico da aceitação do providencialismo pelos seus leitores para criticar e protestar contra a igreja estatal definida pelo governo[69:182]. Com efeito, com a proclamação da *Lei da Uniformidade* (*Act of Uniformity*), a questão religiosa estava ao rubro.

A *Lei da Uniformidade*, aprovada pelo Parlamento em 1662 (dois anos após a restauração da monarquia), unificou a Igreja estabelecida em Inglaterra e submeteu forma das cerimónias religiosas ao que constava da edição de 1662 do *Livro de Oração Comum* (*Book of Common Prayer*[5]). Nela se prescrevia a forma que deveriam ter as orações públicas, bem como o modo como deveriam ser administrados os sacramentos e efectuados outros ritos e cerimónias eclesiásticas. A partir dessa altura, para ocupar qualquer cargo no governo ou na igreja era necessário aderir explicitamente ao que estava preconizado nesse livro. Na verdade, era uma reacção ao que tinha acontecido durante a guerra civil e o *Interregno*, em que os puritanos tinham abolido muitas das características da Igreja de então. Como resultado imediato da Lei aludida, mais de dois milhares de clérigos recusaram-se a prestar o juramento exigido, tendo sido expulsos da Igreja de Inglaterra: foi o que ficou conhecido como a *Grande Ejecção* (*The Great Ejection*) de 1662, o que criou uma consciência pública permanente de não-conformidade. A situação em Inglaterra era então caracterizada por lutas políticas e religiosas (ambos os aspectos estavam intrínsecamente misturados), e a literatura panfletárias tentava, de modo implícito, influenciar a população.

Muitos dos clérigos despediram-se dos seus paroquianos proferindo sermões especiais, muitos dos quais viriam a ser reunidos em publicações que ficaram conhecidas como *Sermões de Despedida* (*Farewell Sermons*[2]). No geral, eram prédicas de lamentação em que esses pastores diziam aos seus fiéis que não se podiam conformar com o que lhes era exigido, pois que a igreja lhes havia pedido que concordassem com condições que não podiam aceitar e que colocariam as suas almas em perigo. Com frequência, nesses sermões, recorriam metaforicamente a figuras bíblicas, como a de Job, o homem inocente a quem Deus permitiu que Satanás o fizesse perder os seus bens, os seus filhos e a sua saúde, para depois, perante a sua fé inabalável, lhe restituir em dobro tudo o que antes havia possuído. Foi, por exemplo, o caso de Thomas Lye, demitido da paróquia de Allhallows, em Londres, que a certa altura do seu sermão de despedida, diz:

Deixem-me falar-vos nas palavras de Job sobre aquelas centenas de ministros que serão removidos de seu povo: "Tende piedade de mim, tende piedade de mim, ó meus amigos! A mão de Deus tocou-me", Job XIX.21. Será que nada servirá se não arrancar os nossos próprios olhos? O nosso próprio coração (que é o objecto de tanto amor do povo?). Quão

> *triste é para um pai ser arrancado de seu filho, um pastor de seu rebanho, uma ama da sua criança? Isto é uma lamentação, e deve ser uma lamentação* [...].[2:227]

Os Sermões de Despedida eram, de facto, uma forma de contestação perante as imposições religiosas, tal como o eram também os panfletos do *Mirabilis annus*, mas estes retrucavam de forma diferente, procurando amedrontar os piedosos para que mantivessem as suas crenças religiosas. De modo implícito, tinham dois objectivos principais: atacar o governo e lembrar aos não-conformistas que se não deveriam sujeitar à Igreja de Inglaterra da altura.

O aparecimento de cometas

A apreensão existente foi seguramente bastante ampliada quando, em Dezembro de 1664, apareceu nos céus da Europa um brilhante cometa. Em geral, estes fenómenos eram associados pelo povo a maus augúrios. Por certo que a preocupação, nas populações, foi ainda maior quando, tendo este cometa desaparecido, outro surgiu em Abril e Maio de 1665.

O administrador naval Samuel Pepys (1633-1703), que manteve um diário entre 1659 e 1669 (o qual cotejaremos ao mencionarmos os vários acontecimentos da época), alude, por várias vezes, a estes cometas. Apenas alguns exemplos dessas menções:

> [15 de Dezembro de 1664] [...] *Depois,* [fui] *para o café, onde* [havia] *grande conversa sobre o cometa visto em vários lugares; e pelos nossos homens no mar, e pelo meu Lorde Sandwich, a quem pretendo escrever esta noite sobre o* assunto.[60:1461]
>
> [17 de Dezembro de 1664] [...] *Grande conversa sobre este cometa, que é visto à noite. Ontem à noite o Rei e a Rainha sentaram-se para o ver e, ao que parece, conseguiram-no. Pensei fazer isso também esta noite, mas está nublado e não se vê nenhuma estrela. Mas vou esforçar-me.*[60:1463]
>
> [21 de Dezembro de 1664] [...] *O meu Lord Sandwich escreveu-me hoje dizendo que viu (em Portsmouth) o Cometa, e diz que é a coisa mais extraordinária que ele já viu.*[60:1466]
>
> [24 de Dezembro de 1664] [...] *Esta noite, ao ser informado, olhei e vi o cometa, que agora está mais esbatido, ou é apenas impressão minha, e não aparece com cauda, apenas maior e mais brilhante do que as outras estrelas* [...] *e foi para um novo lugar no céu, diferente do que tinha antes.*[60:1469]
>
> [6 de Abril de 1665] [...] *Grande conversa sobre um novo cometa; e é certo que aparece agora tão brilhante quanto o último* [...]; *mas eu mesmo não o vi.*[60:1541]

São muitos os autores que fazem alusão a estes cometas de 1664 e 1665, entre os quais Isaac Newton (1642-1726). Na altura, Newton estava ainda nos primeiros anos da sua formação universitária no *Trinity College* da Universidade de Cambridge. Nas suas notas da época, conhecidas geralmente como *Quaestiones quaedam philosophicæ* [*Certas questões filosóficas*], depreende-se que o autor estava ainda a dar os primeiros passos na astronomia e, portanto, estava longe de fazer grandes descobertas ou propor novas teorias revolucionárias nesta temática. Mas a terminologia descritiva que utiliza revela que tinha já estudado os trabalhos fundamentais na altura deste domínio da ciência[82], nomeadamente os do dinamarquês Tycho Brahe (1546-1601) e do holandês Willebrord Snellius (1580-1626). Apenas a título exemplificativo, apresentamos algumas dessas notas:

> *Antes da meia-noite de sexta-feira, 23 de Dezembro de 1664, observei um cometa cujos raios estavam ao seu redor, mas a sua cauda estendia-se um pouco para Leste, paralela à eclíptica. O núcleo em si mesmo não foi visto, mas aparecia como uma pequena nuvem. A altitude de Sirius* [Sírio, a estrela Alfa Canis Majoris] *no momento da observação era de 16°. O cometa estava então entrando na boca da Baleia* [constelação de Cetus] *pela mandíbula inferior, estando distante de Aldebarã 23° 21' e o mesmo de Rígel. Portanto, por volta das 9:24 da noite, a longitude dele era 48° 4' e sua latitude 22° 3' 44".* [...].[57:f115]
>
> *27 de Dezembro antes da meia-noite, estando Sírio a 16° de altura, a distância do Cometa a Aldebarã era de 28° 11', de Rigel 38° 36' 1/2. Às 9h 8' da noite a sua longitude era de 37° 4' 13" e a sua latitude Sul 10° 20' 4*["]. [...].[57:f115v].

Dec 28th ye comet was distant from ye bright * in ye jaw of ye Whaile 5d. 52'. from ye middle star* in ye Whailes mouth 3d 43'. Covering ye * twixt ye ~~...~~ ye 3d & 5t of ye Goats with its haire but being rather above it as in ye figure. Its tayle extending to ye 3d & 4th stars in ye section of ye bull.

Dec: 29th when 'twas in ye meridian its altitude was 44d 13'. Therefore its declinacon was 6d 30' Northward. ~~It passed a little below ye * wch is below ye whales eye~~.

Figura 2 – Extracto das notas de Isaac Newton (*Quæstiones quædam Philosophiæ*) com um desenho do cometa de 1664.[57:f115v]

> *Em 28 de Dezembro, o cometa estava distante da brilhante p*, na boca da Baleia* [constelação de Cetus] *5° 52' da estrela {do meio} na boca da Baleia 3° 43'.* [...] *da Cabra* [Capricórnio] *com o seu cabelo, mas bastante acima, como na figura* (figura 2)*. A sua cauda estende-se até às 3ª e 4ª estrelas da seção do touro* [...].[57:f115v]
>
> *No sábado, 1º de Abril de 1665, apareceu outro cometa que 20' depois das 3 da manhã estava distante da cabeça de Andrómeda 3° 29', e do * no joelho esquerdo de Pégaso 16° 18', estando no ou muito próximo do trópico com longitude 4° ou próximo, pelo Globo*. [...].[57:f116v]

Entre as muitas alusões aos cometas de 1664 e 1665 seleccionámos apenas a de Samuel Pepys, por constituir uma visão interessada mas desapaixonada destes aparecimentos, e a de Isaac Newton, por corresponder à observação científica dos fenómenos. Julgamos ser relevante incluir uma outra, carregada de algum dramatismo, que corresponde talvez a uma visão mais aproximada aos sentimentos então experienciados pela população: *A Journal of the Plague Year*[27] (*Memórias da Peste*), atribuída a Daniel Defoe, em que se diz sobre o assunto:

> *Em primeiro lugar, apareceu uma estrela ou cometa resplandecente durante alguns meses antes da Peste, tal como aconteceu,* [...]*, um pouco antes do Incêndio* [o Grande Incêndio de Londres]. [...].
>
> [...] *esses dois cometas passaram directamente sobre a cidade, e tão perto das casas que era evidente que traziam algo de peculiar para a cidade* [...]. *O cometa de antes da Peste*

> *era de uma cor opaca e lânguida, e o seu movimento era muito pesado, solene e fluído; mas o cometa de antes do Incêndio era brilhante e faiscante, ou, como outros disseram, flamejante, e o seu movimento rápido e furioso* [...].
>
> [...] *Eu vi essas duas estrelas, e devo confessar que tinha tanta noção comum de tais coisas na minha cabeça que tinha tendência para os considerar como mensageiros e advertências dos julgamentos de Deus, especialmente quando a Peste se seguiu ao primeiro* [cometa] *e ainda vi outro semelhante; não poderia deixar de dizer que Deus ainda não havia penalizado suficientemente a cidade.* [27:24]

Como aconteceu ao longo da História noutras aparições cometárias, também o surgimento destes cometas suscitou múltiplas profecias, em geral negativas. Por via de regra, eram interpretadas como manifestações de desagrado divino para com a humanidade, sendo indício de que algo extremamente desfavorável estava para acontecer.

Portanto, o ano de 1666, por muitos considerado como o *Ano da Besta*, aproximava-se no tempo, através de acirradas contendas político-religiosas e de acontecimentos astronómicos interpretados pela população como sinais premonitórios preocupantes.

II

O poema *Annus Mirabilis* de 1666, de John Dryden

A agitação política e religiosa, bem como os *sinais divinos* (terrenos e astronómicos) que caracterizaram os anos do primeiro lustre da década de 1660, eram motivo de preocupação crescente com a aproximação do *ano da Besta* (1666). A expressão *annus mirabilis* entrou na altura, provavelmente, no domínio público.

Pode dizer-se que o ano de 1666 foi, para Londres, um verdadeiro *annus horribilis*, transformado pela pena de John Dryden num *annus mirabilis.* Com efeito, a *Grande Peste de Londres*, que lavrou na cidade em 1665 e 1666, provocou a morte de cerca de um quarto da população. Ainda mal a epidemia não tinha passado por completo quando ocorreu o *Grande Incêndio de Londres*, que se iniciou a 2 de Setembro e se prolongou até ao dia 5, devorando a maior parte da cidade. A completar este cenário desolador, havia as consequências da *Segunda Guerra Anglo-Holandesa* (1665-1767), em que a armada britânica teve vários desaires que, indirectamente, atingiram também Londres.

John Dryden

O poeta inglês John Dryden (1631-1700) nasceu numa família de puritanos. Refira-se, por curiosidade, que o futuro poeta era primo em segundo grau de outro grande escritor britânico, Jonathan Swift (1667-1745), que viria a ficar bem conhecido por várias das suas obras, entre as quais *As Viagens de Gulliver*, de 1726. Em 1644 foi para a *Westminster School*, no recinto da abadia de que tomou o nome, uma escola pública de Londres que na altura defendia o monarquismo e o anglicanismo, e que tinha um currículo que treinava os alunos na arte da retórica (o que por certo veio a influenciar a escrita e o pensamento de Dryden. Em 1650, foi para o *Trinity College*, na Universidade de Cambridge (onde uma década depois viria também a estudar Newton), onde provavelmente seguiu o currículo padrão que envolvia o estudo de autores clássicos, de retórica e de matemática, tendo-se graduado em 1654.

Como já referimos, a Grã-Bretanha passava então por tempos conturbados: o rei Carlos I tinha sido executado em Janeiro de 1649, tinham acabado há pouco as chamadas *Guerras dos Três Reinos* (1639-1651) e Oliver Cromwell tinha sido empossado como Lord Protector no final de 1653. Retornando a Londres durante o Protectorado, Dryden obteve trabalho com John Thurloe, Secretário de Estado de Cromwell. Foi a morte de Oliver Cromwell, em 1658, que lhe deu ensejo para a publicação, em 1659 do seu primeiro poema importante, as *Heroic Stanzas* (*Estâncias Heróicas*), composto após o funeral. Sendo um poema laudatório, foi redigido de modo bastante cauteloso: não há nele qualquer ataque à monarquia, nem qualquer menção à religião de Cromwell, os dois temas principais que

caracterizavam a sociedade britânica da época. Como é sabido, após a morte de Cromwell, as funções de Lord Protector foram assumidas por seu filho Richard, o qual, tendo pouca experiência na administração, foi obrigado a renunciar no ano seguinte. Eclodiram distúrbios e o Parlamento acabou por se dissolver, dando lugar a eleições gerais (as primeiras em quase 20 anos), nas quais foram amplamente ignoradas as restrições que pendiam sobre os monárquicos. Como resultado, constituiu-se uma Câmara dos Comuns com forte representação de monárquicos e de parlamentaristas, bem como de anglicanos e de presbiterianos. Foi este novo Parlamento que abriu a porta ao regresso do rei Carlos II, em 1660. Sendo fervoroso adepto da paz, Dryden saudou vivamente este regresso à monarquia que prometia, entre outras coisas, perdão para os envolvidos na Guerra Civil e no Interregno, bem como tolerância religiosa.

A Restauração dos Stuart no poder foi exaltada por Dryden no poema *Astraea Redux*, de 1660, um panegírico monarquista em que o poeta celebra o novo regime do rei Carlos II. O título da obra remete para *Astraea*, que na mitologia grega era a deusa da justiça, da inocência e da pureza. Porém, em grego antigo, *Astraíā* significava noite estrelada, o que, com *redux* (voltar, regressar), expressa a ideia de *regresso das noites estreladas*, interpretado como o *regresso da justiça e da pureza*. Nesse poema, Dryden expressa uma mudança de postura, pedindo mesmo desculpas pela sua anterior lealdade ao governo de Cromwell. Sendo, como referimos, uma obra apologética, nela o *Interregno* é apresentado como um tempo de caos e Carlos II é saudado como restaurador da paz e da ordem. O monarca é elogiado pelas suas qualidades (as que já tem e as que se espera que venha a alcançar), sendo recomendado que adopte uma política de tolerância. No conjunto, é um libelo que ilustra bem o compromisso do poeta para com a paz e a estabilidade política, as quais, na visão do autor, estavam intrinsecamente ligadas à restauração da monarquia.

Na mesma linha, John Dryden viria a publicar em 1662 dois outros poemas: *His Sacred Majesty: A Panegyric on his Coronation* (*Para Sua Sagrada Majestade: um Panegírico na sua Coroação*), escrito por ocasião da coroação de Carlos II, e *To My Lord Chancellor* (*Para Meu Senhor Chanceler*), redigido para o dia de Ano-Novo. Neles, o poeta expressa de novo o seu apoio ao monarca, enfatizando o bem que vem da força e do governo do rei. Com as suas obras, Dryden ia-se impondo na vida literária do período da Restauração. A sua projecção na sociedade coeva levou a que, em Novembro de 1662, fosse proposto para membro da *Royal Society*, para a qual foi eleito (embora dela viesse a ser expulso em 1666 por falta de participação e não pagamento das quotas).

Entretanto, a Restauração tinha viabilizado, em 1660, a reabertura dos teatros, que tinham sido proibidos nos anteriores tempos do puritanismo. Dryden aproveitou essa abertura e começou a escrever peças de teatro. A primeira foi *The Wild Gallant* (*O Galante Selvagem*), estreado pela *King's Company* em 5 de Fevereiro de 1663 (vindo a ser publicada em 1669). Era uma nova vertente literária do poeta, com o texto em prosa, excepto o prólogo e o epílogo, que são em verso. A recepção não foi auspiciosa! Porém, Dryden não deu mostras de desânimo e continuou a escrever para o teatro. Seguiu-se a tragicomédia *The Rival Ladies*, em 1664, um drama de intriga em que as protagonistas femininas são apresentadas numa cómica competição, e, no mesmo ano, *The Indian Queen,* um drama que se passa nas cortes do Peru e do México antes da invasão espanhola, escrita em colaboração com o seu cunhado, Robert Howard, que era então membro do Parlamento. Em 1665 apresentou *The Indian Emperour*, que tem como subtítulo *the Conquest of Mexico by the Spaniards*, sempre para ser representada pela *King's Company*. Como indicado no subtítulo, *The Indian Emperour* versa sobre a conquista espanhola do Império Asteca por

Hernán Cortés, constituindo, de certa forma, uma sequela de *The Indian Queen*. Foi a confirmação de Dryden como dramaturgo, tendo-se a peça transformado numa obra de referência do drama heróico. Em 1668, o poeta-dramaturgo viria a ser contratado para produzir três peças por ano para a *King's Company*, da qual se tornaria accionista.

Entretanto, em 1665, a Grande Peste de Londres conduziria novamente ao encerramento dos teatros. Dryden, como muitos outros habitantes da metrópole, abandonou a capital e refugiou-se na província, em Wiltshire, a mais de cem quilómetros a Sudoeste de Londres. A tragédia da peste verificava-se num período em que a Grã-Bretanha estava envolvida na Segunda Guerra Anglo-Holandesa, que tinha começado em Março de 1665, e com a qual a Inglaterra tentava acabar com o domínio holandês do comércio marítimo mundial. Eram, portanto, tempos difíceis, que se tornariam ainda mais terríveis. Com efeito, tendo sempre a guerra como pano de fundo, à peste seguiu-se, em 1666, o Grande Incêndio de Londres. Foi com base nesses três pilares, a peste, a guerra e o incêndio, principalmente os dois últimos, que John Dryden viria a estruturar a sua obra-prima, o poema *Annus Mirabilis*[30].

Posteriormente, Dryden continuou a escrever peças de teatro e a produzir obras poéticas. Era de tal modo apreciado que, em 1668, Carlos II o designou como *Poeta Laureado*, um cargo honorário de nomeação real, tendo sido o primeiro a usar oficialmente esse título. A sua projecção literária era tão grande que, quando morreu, em 12 de Maio de 1700, foi inicialmente enterrado no cemitério de St. Anne, no Soho, mas, passados dez dias, o seu corpo foi exumado e sepultado na Abadia de Westminster.

Estrutura do poema *Annus Mirabilis*

Com a presumível divulgação da locução *annus mirabilis* e com a aludida sucessão de acontecimentos nefastos em 1665 e 1666, não surpreende muito que John Dryden tenha aproveitado essa expressão para título do seu longo poema, cujo título completo é *Annus Mirabilis: the Year of Wonders, MDCLXVI. An Historical Poem*[30]. Foi a primeira utilização da expressão na literatura dita séria, embora o autor a empregue num contexto completamente diferente da dos panfletos que precederam o poema. Porém, Dryden apresenta aí uma interpretação que em muito diverge da conotação que *annus mirabilis* tinha na literatura panfletária: de acordo com o poeta, os acontecimentos trágicos que assolaram Londres, em vez de terem resultado de qualquer julgamento divino, constituíram uma oportunidade criada por Deus para os londrinos (e para os ingleses e os britânicos em geral) revelarem as suas capacidades de reagirem com coragem e sucesso às adversidades e construírem um futuro radioso.

Do ponto de vista numerológico, o ano de 1666 tem significado muito especial e curioso. Não só inclui o número da Besta (666), referido na Bíblia, como, escrito em numeração romana que era utilizada na altura (MDCLXVI), é o único ano que contém todos os algarismos romanos, de I a M, apenas uma vez e na ordem estrita de valor decrescente. Na altura era dada grande importância a essas peculiaridades, as quais eram intensivamente usadas pelos astrólogos. Todavia, Dryden não lhe atribui, aparentemente, qualquer significado especial

O longo poema *Annus Mirabilis* é constituído por 1 216 versos decassilábicos distribuídos por 304 quadras, e está estruturado da forma seguinte:

Estrofes 1-12 - Descrição da importância do comércio marítimo para Inglaterra e explicação da necessidade da guerra contra os holandeses como forma de adquirir a preponderância desse comércio.

Estrofes 13-18 - Descrição dos preparativos para a guerra, com o enaltecimento do grande engenho do rei Carlos II em matérias navais, bem como alusão a sinais auspiciosos.

Estrofes 19-23 - Descrição da *Batalha Naval de Lowestoft* e da vitória do Duque de York como sinal de que os deuses favoreciam a causa do monarca.

Estrofes 24-31 - Descrição da *Incursão de Bergen* e referência às riquezas a serem obtidas com as Índias quando a Holanda for finalmente derrotada.

Estrofes 32-38 - Alusão aos prisioneiros de guerra, aos desígnios da espécie humana e à vaidade dos desejos dos homens.

Estrofes 39-45 - Referência à entrada de França na guerra, contrastando as virtudes e misericórdia de Carlos II com a dureza do rei francês.

Estrofes 46-53 - Descrição dos preparativos para a batalha com o elogio da escolha dos dois almirantes, o Príncipe Rupert e o Duque de Albemarle.

Estrofes 54-137 - Descrição da *Batalha Naval dos Quatro Dias* com o elogio à coragem generosidade e virtude dos chefes ingleses.

Estrofes 138-154 - Narração do regresso dos navios e sua reparação, o que, com a perícia dos operários e a supervisão e génio do monarca, foi feito muito rápidamente.

Estrofes 155-164 - Digressão sobre a história da navegação e importância da obtenção de conhecimentos que facilitem o comércio marítimo, com elogio da participação inglesa.

Estrofes 165-166 - Panegírico sobre a *Royal Society* e as suas contribuições práticas para a navegação.

Estrofes 167-201 - Relato da *Batalha Naval do Cabo do Norte* e alusão às riquezas proporcionadas pelo comércio marítimo.

Estrofes 202-208 - Referência à *Incursão de Vlie* e ao incêndio de muitos navios holandeses, bem como da cidade, com alusão ao contrabando de lã inglesa para teares holandeses.

Estrofes 209-282 - Descrição do *Grande Incêndio de Londres*, com o elogio do grande empenho e generosidade do monarca e dos seus esforços para atender às necessidades do povo.

Estrofes 283-291 - Elogio à generosidade do rei, à lealdade e devoção do povo e sua determinação em terminar a guerra com a vitória.

Estrofes 292-304 - Profecia da futura glória de Londres, símbolo da riqueza e do poder da Inglaterra, que dominará os mares e o comércio marítimo.

Exaltação introdutória

No poema *Annus Mirabilis*, John Dryden, em vez de transmitir uma óptica pessimista ou de lamentação, transforma as calamidades em sinais de Deus, isto é, em testes divinos aos londrinos, que estes conseguem superar de forma admirável. Dryden torna essa abordagem evidente logo na extensa dedicatória inicial dirigida *À metrópole da Grã-Bretanha, a cidade mais famosa e mais florescente de Londres, nas pessoas dos seus representantes,* a qual começa com as seguintes palavras:

> *Como eu sou, talvez, o primeiro a apresentar uma obra desta natureza às metrópoles de qualquer nação, também é consonante com a justiça que aquele que deu o primeiro exemplo de tal dedicação comece com aquela cidade que estabeleceu um padrão para todos de verdadeira lealdade, coragem invencível e constância inabalável. Outras cidades foram elogiadas pelas mesmas virtudes, mas estou certo que nenhuma delas pagou tão cara a sua reputação; essa foi conquistada por provas menos penosas do que uma guerra dispendiosa, embora necessária, uma Pestilência consumidora e um Incêndio ainda mais consumidor. Submeteram-se com humildade aos Julgamentos do Céu e, ao mesmo tempo, ergueram-se com vigor acima de todos os inimigos humanos; foram combatidos por cima e por baixo, foram abatidos e triunfaram; não sei se tais provações têm paralelo em qualquer nação,* [mas] *a forma como os resolveram e o sucesso que tiveram nunca o podem ter sido.*[30:A2v]

ANNUS MIRABILIS:
The Year of
WONDERS,
M. DC. LXVI.
AN HISTORICAL
POEM:
CONTAINING
The Progreſs and various Succeſſes of our Naval War with *Holland*, under the Conduct of His Highneſs Prince RUPERT, and His Grace the Duke of ALBEMARL.
And deſcribing
THE FIRE
OF
LONDON.

By JOHN DRYDEN, Eſq;

Multum intereſt res poſcat, an homines latius imperare velint. Trajan. Imperator. ad Plin.
Urbs antiqua ruit, multos dominata per annos. Virg.

London, Printed for *Henry Herringman*, at the *Anchor* in the Lower Walk of the *New-Exchange*, M. DC. LXVIII.

TO
THE METROPOLIS
OF
GREAT BRITAIN,
The moſt Renowned and late Flouriſhing
CITY of
LONDON,
In it's
REPRESENTATIVES
The LORD MAYOR *and Court of* ALDERMEN, *the* SHERIFS *and* COMMON COUNCIL *of it.*

As perhaps I am the firſt who ever preſented a work of this nature to the Metropolis of any Nation, ſo is it likewiſe conſonant to Juſtice, that he who was to give the firſt Example of ſuch a Dedication ſhould begin it with that City, which has ſet a pattern to all others of true Loyalty, invincible Courage and unſhaken

A 2

Figura 3 – Página de rosto do poema *Annus mirabilis*[30], de John Dryden, e primeira página da dedicatória à cidade de Londres.

É, nesta obra, a única vez que Dryden recorre explicitamente ao conceito de *Julgamentos do Céu* ou *Julgamentos Divinos*; no poema, esses acontecimentos catastróficos são referidos como *sofrimentos*, *aflições* ou termos equivalentes. A dedicatória prossegue no mesmo tom. Como já referimos, o autor, em vez de denotar um tom de lamentação e pesar perante as catástrofes, envereda pelo trilho da exaltação da reacção da cidade perante a adversidade. Quase no final dessa dedicatória, diz:

> *Para vós, então, é justamente dedicado este Ano dos Prodígios, porque vós o fizestes assim. Vós que permanecereis um prodígio para todos os anos e idades, e que construíram vós próprios um monumento imortal a partir das vossas próprias ruínas. Vós sois, agora, uma Fénix em suas cinzas, e até onde a Humanidade pode compreender, uma grande insígnia da divindade sofredora*.[30: A3]

Logo no título, o autor refere que é um poema histórico, conceito que é reforçado também na parte introdutória, em *Uma explicação do poema que se segue, numa carta para o Honorável Senhor Sir Robert Howard*. É de referir que Robert Howard (1626-1698), também escritor, era cunhado do poeta; lutou pela causa realista na guerra civil e ganhou rápidamente destaque político após a Restauração, tendo sido membro do Parlamento entre 1661 e 1698. Nessa carta, Dryden diz:

> *Chamei ao meu poema histórico, não épico, embora tanto as acções como os actores sejam tão heróicos quanto o podem ser em qualquer poema* [épico].[30: A4v]

Nesse texto, o autor deixa pressupor que relata, sem ficção poética, as coisas que realmente aconteceram e na ordem em que aconteceram, ou seja, que o poema é uma obra de História, embora apresentada de forma poética[43]. Na realidade, a obra não corresponde, apenas, a um poema histórico: o autor transformou-a num poema panegírico em que exalta o vigor, a coragem e o engenho dos habitantes da cidade e, em especial, o do próprio monarca (Carlos II), pois que era realista convicto.

III

A Grande Peste de Londres (1665-1666)

A peste bubónica, provocada pela bactéria *Yersinia pestis*, transmitida pela pulga do rato, provocou, ao longo dos tempos históricos, mortalidades catastróficas. A possível primeira pandemia foi a que vulgarmente se designa por *Praga de Justiniano*, pois que ocorreu entre os anos 541 e 549 d.C., quando Justiniano (c.482-565 d.C.) governava o Império Romano do Oriente (ou Bizantino). Propagou-se rapidamente por todo o Império, que se estendia por quase todo o Mediterrâneo, abrangendo, portanto, três continentes (Europa, Ásia e África), razão por que pode ser considerada uma verdadeira pandemia. Foi uma das mais mortíferas pandemias históricas, estimando-se que, na altura, dela tenha perecido cerca de um terço da população circum-mediterrânea. Dados genéticos recentes sugerem que a doença era provocada pelo subtipo *Antiqua*, e parece ter-se originado em África, na Etiópia[37], de onde se espalhou para o Egipto e, depois, para o Médio Oriente, tendo-se propagado, através da navegação comercial, por toda a periferia do Mediterrâneo e por todo o mundo então conhecido na Europa.

Após várias recorrências graves nos dois séculos seguintes, a doença parece ter amainado entre os séculos VIII e XIV[94]. A segunda pandemia grave de peste, provocada pela *Y. pestis medievalis*[37], provocou a conhecida *Peste Negra*. Tendo-se originado, provavelmente, por volta de 1330, nas estepes da Ásia Central, foi-se propagando para oeste ao longo das rotas comerciais. Em 1347 chegou à Sicília, e daí propagou-se, até 1351, pelo resto do mundo então conhecido dos europeus, tendo sido responsável pela morte de entre um quarto a cerca de metade da população da altura. As epidemias de peste foram recorrentes até ao século XVII. Portanto, quando chegou o célebre ano de 1666, a Europa vivia ainda, no período da segunda grande pandemia de peste. Mais tarde, a partir de 1855, viria a surgir uma terceira pandemia da doença, provocada pelo subtipo *Orientalis* da *Y. pestis*[35].

O surto epidémico

A chamada *Grande Peste de Londres* foi o último grande surto epidémico de peste bubónica que atingiu esta cidade, numa altura em que a doença era endémica na região. Com efeito, iam verificando surtos epidémicos intermitentes, como o de 1603, que provocou cerca de 30 mil mortes, o de 1625, com 35 mil casos letais, e o de 1636, com 10 mil fatalidades. Embora na década anterior a 1665 não se tivessem registado surtos graves nem em Inglaterra, nem na Escócia, havia razões para se manter um nível de vigilância elevado, pois que a peste tinha irrompido, em 1661, na Turquia, tendo chegado à Holanda em 1663, revelando elevados índices de letalidade, tanto nas cidades (com 35 000 mortes em Amesterdão entre 1663 e 1664), como no meio rural[64:29]. Porém, não obstante as medidas restritivas adoptadas, nomeadamente quarentenas impostas aos navios provenientes de zo-

nas afectadas, o surto epidémico de peste bubónica acabou por chegar, no início de 1665, a Inglaterra. A Europa atravessava então o que, em geral, se designa por *Pequena Idade do Gelo* e, mais especificamente, estava-se em pleno *Mínimo de Maunder* (de manchas solares), que se estabeleceu aproximadamente entre 1645 e 1715. O clima tinha tendência, portanto, para ser mais frio, o que levava as pessoas a aglomerarem-se mais (por exemplo, em torno da lareira), o que facilitava a transmissão de doenças epidémicas. Com efeito, da leitura de fontes coevas pode concluir-se que, de Dezembro de 1664 a Abril de 1655, fez bastante frio em Londres, e que foi nessa altura que se registaram os primeiros casos da doença. No entanto, no final de Abril e princípio de Maio surgiu o tempo quente. Com esse tempo mais ameno as pessoas passaram a sair mais de casa e a contactar mais umas com as outras. Foi então que começaram a aparecer, de forma intensa e sistemática, múltiplos casos confirmados de peste. Rapidamente se instalou uma situação caótica.

Numa sociedade profundamente mística e em que a astrologia desempenhava uma função influenciadora muito importante, houve vários sinais precursores desta trágica epidemia. Com efeito, como já antes referimos, pouco antes do Natal de 1664 foi claramente visto em Londres um cometa, o que era tradicionalmente considerado como um mau agoiro. Em Novembro, tinha-se verificado uma conjunção de Marte e Saturno, o que, para os astrólogos, era também um mau presságio. Tal está bem expresso numa passagem de um poema que o poeta inglês William Austin escreveu na altura:

> *Quando Marte e Saturno se juntam, apenas disputam*
> *Quem mais deve fazer para introduzir a Peste.*[10:68]

Os primeiros casos desta epidemia de peste bubónica parece terem-se verificado pouco antes do Natal de 1664, quando dois homens morreram em *Drury Lane*, na periferia oriental de *Covent Garden*, cuja causa da morte foi certificada como peste por dois médicos e um cirurgião. Contudo, não foi relatado qualquer outro caso nas seis semanas seguintes, embora a taxa de mortalidade tenha aumentado consideravelmente durante esse período e muitos desses óbitos possam ter sido provocados pela doença, embora não tendo sido diagnosticados como tal[63]. Foi apenas em finais de Fevereiro que a peste se alastrou a outras freguesias e que se começou a ter consciência de que se estava em presença de um surto grave.

A sintomatologia da doença era variável, mas, com frequência, os pacientes sofriam de dores de cabeça, febre, calafrios, vómitos e *melancolia*, registando-se muitas vezes delírio em estágios mais avançados. Os sinais físicos típicos incluíam carbúnculos, ou seja, manchas negras formadas na pele (o que esteve na base da designação de *peste negra*) e bubões, isto é, intumescência dos gânglios linfáticos (razão por que tinha também a designação de *peste bubónica*).

Não se sabendo a natureza da doença, as medidas para sua prevenção e tratamento eram empíricas. O tratamento convencional da peste, tal como de outras febres, passava pela tentativa de eliminar o veneno do corpo por meio de eméticos (que provocavam vómitos), purgativos, diaforéticos (suadouros) e sangrias. Porém, havia muitos outros remédios aconselhados, entre os quais respirar através de uma esponja embebida em vinagre, queimar enxofre para purificar o ar, e colocar nos bubões um pombo recém-abatido. Eram preconizadas também muitas medidas preventivas, como ter flores junto ao corpo, pois que os seus aromas dominariam os germes carregados pelo miasma, ou ter pendurado no pescoço um sapo seco, o qual, sendo uma criatura venenosa, mesmo morto puxaria para

si os vapores nocivos. Eram também aconselhados, mesmo por médicos, os amuletos, muito característicos da medicina popular na época.

As pessoas tinham consciência dos riscos e adoptavam as medidas securitárias que podiam. Por exemplo, parecia haver a percepção de que o dinheiro podia ser uma fonte de contágio, pelo que rapidamente se instituiu o hábito, nas transacções quotidianas nas lojas e mercados, de haver uma tigela com vinagre onde eram colocadas as moedas, em vez de serem passadas para a mão do destinatário. Por outro lado, com frequência, os produtos não eram entregues directamente aos clientes, mas eram para eles passados pendurados num gancho.

Contudo, havia a percepção (acertada) de que o isolamento dos contaminados impedia a propagação da doença, ou seja, que a *quarentena* podia amortecer a epidemia. No entanto, tal medida, embora necessária, era muito violenta. Por outro lado, indivíduos saudáveis acabavam por ser confinados à força com familiares e outras pessoas doentes, o que fazia com que, em muitos casos, acabassem por ser também vítimas da pestilência, acabando por morrer. No entanto, se tais medidas drásticas não tivessem sido então impostas, é possível que a bactéria *Yersinia pestis* tivesse provocado o dobro das vítimas mortais.

Os médicos durante a peste

No estado em que a medicina estava na altura, ninguém sabia ao certo qual era a origem da doença. Contudo, a teoria prevalente era a de que a epidemia era causada por miasmas, ou seja, vapores venenosos carregados de partículas de matéria decomposta (*miasmata*). Era uma velha teoria formulada pelo filósofo grego Hipócrates no século quinto ou quarto antes de Cristo, que permaneceu popular na Idade Média, e que, perante a falta de outras hipóteses convincentes, subsistia ainda no século XVII.

No meio de todo esse drama, os físicos (como então eram designados os médicos) estavam numa situação difícil, pois que estava intrinsecamente nas suas funções terem contacto próximo com os doentes e, portanto, ficarem mais expostos à contaminação. Durante a Grande Peste de Londres, muitos médicos seguiram o exemplo de grande parte dos seus pacientes e abandonaram Londres. Perante a escassez de médicos, os apotecários (farmacêuticos) tomaram o seu lugar. No entanto, não obstante os riscos envolvidos, mesmo assim foram bastantes os médicos que permaneceram na cidade para ajudar a tratar as vítimas. Um desses foi Nathaniel Hodges (1629-1688), médico famoso que na altura da peste atendia todos os que o dele precisavam, recebendo-os tanto na sua residência, como visitando-os nas suas casas. Posteriormente, em 1672, publicou um livro sobre o assunto, em latim, intitulado *Loimologia*[41], que foi traduzido para inglês em 1720[42]. Em reconhecimento pelos seus serviços aos cidadãos durante a peste, as autoridades da cidade concederam-lhe um estipêndio. Em 1672, o *Royal College of Physicians* reconheceu o mérito do seu livro e elegeu-o como membro. O final da sua vida foi triste, pois que empobreceu e foi preso por dívidas, tendo morrido na prisão em 1688[54]. A sua *Loimologia* reflecte os conhecimentos médicos da época sobre a peste.

Nathaniel Hodges advogava para a peste uma teoria semelhante à dos miasmas, como se depreende da seguinte passagem:

> *A Pestilência é uma Doença que surge de uma* Aura *que é venenosa, muito subtil, mortal e contagiosa, afectando muitas Pessoas ao mesmo Tempo*. [...].
>
> *E antes do mais é dito que uma* Aura*, distinguindo-a de tal Veneno, é mais gorda e terrosa. Por isso, não fica confinada em nenhum recinto, mas é tão rarefeita, subtil, volátil e fina, que se insinua e reside nos próprios interstícios ou poros das partículas aéreas* [...].
>
> *Diz-se que ela é também venenosa devido à sua Semelhança com a Natureza de um Veneno, e ambos são igualmente destrutivos da vida,* [...]*, de modo que parecem diferir apenas em Grau, pois que a Qualidade mortífera de uma Pestilência excede em muito os Minerais arsenicais, os Animais ou Insectos mais venenosos, ou os Vegetais mortíferos; não, a Pestilência parece ser uma Composição de todos os outros Venenos juntos, bem como nas suas Eficácias fatais para os superar, pois nisso está manifestamente unido tanto o Auge da Putrefacção quanto a Malignidade.* [...].[41:32-3]

Hodges revela ser relativamente crítico de várias das medidas adoptadas, por exemplo, da que estipulava que as casas dos infectados fossem assinaladas com uma cruz vermelha, tendo junto a inscrição *Senhor, tem misericórdia de nós* (figura 4), sendo ali colocado em permanência um guarda, tanto para entregar aos doentes os alimentos e remédios necessários, como para os impedir de saírem antes de passarem 40 dias da sua Recuperação. Segundo o autor, embora essas ordens tivessem sido pronta e eficazmente executadas, tiveram pouco efeito, pois que a Peste aumentava cada vez mais. Por outro lado, *a Consternação dos que ficavam assim separados de toda a Sociedade, a não ser dos infectados,*

era inexprimível, além de que *essa reclusão era ainda mais intolerável* porque por vezes acontecia que uma pessoa infectada era metida numa casa *um dia antes de outro aí terminar a Quarentena,* pelo que este teria de se submeter a novo período de reclusão. *Tão tediosos Confinamentos de doentes e saudáveis juntos ocasionava, por vezes, a Perda* [morte] *de todos*[88b:7]*.* O autor é também muito crítico de outras ordens emanadas na altura, e que mais à frente pormenorizaremos.

Por exemplo, no início de Setembro, quando a epidemia estava no auge e morriam mais de doze mil pessoas por semana, *para que nada pudesse deixar de ser tentado para eliminar o contágio*, os governadores que tinham ficado *para supervisionar esses assuntos calamitosos (pois a corte foi então removida para Oxford)* ordenaram *que se fizessem Fogueiras nas Ruas durante três Dias consecutivos*. No entanto, segundo o autor, os Médicos não concordavam com isso, *pois que o Ar em si não estava infectado e, portanto, tal acção tão vistosa e dispendiosa não passava de um projecto supérfluo e sem efeito*[88b:19]. Acrescente-se que, sendo as casas de Londres construídas essencialmente com madeira, tais fogueiras constituíam um grande risco suplementar.

Hodges é particularmente crítico da actuação das enfermeiras:

> *Mas o que mais contribuiu para a Perda* [morte] *de Pessoas, foram as Práticas perversas das Enfermeiras (que não devem ser mencionadas a não ser nos Termos mais amargos). Essas Miseráveis, com a Ganância para saquear os Mortos, estrangulavam os seus Pacientes,* [...], *e outras transmitiriam secretamente a Mácula pestilenta das Feridas dos infectados para aqueles que estavam bem.* [...].[88b:8]

Figura 4 – Uma rua de Londres durante a Grande Peste, vendo-se pessoas enlutadas e, ao fundo, um carro dos mortos. Várias portas estão assinaladas com uma cruz vermelha e as palavras *Senhor, tende piedade desta casa.* Xilogravura a cores do século XIX, com 22,7 x 15,3 cm, de Edmund Evans (1826-1905). *Wellcome Library*, id. 6918i.

É, certamente, uma generalização abusiva, pois que, decerto, muitas enfermeiras tiveram na altura comportamentos irrepreensíveis. Mas Hodges mostra também apreço pela actuação *das Assistências dos Ricos e o Cuidado dos Magistrados* que fizeram com que os mercados continuassem abertos e bem providos de mercadorias, o que *foi uma grande Ajuda para sustentar os Doentes, de modo que houve o reverso de uma fome, a qual se verificou ser* [no passado] *tão fatal nos Contágios pestilentos*[88b:21]. Assim, o autor faz uma análise descritiva e bastante imparcial do que se passou no período da peste.

Nathaniel Hodges descreveu também os medicamentos que considerava eficazes no tratamento da doença e os que o não eram. Da sua experiência concluiu, por exemplo, que o Bezoar (concreções minerálicas encontradas no aparelho digestivo dos ruminantes e outros animais) e os sapos secos (já acima referidos) eram ineficazes. Pelo contrário, reconheceu o mérito da serpente como diaforético (que faz suar) e do corno de veado como estimulante cardíaco. Sobre os medicamentos, o autor analisou *simples* (produtos básicos) dos três reinos (vegetal, animal e mineral), referindo os que lhe pareciam ser mais eficazes, apresentando ainda, em latim, receitas de vários preparados que presumivelmente ajudariam a combater a doença.

Tal como outros médicos, também Hodges reconhecia os efeitos benéficos do vinho, que recomendava aos seus pacientes. Por exemplo, após a ingestão de diaforéticos que os fizessem suar durante duas ou três horas, por forma a *sustentar a Força e o Espírito dos Infectados pelos Alimentos que o Estômago era capaz de receber*, aconselhava que comessem *Pão embebido em Vinho, Ovos escalfados com Sumo de Cidra* [...], *e por vezes também Vinhos generosos*[88b:184]. Segundo o médico, o Jejum deveria ser evitado, escolhendo-se *uma boa dieta que produza boa nutrição, produza pouco excremento e seja fácil de digerir*, recomendando vários *Picles e Molhos, como sumo de azedas, limões, laranjas, romãs, bérberis, etc.*, acrescentando que *deve ser permitido em cada refeição Vinho, cujas Virtudes teremos a seguir ocasião para falar*[88b:213]. Ele própria seguia essa recomendação

> *Depois de algumas horas visitando* [os pacientes] *dessa maneira, voltava para casa. Antes do Jantar* [almoçar], *bebia sempre um Copo de Vinho branco para aquecer o Estômago, refrescar os Espíritos, e dissipar qualquer Alojamento inicial da Infecção.* [...]. *Raramente acabava o Jantar sem beber mais Vinho.* [...]. *E assim que terminava as consultas* [em casa], *tornava a ir visitar* [outros pacientes] *até às Oito ou Nove da noite, e então terminava a Noite em Casa, bebendo a Boa-disposição do meu velho Licor favorito, o que encorajava o Sono e facilitava a Respiração pelos Poros durante toda a Noite. Mas se durante o Dia tinha tido as menores Aproximações à infecção,* [e sentia] *Tonturas, Mal-estar do Estômago e* [sensação de] *Desmaio, recorria imediatamente a um copo deste vinho que facilmente afastava esses Distúrbios iniciais através da Transpiração.* [...].[88b:225]

Com efeito, durante a epidemia, Hodges sentiu por duas vezes que podia ter sido infectado, mas depois de ter bebido vinho de modo reforçado, passadas algumas horas acabou por se sentir bem e escapou sem ter adoecido com gravidade[55]. Em várias das receitas que apresenta no seu livro entra também o vinho ou *espírito de vinho* (álcool vínico).

Traje medieval dos médicos da peste; aparecimento de charlatães.

Se o *físico* (médico) Hodges escapou à doença, muitos outros sucumbiram à peste, ainda com mais frequência do que os seus pacientes. Na altura, a maior parte dos médicos não usaria já as vestes bizarras que se divulgaram por toda a Europa em tempos medievos, mas alguns ainda persistiriam em envergá-las. Esses trajes, precursores dos que o pessoal hospitalar usa actualmente para tratar de doenças infecciosas (como recentemente vimos com o pessoal dos hospitais para tratam de doentes com Covid-19), pretendiam evitar que o médico fosse contaminado. Essa roupagem era geralmente constituída por uma capa ou sobretudo com capuz, que os cobria da cabeça aos pés, luvas, calças e botas, sendo tudo quanto possível de couro encerado, de modo a repelir qualquer fluido corporal durante as visitas aos pacientes. A cara era coberta por uma máscara característica, que tinha um bico sobre o nariz, com pequenas entradas de ar. Esse bico era preenchido com ervas aromáticas (sendo a lavanda uma das preferidas), cujo odor se pensava ser eficaz na protecção dos *vapores infecciosos*. Tinham também uma vara comprida que permitia tratar dos doentes sem precisarem de lhes tocar com as mãos. Tal indumentária partia do princípio de que a peste se transmitia pelo ar. Porém, sabe-se hoje que tais cuidados eram supérfluos, pois que o principal vector transmissor da doença é a pulga do rato, sendo a doença também transmitida por contacto pessoal com os infectados ou com objectos por eles utilizados.

A primeira representação conhecida de um médico com estes trajes surgiu na altura em que uma terrível epidemia assolou o centro e o sul da Itália, entre 1656 e 1658, afectando com mais intensidade o Reino de Nápoles, onde teria provocado a morte de mais de um milhão de pessoas. Essa representação iconográfica do *médico da peste* ou do *médico com bico*, como eram então designados, apareceu em 1656 numa ilustração produzida em Roma e Perugia pelo gravador Sebastiano Zecchini. Seguiram-se-lhe, duas gravuras alemãs, ambas claramente derivadas do original italiano, uma publicada em Colónia, com um pouco mais de detalhes, e outra em Nuremberga. Esta última (figura 5), produzida por Paulus Fürst (1608-1666), demarcava-se claramente da gravura italiana, pois que a figura do médico era representada de modo satírico. Tem por título *Doctor Schnabel von Rom*, o que significa literalmente *Doutor Bicudo de Roma*, e nela está representado o médico adequadamente trajado para as funções, todo coberto, tendo na mão a sua vara, a qual tem na ponta uma ampulheta alada alusiva ao antigo ditado *o tempo voa* (*tempus fugit*). Na parte inferior vê-se, à direita, uma cidade, e à esquerda foi desenhado outro doutor, no campo, face a um grupo de crianças que foge[47]. De um e do outro lado da figura principal há um poema em latim, redigido em versos macarrónicos, em que o latim está misturado com palavras alemãs vernáculas.

Julga que é apenas fábula
O que está escrito sobre o Dr. Bico
Ele foge do contágio
E disso arrebata seu salário
Procura cadáveres para ganhar a vida
Tal como o corvo no monte de esterco
Oh acredite e não desvie o olhar
Pois que a praga governa Roma.

Quem não ficaria aterrorizado
Com o seu bastão ou pequena vara
Com ela ele fala como se fosse
mudo, e indica sua decisão
Tantos acreditam sem sombra de dúvida
Que ele está tocado por um diabo negro
Sua bolsa se chama inferno
E ouro são as almas que ele procura.[12:26]

Figura 5 – Gravura intitulada *Doctor Schnabel von Rom*, produzida em 1656 por Paulus Fürst, em Nuremberga, com 30,1 x 21,6 cm. British Museum, id. 1876,0510.512.

Também o médico Nathaniel Hodges escreveu, em 1672, um poema alusivo a essas figuras bizarras, tendo por base uma das gravuras aludidas:

Como pode ser visto aqui na imagem,
Em Roma aparecem os médicos,
Quando a seus pacientes são chamados,
Em lugares pela peste horrorizados,
Seus chapéus e mantos de moda nova,
São feitos de oleado, de tonalidade escura,
Seus gorros com óculos são desenhados,
Suas contas com antídotos estão marcadas,
Esse ar fétido pode não fazer mal,
Nem causar o alarme do médico
O bastão nas mãos deve servir para mostrar
Seu nobre comércio onde quer que vão.[58]

Como já referimos, perante a gravidade da situação, os que podiam, incluindo a maioria dos médicos, dos advogados e dos comerciantes, fugiram de Londres, seguindo o exemplo do monarca e da corte que, em Julho, foram para Hampton Court e depois para Oxford. O Parlamento foi encerrado e teve que se reunir em Outubro em Oxford, e os processos judiciais foram também transferidos de Westminster para Oxford. A falta de médicos na capital viabilizou o aparecimento de muitos charlatães que vendiam, a elevados preços, curas milagrosas, entre as quais a chamada *água da peste*, que foi muito popular, assim como o chifre de unicórnio e as pernas de rã. Nathaniel Hodges referiu-se a estes intrujões nos termos seguintes:

> [...] *nada mais poderia agravar a Destruição comum, e para ela nada mais contribuiu do que a Prática de Químicos e Charlatões, de cuja Audácia e Ignorância é impossível silenciar completamente. Foram infatigáveis em espalhar seus Antídotos, e embora sejam igualmente Ignorantes de todos os Conhecimentos, bem como de Física* [medicina], *metiam em todas as Mãos um Lixo ou outro sob o Disfarce de um Título pomposo. Em nenhum país abundaram tanto tais Impostores perversos, embora todos os Acontecimentos contradissessem as suas Pretensões, e dificilmente se encontravam Pessoas que escapassem a confiar nas suas Ilusões. Os seus Remédios eram mais fatais do que a Peste, e iam ampliar os Números dos Mortos. Mas esses Sopradores das Chamas pestilenciais foram apanhados na Ruína comum, e a sua morte, de certa forma, desculpou a negligência da magistratura,* [...].[88b:21-2]

Os Roles de Mortalidade (*Bills of Mortality*)

Consegue-se ter uma boa abordagem à mortalidade causada pela peste durante o grave surto de 1665/66 através dos *Roles de Mortalidade* (*Bills of Mortality*) de Londres, que eram semanalmente publicados pelas paróquias. A prática de produzir essas listagens parece ter-se iniciado em Novembro de 1532, durante um outro surto de peste. Porém, a prática foi abandonada, tendo sido reactivada em Dezembro de 1592, no início da grande epidemia de 1592/93, tendo sido pela primeira vez tornadas públicas em 1594. Segundo alguns autores, a divulgação desses dados aconteceu porque a rainha Isabel I, que reinou entre 1558 e 1603, estava seriamente alarmada com o rápido crescimento da cidade, e pretendia com isso assustar as pessoas, por forma a que se não estabelecessem na metrópole[14]. As listagens continuaram a ser produzidas até Dezembro de 1595, altura em que esse costume foi abandonado.

Porém, passados poucos anos, perante novo surto de peste, a produção de tais documentos foi reactivada em Dezembro de 1603. Essa contabilidade dos óbitos continuou a ser feita regularmente, até que, em 1611, por carta régia, o rei Jaime I encarregou a *Worshipful Company of Parish Clerks* (*Venerável Companhia de Secretários Paroquiais*) de produzir essa documentação, cuja súmula era apresentada a 21 de Dezembro (dia da festa de São Tomás)[9:51]. A partir de 1632 passaram a incluir a contabilidade dos óbitos provocados por doenças infecciosas transmissíveis de pessoa a pessoa, como varíola, sarampo, varíola francesa (sífilis) e peste.

É de referir que, na Igreja Católica, os assentos paroquiais só se tornaram obrigatórios na sequência do Concílio de Trento, que se prolongou de 1545 a 1563, e isso apenas para os casamentos e baptismos, pois que a principal preocupação era a de impedir matrimónios consanguíneos, embora muitas paróquias já fizessem esses registos antes dessa determinação. Não incluíam, no entanto, os óbitos, cuja obrigatoriedade só foi estabelecida em 1614 pela bula papal *Rituale Romanum*, de Paulo V, com o mesmo objectivo, isto é, impedir a consanguinidade nos matrimónios, bem como a bigamia, pois havia quem se casasse outra vez sem que o primeiro cônjuge tivesse morrido[30:17-8]. Embora na Igreja Anglicana houvesse também preocupações análogas, o cômputo das mortes em Londres tinha outros objectivos, nomeadamente conhecer o estado da situação da mortalidade, em especial no que se referia a doenças epidémicas.

O número de paróquias que eram incluídas nos *Roles de Mortalidade* de Londres foi progressivamente aumentando. Inicialmente, essa contabilidade incluía apenas as paróquias da cidade, mas em 1605 foram adicionadas seis paróquias contíguas, em 1626 passou a abranger também a cidade de Westminster, e em 1636 alargou-se a outras sete paróquias adjacentes. Em 1629 passou a ser indicada a causa da morte bem como se começaram a produzir cômputos separados para homens e mulheres[72:8], mas em 1660, aquando de uma reformulação das listagens, essa divisão por sexos foi abandonada.

O primeiro a explorar tão valiosos dados parece ter sido John Graunt (1620-1674), considerado por muitos como o fundador da demografia (mas que na vida real era um simples capelista), que em 1662 publicou o livro *Natural and political observations* […] *made upon the Bills of mortality*[40], três anos, portanto, antes da Grande Peste de 1665/66. Faz aí uma análise demográfica de Londres baseada nesses cômputos, identificando como anos de maior mortalidade os de 1592/93, 1603, 1625 e 1636, e fazendo a comparação da mortalidade com a natalidade (baptismos). A análise dos dados permitiu-lhe concluir, por exemplo, que *A peste de 1636 durou doze anos, em oito dos quais morreram 2 000 pessoas*

por ano, e nunca menos de 300, de onde retirou a ilação de que *o contágio da peste depende mais da disposição do ar, do que dos* eflúvios *dos Corpos dos homens*[40:36]. Deduziu também que *cerca de um quinto* da população de Londres *morreu nos anos da Grande Peste de 1636,* e que *duas outras quintas partes fugiram* para a província, mas que *a cidade foi totalmente repovoada em dois anos*[40:37-8]. O trabalho de Graunt é verdadeiramente notável, pois que apresenta os rudimentos da moderna demografia.

As suas deduções podem, por vezes, parecer-nos ingénuas, mas eram muito significativas perante os conhecimentos da época. Exemplos de algumas conclusões a que Graunt chegou: *quanto mais doentio for o ano, menos fértil será em nascimentos*; *o Outono é a estação mais insalubre*; *os médicos têm duas pacientes mulheres para um homem; e mesmo assim morrem ainda mais homens do que mulheres*; e *a proporção de mulheres procriadoras em Londres*, relativamente ao total da população, *é menor do que o que se verifica na província*[72:40-99]. Muitas outras conclusões do mesmo tipo são apresentadas no livro aludido.

Algumas das conclusões de Graunt fazem-nos hoje sorrir, mas, como dissemos, temos que ter atenção os conhecimentos da época. Apenas um exemplo:

> *A próxima questão será, em quanto tempo a cidade de Londres, pela proporção normal de reprodução e morte, duplicará o seu número de pessoas reprodutoras? Eu respondo, em cerca de sete anos, e, consideradas as pestes, oito. Portanto, como há 24 000 pares de reprodutores, ou seja, 1/8 da* [população] *total, conclui-se que em oito vezes oito anos todo a população da Cidade duplicará, sem a* [não contando com] *contribuição de Estrangeiros.* [...].
>
> *De acordo com esta proporção, um casal, ou seja, Adão e Eva, duplicando o seu número a cada 64 anos dos 5 610 anos que é a Idade do Mundo de acordo com as Escrituras, produzirão muito mais Pessoas do que as que agora há nele. Portanto, o mundo não é mais de 100 mil anos mais velho* [do que o determinado com base nas Escrituras]*, como alguns imaginam que seja, nem superior ao que as Escrituras indicam.* [40:63]

É de referir que poucos anos antes, em 1650, o arcebispo irlandês James Ussher (1581-1656) tinha publicado o livro *Annales Veteris Testamenti a prima mundi origine deducti*[79], traduzido para inglês em 1658[80], em que, com base no estudo dos acontecimentos narrados na Bíblia, estabeleceu a cronologia dos acontecimentos bíblicos, tendo concluído que Deus criou o mundo *na noite anterior ao dia 23 de Outubro do ano 710 do Calendário Juliano*[80:1]. Como está estabelecido que o ano 1 do período juliano é o de 4 713 a.C., o mundo teria sido criado 4004 anos antes de Cristo. Outras estimativas foram produzidas na altura, dando resultados parecidos. Portanto, na época, a cronologia de Ussher era quase inquestionável, pelo que não surpreende que Graunt tenha tido em aconsideração esses resultados ao fazer os seus cálculos.

Na altura da Grande Peste de 1665/66 em Londres, estava-se sempre na expectativa de ver o Rol de Mortalidade semanal para saber se a peste se agravava ou se, pelo contrário, se atenuava, o que, como veremos, está bem expresso em muitas das entradas dos diários de John Evelyn e de Samuel Pepys. Esses cômputos eram, segundo John Graunt, feitos da seguinte maneira:

> *Quando alguém morre, então, seja pelo badalar, ou pelo toque de um sino, ou pelo anúncio do sacristão, a mesma é conhecida pelos inquisidores* [*searchers*]*, correspondendo ao dito sacristão.*

Os inquisidores (que são antigas matronas, juramentadas no seu cargo) dirigem-se ao local onde jaz o corpo morto e, examinando o mesmo, e por outras investigações, determinam de que Doença ou Acidente o Corpo morreu. Em seguida, fazem o seu Relatório ao Escrivão da Paróquia, e ele, todas as Terças-feiras à noite entrega o Cômputo ao Escrivão do Hall [da Companhia dos Secretários Paroquiais]. *Na Quarta-feira é composto e impresso o Cômputo geral, e na Quinta-feira é publicado e distribuído para as várias Famílias que por eles pagam quatro Xelins por ano.*[40:10-1]

Portanto, a determinação da causa da morte era efectuada por pessoal não especializado, geralmente mulheres pobres, analfabetas e idosas, o que seguramente conduzia a muitos erros. Além disso, no auge do surto de peste bubónica de 1665, os próprios inquisidores e sacristãos acabavam por morrer da doença, pelo que, nessas semanas, os valores indicados nesses cômputos estão seguramente subvalorizados. Mas tais elementos estatísticos enfermam de outras fragilidades, sendo talvez uma das principais o facto de serem promovidos pela Igreja Anglicana, não abrangendo em geral, portanto, os óbitos de *quakers,* judeus, não-conformistas e outros não anglicanos.

MEMENTO MORI

LONDON'S Dreadful Visitation:
Or, A COLLECTION of All the
Bills of Mortality
For this Present Year:
Beginning the 20th of December 1664. and ending the 19th. of December following:
As also, The GENERAL or whole years BILL:
According to the Report made to the King's Most Excellent Majesty,
By the Company of Parish-Clerks of London, &c.

LONDON:
Printed and are to be sold by E. Cotes living in Aldersgate-street, Printer to the said Company 1665.

A generall Bill for this present year, ending the 19 of December 1665. according to the Report made to the KINGS most Excellent Majesty.
By the Company of Parish Clerks of London, &c.

Buried in the 97 Parishes within the walls — 15207 Whereof, of the Plague — 9887

Buried in the 16 Parishes without the walls — 41351 Whereof, of the Plague — 28888

Buried in the 12 out-Parishes, in Middlesex and Surrey — 18554 Whereof, of the Plague — 21420

Buried in the 5 Parishes in the City and Liberties of Westminster — 12194 Whereof, of the Plague — 8403

The Total of all the Christnings — 9967
The Total of all the Burials this year — 97306
Whereof, of the Plague — 68596

The Diseases and Casualties this year.

Abortive and Stilborne	617	Executed	21	Palsie	30
Aged	1545	Flox and Small Pox	655	Plague	68596
Ague and Feaver	5257	Found dead in streets, fields, &c.	20	Planner	6
Appoplex and Suddenly	116	French Pox	86	Plurisie	15
Bedrid	10	Frighted	23	Poysoned	1
Blasted	5	Gout and Sciatica	27	Quinsie	35
Bleeding	16	Grief	46	Rickets	557
Bloody Flux, Scowring & Flux	185	Griping in the Guts	1288	Rising of the Lights	397
Burnt and Scalded	8	Hangd & made away themselves	7	Rupture	34
Calenture	3	Headmouldshot & Mouldfallen	14	Scurvy	105
Cancer, Gangrene and Fistula	56	Jaundies	110	Shingles and Swine pox	2
Canker, and Thrush	111	Impostume	227	Sores, Ulcers, broken and bruised Limbs	82
Childbed	625	Kild by severall accidents	46	Spleen	14
Chrisomes and Infants	1258	Kings Evill	86	Spotted Feaver and Purples	1929
Cold and Cough	68	Leprosie	2	Stopping of the stomack	332
Collick and Winde	134	Lethargy	14	Stone and Strangury	98
Consumption and Tissick	4808	Livergrown	20	Surfet	1251
Convulsion and Mother	2036	Meagrom and Headach	12	Teeth and Worms	2614
Distracted	5	Measles	7	Vomiting	51
Dropsie and Timpany	1478	Murthered and Shot	9	VVenn	1
Drowned	50	Overlaid & Starved	45		

Christned: Males — 5114; Females — 4853; In all — 9967
Buried: Males — 48569; Females — 48737; In all — 97306
Of the Plague — 68596

Increased in the Burials in the 130 Parishes and at the Pest-house this year — 79009
Increased of the Plague in the 130 Parishes and at the Pest-house this year — 68590

Figura 6 – Página de rosto dos *Roles de Mortalidade* (*Bills of Mortality*[22]) de 1665, que abrange o período de 20 de Dezembro de 1664 até 19 de mesmo mês do ano seguinte, e integra todos os cômputos semanais, e cômputo geral do ano de 1665.

A Companhia dos Secretários das Paróquias publicava, no final do ano, o conjunto das estatísticas semanais da mortalidade nas paróquias de Londres e arredores. Foi o que aconteceu em Dezembro de 1665, numa publicação que integrava todos os roles de mortalidade e se intitulava *London's Dreadful Visitation* [...][22] (*Visita Terrível a Londres*), cuja folha de rosto (figura 6a) é interessante. Na parte superior, de cada lado de uma caveira sobre duas tíbias cruzadas, estão as palavras *memento mori* (*lembre-se da morte*). Por cima há uma ampulheta alada alusiva ao ditado *o tempo voa* (*tempus fugit*). De cada lado da caveira estão desenhadas, cruzadas, uma pá e uma picareta, os instrumentos com que se abrem as covas funerárias. Esses elementos (caveiras, tíbias, ampulhetas, pás, picaretas e esqueletos) estão também repetidos na bordadura da página. Era, indubitavelmente, uma expressão intensa da fugacidade da vida e da constante presença da morte.

Nos cômputos semanais eram apresentadas as quantidades de enterros em cada paróquia, referindo para cada uma o total geral e o total dos que morreram com peste e, na página seguinte, os totais de óbitos discriminados pelas diferentes causas. Por exemplo, na semana 39, de 12 a 19 de Setembro (figura 7a), verifica-se que nas 97 paróquias dentre muros morreram 1 493 pessoas, 1 189 das quais com peste, enquanto que nas 16 paróquias fora de muros houve 3 631 óbitos, dos quais 3 070 devido à pestilência. Nas 12 paróquias situadas no Middlesex e em Surrey esses valores foram respectivamente de 2 258 e 2 091, ao passo que nas 5 paróquias da cidade de Westminster e arredores (*vicinities*) houve apenas 915 óbitos, dos quais 815 com peste. Deduz-se, destes dados, que a peste grassava então gravemente na metrópole de Londres, atingindo com mais intensidade os bairros pobres. Relembramos que estes números estão subvalorizados, nomeadamente porque traduzem a mortalidade entre os anglicanos, não incluindo os que professavam outras religiões. Estão também expressos os baptismos, os quais têm enorme disparidade relativamente aos óbitos.

Na página seguinte (figura 7b) é apresentada a súmula da semana no conjunto das paróquias, 126 das quais estavam afectadas pela peste, não se registando mortes devido a esta doença em apenas quatro. Vê-se aí que de um total de 8 297 óbitos, morreram com peste 7 165, ou seja, mais de 86%. Nessa semana, houve apenas 176 baptismos. É interessante analisar as causas de morte, cujo total é, como se disse, absolutamente dominado pela peste. Essas causas têm com frequência designações que hoje nos parecem estranhas, mas reflectem o nível de conhecimentos e o estado da saúde pública na altura. A segunda causa de morte nessa semana foram as *febres* (indefinidas), com 309 casos (apenas 3,7% do total), seguida da tísica (*consumption*), ou seja, tuberculose, com 134 óbitos (1,6%).

No cômputo geral do ano de 1665 (figura 6b) verifica-se que houve 9 967 baptismos e 97 306 óbitos (sem contar, como já referimos, os de outras religiões que não a anglicana), dos quais 68 590 (70,5%) foram devidos à peste. Se não tivermos em consideração estes últimos casos, os restantes números permitem-nos ter a percepção das principais causas de morte na altura, o que permite deduzir bastante das condições de vida de então na cidade. Dos motivos indicados, o que provocava maior mortalidade eram as sezões e febres (*ague and feaver*), com 5 257 casos (18,3% da mortalidade, não considerando a peste), seguido da tísica e dificuldade em respirar (*consumption and tissick*), com 4 808 casos (16,7%), e de convulsões e distúrbios do útero, 2 036 casos (7,1%). Aliás, a gravidez estava então associada a problemas graves que por vezes provocavam a morte, sendo no Rol de Mortalidade de 1665 indicados 625 óbitos (2,2%) ocorridos durante o parto ou imediatamente após (*childbed*), percentagem análoga à dos abortos e nado-mortos (*abortive and stilborne*). A mortalidade infantil era na altura muito grande (e assim continuaria du-

rante mais um par de séculos), sendo indicada a morte de 1 258 (4,4%) bebés com menos de um mês e de crianças com menos de um ano (*chrisomes and infants*), e de 2 614 casos (9,1%) cujo óbito foi atribuído à causa *dentes e vermes* (*teeth and worms*), que em princípio seriam crianças que morreram em resultado de complicações com a dentição ou de endoparasitas. Contribuía também para a mortalidade infantil o raquitismo (*rickets*), com 557 casos (1,9%), provavelmente provocado por deficiência de vitamina D.

London 39 From the 12 of September to the 19. 1665

	Bur.	Plag.		Bur.	Plag.		Bur.	Plag.
St Alban Woodſtreet	23	19	St George Botolphlane	5	3	St Martin Ludgate	21	11
Alhallows Barking	41	32	St Gregory by St Pauls	32	23	St Martin Orgars	9	7
Alhallows Breadſtreet	4	3	St Hellen	8	8	St Martin Outwitch	8	3
Alhallows Great	59	53	St James Dukes place	29	26	St Martin Vintrey	64	61
Alhallows Honylane	1		St James Garlickhithe	13	11	St Matthew Fridayſtreet	1	1
Alhallows Leſſe	29	26	St John Baptiſt	7	6	St Maudlin Milkſtreet	5	3
Alhallows Lumbardſtreet	8	7	St John Evangeliſt			St Maudlin Oldfiſhſtreet	16	11
Alhallows Staining	16	10	St John Zachary	3	2	St Michael Baſſiſhaw	17	12
Alhallows the Wall	41	30	St Katharine Coleman	44	36	St Michael Cornhil	14	11
St Alphage	25	13	St Katharine Crechurch	35	31	St Michael Crookedlane	10	10
St Andrew Hubbard	6	5	St Lawrence Jewry	8	6	St Michael Queenhithe	11	6
St Andrew Underſhaft	25	22	St Lawrence Pountney	22	17	St Michael Quern	4	3
St Andrew Wardrobe	63	54	St Leonard Eaſtcheap	5	4	St Michael Royal	20	17
St Ann Alderſgate	33	28	St Leonard Foſterlane	34	32	St Michael Woodſtreet	6	2
St Ann Blackfryers	79	65	St Magnus Pariſh	7	6	St Mildred Breadſtreet	6	3
St Antholins Pariſh	6	5	St Margaret Lothbury	8	8	St Mildred Poultrey	4	2
St Auſtins Pariſh	2	2	St Margaret Moſes	5	5	St Nicholas Acons	8	7
St Bartholomew Exchange	3	3	St Margaret Newfiſhſtreet	17	13	St Nicholas Coleabby	14	13
St Bennet Fynck	1		St Margaret Pattons	5	3	St Nicholas Olaves	12	9
St Bennet Gracechurch	5	4	St Mary Abchurch	13	9	St Olave Hartſtreet	20	18
St Bennet Paulſwharf	35	15	St Mary Aldermanbury	20	16	St Olave Jewry	7	5
St Bennet Sherehog	1		St Mary Aldermary	11	10	St Olave Silverſtreet	23	17
St Botolph Billingſgate	4	4	St Mary le Bow	4	2	St Pancras Soperlane	2	2
Chriſts Church	55	48	St Mary Bothaw	9	8	St Peter Cheap	4	3
St Chriſtophers	5	5	St Mary Colechurch	2	1	St Peter Cornhil	10	6
St Clement Eaſtcheap	3	3	St Mary Hill	12	8	St Peter Paulſwharf	12	12
St Dionis Backchurch	10	3	St Mary Mounthaw	9	9	St Peter Poor	6	6
St Dunſtan Eaſt	20	10	St Mary Sommerſet	36	34	St Steven Colemanſtreet	47	40
St Edmund Lumbardſtr.	4	4	St Mary Stayning	2	1	St Steven Walbrook	5	5
St Ethelborough	16	6	St Mary Woolchurch	2	2	St Swithin	11	9
St Faith	7	6	St Mary Woolnoth	9	6	St Thomas Apoſtle	19	17
St Foſter	10	9	St Martin Iremongerlane	1	1	Trinity Pariſh	13	13
St Gabriel Fenchurch	6	3						

Chriſtned in the 97 Pariſhes within the Walls — 40 *Buried* — 1493 *Plague* — 1189

St Andrew Holborn	271	249	St Botolph Aldgate	623	569	Saviours Southwark	427	403
St Bartholomew Great	21	17	St Botolph Biſhopſgate	294	256	S. Sepulchres Pariſh	301	214
St Bartholomew Leſſe	14	12	St Dunſtan Weſt	88	79	St Thomas Southwark	57	52
St Bridget	236	180	St George Southwark	195	176	Trinity Minories	12	10
Bridewel Precinct	32	31	St Giles Cripplegate	456	373	At the Peſthouſe	6	6
St Botolph Alderſgate	68	62	St Olave Southwark	530	363			

Chriſtned in the 16 Pariſhes without the Walls — 65 *Buried, and at the Peſthouſe* — 3631 *Plague* — 3070

St Giles in the fields	140	125	Lambeth Pariſh	48	43	St Mary Iſlington	68	66
Hackney Pariſh	22	18	St Leonard Shoreditch	183	173	St Mary Whitechappel	532	502
St James Clerkenwel	77	67	St Magdalen Bermondſey	207	180	Rothorith Pariſh	17	13
St Kath. near the Tower	93	66	St Mary Newington	155	152	Stepney Pariſh	716	686

Chriſtned in the 12 out Pariſhes in Middleſex and Surry — 42 *Buried* — 2258 *Plague* — 2091

St Clement Danes	168	140	St Martin in the fields	286	228	St Margaret Weſtminſter	411	299
St Paul Covent Garden	30	29	St Mary Savoy	20	19	*Whereof at the* Peſthouſe		7

Chriſtned in the 5 Pariſhes in the City and Liberties of Weſtminſter — 29 *Buried* — 915 *Plague* — 815

L 3

The Diſeaſes and Caſualties this Week.

Abortive	5	Impoſthume	11
Aged	43	Infants	16
Ague	2	Killed by a fall from the Belfrey at Alhallows the Great	1
Apoplexie	1	Kingſevil	2
Bleeding	2	Lethargy	1
Burnt in his Bed by a Candle at St.Giles Cripplegate	1	Palſie	1
Canker	1	Plague	7165
Childbed	42	Rickets	17
Chriſomes	18	Riſing of the Lights	11
Conſumption	134	Scowring	5
Convulſion	64	Scurvy	2
Cough	2	Spleen	1
Dropſie	33	Spotted Feaver	101
Feaver	309	Stilborn	17
Flox and Small-pox	5	Stone	2
Frighted	3	Stopping of the ſtomach	9
Gowt	1	Strangury	1
Grief	3	Suddenly	1
Griping in the Guts	51	Surfeit	49
Jaundies	5	Teeth	121
		Thruſh	5
		Timpany	1
		Tiffick	11
		Vomiting	3
		Winde	3
		Wormes	15

Chriſtned { Males — 95, Females — 81, In all — 176 } Buried { Males — 4095, Females — 4202, In all — 8297 } Plague — 7165

Increaſed in the Burials this Week — 607

Pariſhes clear of the Plague — 4 Pariſhes Infected — 126

The Aſſize of Bread ſet forth by Order of the Lord Maior and Court of Aldermen
A penny Wheaten Loaf to contain Nine Ounces and a half, and three half-penny White Loaves the like weight.

Figura 7 – Páginas do *Bills of Mortality*[22] referentes à semana de 12 a 19 de Setembro de 1665, com o número de óbitos total e devidos à peste em cada paróquia (esquerda), e explicitando globalmente as causas de morte (à direita)

Eram também significativos os óbitos provocados por febres maculosas e *púrpuras* (*spotted fever and purples*), com 1 929 casos (6,7%), provavelmente doenças devidas a bactérias, como a *Rickettsia* (transmitidas por picadas de pulgas, piolhos e carraças), por hidropisia e timpanismo (*dropsy and tympany*), com 1 478 casos (5,2%), por dores no abdómen e intestinos (*griping in the guts*), com 1 288 casos (4,5%), e engasgos ao comer ou beber (*surfet*), com 1 251 casos (4,4%). Na listagem são ainda referidas outras doenças, embora com pequena expressão nesse ano, entre as quais a varíola e análogas (*flox and small pox*), sífilis (*French pox*), gota e ciática (*gout and sciatica*), sarampo (*measles*), escorbuto (*Scurvy*), diarreia sanguínea (*Bloody flux*) e lepra (*leprosie*).

Ainda uma referência para as mortes devidas a idade avançada, com 1 545 casos (5,4% dos óbitos não contando os de peste). Algumas causas de morte fazem-nos hoje sorrir, como é o caso das atribuídas a *Ascensão das Luzes* (*rising of the lights*), caracterizada por dificuldade em respirar ou sensação de asfixia, a *força maligna de um planeta* (*plannet*), e a que era designada por *mal dos reis* (*kings evill*), caracterizada pelo aparecimento de escrófulas que se acreditava serem curáveis pelo toque de um rei. Pela listagem da mortali-

dade em 1665 ficamos ainda a saber que 46 pessoas morreram devido a acidentes vários, 50 por afogamento, 8 queimados com fogo ou água a ferver, 23 devido a susto, e 20 foram encontrados mortos na rua (os que o foram e tinham peste foram incluídos na contabilidade destes). Além disso, houve 21 que foram executados, 9 que foram assassinados, e 7 que se suicidaram. Porém, nesse ano de 1665, o total das mortes devido às causas que explicitámos e outras, representaram apenas menos de 30% do total de óbitos, ou seja, as mortes devido à peste foram mais do dobro das provocadas por todas as outras causas, de tal modo foi intenso o surto da pestilência.

As regras oficiais para combater a pestilência

Perante a situação desesperada, o rei Carlos II e os seus cortesãos abandonaram White Hall (então residência oficial do monarca), saindo de Londres e instalando-se primeiro em Hampton Court, a cerca de 20 km a SW da cidade, e depois em Oxford, 90 km a NW da capital. As sessões do Parlamento foram adiadas e sendo terrível o aumento dos casos de peste, acabou por se reunir em Outubro, também em Oxford. De igual modo, também os processos judiciais foram transferidos de Westminster para Oxford. A situação era desesperada!

Aparentemente, os cortesãos que tinham fugido de Londres estavam tão apavorados com a epidemia que, com medo de serem contaminados, tinham até medo de folhearem os jornais impressos na capital. Essa foi uma das razões que levou Carlos II a determinar que fosse publicado um jornal em Oxford, dado ao prelo na imprensa da universidade, o qual tinha como título *The Oxford Gazette*. Quando o surto de peste amorteceu e Carlos II regressou à capital, este periódico, o primeiro jornal oficial da Corte, adquiriu a designação, a partir de 1 de Fevereiro de 1666, de *The London Gazette*.

Perante a dramática situação que se vivia, tinha que haver normas bastante restritivas para fazer face à epidemia. Estas surgiram sob a forma de *Regras e Ordens a serem observadas por todas as Justiças de Paz, Presidentes de Câmara, Oficiais de Justiça e demais Oficiais, para prevenção da propagação da Infecção da Peste, publicadas por Ordem Especial de Suas Majestades*[17] (figura 8), em que, além de estipular que nenhum estranho tinha permissão para entrar na cidade (a menos que tivesse um atestado de saúde válido), que nenhum móvel deveria ser removido das casas infectadas e que não deveria haver reuniões públicas (como funerais), se preconizava que, entre outras, se observassem as normas seguintes:

> *8. Que nenhum porco, cão, gato ou pombo domesticado possa, nos locais infectados, andar nas ruas ou passar de casa para casa.*
>
> *10. Que todas as cidades e vilas forneçam imediatamente um local conveniente, distante das mesmas, onde possa ser construída uma* Casa da Peste*, ou cabanas ou telheiros, para estarem prontos no caso de ocorrer qualquer infecção; e que, se acontecer, sejam imediatamente fornecidos Inquisidores e Examinadores capazes e fiéis que Jurem revistar todos os corpos suspeitos em busca dos sinais usuais de peste,* [...].
>
> *11. Se alguma casa estiver infectada, que a pessoa ou pessoas doentes sejam imediatamente removidas para a referida* Casa da Peste*, ou cabanas ou telheiros, para preservação do resto da família; e que essa casa (mesmo que ninguém nela tenha morrido) fique fechada durante quarenta dias e tenha na porta uma Cruz Vermelha, e* Senhor, tenha misericórdia de nós*, escrito em letras maiúsculas* [...].
>
> *12. Que na abertura de cada casa infectada (após terem passado os ditos quarenta dias) seja afixada na dita porta uma Cruz Branca, que ali permanecerá por mais vinte dias, período durante o qual, ou pelo menos antes que seja permitido que qualquer estranho se aloje nela, a dita casa deve ser bem fumegada, lavada e caiada por dentro com cal. E que nenhuma roupa ou material doméstico seja retirado da dita casa para qualquer outra casa, durante pelo menos três meses,* [...].
>
> *13. Que ninguém que tenha morrido com a Peste seja enterrado em igrejas ou adros de igrejas (a menos que sejam grandes e, nesse caso, tenham um local específico para esse uso, onde os outros corpos não são normalmente enterrados), mas sim noutros lugares*

convenientes, e que uma boa quantidade de cal viva seja colocada nas sepulturas com tais corpos, e que tais sepulturas não sejam abertas durante um ano ou mais, a menos que estejam a provocar a infecção de outras pessoas.[17]

RULES and ORDERS

To be observed by all Justices of Peace, Mayors, Bayliffs, and other Officers, for prevention of the spreading of the Infection of the PLAGUE.

Published by His Majesties special Command.

6. That Fires in moveable Pans, or otherwise, be made in all necessary publique Meetings in Churches, &c. and convenient Fumes to correct the Air be burnt thereon.

7. That care be taken that no unwholsom Meats, stinking Fish, Flesh, musty Corn, or any other unwholsome Food be exposed to sale in any Shops or Markets.

8. That no Swine, Dogs, Cats, or tame Pigeons be permitted to pass up and down in Streets, or from house to house, in places Infected.

9. That the Laws against Inn-Mates be forthwith put in strict execution, and that no more Alehouses be Licensed then are absolutely necessary in each City or place, especially during the continuance of this present Contagion.

10. That each City and Town forthwith provide some convenient place remote from the same, where a Pest-house, Huts, or Sheds may be Erected, to be in readiness in case any Infection should break out; which if it shall happen to do, That able and faithful Searchers and Examiners be forthwith provided and Sworn to Search all suspected bodies, for the usual signs of the Plague, viz. Swellings or Risings under the Ears or Arm-pits, or upon the Groynes; Blains, Carbuncles, or little Spots, either on the Breast or back, commonly called Tokens.

11. That if any House be Infected, the sick person or persons be forthwith removed to the said Pest-house, Sheds, or Huts, for the preservation of the rest of the Family: And that such house (though none be dead therein) be shut up for Fourty days, and have a Red Cross, and Lord have mercy upon us, in Capital Letters affixed on the door, and Warders appointed, as well to find them necessaries, as to keep them from conversing with the sound.

12. That at the opening of each Infected house (after the expiration of the said Fourty days) a White Cross be affixed on the said door, there to remain Twenty days more; during which time, or at least before any stranger be suffered to lodge therein, That the said house be well Fumed, Washed and Whited all over within with Lime; And that no Clothes, or Housholdstuff be removed out of the said house into any other house, for at least Three moneths after, unless the persons so Infected have occasion to change their habitation.

13. That none dying of the Plague be buried in Churches, or Church-yards (unless they be large, and then to have a place assigned for that use (where other bodies are not usually buried) Boarded or Paled in Ten foot high) but in some other convenient places, and that a good quantity of unslackt Lime be put into the Graves with such bodies, and that such Graves be not after opened within the space of a year or more, lest they infect others.

14. That in case any City, Burrough, Town or Village be so Visited and Infected, that it is not able to maintain its own Poor, That then a Rate be forthwith made by the adjoyning Justices of the Peace, and confirmed at the very next Quarter-Sessions, for that use, upon the neighbouring Parishes, according to the Statute 1° Jacobi, so that such Visited Poor may have sufficient Relief; want and nastiness being great occasions of the Infection.

15. That you your selves use your utmost endeavours, not only to see these Directions punctually observed, and be in a readiness to render an Accompt as often as you shall be required, but that you strictly enjoyn all High Constables, Petty-Constables, Headburroughs and other Officers, to execute their respective Duties according to their places; and if any shall fail herein, to use the utmost severity against them according to Law.

What relates to Physitians, Chyrurgeons, and such other persons as are necessary for the preservation and help of such who shall be Infected, the same is left to your particular care and discretion.

Lastly, That you take special care, that not onely the Monethly Fasts, but that the publique Prayers on Wednesdays and Fridays also, be strictly and constantly observed according to His Majesties Proclamation; And that such Collections as shall be then made, be strictly applied to the relief and necessities of the poor in Infected places, by which means God may be inclined to remove his severe hand both from amongst you and us.

LONDON,
Printed by *John Bill* and *Christopher Barker*, Printers to the Kings most Excellent Majesty, 1666.

Figura 8 – Extracto das *Regras e Ordens* emanadas pelo rei Carlos II para *prevenção da propagação da Infecção da Peste* em Londres.

As normas eram especificadas e pormenorizadas em cada município pelos respectivos presidentes. Em Londres, foi emanado pelo *presidente da câmara e membro sénior do conselho municipal da cidade de Londres*, um conjunto de *ordens e instruções* [...] *que devem ser diligentemente observadas e mantidas pelos cidadãos de Londres, durante o tempo da presente visitação da peste*[23], para entrarem a vigor a partir do primeiro de Julho. Atenção especial era dada aos *examinadores*:

Em primeiro lugar, considera-se necessário que em cada paróquia haja uma, duas ou mais pessoas de boa classe e crédito, escolhidas e nomeadas pelo membro sénior do conselho municipal, seu adjunto e o Conselho Comum de cada bairro, que terão a designação de Examinadores [*examiners*] *e que permanecerão neste cargo por um período mínimo de dois meses; e se qualquer pessoa assim nomeada, se recusar a fazê-lo,* [...], *será condenada a prisão até que se que se conforme com a nomeação.* [...]. *Que esses Examinadores sejam*

> *ajuramentados pelo Vereador* [ou magistrado municipal] *para indagarem quais casas em cada paróquia devem ser visitadas, e quais pessoas estão doentes, e de que Doenças,* [...], *e na dúvida, ordenarem a restrição de acesso, até que a Doença se manifeste.* E se *encontrarem algum doente com a infecção* [peste], *notifiquem o Chefe da polícia para que a casa seja fechada;* [...].[23]

A identificação e confinamento dos casos de peste envolvia várias pessoas. Na realidade, não era um sistema novo: derivava de esquemas implementados no passado, quando outros surtos de peste tinham assolado Londres. O trabalho dos *examinadores* era depois completado, caso fossem identificados e confirmados casos suspeitos de peste, pelo dos *vigilantes* (*watchmen*), que permaneciam junto à porta da casa (figura 9), não deixando entrar ou sair ninguém:

> *Que para cada casa infectada sejam nomeados dois vigilantes, um durante o dia e outro durante a noite; e que esses vigilantes tenham cuidado especial para que nenhuma pessoa entre ou saia das casas infectadas de que estão encarregues, sob pena de severa punição. E os ditos vigilantes farão as tarefas adicionais que a casa* [onde está o] *doente necessitar e exigir. E se for mandado que o vigilante faça qualquer outro trabalho, deve fechar a casa e levar consigo a chave com ele;* [...].[23]

O trabalho dos *examinadores* e dos *vigilantes* era complementado com o dos *pesquisadores* ou *inquisidores* (*searchers*), que era quem efectivamente detectava as manifestações da doença. As *ordens e instruções* determinavam para estes o seguinte:

> *Que as mulheres Pesquisadoras de cada Paróquia sejam de honrosa reputação e ajuramentadas para fazerem a devida pesquisa* [...]*; e que os Físicos* [médicos] *nomeados para a cura e prevenção da Infecção chamem os ditos Pesquisadores diante deles* [...], *a fim de que possam avaliar se estão devidamente habilitados para tal função; e que nenhum Pesquisador, durante este tempo de Visitação* [da peste], *seja autorizado a ter qualquer* [outro] *trabalho ou emprego, ou a manter* [aberta] *qualquer loja ou quiosque,* [...]. *E para melhor assistência dos Pesquisadores, ordena-se que sejam escolhidos Cirurgiões hábeis e discretos, que residam nos locais mais convenientes, e que sejam afastados de todas as outras curas, e mantidos apenas para esta Doença da Infecção* [da peste], *e cada cirurgião deve pagar doze pence por cada corpo por eles examinado, a ser suportado com os bens da parte examinada, se puder, ou de outra forma pela paróquia.* [...].[23]

Também os cuidadores, em especial as enfermeiras (pois que, em geral, eram mulheres), eram na altura sujeitas a regras especiais:

> *E se qualquer Enfermeira se retirar de qualquer casa infectada antes de* [decorrerem] *28 dias após o falecimento de qualquer pessoa que morra da Infecção, a casa para a qual a referida Enfermeira se tiver retirado, será fechada até que se expirem os referidos 28 dias.* [...].[23]

Constata-se, portanto, que a epidemia e a detecção de novos casos eram levados muito a sério, tendo os donos das casas, neste aspecto, responsabilidades especiais:

> *O dono de cada casa, assim que alguém de sua casa se queixar de feridas inflamadas, manchas vermelho-escuras ou inchaços em qualquer parte do corpo, ou ficar gravemente doente sem causa aparente de qualquer outra doença, deve dar conhecimento disso no prazo de duas horas após o aparecimento do referido sinal ao Examinador de saúde.* [...].[23]

Para identificar as casas onde alguém tinha adoecido com peste, estas normas municipais reforçavam as ordens emanadas pelo monarca:

> *Que cada casa visitada* [pela peste] *seja marcada, no meio da porta, com uma Cruz Vermelha com um pé* [30 cm] *de comprimento, claramente visível, acompanhada das palavras impressas habituais, isto é, "Senhor, tem misericórdia de nós", colocadas junto à Cruz, que lá continuarão até à* [re]*abertura legal da mesma casa* [...].[23]

Figura 9 – Um vigilante e o seu companheiro conversando e olhando para uma casa em quarentena. Por trás circula um presumível *carro dos mortos*. Na porta, à esquerda, está pintada uma cruz vermelha indicativa de que a casa foi atingida pela peste. Gravura de *Diário do Ano da Peste*, de Daniel Defoe, colorida à mão. Adaptado de *Wellcome Collection*, Londres.

Como é evidente, havia também regras bastante restritivas para a realização de funerais:

> [...] *que o enterro dos mortos causados por esta Visitação* [surto de peste] *seja nas horas mais convenientes, sempre antes do nascer do Sol ou após o pôr do Sol, com a privacidade dos guardas da Igreja ou dos polícias, e não de outra forma; e que a nenhum vizinho nem amigo seja permitido acompanhar o cadáver à igreja, ou a entrar na casa visitada* [onde residia o defunto], *sob pena de ter a sua própria casa fechada ou de ser encarcerado. E, além disso, todos os ajuntamentos nos funerais são proibidos durante a continuação desta Visita.* [...].[23]

Tentava-se, por todos os meios, impedir que a epidemia alastrasse, evitando ao máximo contactos com objectos que tivessem sido usados por pessoas infectadas:

> *E para que nenhuma Coisa infectada seja disponibilizada, ordena-se que não seja permitido que nenhuma Roupa, Panos, Roupa de cama ou Vestuário sejam levados ou transportados para fora de qualquer casa infectada.* [...] *e que os Portadores e Recoveiros* [...] *sejam terminantemente proibidos e restringidos, e que não seja permitido a nenhum Comerciante de roupas de cama ou roupas usadas que faça qualquer exibição externa, ou que pendurem em suas tendas, expositores ou janelas viradas para qualquer Rua, Viela, Via Pública ou Passagem, qualquer Roupa de Cama ou Vestuário usado a ser vendido, sob pena de prisão; e se qualquer Comerciante ou outra pessoa comprar qualquer Roupa de Cama, Vestuário ou outras coisas* [provenientes] *de qualquer casa infectada dentro de dois meses após a Infecção ter ocorrido, a sua casa será fechada como* [se estivesse] *infectada e assim continuará fechada* [durante] *20 dias no mínimo.* [...]. *Ordena-se também que os cocheiros de carruagens de aluguer tenham o cuidado de, depois de transportarem pessoas para o hospital para doenças infecciosas* [*Pest-house*] *e outros destinos, não as disponibilizem (como já se viu fazerem) para uso comum, até que as suas carruagens sejam bem arejadas e tenham permanecido livres da peste durante 5 ou 6 dias após tal serviço.*[23]

A preocupação em evitar, tanto quanto possível, os contágios, passava também pela limpeza das vias públicas:

> *Ordena-se que todos os proprietários façam com que a rua diante da sua porta seja diariamente saneada, mantendo-a assim limpa e varrida durante toda a semana. E que o lixo e as sujidades das casas sejam diariamente levados pelos trabalhadores da limpeza, e que estes avisem a sua chegada com o toque de uma buzina, como até agora tem sido feito. Da mesma forma, que as Lixeiras sejam removidos para o mais longe possível da Cidade e das passagens comuns, e que a nenhum Limpa-fossas ou outro seja permitido esvaziar Recipientes em qualquer Jardim próximo da Cidade.* [...].[23]

Como se pensava que a infecção era transmitida pelo ar, em especial pelos maus odores, havia manifesta intenção de os reduzir ou eliminar, sendo as determinações sobre o lixo disso exemplo, tal como o era a comercialização de alimentos com cheiro desagradável:

> *Que se tome cuidado especial para que não seja vendido pela Cidade ou nenhuma parte dela Peixe fedorento, ou Carne insalubre, ou Milho mofado, ou outros Frutos corruptos de qualquer espécie.* [...].[23]

As *ordens e instruções* emanadas pelo município reforçavam as *Regras e ordens* estipuladas pelo monarca, designadamente no que se referia a animais domésticos:

Que não sejam mantidos em qualquer parte da cidade quaisquer Porcos, Cães ou Gatos, ou Pombos domesticados, ou Coelhos, e que os cães sejam mortos pelos matadores de cães designados para esse fim. [...].[23]

Como se pensava que a peste era transmitida por maus odores, aconselhava-se, numa parte complementar das aludidas *ordens e instruções,* que quem saísse à rua levasse para cheirar ervas aromáticas, como mirra, absinto, arruda-dos-jardins, piorno, valeriana e açafrão-da-índia, e que ao passarem em qualquer lugar de que desconfiassem, podiam ungir as narinas, por exemplo, com óleo de âmbar. Também como complemento, indicavam-se várias receitas que, aparentemente, tinham sido eficazes no passado.

Figura 10 – Xilogravura da época, colorida manualmente, alusiva ao surto de peste em Londres. Em cima está escrito *Senhor, tende piedade de Londres*. No meio, à esquerda do esqueleto, estão as palavras: *Eu sigo*. À direita, junto a um grupo de pessoas: *Nós fugimos*. Por baixo do grupo, junto a homens armados, *Mantenha-se afastado*. À esquerda, junto a pessoas que jazem no chão, está escrito: *Nós morremos*. Adaptado de *The Granger Collection*, id. 0009870.

No meio de toda esta tragédia, havia a noção de que o fogo, como já acima aludimos, era um elemento purificador. Tal é evidente, por exemplo, na proclamação do Presidente da Câmara de Londres, de 2 de Setembro de 1665, onde consta o seguinte:

Considerando que aprouve a Deus visitar-nos com um Julgamento triste e dolorido, que ainda permanece crescendo e oprimindo-nos; e como é do agrado de Deus Todo-Poderoso que todos os meios legais sejam usados para impedir a sua propagação, [...]*; entre os meios externos que podem ser usados, o do Fogo tem sido considerado muito bem-sucedido, tanto pela experiência de eras anteriores, e de dias posteriores noutros países, como sendo também geralmente aprovado pelas pessoas judiciosas, como sendo um meio potente e*

> *eficaz de corrigir e purificar o ar;* [...]*. Portanto, todas as pessoas que habitem* [em Londres] *são, por este meio, em nome de sua Majestade, directamente encarregadas e ordenadas a fornecer-se com quantidades suficientes de fogo, a saber, carvão de pedra ou qualquer outro material combustível, para manter o fogo a arder constantemente durante três dias inteiros e três noites inteiras; e, nesse entretanto, devem ser evitadas todas as ocorrências extraordinárias de pessoas, bem como o trânsito de carros, e tudo o mais que possa ser problemático nas ruas* [...]*; e isto deve ser observado em todas as ruas, pátios, vielas e becos; e especial cuidado deve ser tomado no locais em que as ruas, pátios, vielas e becos são estreitos, para que os fogos possam ter uma grandeza proporcional, de modo a que nenhum dano ocorra nas casas*[27:368-9].

Como já antes dissemos, como as casas de Londres eram construídas essencialmente com madeira, e como em muitas ruelas os telhados das casas quase que se tocavam, ter em todas as ruas e vielas fogueiras a arder durante três dias era um perigo extremo. No entanto, tanto quanto se sabe, parece não ter havido qualquer incêndio grave. Sabe-se hoje que tal medida era completamente ineficaz, pois que o veículo transmissor da *Yersinia pestis* é a pulga do rato, sendo transmissível por contactos pessoais e não, como então se pensava, pelo ar e pelos maus cheiros.

***Memórias da Peste* de Defoe**

Na época, Londres era já uma grande urbe, rodeada por uma muralha romana que, originalmente, fora construída *circa* 200 d.C. em torno da importante cidade portuária de *Londinium*, e que tinha sido sujeita a sucessivas restaurações medievais. Porém, nos subúrbios, fora de muros, tinham-se desenvolvido bairros pobres, as *vizinhanças* (*liberties*), densamente povoados, sem saneamento, e onde os esgotos a céu aberto corriam pela parte central das ruas sinuosas. Nestas condições, não é de admirar que as populações de ratos fossem muito grandes e que, portanto, a peste se tenha aí propagado muito rapidamente. Esse contraste entre a situação na parte central da cidade, intra-muros, e a que existia nos subúrbios, extra-muros, está bem patente na obra *Memórias da Peste* (*A Journal of the Plague Year*[27]), publicada em 1722, sem autor explícito, apenas com as iniciais *H. F.* Em geral, atribui-se este texto ao escritor Daniel Defoe (1660-1731), o qual teria tido como fonte primária o diário de seu tio Henry Foe (de onde derivariam as iniciais *H. F.*), que presenciou e vivenciou os acontecimentos. Embo-a publicado meio século depois do surto de peste, trata-se de um relato vívido dos acontecimentos, o qual nos permite saber como viviam as pessoas durante a pestilência. Por isso, alongamo-nos um pouco mais nos extractos dessa obra. O texto começa com uma boa contextualização do início da epidemia:

> *Foi por volta do início de Setembro de 1664 que eu, tal como os meus vizinhos, ouvi dizer que a Peste se tinha devolvido novamente na Holanda e que aí, no ano de 1663, tinha sido muito violenta, em especial em Amsterdão e em Roterdão. Alguns dizem que para lá foi trazida de Itália, outros do Levante, levada com mercadorias transportadas pela frota da Turquia. Outros dizem que foi trazida da Cândia* [Creta]*, e outros ainda que foi de Chipre. Não importava saber de onde veio, mas todos estavam de acordo que atingira outra vez Holanda.* [...].
>
> *Nessa altura não tínhamos jornais impressos para a divulgação das notícias e boatos* [...], *e as novas eram transmitidas por Cartas de mercadores e outros, que se correspondiam com o exterior, e eram depois passadas de boca em boca.* [...]. *O rumor desapareceu e as pessoas começaram a esquecê-lo, de modo que era coisa que pouco nos preocupava* [...], *até que, no final de Novembro ou início de Dezembro de 1664, dois homens, que se dizia serem franceses, morreram da peste em Long Acre, ou melhor, na extremidade superior de Drury Lane.* [...].
>
> *As pessoas, por toda a cidade, começaram a ficar muito preocupadas e alarmadas, e ainda mais ficaram quando, na última semana de Dezembro de 1664, morreu outro homem na mesma casa e da mesma doença. Mas depois, quando ninguém morreu durante cerca de seis semanas com marcas da infecção, pensou-se que a doença tinha desaparecido. Contudo, penso que foi por volta do dia 12 de Fevereiro, morreu outro noutra casa, mas na mesma paróquia e da mesma maneira.* [...].
>
> *Tal alarmou o povo para o que se passava naquela extremidade da cidade, e como os roles de mortalidade indicavam aumento de enterros na paróquia de St. Giles* [...], *começou a suspeitar-se que, naquela raia da cidade, a peste estava entre o povo,* [...].
>
> *Era o início de Maio,* [...]. *O que animava as pessoas era que a cidade estava as salvo: as noventa e sete paróquias* [da cidade] *não tinha casos* [...]; *e esperávamos que, como estava principalmente entre o povo naqueles confins da cidade, não fosse mais longe;* [...].
>
> *Na segunda semana de Junho, a paróquia de St. Giles, onde ainda estava o principal da contaminação, enterrou 120* [pessoas]*, dos quais, segundo as contagens, apenas sessenta e oito da peste, embora todos dissessem que tinham sido pelo menos 100* [...].[27:1-11]

A paróquia de St. Giles (figura 11), no chamado *West End*, na margem norte do Tamisa, tinha crescido em terrenos pantanosos, e era na altura uma área pobre, considerada como *profundamente suja e perigosa*, para onde iam viver os vagabundos expulsos da cidade e os refugiados irlandeses e franceses. Perante a ameaça, quem podia começava a sair da cidade:

> *Até essa semana a cidade continuava livre* [da peste], *não tendo morrido ninguém* [com a doença] *em todas as noventa e sete paróquias, salvo aquele francês* [...] *Mas agora tinham morrido quatro dentro da cidade,* [...].[27]
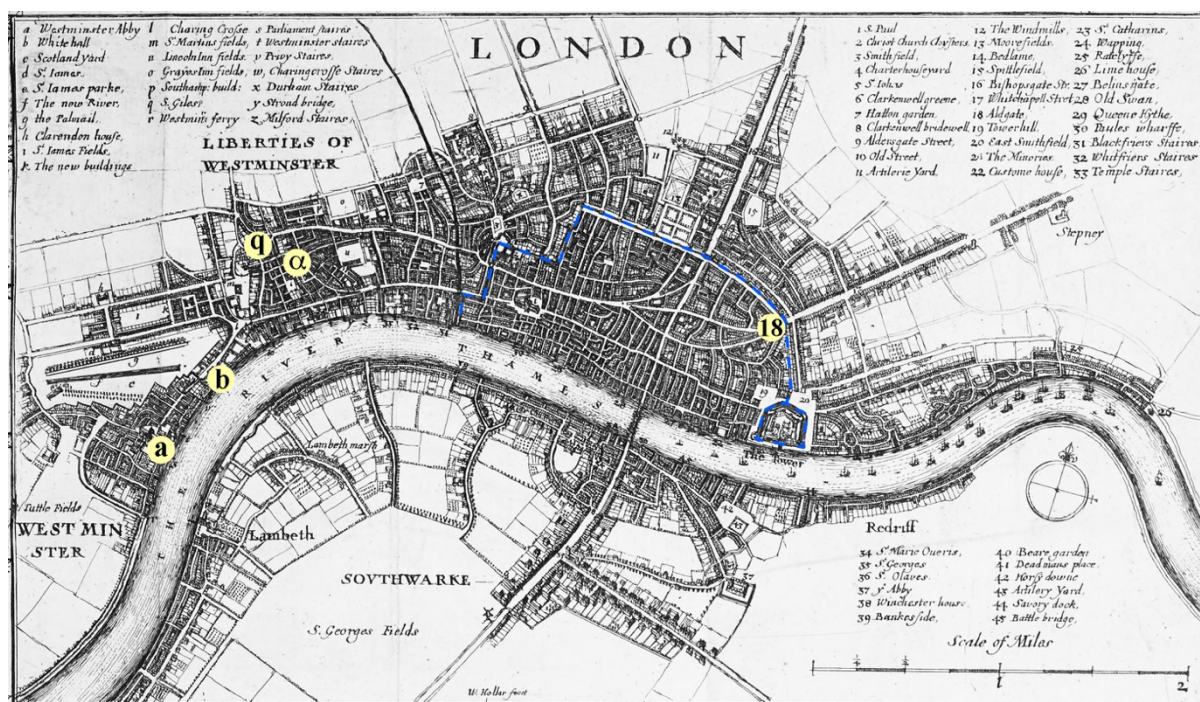
Figura 11 – Mapa de Londres constante da obra *Britannia*[51] (1673), de Richard Blome. A tracejado azul está representada a localização aproximada da muralha romano-medieval. Para melhor legibilidade realçaram-se os locais referidos no texto: α) Drury Lane; a) Abadia de Westminster; b) Whitehall; q) St. Giles; 18) porta de Aldgate.

> *Eu vivia já fora de Aldgate* [um bairro junto à porta da muralha com esse nome] [...], *e como a enfermidade ainda não tinha chegado a esse lado da cidade, o nosso bairro continuava muito tranquilo. Contudo, no outro extremo da cidade, a consternação era muito grande, e as pessoas mais ricas, especialmente a nobreza e a aristocracia da parte oeste da cidade, apressava-se a sair da metrópole com suas famílias e criados, de modo pouco usual.* [...]. *De facto, não se via mais nada a não ser carroças e carruagens carregadas com bagagem, mulheres, criados, crianças, etc. Coches cheios de gente da melhor espécie, e cavaleiros que os acompanhavam, e todos se apressavam a sair, além de inúmeros homens a cavalo, alguns sozinhos, outros com criados, e em geral todos com bagagem e preparados para viajar,* [...]. *Depois apareceram carruagens e carroças vazias e cavalos de reserva com criados, que, aparentemente, voltavam ou eram enviados do campo para levar mais pessoas.* [...].[27:1-12]

Perante a constatação de que a peste se alastrava e estava mesmo a entrar na cidade intra-muros, começava a instalar-se o pânico e as pessoas fugiam para a província. Todavia,

para viajar era necessário ter um atestado comprovativo de que se não tinha a doença, o que, para os pobres, não era fácil de conseguir.

> *Esta pressa das pessoas foi tal, durante algumas semanas, que não havia como chegar à porta do Presidente da Câmara* [*Lord Mayor*], *a não ser com extrema dificuldade. Era imensa a pressão e aglomeração dos que queriam viajar para fora da cidade para ali conseguirem livres-trânsitos e atestados de saúde, sem os quais não havia como passar pelas cidades do caminho ou hospedar-se em qualquer pousada. Ora, como durante este tempo não tinha havido mais mortes* [com peste] *na cidade* [intra-muros], *o Edil passava fácilmente certificados de saúde a todos os que viviam nas noventa e sete paróquias* [...].
>
> *Essa precipitação continuou durante algumas semanas, ou seja, durante todo o mês de Maio e Junho, e ainda mais porque havia rumores de que iria ser emitida uma ordem do Governo para colocar barreiras na estrada por forma a impedir as pessoas de viajar, e que as cidades* [situadas] *na estrada não autorizavam a passagem de pessoas de Londres com medo de que com elas trouxessem a doença, embora nenhum destes rumores tivesse qualquer fundamento* [...].[27:13-4]

O êxodo era tal que, a partir de certa altura, se tornava difícil sair da cidade, pois que se não encontravam os meios para o fazer:

> *Tinha em Londres um irmão mais velho, que não muitos anos antes tinha vindo de Portugal* [...]. *O meu irmão, que já havia enviado a sua esposa e os dois filhos para Bedfordshire, e tinha resolvido segui-los, pressionou-me bastante* [para também sair], *e eu tinha resolvido fazê-lo, mas naquela época não consegui arranjar nenhum cavalo, pois que embora seja verdade que nem todas as pessoas saíram da cidade de Londres, ainda assim posso-me aventurar a dizer que, de certa forma, todos os cavalos saíram, pois que, durante algumas semanas, em toda a cidade, dificilmente se encontrava um cavalo para ser comprado ou alugado.* [...].
>
> *Mas então o meu criado, que eu tinha a intenção de levar comigo, decepcionou-me. Assustado com o aumento da desgraça, e não sabendo quando é que eu iria, tomou outras medidas e deixou-me, de modo que tive que adiar* [a partida] *durante algum tempo. De uma ou de outra forma, acontecia sempre algo que me impedia de ir embora.* [...].[27:16-7]

Com a passagem do tempo a pestilência intensificou-se muito, principalmente nos bairros pobres extra-muros:

> *Estávamos agora em meados de Julho e a peste havia-se enfurecido principalmente no outro extremo da cidade,* [...] *começava agora a vir em direcção a Leste, para a parte onde eu morava. Conseguia-se ver que, de facto, não se aproximava de nós, da cidade, isto é, a que estava dentro de muros, que era ainda bastante saudável;* […]. *Mas apercebemo-nos que a infecção se mantinha principalmente nas paróquias extra-muros, que são muito populosas e, também, mais cheias de pobres, e onde a enfermidade ataca mais do que na cidade.*[27:17]

Mas, em breve, também a parte central da cidade começou a ser duramente atingida. A situação tornava-se extremamente dramática, e os que tinham recursos para tal abandonavam, de uma ou de outra forma, a cidade. A parte central começava, portanto, a ficar despovoada, e muitos aproveitavam-se disso:

> [...] *é uma coisa espantosa de se dizer, que haja pessoas com o coração tão empedernido que, no meio de tal calamidade, possam furtar e roubar* [...]. *A própria cidade, ou seja, dentro de muros, começava agora a ser também visitada* [pela peste]. *Mas o número de*

pessoas tinha, de facto, diminuído drasticamente, pois que grande quantidade tinha ido para o campo. E mesmo no mês de Julho continuaram a fugir, embora não em tão grande quantidade. Em Agosto tinham abandonado a cidade de tal forma que eu comecei a pensar que não restaria ninguém, além de magistrados e de criados.[27:18-19]

Quem permanecia na cidade tentava confinar-se tanto quanto possível em casa, embora tivessem que sair para tentarem abastecer-se. No meio da desgraça, os mercados continuavam a funcionar, embora com dificuldade, pois que os próprios comerciantes, como é evidente, iam sendo também atingidos.

Era agora o início de Agosto, e a peste cresceu com muito violenta no lugar onde eu vivia. O Dr. Heath veio visitar-me e, ficando a saber que eu me aventurava tantas vezes nas ruas, convenceu-me insistentemente a fechar-me e à minha família dentro de casa, e a não permitir que nenhum de nós saísse de casa, bem como a manter todas as janelas bem fechadas, com as persianas e cortinas corridas, e nunca as abrir. [...]. *Mas como eu não me tinha abastecido com suficientes provisões, era impossível que pudéssemos ficar sempre dentro de casa. Embora fosse já muito tarde, tentei remediar a situação, e fui comprar dois sacos de provisões* [...], *e, tendo um forno, cozemos o nosso próprio pão durante várias semanas. Comprei também malte, e fiz tanta cerveja quanto os barris que encontrei, o que me pareceu suficiente* [...] *para cinco ou seis semanas.* [...].

E aqui devo de novo notar que essa necessidade de sair de casa para comprar mantimentos, foi em grande medida, a ruína de toda a cidade, pois que as pessoas, nessas ocasiões, de uma ou de outra forma, apanhavam a Enfermidade, e até as próprias provisões estavam muitas vezes contaminadas, [...].

No entanto, o pobre povo não podia abastecer-se em quantidade, e tinha que ir ao mercado para comprar mantimentos, e outros mandavam os criados ou os filhos, e como esta era uma necessidade diária, trazia abundância de pessoas aos mercados, e muitos dos que lá iam acabavam por com eles levar também a morte para casa.

É verdade que as pessoas adoptavam todas as precauções possíveis quando se comprava carne no Mercado, [...]. *Tinham nas mãos garrafas de cheiros e perfumes, e tudo o que podia ser usado* [para evitar a infecção] *era usado. Mas os pobres nem isso conseguiam fazer, e expunham-se a todos os perigos.* [...].[27:113-4]

Nas ruas, nos mercados, em todo o lado apareciam pessoas mortas com a pestilência, que ali ficavam até que a carreta dos mortos os levasse.

Ouvíamos todos os dias inúmeras histórias horríveis sobre o assunto. Por vezes, homens ou mulheres caíam mortos nos próprios Mercados. [...]. *Muitos morriam, com frequência, nas ruas, de repente, sem qualquer aviso* [...]. *Outros tinham talvez tempo de chegar à próxima loja ou quiosque, ou até qualquer porta ou alpendre, e simplesmente sentavam-se e morriam* [...].

Essas coisas [cadáveres] *eram tão frequentes nas ruas que, quando a peste ficava muito intensa* [...], *havia pouca passagem pelas ruas, mas vários cadáveres ficavam deitados no chão, aqui e ali. Por outro lado, viu-se que, embora a princípio as pessoas parassem e chamassem os vizinhos* [...], *depois já não avisavam ninguém. Se, a qualquer altura, encontrávamos um corpo deitado* [morto na rua], *desviávamos o caminho para não chegar perto dele. Nesses casos, o cadáver era deixado* [na rua] *até que os funcionários fossem avisados e o viessem buscar, ou até à noite, quando os agentes da carroça dos mortos pegavam neles e os levavam. Mas nem tampouco essas criaturas destemidas que desempenhavam*

esses cargos, deixavam de lhes revistar os bolsos e, por vezes, se estavam bem vestidos, despiam-lhes as roupas e levavam o que conseguiam. [...].[27:114-5]
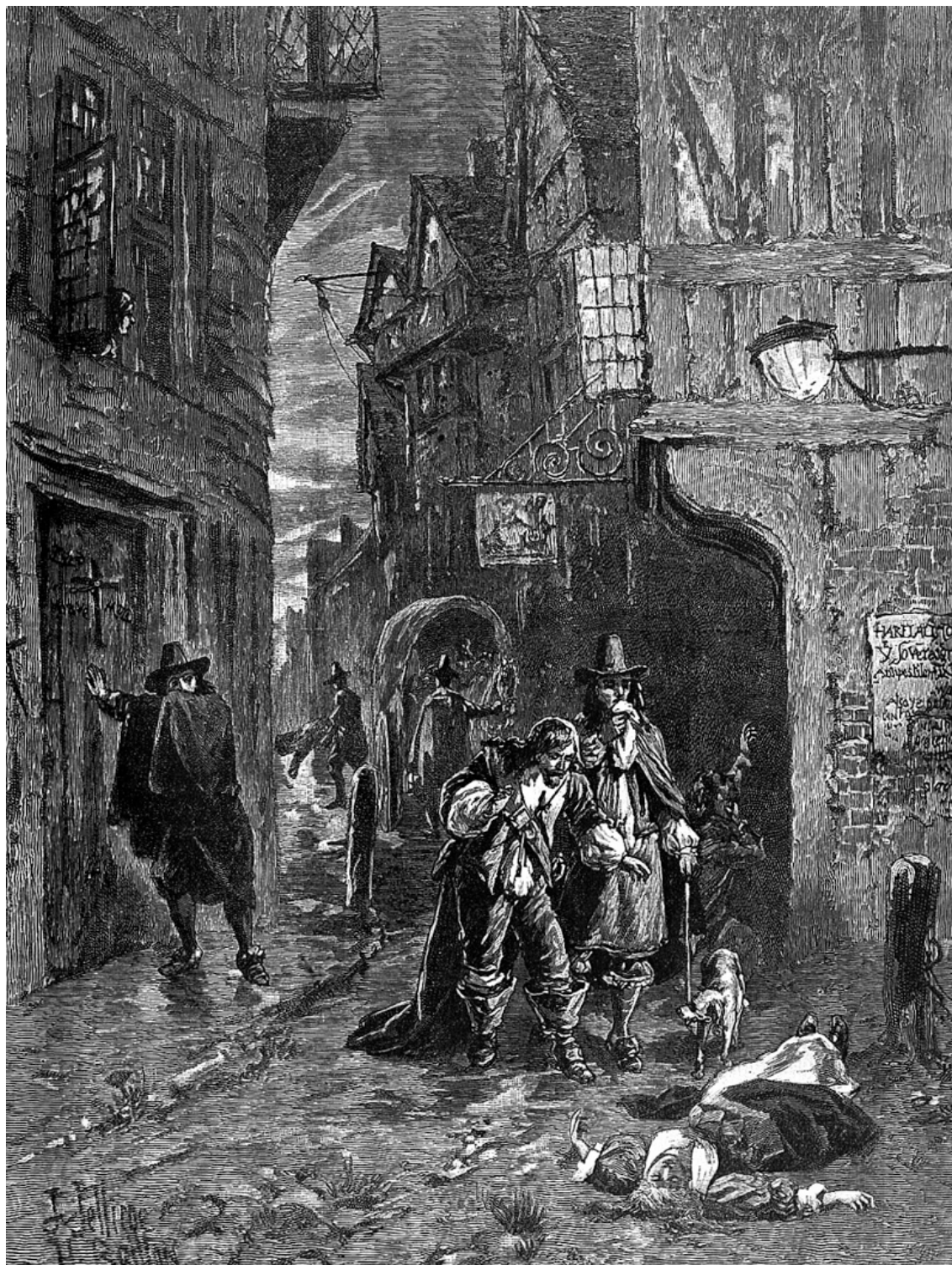
Figura 12 – Dois homens, na altura da peste de Londres, encontram na rua uma mulher morta. Xilogravura do século XIX, com 20,8 x 15,3 cm, de John Jellicoe, segundo desenho de Herbert Railton. Wellcome Library nº. 6919i.

A metrópole despovoava-se, quer porque fugiam para a província (maioritariamente os da cidade dentro da muralha), quer porque morriam (principalmente os dos subúrbios, fora da muralha). A maioria das casas comerciais via-se obrigada a encerrar as portas. À medida que o número de vítimas foi aumentando, os cemitérios foram ficando cheios, havendo necessidade de cavar valas comuns para enterrar os mortos. No auge da epidemia, em Setembro, ocorriam mais de sete mil óbitos por semana. Esta contabilidade dos óbitos tornava-se difícil pois que muitos dos sacristãos e funcionários das paróquias que mantinham os registos acabavam também por falecer ou fugir da cidade. O comércio tinha diminuído de forma drástica e, em geral, poucas pessoas se aventuravam a andar na rua, excepto as associadas às carretas que recolhiam os cadáveres e a vítimas desesperadas que, perto da morte, buscavam no exterior algum auxílio.

Sobre as valas comuns, o relato constante de *Memórias da Peste* é bastante impressionante. Referindo-se à vala escavada na paróquia de Aldgate (figura 13), uma zona urbana que se desenvolveu em torno de uma antiga porta da muralha, mas situando-se, na maior parte, fora desta estrutura defensiva arcaica, diz o autor:

> [...] *cavaram uma grande vala no cemitério da nossa paróquia de Aldgate. Era um buraco medonho, e não resisti à curiosidade de o ir ver. Tanto quanto pude avaliar, tinha cerca de quarenta pés de comprimento* [±12 m] *e cerca de quinze ou dezasseis pés de largura* [cerca de 4,5 a 5 m]. *No momento em que pela primeira vez vi essa vala, tinha cerca de nove pés de profundidade* [±2,7 m], *mas disseram-me que depois aprofundariam uma parte para perto de vinte pés* [±6 m], *até que não pudessem ir mais fundo por causa da água* [nível freático]. *Ao que parece, tinham cavado várias grandes valas antes desta, pois que, embora a peste tivesse chegado tarde à nossa paróquia, quando chegou, não havia nenhuma outra em ou perto de Londres onde se alastrasse com tanta violência como nas duas paróquias de Aldgate e White-Chapel.*
>
> *Eles já tinham aberto outras valas noutro terreno quando esta adversidade se começou a espalhar na nossa paróquia e especialmente quando os carros dos mortos começaram a circular, o que, na nossa paróquia, só aconteceu no início de Agosto. Nessas valas colocavam talvez cinquenta ou sessenta corpos em cada uma delas. Em seguida, fizeram valas maiores onde enterravam tudo o que o carro trazia durante uma semana, que, de meados para o final de Agosto, passou de 200 para 400* [mortos] *por semana; e não podiam escavá-los com maiores dimensões devido à ordem dos magistrados, segundo a qual não poderiam ser deixados corpos a menos de seis pés da superfície; e quando a água aparecia* [nível freático] *a cerca de dezassete ou dezoito pés não podiam colocar mais* [mortos] *nessa vala. Mas agora, no início de Setembro, a peste alastrou-se de maneira terrível, e o número de sepultamentos na nossa paróquia aumentou para mais do que jamais fora sepultado em qualquer paróquia junto a Londres* [...], *ordenaram que este fosso medonho fosse escavado*[...].
>
> *Quando o abriram, supuseram que este buraco seria suficiente para um mês ou mais, e alguns culparam os administradores da igreja por escavarem uma coisa tão terrível, dizendo-lhes que estavam fazendo preparativos para enterrar toda a paróquia e outras coisas do género. Porém, o tempo demonstrou que os administradores da igreja conheciam as condições da paróquia melhor do que eles: tendo a vala comum sido finalizada no dia 4 de Setembro, e julgo que começaram nela a fazer enterramentos no dia 6, no dia 20, ou seja, em apenas em duas semanas, já aí tinham sido colocados 1 114 corpos, tendo sido então obrigados a preenchê-la com terra para que os corpos não ficassem a menos de seis pés* [±1,8 m] *da superfície.*[27:88-9]

Um pouco mais à frente continua o impressionante relato:

> *Havia ordem estrita para evitar que as pessoas se aproximassem dessas valas, e tal era apenas para prevenir a infecção. Porém, passado algum tempo, essa ordem revelava-se ainda mais necessária, pois que pessoas que estavam infectadas e perto do seu fim, e também delirantes, corriam para essas valas enroladas em cobertores ou tapetes e atiravam-se lá para dentro e, como diziam, enterravam-se a si próprias.* [...].[27:90]
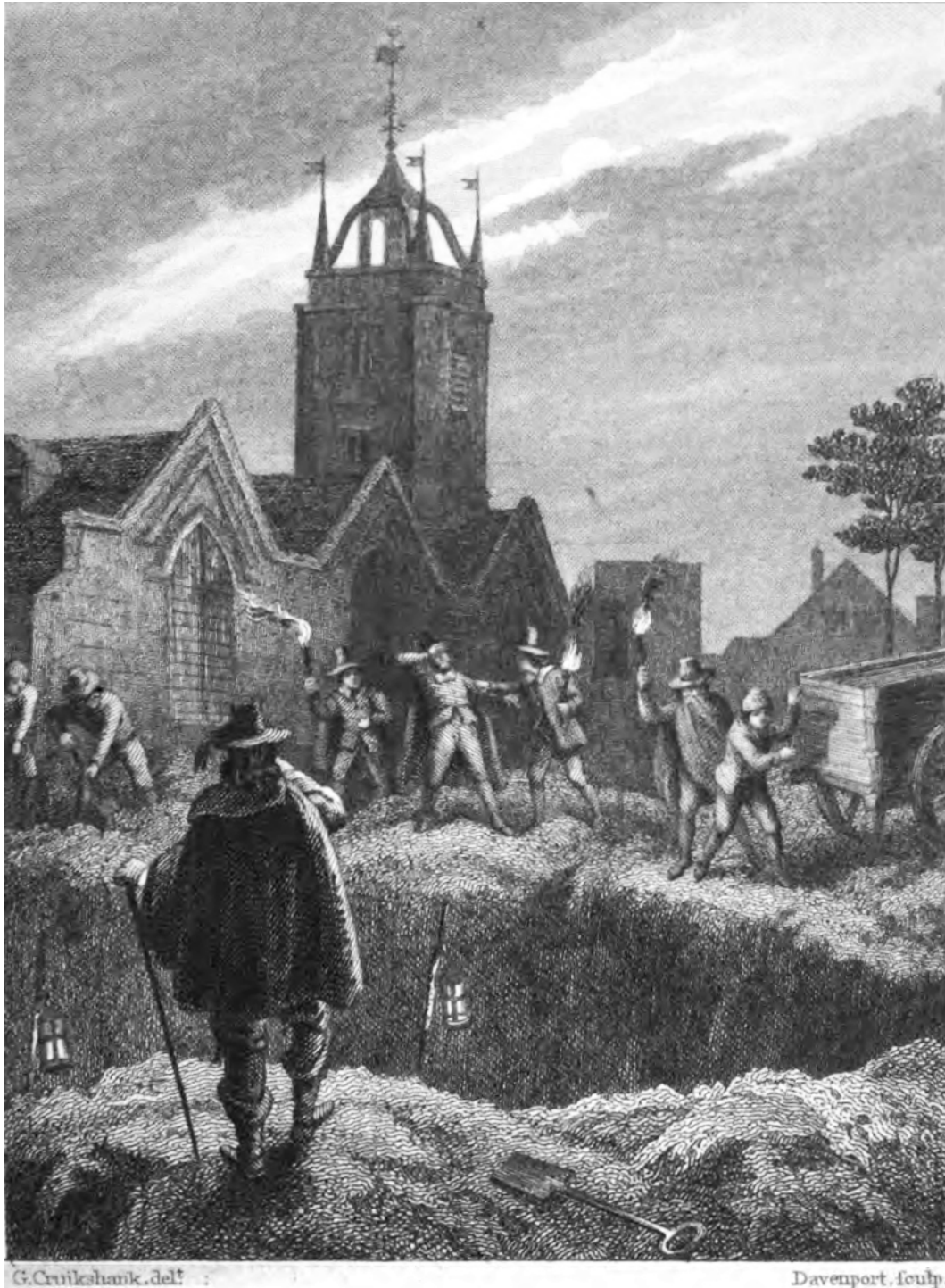
Figura 13 – A vala comum do cemitério de Aldgate, gravura inclusa em *Diário do Ano da Peste*, de Daniel Defoe (1772)[27].

A peste atingiu duramente a população londrina em 1665 e 1666, estimando-se que tenha vitimado, em 18 meses, cerca de 100 mil pessoas, ou seja, cerca de um quinto ou um quarto da população. As salas de espectáculos fecharam. Como dissemos, perante esta situação desoladora, quem podia acabava por sair de Londres e ir para o campo, tentando evitar o contágio. Foi o que aconteceu com John Dryden. Também Samuel Pepys instalou a família fora da cidade. Mas não era só Londres a ser atingida. Toda a região era assolada pela pestilência. Cambridge foi também atingida e a universidade fechou. Isaac Newton, ainda estudante (tinha acabado o bacharelato em Agosto de 1665), retirou-se para uma quinta na sua terra natal, Woolsthorpe, no Lincolnshire, onde permaneceu durante quase dois anos. Curiosamente, foi nesse isolamento que Newton desenvolveu as suas teorias, entre outras matérias, sobre óptica, sobre a gravidade e sobre o movimento, estabelecendo as bases da ciência moderna. Por isso, embora subvertendo um pouco o conceito original, vários autores consideram que 1666 foi o *Annus Mirabilis* de Newton.

A peste de Londres vista por dois diaristas

a) John Evelyn

É interessante comparar o que dois homens importantes da época escreveram nos seus diários a propósito do grave surto de peste que então assolou Londres. Começaremos pelo escritor John Evelyn (1620-1706), um dos personagens que, em 1660, fundaram a Royal Society. Durante a Guerra Anglo-Holandesa de 1665 a 1667 foi um dos quatro comissários designados para cuidar dos marinheiros doentes e feridos e para tomar conta dos prisioneiros de guerra. No seu diário é, em geral, bastante sucinto e pouco informativo, mas, mesmo assim, permite saber como é que a peste foi progredindo. Já a peste grassava há meses em Londres quando Evelyn lhe faz referência:

> *16* [de Julho de 1665]*. Esta semana morreram da peste, em Londres, 1 100* [pessoas]*; e na semana seguinte, mais de 2 000. Foram fechadas duas casas na nossa paróquia.*[33:396]

Alguns dias mais tarde escreveu um pequeno texto que revela qual era o sentimento de muitas pessoas sobre as adversidades, e, mais especificamente, em relação à peste:

> *2 de Agosto* [de 1665]*. Um jejum solene pela Inglaterra para depreciar o descontentamento de Deus contra a terra pela pestilência e pela guerra; o nosso Doutor pregando sobre 26 Levit. v. 41, 42, disse que o meio para obter a remissão da punição não era reclamar dela, mas humildemente submeter-se a ela.*[33:396]

Relembramos que, na altura, quem podia saía de Londres, ou, pelo menos, punha os familiares a salvo. Tal é explícito na entrada seguinte:

> *4* [de Agosto de 1665]*. Fui a Wotton com o meu filho e o seu tutor, o Sr. Bohun, professor do New College (recomendado pelo Dr. Wilkins e pelo Presidente do New College de Oxford), por medo da pestilência, que ainda está a aumentar em Londres e nos seus arredores*. [...].[33:396]

Algum tempo depois dá-nos uma perspectiva desoladora daquilo em que Londres se tinha transformado:

> *7* [de Setembro de 1665]*. Voltei para casa, perecendo lá* [em Londres], *semanalmente, cerca de 10 000 pobres criaturas. No entanto, percorri toda a cidade e subúrbios, desde Kent Street até St. James's. Uma deslocação lúgubre e perigosa ao ver tantos caixões expostos nas ruas, agora escassas de gente. As lojas fecharam, e tudo* [está] *num lúgubre silêncio, sem saber quem será a próxima* [vítima]. *Fui encontrar-me com o Duque de Albemarle por causa de um navio com peste, para atender os nossos homens infectados, que não eram poucos.*[33:397]

Noutra entrada do diário, posterior, reforça a perspectiva aterradora:

> *11* [de Outubro de 1665]*. Fui a Londres, e percorri toda a cidade, tendo ocasião de descer do coche em vários lugares* [...]*, quando fui rodeado por uma multidão de criaturas pobres e pestilentas pedindo esmolas; as lojas estavam todas fechadas, uma perspectiva terrível!* [...].[33:398]

No final do ano faz uma espécie de balanço:

> *31* [de Dezembro de 1665]*. Agora bendito seja Deus por sua extraordinária misericórdia e preservação da minha pessoa durante este ano, quando milhares e dezenas de milhares pereceram e foram levados de perto de mim, tendo morrido, neste ano, na nossa paróquia, 406* [pessoas] *da pestilência*! [...].[33:399]

Depois, há um longo e estranho silêncio sobre o assunto, só voltando a ele na Primavera de 1666, escrevendo então:

> *15* [de Abril de 1666]. *A nossa paróquia estava agora mais infectada com a peste do que nunca, e assim estava toda a região, embora tenha quase cessado em Londres.*[34:4]

E passados alguns meses:

> *26 de Agosto* [de 1666]. *O contágio* [da peste] *continua ainda; tivemos o culto* [missa] *em casa.*[34:9]

Entretanto, a 2 de Setembro, deflagrou o Grande Incêndio de Londres, que se prolongou até dia 6. Na entrada do dia seguinte, Evelyn diz que foi visitar as ruínas e faz longa descrição do que viu, e termina referindo que:

> *7 de Setembro* [de 1666]. [...]. *Mesmo assim, continuando a peste na nossa paróquia, não pude, sem perigo, aventurar-me a ir à nossa igreja.*[34:15]

No Outono, a epidemia estava em franco decaimento e a cidade tentava recuperar do pavoroso incêndio, tudo isso no meio da guerra anglo-holandesa que tinha começado em Março de 1665 (e se prolongaria até Julho de 1667). Tal é referido por Evelyn na seguinte entrada do diário:

> *10* [de Outubro]. *Este dia foi decretado Jejum geral na Nação, para nos penitenciarmos pela última e terrível conflagração* [incêndio], *que se veio adicionar à peste e à guerra,* [...]. *Mas, de facto, merecemos muito isso devido à nossa prodigiosa ingratidão, luxúrias ardentes, corte dissoluta, vidas profanas e abomináveis, sob tais exercícios do favor contínuo de Deus em restaurar a Igreja, o Príncipe e o Povo das nossas últimas calamidades intestinas, das quais estávamos completamente desatentos* [...]. *Tal fez-me resolver ir à nossa assembleia paroquial, onde o nosso Doutor pregou sobre Lucas, XIX. 41, aplicando-o piedosamente à ocasião, após o que se fez uma colecta para as vítimas do último incêndio.*[34:17]

Passado um ano do pico da epidemia, a peste tinha quase desaparecido, embora fosse ainda fazendo algumas vítimas:

> *28* [de Outubro de 1666]. *Por misericórdia de Deus, a peste começou agora a diminuir consideravelmente na nossa cidade.*[34:18]

Curiosamente, já em 1667, escreveu uma frase em que, de certa forma, faz um balanço do ano:

> *6 de Março* [de 1667]. [...]. *Grandes geadas, neve e ventos, prodígios no equinócio da Primavera; na verdade, foi um ano de prodígios nesta nação: peste, guerra, fogo, chuva, tempestade e cometa.*[30:31]

b) Samuel Pepys

O já referido Samuel Pepys, que era um dos administradores da *Royal Navy*, é bastante mais prolixo e informativo. No seu diário narra com bastante pormenor a evolução dessa situação desoladora que atingiu Londres. Incluímos a seguir vários extractos ilustrativos, apesar do conjunto ser um pouco longo e repetitivo, mas estes escritos traduzem uma visão bastante desapaixonada da evolução do surto epidémico, bem como permitem seguir a sua evolução durante cerca de um ano:

> *24* [de Maio de 1665]. [...] *Depois fui ao Café* [...], *onde não ia há já algum tempo. Aí as novidades referem-se aos* [navios] *holandeses que se estão indo embora* [alusão a um episódio da guerra anglo-holandesa] *e à peste que cresce entre nós, nesta cidade; e dos remédios contra ela: uns dizendo uma coisa, outros outra* [...].[60:417-8]

Em breve, o autor deparar-se-ia com casas com os sinais de que tinham sido atingidas pela peste, sinais esses a que já mais acima fizemos alusão:

> *7* [de Junho de 1665]. [...]. *Hoje, muito contra a minha vontade, vi em Drury Lane duas ou três casas marcadas com uma cruz vermelha nas portas, estando aí escrito 'Senhor, tende misericórdia de nós', o que foi realmente uma visão triste para mim, sendo a primeira vez que vi isso, tanto quanto me lembro. Tal instilou em mim uma concepção doentia de mim próprio e do meu odor, de modo que fui forçado a comprar um pouco de tabaco de rolo para cheirar e para mastigar, o que acabou com a minha apreensão.*[60:428]

É um relato expressivo da forte intensificação do surto de peste que se verificava em Londres. Samuel Pepys continua descrevendo a sua vivência dos acontecimentos, e disso apresentamos alguns extractos:

> *10* [de Junho de 1665]. [...]. *Ao meio-dia jantei* [almocei] *em casa e depois fui para o escritório onde estive ocupado toda a tarde. À noite, fui cear* [jantar] *a casa; e lá, para minha grande preocupação, ouvi dizer que a peste chegou à cidade (embora tenha estado totalmente fora da cidade estas três ou quatro semanas, desde o seu início).* [...].[60:434]
>
> *15* [de Junho de 1665]. [...]. *A cidade está a ficar muito doente* [com a peste], *e as pessoas têm medo dela. Nesta última semana morreram da peste 112* [pessoas], *enquanto que na semana anterior tinham sido 43* [...].[60:438]
>
> *17* [de Junho de 1665]. [...] *ouvi que o meu Lord Tesoureiro saiu da cidade com a sua família por causa da doença,* [...]. *Fiquei muito surpreendido esta tarde ao ir num coche de aluguer* [...], *vi que o cocheiro ia conduzindo cada vez mais lentamente, até que ficou parado, e desceu, mal conseguindo ficar de pé, e disse-me que de repente ficou muito doente e quase cego,* [...]. *Então desci e fui noutro coche, com o coração triste pelo pobre homem e preocupado comigo, com receio de que ele tivesse sido atingido pela peste,* [...]. *Deus tenha misericórdia de todos nós!* [...].[60:440-1]
>
> *20* [de Junho de 1665]. [...] *minha mãe deve sair da cidade rapidamente.* [...]. *Informaram-me hoje que morreram de peste quatro ou cinco* [pessoas] *no domingo passado em várias casas de uma viela, em Westminster,* [...]. *Mesmo assim, as pessoas pensam que o número* [de mortos] *será menor na cidade do que foi na semana passada.* [...].[60:442]

A situação agravava-se a cada dia que passava. Intensificava-se a debandada geral, com a saída de Londres de quem o podia fazer, incluindo a família de Pepys.

> *28* [de Junho de 1665]. [...]. *Depois do jantar fui a White Hall, pensando em falar com Lord Ashly, mas ele não estava, e então passei algum tempo em Westminster Hall esperando que ele chegasse, e no caminho vi várias casas* [marcadas com o sinal] *de peste, em King's Street e* [perto] *do Palácio* [...]. *Fiquei com medo de ir a qualquer casa* [...].[60:450]
>
> *29* [de Junho]. [...] [Fui] *por água* [de barco] *até White Hall, onde o Tribunal está cheio de carroças e pessoas prontas para sair da cidade.* [Fui] *ao Harp and Ball* [...]. *Esta parte periférica da cidade piora a cada dia com a peste. A mortalidade* [semanal] *chegou a 267, o que é cerca de noventa vezes mais do que na* [semana] *anterior; e destes, apenas quatro foram na cidade* [intra-muros], *o que é uma grande bênção para nós.* [...].[60:250-1]

Figura 14 – Gravura representando o carro dos mortos a ser carregado com defuntos. Xilogravura de N. Sherlock, colorida à mão, com 46,4 x 27,1 cm.

5 [de Julho]. *Levantei-me, e* [fui] *avisado para enviar roupa de cama e* [outras] *coisas da minha mulher para Woolwich* [uma localidade próxima de Greenwich, junto ao Tamisa, a cerca de 15 km a Sudeste do centro de Londres]. [...]. *Depois andei até White Hall, onde o Parque está bem fechado, e vi uma casa que foi hoje encerrada* [devido à peste] *no Pell Mell.* [...] *fui por água para Woolwich, onde me encontrei com a minha mulher, que estava*

a chegar, e as duas empregadas. Ficarão muito bem acomodadas. Deixei-as e fui jantar, com o coração em sofrimento por me separar de minha mulher, ficando muito pior sem ela, embora haja alguns problemas em ter que cuidar de uma família nestes tempos de peste. [...]. *Fui tarde para casa e para a cama*, [sentindo-me] *muito sozinho.* [...].[61:4-6]

18 [de Julho]. [...]. *Depois de tratar da correspondência no escritório, fui por água até Deptford* [uma área na margem sul do Tamisa, a SE de Londres] *onde fiquei um pouco, e* [depois] *por água para a minha esposa* [em Woolwich], *que não via há 6 ou 5 dias, e jantei lá com ela,* [...]. *Hoje fiquei muito preocupado ao ouvir em Westminster como é que os funcionários enterram os mortos nos campos de Tuttle-fields, pretendendo que há falta de espaço noutros lugares, ao passo que o cemitério de New Chappell foi cercado* [...] *no tempo da última peste, meramente por falta de espaço, e agora ninguém, a não ser os que conseguem pagar caro, podem ser lá enterrados.* [...].[61:19]

20 [de Julho]. [...]. *Então caminhei até Redriffe* [um porto a meio caminho entre Londres e Greenwich], *onde ouvi dizer que a doença está efectivamente espalhada por quase todos os lugares, tendo morrido esta semana 1 089* [pessoas] *com peste.* [...]. *Mas, Senhor! ver como a peste se espalha. Está agora em toda a King's Street, no Axe, e ao lado dele, e noutros lugares.* [...].[61:20]

25 [de Julho]. [...] *Mas é triste a história da peste na cidade, que vai crescendo de modo avassalador.* [...].[61:25]

Era uma situação verdadeiramente aterrorizadora. Ao serem encontrados corpos que tinham morrido com a peste, não se sabia bem como é que se devia proceder para que fossem enterrados. Era possível ver cenas de horror, com corpos que tinha morrido da peste jazendo em plena rua

3 [de Agosto de 1665]. [...] *parti e fui para o* ferry, *onde fui forçado a ficar muito tempo até poder trazer o meu cavalo, e então montei e cavalguei muito bem até Dagenham* [a Este de Londres]. *Durante todo o caminho pessoas, cidadãos, perguntavam e voltavam a perguntar como é que, segundo a lista* [rol de mortalidade], *a peste está esta semana na Cidade* [*City*]. *Por acaso tinha ouvido falar em Greenwich que* [o número] *era de 2 020 da peste e 3 000 de todas as doenças, mas pensei que era uma pergunta triste para me ser feita tantas vezes.* [...]. *O Sr. Marr contou-me, a propósito, como uma empregada do Sr. John Wright (que mora por lá), tendo adoecido com a peste, foi removida para um anexo, tendo-se arranjado uma enfermeira para cuidar dela, a qual se ausentou durante um bocado, o que foi aproveitado pela empregada para sair da casa pela janela e fugir. Quando a enfermeira regressou, e batendo à porta e não tendo resposta, acreditou que ela estava morta, e disse isso ao Sr. Wright, o qual, com a sua senhora, ficaram numa situação difícil sem saber o que fazer para que ela fosse enterrada. Finalmente resolveram ir a Burnt-wood, por estar na paróquia, e conseguir lá que as pessoas o fizessem. Mas não encontraram ninguém disposto a isso. Então, voltou para casa cheio de preocupações, e no caminho encontrou a moça que caminhava na praça, o que o assustou ainda mais.* [...]. *Arranjaram um dos funcionários da peste que a levou para uma casa de doentes da pestilência.* [...].[61:36-7]

3 [de Agosto]. [...]. *Grande preocupação ao ver a lista* [rol de mortalidade] *desta semana subir tanto, para cima de 4 000* [mortos] *ao todo, e mais de 3 000 da peste. E uma estranha história do Vereador Bence que, à noite, na rua, tropeçou num cadáver; ao regressar depois a casa, contou o acontecimento à sua mulher, que estava grávida, e com o susto ela adoeceu e morreu da peste.* [...].[61:42]

15 de Agosto – [...] *Fez-se escuro antes que eu conseguisse chegar a casa, e então desembarquei na escadaria do pátio da igreja, onde, para minha grande preocupação, encontrei um corpo que tinha morrido de peste,* [...]. *Mas agradeço a Deus por não ter ficado muito perturbado com isso. No entanto, devo tomar cuidado para não chegar novamente tarde a casa.* [...].[61:47]

A morte rondava por todo o lado e podia, de um momento para o outro, atingir qualquer pessoa. A situação era de desespero e, com o abandono da cidade por quem o podia fazer, Londres tornava-se uma urbe despovoada:

16 [de Agosto de 1665]. [...] *entreguei-lhe as minhas últimas vontades, uma parte das quais para serem entregues à minha esposa quando eu morrer. Dali* [fui até à] *Bolsa onde há muito não ia. Mas, Senhor! Como é triste ver as ruas vazias de pessoas* [...], *desejando que as portas que se vêm fechadas não o tenham sido por causa da peste. Perto de nós duas lojas em três, se não mais, estão* fechadas. [...].[61:47]

25 [de Agosto]. [...]. *Hoje disseram-me que o Dr. Burnett, o meu médico, morreu esta manhã de peste*; [...].[61:57-8]

30 [de Agosto]. [...] *e então, no exterior, encontrei-me com Hadley, o nosso clérigo, que quando lhe perguntei como ia a peste, me respondeu que ela aumenta muito, e está cada vez mais na nossa paróquia;* [...].[61:61]

A situação era de tal modo dramática que o próprio Pepys decide abandonar Londres e ir juntar-se à mulher, em Woolwich.

31 [de Agosto]. *Levantei-me, e depois coloquei várias coisas em ordem para minha partida para Woolwich. A peste teve grande crescimento esta semana, acima de todas as expectativas.* [...]. *Este mês termina com grande tristeza pública devido à magnitude da peste em quase todo o reino. A cada dia que passa são mais tristes as notícias do seu aumento. Na cidade morreram esta semana 7 496* [pessoas], *6 102 das quais devido à peste. Mas teme-se que o verdadeiro número de mortos esta semana esteja perto de 10 000, em parte por causa dos pobres cujas mortes não podem ser notificados devido à grandeza do número, e em parte devido aos Quakers e outros que não terão nenhum sino para eles* [cuja morte não é assinalada pelo toque do sino]. [...]. *Quanto a mim, estou muito bem, apenas com medo da peste, e com tanta angústia de ser forçado a ir, mais cedo ou mais tarde, para Woolwich, e pela minha família estar lá permanentemente.* [...].[61:61-2]

Vivia-se com o medo permanente de ser contaminado, e era verdadeiramente aterrorizador ter diariamente notícias de que amigos ou conhecidos tinham sido atingidos pela peste e falecido:

3 [de Setembro] *(Dia do Senhor). Levantei-me e vesti o meu fato de seda colorida muito bom, e a minha peruca nova, comprada há muito tempo mas que não ousava usar porque a peste estava em Westminster quando a comprei. É interessante pensar como será a moda das perucas quando a peste acabar, pois que, por medo da infecção, ninguém ousará comprar cabelo que foi cortado das cabeças das pessoas que morreram com peste.* [...]. *Terminada a Igreja* [missa], *Lord Bruncker, Sir J. Minnes e eu subimos à sacristia a pedido dos Juízes de Paz* [...] *para tentarmos fazer alguma coisa que pudesse evitar que a peste crescesse* [entre nós]. *Mas, Senhor!, pensar na loucura do povo da cidade, que virá em multidões (o que é proibido) junto com os corpos mortos para os verem ser enterrados ... Mas concordámos com algumas ordens para a prevenção* [disso]. *Entre outras histórias, houve uma apaixonante, sobre uma queixa apresentada contra um homem da cidade por*

tirar uma criança de uma casa infectada, em Londres. O vereador Hooker disse-nos que era filho de um cidadão [...], *um albardeiro, que tinha enterrado todos os outros filhos* [que morreram] *da peste, e ele e a sua mulher* [estavam] *agora trancados e desesperados por escapar, e desejavam apenas salvar a vida desta criancinha. Então aconteceu que o recebeu completamente nu dos braços de um amigo, que o trouxe (vestindo-o com roupas novas) para Greenwich. Ao ouvirmos a história, concordámos que deveria ser permitido recebê-lo e mantê-lo na cidade.* [...]. *Mas incomodou-me passar pela quinta* Coome, *onde morreram de peste cerca de vinte e uma pessoas, tendo passado três ou quatro dias desde que vi no* Close *um corpo morto num caixão, insepulto, e uma vigília aí constantemente mantida, noite e dia, para manter as pessoas lá dentro; a peste torna-nos cruéis, como cães uns para os outros.*[61:64-6]

14 [de Setembro]. *Levantei-me e caminhei até Greenwich, e lá tratei de vários assuntos para ir a Londres, onde não vou já há algum tempo.* [...]. *Fui forçado a atravessar a ponte a pé, em direcção à Bolsa, e a peste estava por toda a parte. Aqui as notícias foram muito bem-vindas, e fiquei maravilhado ao ver a Bolsa tão cheia, com cerca de 200 pessoas, mas sem qualquer comerciante, sendo todos homens simples. E Senhor! fiz tudo o que pude para falar com o mínimo possível de pessoas, não havendo agora informações do fecho de casas infectadas,* [...]. *Por outro lado, constatei que embora a contagem* [número de mortos] *tenha diminuído, está a aumentar na cidade dentro de muros e, provavelmente, assim continuará, e que está perto de nossa casa. Encontrei-me com cadáveres da peste que eram transportados pela City para serem enterrados ao meio-dia perto da minha casa, na Fan-church Street. Vi uma pessoa doente das feridas ser levada numa carruagem para perto da minha casa, para a Igreja da Graça. Encontrei a taverna Angell, na extremidade inferior da colina da Torre, fechada, e mais do que isso,* [também] *a cervejaria na escada da Torre. Quando ali estive pela última vez, há pouco tempo, à noite, para escrever uma carta, uma pessoa estava ali morrendo de peste, e ouvi a dona da casa dizer ao marido, com tristeza, que alguém estava muito doente, mas que não achava que fosse da peste. Soube que o pobre Payne, meu empregado, enterrou uma criança e também está morrendo. Soube que um trabalhador que enviei no outro dia a Dagenhams, para saber como estavam as coisas por lá, morreu com peste. E que um dos meus barqueiros, que me transportava diariamente, adoeceu assim que me desembarcou na sexta-feira passada de manhã, quando passei a noite toda na água (e julgo que ele contraiu a infecção naquele dia em Brainford), e agora morreu com a peste.* [...]. *E, por último,* [saber] *que os meus dois criados, W. Hewer e Tom Edwards, perderam esta semana, com a peste, os seus pais, ambos na paróquia do Santo Sepulcro, deixa-me muito apreensivo, e com boas razões. Mas eu afasto, tanto quanto posso, os pensamentos de tristeza, e prefiro manter a minha mulher com boa disposição, bem como a família* [...].[61:76-8]

3 [de Outubro]. [...]. *Esta noite ouvi dizer que os nossos dois barqueiros, que costumavam trazer as nossas cartas e estavam bem no sábado passado, um já morreu e o outro está morrendo de peste. A peste, embora diminuindo noutros lugares, está ainda muito intensa na Torre e arredores* [...].[61:103]

Embora lentamente, a peste começava a dar sinais de abrandamento (embora tivesse continuado a grassar, com muito menos intensidade, pelo menos até meados de 1666).

7 [de Outubro de 1665]. [...]. *Conversando com ele* [...], *aproximámo-nos dos portadores de um cadáver da peste; mas, Senhor! para ver como é que nos acostumamos, quase que não me importei com isso.* [...].[61:107]

12 [de Outubro]. [...]. *Boas notícias esta semana, pois que há cerca de menos 600 mortos de peste do que na última* [semana]. [...].[61:114]

31 [de Outubro]. [...]. *Assim, terminamos o mês com alegria, e mais porque, depois de alguns temores de que a peste tivesse aumentado novamente esta semana, ouvi com certeza que há mais* [isto é, menos] *400* [mortos], *sendo o número total de 1 388, dos quais 1 031 da peste*. [...].[61:133]

5 [de Novembro]. [...]. *Jantar, onde houve muitos discursos patetas, mas o pior é que ouvi dizer que a peste está a aumentar muito em Lambeth, St. Martin e Westminster, e o medo tomará conta da cidade* [*city*].[61:137]

10 [de Novembro]. [...]. *À tarde recebi a notícia de que a minha mulher está para chegar. Então*, [fui ter com] *ela, e passei a noite com ela, embora sem grande prazer, pois que estava aborrecido por ela ter despedido Maria na minha ausência,* [...] *e falámos de outros assuntos* [...], *que o Sr. Harrington, nosso vizinho, um comerciante do Leste do país, morreu de peste em Epsum* [cidade a SW de Londres].[61:142]

20 de Novembro – [...] *O Sr. Deering veio incomodar-me com negócios, mas despachei-o logo* [...] *e ele disse-me que Luellin morreu da peste esta quinzena, em St. Martin's Lane, o que me surpreendeu muito*. [...][61:150-1]
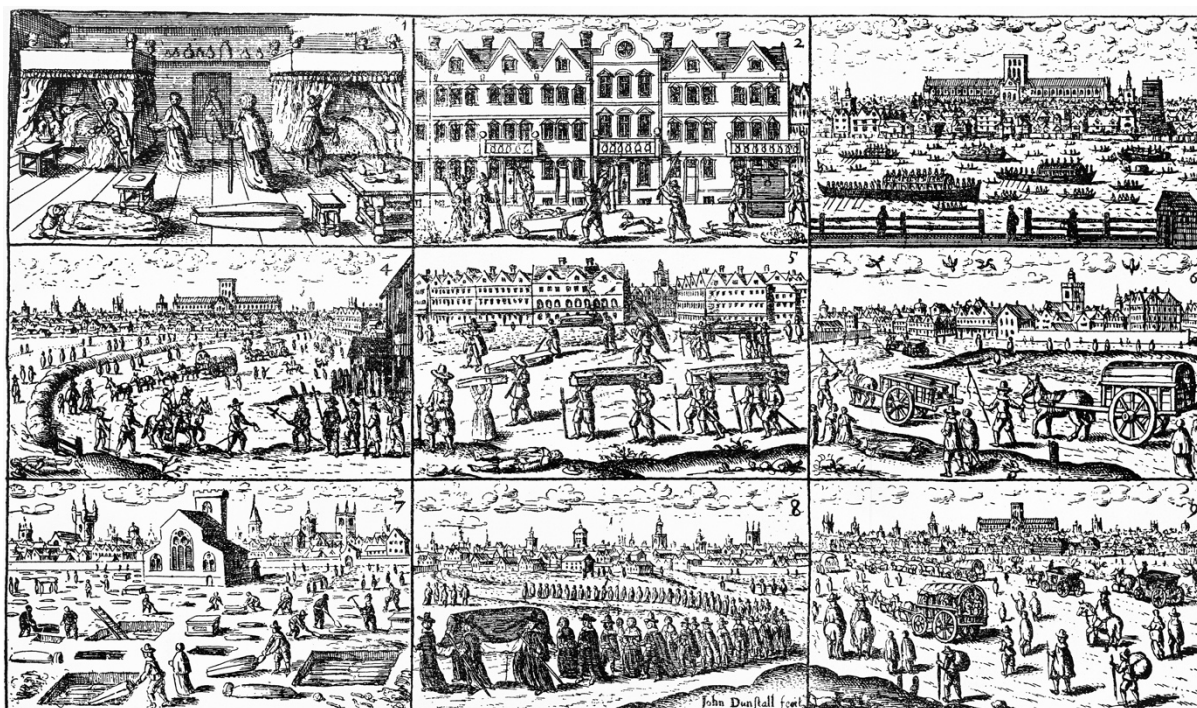
Figura 15 – Gravura da época representando nove cenas da altura de peste de 1665/6. Imagem extraída de *National Archives*[76], Londres.

Com a aproximação do final do ano o surto de peste dava indícios de, a pouco e pouco, ir amortecendo. Só em Fevereiro do ano seguinte é que haveria condições para o monarca e a sua comitiva regressarem a Londres. Mas a consistente diminuição de mortes provocadas pela pestilência era um sinal de esperança.

23 [de Novembro]. [...]. *Continua a haver frio intenso, o que nos dá esperança de ser uma cura perfeita para a peste*. [...][61:152]

30 [de Novembro]. [...]. *Tivemos grande alegria esta semana pois que a contagem semanal* [de mortos], *foi, no total, de 544, dos quais apenas 333 da peste; assim, isso encoraja-nos a ir para Londres o mais rápido possível.* [...].[61:161]

13 [de Dezembro]. [...] *e depois fui até à Bolsa, onde, para minha e nossa grande preocupação, ouvi a má notícia de que a peste aumentou novamente esta semana, apesar de ter havido um ou dois dias de grandes geadas. Esperamos que sejam apenas os efeitos do último clima quente tardio, e que se o frio continuar na próxima semana,* [o número de mortos] *caia novamente. Mas a cidade enche-se tanto de gente, que é muito* [de admirar] *se a peste não voltar a crescer entre nós.* [...].[61:172]

20 [de Dezembro]. [...]. *O tempo esteve gelado nestes oito ou nove dias e, por isso, esperamos uma redução da peste no próximo mês, ou então Deus tenha misericórdia de nós! pois que a peste continuará certamente no próximo ano* [...].[61:181]

31 [de Dezembro] *(Dias do Senhor).* [...]. *É verdade que passámos por uma grande tristeza por causa da grande peste, e eu sobrecarreguei-me muito, mantendo a minha família durante muito tempo em Woolwich, e eu e outra parte da minha família, os funcionários ao meu cuidado em Greenwich, e uma empregada em Londres;* [...]. *Casas marcadas com uma cruz vermelha nas portas! Como é triste ver as ruas vazias de gente* [...]. *Mas agora a peste diminuiu para quase nada, e pretendo regressar a Londres o mais depressa que puder. A minha família, isto é, a minha mulher e as empregadas, tendo lá estado estas duas ou três semanas.* [...]. *Toda a minha família passou bem durante todo esse tempo, e todos os meus amigos de que tenho notícias, salvo a minha tia Bell, e alguns dos filhos da minha prima Sarah, que morreram com a peste. Muitos dos que conheço bem, morreram. No entanto, para nossa grande alegria, a cidade enche-se rapidamente e as lojas começam a reabrir. Oremos a Deus para que a peste continue a diminuir!* [...].[61:184-5]

Em 1666 a peste foi cedendo lentamente, embora de forma heterogénea, com avanços e recuos:

10 [de Janeiro de 1666]. [...]. *Depois fui até à Bolsa onde ouvi, para minha tristeza, que a peste aumentou esta semana de setenta para oitenta e nove* [mortes]. [...].[61:193]

13 [de Janeiro]. [...]. *Além disso, se a peste continuar entre nós mais um ano, só o Senhor sabe o que será de nós.* [...][61:198]

16 [de Janeiro]. [...] *e depois* [fui] *para a cama, muito preocupado com o aumento da peste* [...] *e do medo, que com razão podemos ter, que continue connosco no próximo Verão. O total* [de mortes] *é agora 375, e da peste 158.* [...][61:200]

22 [de Janeiro]. [...]. *Retornei à taverna* Crowne*, atrás da Bolsa*, [...], *e participei lá na primeira reunião do* Gresham College *desde a* [o início da] peste. *O Dr. Goddard fez-nos uma palestra em sua defesa e dos seus colegas médicos que saíam da cidade na altura da peste, dizendo que os seus pacientes particulares tinham saído da cidade, deixando-lhes a liberdade de também eles saírem e muito mais, etc.* [...].[61:203]

31 [de Janeiro]. [...] *para minha grande alegria, começa a haver as pessoas que começam a ter lá grande actividade* [em White Hall], *indo para cima e para baixo, com o Rei a manter a sua resolução de estar na cidade amanhã, e tem um bom incentivo, bendito seja Deus!, para fazer isso,* [pois que] *a peste decresceu esta semana para 56* [mortes] *de um total de 227* [falecimentos]. [...].[61:214]

O pior parecia ter passado, e a vida ia regressando lentamente à normalidade, para o que também contribuía o regresso do monarca a Londres. Todavia, a peste não tinha ainda

desaparecido por completo, registando-se, por vezes, nalguns lugares, agravamento temporário da situação.

> *1 de Fevereiro* [de 1666]. [...] *a minha esposa saiu para comprar coisas e para ver a sua mãe e o seu pai, que ela não via desde antes da peste* [...].[61:214]
>
> *4* [de Fevereiro]. *Dia do Senhor, e eu e a minha esposa* [fomos] *pela primeira vez juntos à igreja desde* [o início de] *a peste.* [...]. *Fazia bastante frio e ontem à noite nevou, cobrindo as sepulturas no adro da igreja, pelo que tive menos medo de passar.* [...].[61:216]
>
> *13* [de Fevereiro]. [...]. *Tive a notícia esta noite de que a peste aumentou esta semana, e em muitos outros lugares da cidade, e em* Chatham *e noutros lugares.* [...].[61:221]
>
> *13* [de Março]. [...]. *A peste aumentou esta semana de 28 para 29* [mortos], *embora o total* [de óbitos] *tenha caído de 238 para 207, o que não me agrada.*[61:246]
>
> *8* [de Abril]. *(Dia do Senhor).* [...]. *Mas, hoje em dia, a situação entre as pessoas é terrível, com a peste, pelo que ouvimos dizer, a aumentar novamente em todos os lugares.* [...].[61:265]
>
> *23* [de Abril]. [...]. *Ouvi dizer que a peste está a aumentar muito na cidade e excessivamente no campo, em todos os lugares.* [...].[61:278]
>
> *25* [de Abril]. [...]. *A peste, bendito seja Deus! diminuiu para dezasseis esta semana.*[61:281]
>
> *12* [de Maio]. [...]. *A peste aumenta em muitos lugares, e esta semana é de 53* [mortos] *entre nós.*[61:290]

Passado um ano, a peste, embora de modo muito menos intenso, continuava a grassar, com aumentos e decréscimos semanais no número de mortos. Fora de Londres subsistiam ainda alguns focos. Todavia, a peste tendia a ir diminuindo até acabar por ficar apenas residual.

> *4* [de Julho]. [...]. *Segundo ouvi dizer, Graças a Deus, a peste esta semana* [no role de mortalidade] *aumentou apenas dois* [mortos], *mas na província, em vários lugares, aumenta fortemente, particularmente em* Colchester, *onde está há muito tempo, e acredita-se que acabará por despovoar o lugar.* [...].[61:353]
>
> *9* [de Agosto]. [...]. *Encontrei também o Sr. Evelyn na rua, que me falou da triste condição que há, neste mesmo dia, em Deptford, por causa da peste, e mais em Deale (dentro do recinto* [...] *para 395 marinheiros doentes e feridos), estando a cidade quase completamente despovoada.* [...].[61:395]
>
> *13* [de Setembro]. [...]. *Então desci novamente para Deptford* [...]. *Aqui ouvi dizer que esta pobre cidade enterra ainda da peste sete ou oito por dia.* [...].[61:435]
>
> *13* [de Novembro]. [...]. *Depois* [fui] *para a igreja, pois que é dia de acção de graças pela cessação da peste. Mas, Senhor! como a cidade diz que* [tal] *é apressado antes que a peste termine, e há ainda algumas pessoas morrendo* [da doença]. [...].[62:70]

A última anotação de Pepys tinha, com efeito, toda a relevância, pois que em Londres continuavam a morrer pessoas com a peste. Por exemplo, no rol de mortalidade referente à semana de 20 a 27 de Novembro de 1666, constam sete pessoas que morreram desta doença[29c:70], e durante mais algumas semanas continuaram a registar-se óbitos com esta causa. Mas pode dizer-se que a epidemia de peste tinha quase terminado, subsistindo apenas casos residuais.

As entradas no diário de Samuel Pepys expressam uma visão bastante objectiva, de um homem culto que, efectivamente, foi presenciando os acontecimentos.

A peste no *Annus mirabilis* de Dryden

Curiosamente, embora na parte introdutória (dedicatória) John Dryden refira explicitamente a peste como um dos três grandes acontecimentos que atingiram Londres, nomeadamente quando refere *uma guerra dispendiosa, embora necessária, uma Pestilência comsumidora e um Fogo ainda mais consumidor*[30:A2v], e em que se anuncia que estes serão temas centrais da obra, na poesia propriamente dita quase se não faz alusão à epidemia, dedicando-lhe apenas estrofe e meia.

267 *Ó, que seja suficiente o que fizeste,*
Quando mortes manchadas correram armadas por todas as ruas,
Com dardos envenenados, que nem os bons podiam evitar.
O veloz pode fugir, ou o valente encontrar.

268 *Os poucos vivos e os funerais frequentes então,*
Proclamaram tua ira neste lugar abandonado;
E agora aqueles poucos que voltaram novamente
Teus julgamentos perscrutadores traçam em suas habitações.[30:68]

Poder-se-ia pensar que, como a peste deflagrou e atingiu o seu máximo em 1665, o autor não a contemplou porque o poema se refere ao ano de 1666, quando a peste já tinha amortecido muito. Porém, Dryden não confinou a obra de forma cronologicamente rígida. Por exemplo, a batalha de Lowestoft, que se saldou por uma vitória dos navios ingleses sobre os holandeses, à qual o poeta dedica cinco estrofes, ocorreu em Junho de 1665. A razão dessa quase total omissão terá de ser outra. Para vários analistas, o motivo prende-se com os próprios acontecimentos.

Com efeito, perante o grave surto de peste, a população de Londres não foi, de forma alguma, heróica. Como é que o poderia ser face a uma situação tão altamente dramática, em que os mortos se amontoavam? O próprio rei e a corte fugiram de Londres, bem como grande parte dos clérigos e dos que tinham posses para tal, deixando o cuidado da população a quem ousasse ficar. Tais comportamentos não convergiam com o tipo de pessoas que Dryden pretendia enaltecer, pelo que remete a trágica situação para apenas seis versos da composição[29:18]. Com efeito, não era possível cantar como heróico o comportamento de governantes e de muitos responsáveis por diferentes áreas que se puseram a salvo longe da cidade, abandonando a população à sua sorte, tal como não era factível dar aparência épica aos mortos abandonados nas ruas, às valas comuns, aos roubos dos haveres dos defuntos ...

É de referir que o próprio John Dryden, perante a gravíssima situação em Londres, saiu da cidade, alojando-se com a sua mulher numa propriedade da família na aldeia de Charlton, perto da cidade de Malmesbury, a cerca de 150 km a Oeste de Londres. Aliás, foi ali que escreveu o *Annus Mirabilis: the Year of Wonders*.

Dryden faz alusão uma outra vez à peste, já perto do final, na estrofe 292, associando-a ao incêndio, quando se refere aos cometas que foram visíveis em Londres e diz que *Em sua própria peste e fogo deram seu último suspiro*.[30:74]

Na realidade, o poeta considerava que a guerra e o incêndio eram ocasiões em que as virtudes civis se tinham manifestado, e que esses infortúnios tinham permitido aumentar a lealdade do povo para com o seu soberano. Tal, por um lado, era especialmente desejável devido à situação de guerra e, por outro, permitia enaltecer a actividade do monarca. Com

efeito, o drama da peste não se enquadrava minimamente nesses objectivos, pelo que quase a omite.

De qualquer modo, é de ressaltar que a visão de Dryden é diametralmente oposta à de outras interpretações coevas. Apenas como exemplo, referimos o caso de John Tillotson (1630-1694), famoso pregador ex-presbiteriano e futuro arcebispo de Canterbury que, em 1667, proferiu um sermão intitulado *Do fim dos julgamentos e da razão de sua continuação*[60], em que proclamou que o episódio de peste (tal como o incêndio de Londres) foram inquestionavelmente julgamentos de Deus, pois que a nação inglesa se tinha afastado d'Ele. Numa passagem desse sermão, diz:

> *Primeiro, estávamos envolvidos numa guerra estrangeira, e embora Deus nela nos tenha agraciado com algum sucesso considerável, parece que nossas provocações foram tão grandes que Ele decidiu punir-nos. Relutou em nos deixar cair nas mãos dos homens e, portanto, tomou o trabalho em suas próprias mãos e puniu-nos, enviando uma Pestilência para o meio de nós, a mais destrutiva que se abateu sobre esta Nação* [...]. *Mas, apesar disso, não voltámos para ele, e, portanto, a sua raiva feroz ateou um incêndio terrível entre nós,* [...].[61:107]

Na interpretação do pregador, como, depois dessas calamidades, a nação tinha voltado aos *maus caminhos*, um terceiro julgamento desceu sobre o povo, e a frota holandesa investiu no próprio Tamisa. É, com efeito, uma visão diametralmente oposta à que Dryden apresenta no seu poema ... e ressaltada explicitamente na dedicatória, por exemplo, quando falando metaforicamente com Londres, diz:

> *E certamente já tiveste a tua quota parte nos sofrimentos. Mas a Providência lançou sobre ti a vontade de Comércio, para que possas mostrar-te generosa para com as necessidades dos teus países; e o resto de tuas aflições não são mais consequências do desagrado dos Deuses,* [...], *mas sim ocasiões para a manifestação das tuas virtudes cristãs e civis.*[30:A3]

IV

O Grande Incêndio de Londres (2 a 5 de Setembro de 1666)

O início do incêndio

Como já referimos, Londres era na época já uma grande metrópole. É certo que a peste tinha provocado a morte de parte importante da população e que muitas pessoas fugiram então da cidade. Mas com a pestilência amortecida, Londres recompunha-se, atraindo cada vez mais população. Estima-se que aí vivessem na altura entre 350 mil e mais de meio milhão de pessoas. Como em muitas outras cidades da época, as ruas eram estreitas e as casas eram feitas de madeira. No interior destas, as pessoas usavam candeias ou velas para se alumiarem e cozinhavam as suas refeições em lareiras ou fogões a lenha ou carvão. Nestas condições, não surpreende que as cidades fossem, por vezes, parcialmente devoradas por grandes incêndios.

Em Londres, muitas das casas eram do período dos Tudor (que governaram entre 1485 e 1603) ou seguiam esse estilo: de dimensões consideráveis, tais casas tinham uma armação de madeira, sendo os espaços abertos dessa estrutura preenchidos com uma espécie de taipa ou de *pau-a-pique*, isto é, com ripas, galhos e barro. A fachada era irregular e, normalmente, embora o piso térreo deixasse espaço suficiente na rua para as carroças e carruagens passarem, tinham os outros andares superiores protuberantes, projectando-se sobre a rua, o que, muitas vezes, além de impedir que a luz solar chegasse ao solo, viabilizava rápida propagação dos incêndios. As outras casas eram, na maioria, construídas em madeira. Apesar de há muito tal ter sido proibido, continuava a ser este o material mais usado na edificação e na reconstrução de novas casas. Assim, quando deflagrava um incêndio numa casa, o fogo alastrava-se facilmente aos edifícios adjacentes e, como as ruas eram estreitas e os prédios tinham os andares superiores protuberantes, quase tocando os das casas fronteiras, o fogo facilmente passava para os edifícios do outro lado da rua. Em Londres, devido às razões expendidas, os incêndios eram relativamente frequentes, embora, por via de regra, fossem logo atacados pela população e extintos, não atingindo proporções catastróficas. Porém, não foi o que se verificou em Setembro de 1666.

O Verão tinha sido longo e seco, e a água escasseava. A cidade fervilhava de gente e de animais, não só cavalos, em que muita gente se deslocava, mas também bois e burros, que constituíam a força motriz para transporte de mercadorias, e ainda animais domésticos (galinhas, patos, porcos, etc.) destinados a complementar a dieta alimentar das famílias. Por isso, muitos pátios e armazéns estavam cheios de feno e palha. Tudo estava muito seco, incluindo a madeira das casas, ressequida com a estiagem. Em resumo, havia enorme quantidade de matéria fácilmente inflamável.

Foi nestas condições que, pouco depois da meia-noite do dia 2 de Setembro de 1666, na padaria de Thomas Farynor, situada na Pudding Lane, uma rua estreita próxima da célebre Ponte de Londres (figura 16), deflagrou um incêndio. Farynor era padeiro do rei e produzia os biscoitos secos e duráveis que abasteciam a *Royal Navy*. Quando, no sábado, por volta das 8 ou 9 da noite, Thomas fechou a loja, apagou, como de costume, o fogo do forno, e foi-se deitar. Por volta da meia-noite, a sua filha, Hanna, então com 23 anos, deu uma última volta à casa, certificando-se de que o forno estava frio, e depois foi também para a cama. Uma hora depois, o andar térreo do prédio estava cheio de fumo. O empregado do padeiro, Teagh, subiu rapidamente aos andares superiores onde Thomas, Hanna e a empregada dormiam, dando o alarme. Aparentemente, o fogo do forno não tinha ficado bem apagado, e algumas fagulhas caíram próximo, ateando material seco, talvez a própria madeira armazenada para abastecer o forno. Thomas, Hanna e Teagh já não conseguiram descer para o piso térreo. Por uma janela, aproveitando o algeroz, conseguiram passar para a janela de um vizinho (o que mostra como as casas estavam próximas). A empregada, cujo nome se desconhece, permaneceu em casa, tendo sido a primeira vítima do fogo[54]. Tinha começado o que viria a ser conhecido como o *Grande Incêndio de Londres*.
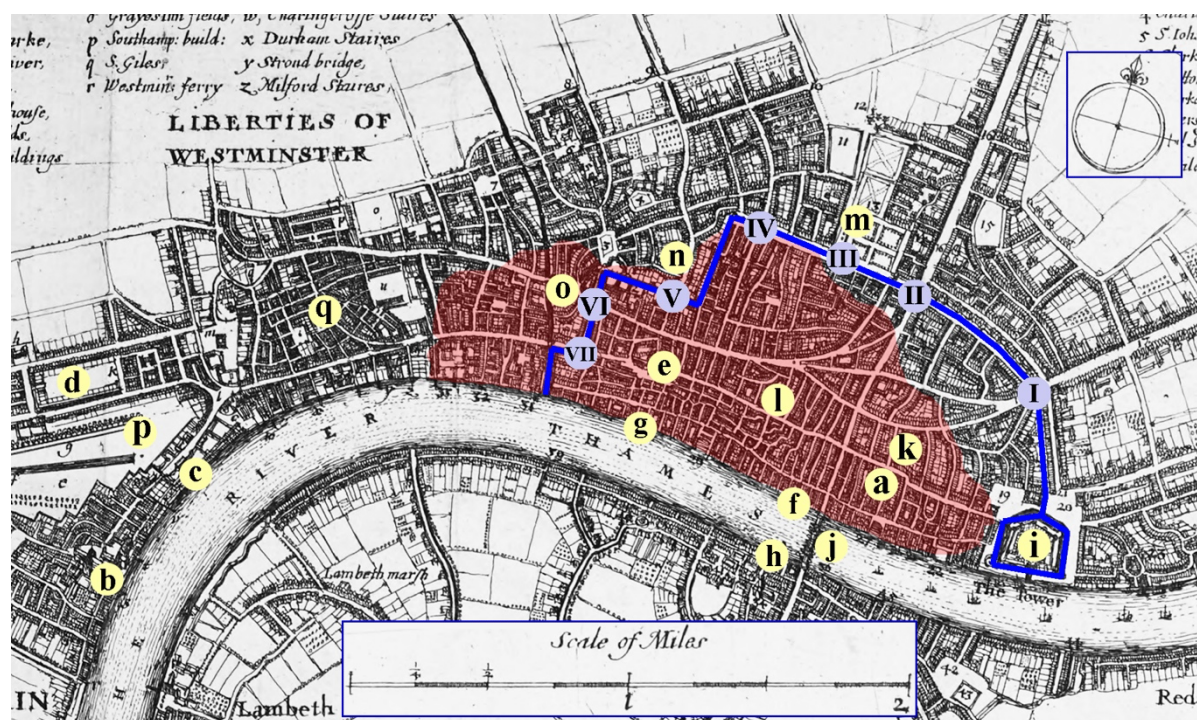
Figura 16 – Extracto adaptado do mapa de Londres constante da obra *Britannia*[13] (1673), de Richard Blome (figura 11). A azul está representada a localização aproximada da muralha romano-medieval, correspondendo os pontos azuis claros às respectivas portas. A vermelho assinalou-se a área afectada pelo incêndio. a) Pudding Lane; b) Abadia de Westminster; c) Whitehall; d) Charing Cross; e) Catedral de São Paulo; f) Swan; g) Cais de Paulo; h) Bankside; i) Torre de Londres; j) Ponte de Londres; k) Fish street; l) Hospital de São Bartolomeu; m) Moorfields; n) Smithfield; o) Fetter lane; p) St. James Park; r) Drury lane. Portas da cidade: I) Aldgate; II) Bishopgate; III) Moorgate; IV) Cripplegate; V) Aldersgate; VI) Newgate; VII) Ludgate.

Os vizinhos acorreram prontamente tentando extinguir o incêndio. Vários apressaram-se a ir à igreja próxima para trazer baldes de couro cheios de água, como os que costumavam estar armazenados em muitos edifícios públicos para fazer face a este tipo de emergências. Mas, apesar de todos os esforços, as chamas não amainaram. Impulsionadas pelo ven-

to de Leste, que soprava forte, o fogo propagou-se rapidamente para Oeste, e depressa começou a atingir a zona da cidade em que a peste menos tinha grassado, isto é, a parte central, normalmente conhecida como a *city*, ou seja, a parte da urbe localizada dentro de muralhas, que se desenvolvia, *grosso modo*, num semicírculo com uma frente ribeirinha de cerca de quilómetro e meio (figura 16).

Inicialmente, a maior parte da população e, mesmo, pessoas responsáveis, não deram grande importância ao que estava a acontecer: os incêndios eram relativamente frequentes, mas, por via de regra, eram rapidamente extintos. Mas, neste caso, o vento Leste não só empurrava as chamas com celeridade, fazendo com que o fogo se propagasse a outras casas, como transportava as projecções para zonas relativamente afastadas, onde ateavam novos incêndios. Em breve, Londres ficou coberta por fumo, sob um céu tingido de vermelho pelas enormes chamas. Na segunda-feira havia já mais de 300 casas que tinham ardido. O pânico generalizava-se. Muitas pessoas colocavam os seus haveres em carros e tentavam, por terra, sair da cidade. Outras, procuravam salvaguardar as suas vidas e haveres utilizando barcos para, através do Tamisa, fugirem para território seguro.

O *The London Gazette* de 3 a 10 de Setembro noticiou assim o trágico acontecimento:

> [...] *à uma da manhã aconteceu um incêndio triste e deplorável, em Pudding-lane perto da Fifth street, que tendo acontecido àquela hora da noite, e num bairro da cidade tão densamente construído com casas de madeira, se espalhou tanto antes do amanhecer, e com tal distracção dos habitantes e vizinhos, que não tiveram o cuidado de impedir a sua posterior propagação demolindo casas, como deveria ter sido feito; de forma que este lamentável incêndio em pouco tempo se tornou grande demais para ser dominado por quaisquer motores ou instrumentos apropriados. Infelizmente também, verificou-se um violento vento de Leste que o fomentou e o manteve aceso durante todo o dia, e na noite seguinte, alastrando-se pela rua da igreja da Graça, e para baixo da Cannon street até à beira de água* [...].[6]

O incêndio na visão dos dois diaristas

Dêmos a palavra aos dois diaristas já aludidos, que nos deixaram relatos vívidos, como testemunhas oculares dos acontecimentos: os já aludidos John Evelyn, um dos fundadores da *Royal Society of London* em 1660, e Samuel Pepys, que era um dos administradores da Armada Britânica (*Royal Navy*).

a) O relato racional de John Evelyn

John Evelyn é, como de costume, bastante lacónico, e sobre o primeiro dia do incêndio apenas diz:

> *2* [de Setembro de 1666]. *Nesta noite fatal, por volta das dez, começou o deplorável incêndio, perto da Fish Street, em Londres.*[34:9]

Já no dia seguinte, ao contrário do que era habitual, mostrou-se bastante prolixo, o que revela que estava verdadeiramente impressionado com o terrível espectáculo:

> *3* [de Setembro]. *Tive orações públicas em casa. Continuando o incêndio, depois do jantar apanhei um coche com a minha esposa e o meu filho, e fomos até Bankside* [figura 16], *em Southwark, onde vimos aquele espectáculo horrível, com toda a cidade perto da margem envolvida em chamas medonhas. Todas as casas da ponte, toda a Thames Street, e mais para cima, em direcção a Cheapside, até às Três Garças, estavam agora consumidas; Depois regressámos, muito temerosos com o que poderia acontecer com o resto.*
>
> *O incêndio continuou durante toda esta noite (se é que posso chamar-lhe noite, pois que era clara como o dia ao longo dos dezasseis quilómetros em redor, de uma maneira terrível), conspirando com um vento Leste feroz numa estação muito seca, e fui a pé para o mesmo lugar. Vi toda a parte sul da cidade ardendo, de Cheapside ao Tamisa, e ao longo de Cornhill (que se incendiava tanto contra o vento, quanto para a frente), da rua Tower, da rua Fenchurch, da rua Gracious e assim por diante,* [...], *e agora estava tomando conta da igreja de São Paulo, para o que os andaimes contribuíram sobremaneira. O fogo era tão universal, e as pessoas estavam tão surpreendidas que, desde o início, não sei se por desânimo, ou devido ao destino, mal se moviam para o apagar, de modo que nada mais se ouvia ou se via que não fossem gritos e lamentações, correndo como criaturas confusas, que nem mesmo os seus bens tentavam salvar. Uma estranha consternação pairava sobre eles, de modo que tudo ardia, tanto em largura quanto em comprimento: as igrejas, os salões públicos, a Bolsa, os hospitais, os monumentos e os ornamentos, saltando o fogo de maneira prodigiosa de casa em casa, de rua em rua, mesmo estando a grandes distâncias umas das outras, pois que o calor, após um longo período bom e quente, tinha até inflamado o ar e preparado os materiais para receberem o fogo, o qual devorava, de forma incrível, casas, móveis e tudo mais. Aqui, vimos o Tamisa coberto de mercadorias flutuando, com todas as barcaças e barcos carregados com o que alguns tiveram tempo e coragem de salvar, tal como, do outro lado, as carroças, etc., levavam para os campos* [haveres das pessoas], *pelo que* [as estradas ao longo de] *muitas milhas estavam repletas de móveis de todos os tipos, bem como de tendas erguidas para abrigar tanto as pessoas, como os bens que tinham conseguido levar. Oh, espectáculo deprimente e calamitoso! tal como o mundo talvez não tenha visto desde a sua criação, nem poderá ser superado até à sua conflagração universal. O céu estava todo com um aspecto ardente,* [...]. *Deus permita que os meus olhos nunca mais contemplem o mesmo que agora viram: mais de 10 mil casas todas abrangidas por uma chama! O ruído e o estalar e o trovão das chamas impetuosas, os gritos de mulheres e crianças, a precipitação das pessoas, a queda de torres, casas*

e igrejas, era tudo como se fosse uma tempestade hedionda; e o ar em redor era tão quente e inflamado, que por fim não eram capazes de se aproximar dele, de modo que foram forçados a ficar parados e deixar as chamas avançarem, o que fizeram, por quase duas milhas de comprimento e uma se largura. As nuvens de fumo eram também escuras e alcançavam, segundo alguns cálculos, quase cinquenta milhas de comprimento. Assim, deixei esta tarde ardendo, à semelhança de Sodoma ou o último dia. Veio-me violentamente à mente aquela passagem [da Bíblia, Hebreus, XIII: 14] nonenim hie habemus stabilem civitatem [*porque não temos aqui cidade permanente*], *com as ruínas lembrando o aspecto de Tróia. Londres era, mas já não é! Depois, voltei* [para casa].[34:9-11]

O incêndio impressionou de tal modo John Evelyn que, sendo este normalmente bastante sintético, nestes dias escreveu com abundância de palavras:

4 [de Setembro]. *O incêndio continua ainda, e chega agora tão longe que atinge o* Inner Temple. *Toda a Fleet-street, Old Bailey, Ludgate-hill, Warwick-lane, Newgate, Paul's-chain, Watling-street,* [estão] *agora em chamas, e a maior parte reduzida a cinzas. As pedras* [da Catedral de São] *de Paulo* [figura 16] *voaram como granadas, o chumbo derretido corria pelas ruas como um rio, e as próprias calçadas brilhavam com um vermelho ardente, de modo que nenhum cavalo, nem homem, era capaz de as pisar, e a demolição tinha interrompido todas as passagens, de modo que não havia ajuda que lá pudesse chegar. O vento Leste impulsionava ainda mais impetuosamente as chamas. Nada além do poder Todo-Poderoso de Deus seria capaz de as deter, pois que a ajuda dos homens era em vão.*[34:11]

5 [de Setembro]. [O incêndio] *passou para o lado de Whitehall, mas ah! a confusão que havia então naquela Corte! Agradou a Sua Majestade ordenar-me, entre os demais, que cuidasse da extinção* [do fogo] *da extremidade de Fetter-lane* [figura 16], *para preservar (se possível) aquela parte de Holborn, enquanto o resto dos cavalheiros foram para vários lugares, alguns numa parte, outros noutra (pois agora começavam a movimentar-se, ao contrário do que faziam antes, que permaneciam como homens embriagados, com as mãos cruzadas), e começou-se a pensar que nada poderia parar* [o fogo], *a não ser a explosão de tão grande quantidade de casas que pudesse abrir uma lacuna maior do que as outras que já tinham sido feitas pelo método comum de as derrubar com máquinas. Alguns marinheiros resolutos já tinham proposto* [isso] *cedo o suficiente para que se tivesse podido salvar quase toda a cidade, mas alguns homens tenazes e avarentos, vereadores, etc., não o permitiram, pois que as suas casas deveriam ser as primeiras* [que iriam ser explodidas]. *Ordenou-se agora* [isso], *portanto, independentemente das consequências. Sendo a minha preocupação principal o Hospital de S. Bartolomeu* [figura 16], *perto de Smithfield, onde tinha muitos feridos e doentes* [Evelyn era um dos quatro comissários designados para cuidarem dos marinheiros feridos e doentes, bem como dos prisioneiros de guerra], *tornou-me mais diligente em promovê-las* [as explosões], *nem era menor a minha apreensão para com o Savoy* [outro hospital onde estavam marinheiros doentes]. *Mas agora, por vontade de Deus, tendo o vento diminuído, e com o dinamismo do povo, que quando estava quase tudo perdido ficaram com um novo espírito, a fúria dele* [do incêndio] *começou a diminuir perto do meio-dia, de modo que não avançou mais para Oeste do Templo, nem para Norte da porta de Smithfield; mas continuou dia e noite tão impetuoso em direcção à* [porta de] *Cripplegate e à Torre, que nos deixou todos desesperados. Também irrompeu novamente no Templo, mas persistindo a coragem da multidão, e sendo explodidas muitas casas, foram logo feitas tais brechas que, com o que tinha*

sido consumido [pelo incêndio] *nos três dias anteriores, o fogo por trás não devorou tão impetuosamente o resto como antes.* [...].

O carvão e os cais de madeira, e os depósitos de óleo, resina, etc., causaram infinitos prejuízos. A invectiva que pouco antes eu tinha dedicado a Sua Majestade e publicado [o Fumifigium], *alertando sobre o que provavelmente poderia ser o problema de ter aquelas lojas na Cidade, era agora visto como uma profecia.*

Os pobres habitantes estavam dispersos por St. George's Fields e Moorfields, até Highgate, ao longo de várias milhas, alguns em tendas, outros em miseráveis cabanas e choupanas, muitos sem roupas ou quaisquer utensílios necessários, cama ou comida, muitos tendo agora sido reduzidos, da riqueza e facilidade de acomodação em casas imponentes e bem mobiliadas, à pobreza e miséria extrema.

Neste ambiente calamitoso, voltei para casa com o coração triste, abençoando a distinta misericórdia de Deus para comigo e para com os meus que, no meio de toda essa ruína, ficámos sãos e salvos, como Ló, na minha pequena Zoar [personagem e cidade bíblicas].[34:11-2]

A publicação referida por Evelyn, é o *Fumifugium*[43], uma carta que o autor endereçou ao rei Carlos II pouco tempo após ter sido eleito para a *Royal Society*, em que elaborava sobre a questão da poluição do ar em Londres, a qual considerava ser principalmente proveniente do *carvão do mar* (*sea-coal*), um carvão assim designado porque vinha de Newcastle por mar, e que a população usava para cozinhar e se aquecer. Como esse carvão tinha na composição grande quantidade de enxofre, quando ardia exalava odor intenso e desagradável. Além disso, largava para a atmosfera muita fuligem e partículas de matéria orgânica, o que, tudo junto, fazia com que a qualidade do ar em Londres fosse má e a cidade fosse com frequência coberta com uma espécie de nevoeiro (o *fog*). Em alternativa, Evelyn sugeria que fosse utilizada a queima de madeira, nomeadamente madeira aromática, a qual seria menos prejudicial para os pulmões, recomendando ao mesmo tempo que as indústrias mais poluentes fossem deslocalizadas para fora da capital. Sugeria ainda que, para melhorar a qualidade do ar em Londres, fossem feitas plantações de vegetais aromáticos no interior e imediações da cidade. Na realidade, o *Fumifugium* constitui um dos primeiros trabalhos sobre poluição atmosférica.

Após ter consumido a maior parte da cidade entre muralhas e boa parte da que estava fora de muralhas, no dia 6 o incêndio estava quase dominado, procedendo-se às operações de rescaldo.

6 de Setembro. Quinta-feira. Apresentei a Sua Majestade o caso dos prisioneiros de guerra franceses sob minha custódia [...]. *Não é de fato imaginável quão extraordinária foi a vigilância e actividade do Rei e do Duque,* [...] *estando presente para comandar, ordenar, recompensar ou encorajar os operários* [...].[34:12-3]

O Duque aludido era Jaime (James), Duque de York, irmão do rei Carlos II. Tendo-se conseguido extinguir o pavoroso incêndio, o que tinha restado era composto por ruínas desoladoras.

7 de Setembro. Esta manhã fui a pé de Whitehall até London Bridge, passando pela Fleet-street, Ludgate-hill, [Catedral de] *São Paulo, Cheapside, Bolsa, Bishopsgate, Aldersgate até Moorfields* [figura 16] [...], *com extraordinária dificuldade, escalando montes de detritos ainda fumegantes, e muitas vezes não sabendo bem onde estava. O chão sob meus pés* [estava] *tão quente que até queimou as solas dos meus sapatos. Entretanto, Sua Ma-*

jestade chegou por água à Torre, para demolir as casas ao redor [...], *que se tivessem começado a arder e propagado o incêndio à Torre Branca, onde estava o paiol de pólvora, derrubariam e destruiriam, sem dúvida, não só toda a ponte, como afundariam e despedaçariam os navios no rio* [...].

Ao voltar, fiquei infinitamente preocupado ao encontrar aquela bela igreja, a de São Paulo, agora uma triste ruína, e aquele belo pórtico [...] *agora feito em pedaços, com lascas de grandes pedras rachadas, e nada restava inteiro a não ser a inscrição na arquitrave mostrando por quem foi construída, que não teve as letras desfiguradas! Foi surpreendente ver de que modo o calor calcinara aquelas pedras imensas, e a forma como os ornamentos, as colunas, os frisos, os capitéis e as saliências externas, de pedra de Portland* [calcário] *maciço, voaram, mesmo até ao próprio telhado, onde uma folha de chumbo que cobria uma grande área (não menos de seis acres) foi totalmente derretida. As ruínas do telhado abobadado ao caírem atingiram o St. Faith's, que estando cheio com caixas de livros pertencentes aos Livreiros, que por segurança as tinham levado para lá, foram todos consumidos,* [...]. *É também observável que o chumbo sobre o altar, na extremidade Leste, ficou intacto, e entre os diversos monumentos* [que se salvaram] *o corpo de um bispo permaneceu inteiro. Assim jazia em cinzas aquela muito venerável igreja,* [...]. *O chumbo, os trabalhos em ferro, os sinos, as pratas, etc., tudo derretido,* [...], *o augusto tecido da Igreja de Cristo, todo o resto dos Salões das Companhias, esplêndidos edifícios, arcos, entradas, tudo em pó. As fontes secaram e ficaram em ruínas, continuando as próprias águas fervendo; as caves subterrâneas, os poços e as masmorras, os antigos armazéns, tudo ainda ardendo e deitando nuvens escuras de fumo fedorento; de modo que, nas cinco ou seis milhas da minha travessia, não vi um pedaço de madeira não consumida, nem muitas pedras, excepto as que estavam calcinadas, com* [um pó] *branco como a neve.*

As pessoas que agora andavam pelas ruínas pareciam homens nalgum deserto sombrio, ou melhor, nalguma grande cidade devastada por um inimigo cruel, ao qual se juntava o cheiro nauseabundo que vinha dos corpos de algumas pobres criaturas, das camas e de outros bens combustíveis. [...]. *Também não consegui passar por nenhuma das ruas estreitas, tendo-me mantido nas mais largas. O chão e o ar, o fumo e o vapor escaldante continuavam tão intensos que o meu cabelo estava quase chamuscado, e meus pés intoleravelmente doridos. As vielas e as ruas estreitas estavam quase cheias de detritos, e nem se conseguia saber onde se estava, a não ser pelas ruínas de alguma igreja ou salão que tinha alguma torre ou pináculo notável remanescente.*

Fui então até Islington e Highgate, onde se podiam ver 200 000 pessoas de todas as classes e posições sociais dispersas e deitadas ao lado do que tinham podido salvar do fogo, lamentando as suas perdas e prestes a perecer de fome e miséria, mas mesmo assim sem pedirem um centavo para seu alívio, o que, para mim, parecia ser a visão mais estranha de tudo o que já vi. De facto, Sua Majestade e o Conselho tomaram todos os cuidados imagináveis para os ajudar, solicitando a mobilização do país e abastecendo-os com provisões.[34:13-5]

É importante ter-se em consideração que o incêndio que destruiu a capital ocorreu numa altura em que o país estava em guerra com a Holanda e em que a peste ainda fazia vítimas. Tal está bem expresso no final do longo texto que Evelyn escreveu a 7 de Setembro:

No meio a toda essa calamidade e confusão, houve, não sei como, um boato alarmante de que os franceses e os holandeses, com os quais estamos agora em guerra, tinham não só desembarcado, como tinham também entrado na cidade. Na realidade, há alguns dias houve grande suspeita de que essas duas nações se tinham aliado, e agora que tinham tido

oportunidade de pegar fogo à cidade. A notícia aterrorizou tanto que, de repente, houve tanto alvoroço e tumulto que [o povo que estava ao pé do que tinham conseguido salvar] *largaram os seus bens e, pegando nas armas que conseguiram, não puderam ser impedidos de cair, sem sentido ou razão, sobre alguns daquelas nações que casualmente encontraram. O clamor e o perigo tornaram-se tão excessivos que deixaram toda a Corte surpreendida, e foi com grande dificuldade que se conseguiu apaziguar o povo, enviando soldados e guardas para o fazer retirar-se novamente para os campos, onde foram vigiados durante toda a noite. Deixei-os bastante sossegados e voltei para casa deveras cansado e alquebrado. Os seus ânimos acalmaram-se assim um pouco e o medo diminuiu, e começaram agora a refugiar-se nos subúrbios da Cidade, onde os que tinham amigos ou oportunidade recebiam abrigo para o presente, no que também ajudou a Proclamação de Sua Majestade.*

Como a peste continua na nossa paróquia, não pude, sem perigo, aventurar-me até à nossa igreja.[34:15-6]

Figura 17 – Estampa representando o Grande Incêndio de Londres de 1666 visto da margem sul do Tamisa. À esquerda vê-se a Catedral de São Paulo. O rio está cheio de pessoas aterrorizadas fugindo com seus pertences. No lado sul da Ponte de Londres vêm-se piques com as cabeças de traidores executados. Gravura de 1667, de *The burning of London in the year 1666*[68] de Samuel Rolle.

A aludida Proclamação de Carlos II foi emanada a 5 de Setembro, quando o incêndio lavrava com extrema intensidade, e com ela se pretendia apoiar as vítimas. Para tal, essa Proclamação estipulava que fossem *diária e constantemente trazidas as maiores quantidades*

de pão e de todas as outras provisões que possam ser fornecidas, não apenas para os Mercados anteriormente em uso, mas também para os Mercados que, face à contingência, tinham então sido abertos por ordem do monarca. Determinava ainda que, como *vários dos ditos aflitos salvaram e preservaram os seus bens*, mas não sabiam onde os poderiam guardar, que *as Igrejas, Capelas, Escolas e outros lugares públicos sejam livres e abertos para receberem os referidos Bens quando forem para lá levados*[20].

Figura 18 – Gravura de Wenceslaus Hollar representando a Catedral de São Paulo em chamas, da página de rosto da obra *Lex ignea, or, The school of righteousness*, de William Sandcroft, publicado em 1666.

O incêndio tinha destruído a maior parte de Londres, e a desolação era indescritível, o que está bem expresso no que Evelyn escreveu três dias depois:

> *10 de Setembro. Voltei às ruínas, pois que agora já não era uma cidade.*[34:16]

Mas a vida continuava, e não obstante a situação caótica existente, era importante e premente que se começasse a planear o modo de, a partir das ruínas, voltar a edificar de novo a capital, no que Evelyn se apressa a dar o seu contributo:

> *10 de Setembro. Apresentei a Sua Majestade um levantamento das ruínas e um plano para uma nova Cidade, com um discurso* [nota explicativa] *sobre ele. Após o jantar, Sua Majestade mandou chamar-me ao quarto da Rainha, aí estando presentes apenas Sua Majestade e o Duque. Examinaram cada detalhe e discutiram-nos durante quase uma hora, parecendo extremamente satisfeitos com o que eu tinha pensado tão cedo.* [...].[34:16]

b) O relato intimista de Samuel Pepys

Samuel Pepys é bastante mais prolixo e informativo, dando uma visão mais pessoal dos acontecimentos. É de referir que próximo do local da ignição original, a cerca de 400 m a Oriente, já perto da Torre de Londres, na *Seething Lane*, ficava a administração da armada britânica, onde viviam, em casas por ela fornecidas, vários administradores superiores da marinha, entre os quais Pepys. Sobre o início do incêndio, o autor diz:

> *2* [de Setembro]. *(dia do Senhor). Tendo, algumas das nossas empregadas, estado ontem à noite até tarde para preparar as coisas para a nossa festa de hoje, pelas três da manhã Jane* [uma das empregadas] *acordou-nos para nos dizer que estavam a ver um grande incêndio na cidade. Então levantei-me, vesti o roupão, e fui até à janela dela, e pensei que fosse na parte de trás da rua do mercado, no ponto mais distante, mas, não estando acostumado com os incêndios, achei que estava longe o suficiente, e fui novamente para a cama dormir*.[61:417]

Com efeito, como o vento era de Leste, o fogo ia lavrando em direcção a Ocidente, afastando-se da zona da Torre de Londres, mas atingindo a região da Ponte de Londres. O autor prossegue a sua narrativa:

> [...]. *Por volta das sete levantei-me novamente para me vestir, olhei pela janela e vi o fogo, não tal como estava antes, mas bastante longe. Entretanto, a Jane veio e disse-me que ouviu dizer que esta noite tinham ardido mais de 300 casas, e que agora o fogo está na Fish-street, perto da Ponte de Londres* [figura 16]. *Então arranjei-me rapidamente e caminhei até à Torre, e aí subi a um dos lugares altos* [...] *e lá vi as casas naquela extremidade da ponte todas em chamas, e um incêndio infinito neste e no outro lado da ponte.* [...]. *Então desci, com o coração apertado, para* [falar com] *o Tenente da Torre, que me disse que tudo começou esta manhã na casa do padeiro do Rei, em Pudding-Lane, e que já destruiu a Igreja de St. Magnus e grande parte de Fish-street. Então desci para a beira de água, onde apanhei um barco e* [fui] *até à ponte, onde vi o lamentável incêndio.* [...]. *Toda a gente esforçando-se por remover as suas mercadorias, lançando-as ao rio ou levando-as para barcaças; pessoas pobres ficando em suas casas até o próprio fogo as tocar, e então correndo para os barcos, ou trepando de um par de escadas à beira da água para outro. E entre outras coisas, apercebi-me dos pobres pombos que estavam relutantes em deixar as suas casas, e pairavam sobre as janelas e sacadas até que, alguns deles, queimavam as asas e caíam. Estive aí parado uma hora a ver a fúria do incêndio* [que progredia] *em todos os sentidos, e ninguém, que eu tenha visto, se esforçando para o apagar, mas apenas para remover os seus bens, deixando tudo o resto para o fogo,* [...], *e o vento forte levando-o para a* City*; e tudo, depois de tão longa seca, provando ser combustível,* [...].[61:417-8]

A tragédia desenvolvia-se frente aos olhos do autor. Na continuação do longo texto que Pepys escreveu nesse dia de 2 de Setembro de 1666, o autor refere que foi para White Hall e daí para os aposentos do rei:

> [...]. [Fui] *para White Hall (com um cavalheiro que desejava sair da Torre para ver o incêndio no meu barco).* [Fui] *para White Hall e lá subi até ao aposento do rei na Capela, onde as pessoas vinham ter comigo e eu fiz-lhes um relato consternado* [do que se passava], *e as notícias foram transmitidas ao Rei. Então, fui chamado e contei ao Rei e ao Duque de York* [irmão do rei] *o que vi e que, a menos que Sua Majestade ordenasse a demolição de casas, nada poderia deter o incêndio. Pareceram muito preocupados, e o Rei ordenou-me que fosse ter, da parte dele, com o Lord Mayor* [o Presidente da Câmara] *e lhe*

ordenasse que não poupasse casa alguma, e que as derrubasse em todos os sentidos antes que o fogo chegasse. O duque de York pediu-me que lhe dissesse que, se ele quiser mais soldados, os terá; e o mesmo fez depois Lorde Arlington, em grande secretismo. [...] *caminhei ao longo da Watling street tanto quanto pude,* [vendo] *cada criatura saindo carregada de bens para salvar e, aqui e ali, transportando pessoas doentes em camas. Bens extraordinários transportados em carrinhos e às costas. Finalmente encontrei o Lord Mayor em Canning street, um homem exausto, com um lenço no pescoço. À mensagem do Rei, clamou, como uma mulher a desmaiar: "Senhor! O que mais posso eu fazer? Estou exausto: as pessoas não me obedecem. Tenho demolido casas, mas o fogo atinge-nos mais depressa do que as conseguimos demolir". Que não precisava de mais soldados, e que, quanto a ele próprio, tinha que ir descansar, pois tinha ficado acordado a noite* toda.[61:418-9]

A expressiva narrativa dá-nos uma ideia clara da dimensão da tragédia e do terror que se tinha instalado. Como, na altura, não havia forma de transportar água suficiente que pudesse apagar um grande incêndio urbano, o que se costumava fazer era retirar a matéria inflamável situada nas proximidades da frente de fogo, quer queimando as casas com fogos controlados, quer demolindo-as.

O autor foi, então, para casa, e no longo texto que escreveu nesse dia conta-nos o que viu no trajecto:

[...] *caminhei para casa, vendo as pessoas quase apáticas e sem meios para combater o fogo. As casas são ali também tão densas e cheias de matéria inflamável, como piche e alcatrão, na Thames street, e armazéns de óleo e vinhos e conhaque e outras coisas. Ali vi o Sr. Isaak Houblon, um homem bonito, lindamente vestido, mas todo sujo, à sua porta em Dowgate, recebendo alguns haveres de seus irmãos, cujas casas estavam em chamas, e, como ele disse, já tinham sido removidos por duas vezes, e ele duvidava (como logo se comprovou) que, em pouco tempo, não tenham que ser removidos outra vez de sua casa, o que foi um pensamento triste. E ver as igrejas cheias de bens de pessoas, as quais, neste momento estariam lá, silenciosamente. Era cerca do meio-dia nessa altura, e assim* [fui] *para casa,* [...]. *Contudo, tivemos um jantar* [almoço] *muito bom, e tão alegre quanto poderia ser* [nestas circunstâncias]. [...]. *Assim que acabámos de jantar, eu e Moone* [um amigo] *saímos e caminhámos pela cidade, pelas ruas cheias de nada a não ser gente e cavalos e carroças carregadas de haveres, prontas para se atropelarem umas às outras, e removendo bens de uma casa queimada para outra.* [...]. *Despedimo-nos em* [a Catedral de] *São Paulo. Ele* [foi] *para casa, e eu para o Cais de* [São] *Paulo, onde tinha combinado que um barco me esperasse.* [...]. *Encontrei-me com o Rei e o Duque de York na sua barcaça, e* [fui] *com eles para Queenhithe,* [...]. *A ordem deles era apenas a de abrir espaço demolindo rapidamente casas, e assim* [fazendo isso] *por baixo da ponte, à beira da água. Mas pouco foi ou poderia ser feito,* [pois que] *o fogo avançava tão rápido sobre elas.* [...]. *Mas o vento leva-o* [ao fogo] *para dentro da parte central da cidade* [*City*], *de modo que não sabemos o que fazer à beira da água. O Rio* [estava] *cheio de barcaças e de barcos levando bens, e flutuando na água* [havia] *boas mercadorias* [...]. *Tendo por agora visto tudo o que pude, fui para White Hall* [...], *e caminhei até ao Parque de São Jaime* [*St. James's Park*], *e lá encontrei a minha esposa* [...], *e caminhámos até ao meu barco, e novamente por água, e* [fomos] *para o fogo, para cima e para baixo, vendo-o ainda aumentar, e o vento* [a soprar] *forte. Então* [chegámos] *tão perto do fogo quanto podíamos, por causa do fumo. E* [andámos] *por todo o Tamisa, com o rosto ao vento, fomos quase queimados com a chuva de gotas de fogo. Isto é mesmo verdade. As casas ardiam assim devido a essas gotas e flocos de fogo, às três ou quatro, não, às cinco ou seis casas, uma a seguir à*

> *outra. Quando não aguentávamos mais na água, fomos a uma pequena cervejaria na margem,* [...]. *E ali ficámos até quase escurecer, e vimos o fogo crescer. E à medida que escurecia, aparecia cada vez mais* [fogo], *e nos cantos e nas encostas, e entre igrejas e casas, até onde podíamos ver a colina da Cidade,* [tudo era] *uma horrível chama sangrenta maliciosa* [...].[61:419-21]

A narrativa é impressionante e dá-nos ideia de quão grande era o horrendo espectáculo do incêndio, mas também dos temores que o fogo infundia nas pessoas. Samuel Pepys termina o texto do primeiro dia do incêndio expondo o medo que sentia de perder todos os seus bens:

> *Ficámos* [na cervejaria] *até que, estando escuro, vimos o incêndio como apenas uma abóboda inteira de fogo, deste até ao outro lado da ponte, e subindo a colina num arco com mais de uma milha de comprimento. Essa visão fez-me chorar. As igrejas, as casas, tudo* [estava] *em chamas e ardia ao mesmo tempo. As chamas faziam um ruído horrível, com o estrondo das casas na sua ruína. Voltámos então para casa com o coração triste,* [...], *e apareceu o pobre Tom Hater com alguns dos bens que conseguiu salvar da sua casa, que ardeu na colina de Fish-street. Convidei-o a ficar em minha casa, e recebi os seus bens,* [...]. *Vimo-nos forçados a começar a empacotar os nossos próprios bens e a prepararmo-nos para a sua remoção. E fizemo-lo ao luar (estando* [o tempo] *muito seco, e o luar, e o clima quente). Levámos muitos dos meus bens para o jardim, e o Sr. Hater e eu levámos o meu dinheiro e baús de ferro para a minha cave, pensando que era o lugar mais seguro. Coloquei no escritório as minhas bolsas de ouro, prontas para levar,* [...]. *Era tão grande o nosso medo, pois Sir W. Batten tinha charretes vindo do campo para levar esta noite os seus bens.* [...].[61:421-2]

Figura 19 – Pintura a óleo sobre tela representando o Grande Incêndio de Londres à noite, visto de Newgate, da autoria de Jan Griffier, o Velho, de *circa* 1670-1678. Dimensões: 165 x 103 cm. Museum of London, id. 27.142

A situação era muito preocupante, mesmo para as pessoas pertencentes a extractos sociais mais elevados, como era o caso de Samuel Pepys, o qual expressa toda a angústia sentida nesses momentos:

> *3* [de Setembro]. *Por volta das quatro da manhã Lady Batten* [Elisabeth Batten, mulher de Sir William Batten, que era inspector (*surveyor*) da marinha] *mandou-me um carro para levar todo o meu dinheiro, pratas e as melhores coisas que tenho, para* [casa] *de Sir W. Rider em Bednall-greene* [Bethnal Green, uma área no *East End* de Londres, a cerca de 5 km a NE de *Charing Cross*], *o que fiz, conduzindo eu próprio, vestido com o meu roupão; e Senhor! como as ruas e as avenidas estão cheias de pessoas correndo e cavalgando, e tentando conseguir carroças de qualquer forma, para poderem transportar as suas coisas. Encontrei Sir W. Rider exausto por, durante toda a noite, ter estado activo a receber coisas de vários amigos. A sua casa* [estava] *cheia de bagagens, muita da qual de Sir W. Batten* [...]. *Fiquei mais calmo por ter o meu tesouro tão bem guardado. Depois* [fui] *para casa, com muita dificuldade para encontrar um caminho, sem ter dormido durante toda a noite, nem a minha pobre mulher. Mas então, durante todo o dia, ela e eu, e todo o meu pessoal, trabalhámos para tirar o resto das nossas coisas* [...]. *O Duque de York veio hoje ao escritório e conversou connosco, e andou com sua guarda pela cidade para manter tudo calmo (sendo ele agora General, e tendo de cuidar de todos).* [...]. *À noite, deitei-me um pouco sobre uma colcha* [...] *no escritório, com todas as minhas coisas a serem empacotadas ou já levadas, e depois de mim, a minha pobre mulher fez o mesmo, tendo-nos alimentado com os restos do jantar de ontem, sem lume nem pratos, nem oportunidade de trocar de roupa.*[61:422-3]

O incêndio não dava mostras de ceder, mostrando-se cada vez mais intenso. A Catedral de São Paulo, uma construção maciça de pedra que se erguia no meio de uma praça, na altura já com mais de meio milénio de idade, parecia ser refúgio adequado para ser utilizado como armazém de mercadorias resgatadas. Na sua cripta foram depositados os materiais que havia nas oficinas de impressão e nas livrarias das redondezas. Porém, o edifício estava a ser restaurado e, portanto, estava revestido com andaimes de madeira, os quais começaram a arder na noite de terça-feira, passando o fogo daí para o telhado e para o interior. Com o intenso calor, as chapas de chumbo que impermeabilizavam o telhado derreteram, e o metal fundido escorreu até há rua, onde corria como um rio. Em cerca de meia hora a catedral estava transformada numa ruína.

Na quarta-feira, 4 de Setembro, as chamas começaram a deslocar-se para Oriente, em sentido contrário ao do vento que até então tinha predominado e, portanto, em direcção à casa de Pepys e da Torre de Londres, com os seus paióis. A guarnição da fortaleza, para evitar um desastre maior, recorrendo a explosivos, procedeu à demolição em grande escala das casas das proximidades, assim impedindo que o fogo chegasse à Torre.

> *4* [de Setembro]. *Levantei-me ao raiar do dia para tirar o resto das minhas coisas, o que fiz* [levando-as] *para um batelão* [que estava] *na Iron Gate, e sendo as minhas mãos* [pessoas disponíveis para fazerem o transporte] *tão poucas, era já de tarde quando conseguimos levá-las todas. Sir W. Pen e eu* [fomos] para *Tower-street, e lá encontrámos o fogo ardendo três ou quatro portas além da do Sr. Howell, cujas mercadorias, pobre homem, as suas bandejas e pratos, pás, etc., estavam espalhadas de uma ponta a outra ao longo da Tower-street* [...]. O *fogo ardia naquela rua estreita, dos dois lados, com fúria infinita. Sir W. Batten, não sabendo como salvaguardar o seu vinho, cavou um buraco no jardim e colocou-o lá; e eu aproveitei para colocar* [lá] *todos os papéis do meu trabalho, que de outra forma não poderia resguardar. E à noite, Sir W. Pen e eu cavámos outro* [buraco]

e colocámos lá o nosso vinho; e eu o meu queijo Parmesão, assim como o meu vinho e algumas outras coisas. [...]. *De vez em quando, passeando no jardim, via como o céu estava horrível, todo em chamas à noite, que era o suficiente para nos deixar loucos;* [...]. *O Duque de York esteve hoje no escritório, no* [gabinete de] *Sir W. Pen, mas aconteceu que eu não estava lá. Esta tarde, sentado melancolicamente com Sir W. Pen no nosso jardim, e pensando que a nossa repartição iria por certo arder, sem meios extraordinários, propus o envio de todos os nossos trabalhadores* [...] *(nenhum dos quais apareceu ainda) e escrever* [...] *para obter autorização do Duque de York para demolir casas, em vez de perder esta repartição, o que muito prejudicaria os negócios do rei.* [...]. *Apenas de vez em quando indo até ao jardim, e vendo como o céu parecia horrível, todo em chamas na noite, era o suficiente para nos deixar desorientados* [...]. *Depois do jantar caminhei no escuro até à Tower-street, e lá vi tudo em fogo,* [...]. *Agora começa a prática de fazer explodir as casas da Tower-street, as* [que estão] *próximas à Torre, o que a princípio assustava as pessoas mais do que qualquer outra coisa. Mas, onde tal foi feito, parou o incêndio,* [...], *sendo depois fácil apagar o pouco fogo que subsistia,* [...]. *Esta noite escrevi ao meu pai, mas o edifício do correio ardeu, e a carta não pode seguir.*[61:423-5]

Figura 20 – O Grande Incêndio de Londres à noite, numa pintura a óleo sobre tela, de 1666, de autor desconhecido. Dimensões: 152 x 90 cm. Museum of London, id. 57.54.

No dia 5 de Setembro, os aceiros e corta-fogos começavam a surtir efeito, e o incêndio dava, finalmente, mostras de amainar, mas a confusão inerente continuava e a situação era caótica. Tendo conseguido já colocar os seus haveres a salvo, Samuel Pepys continua a descrever pormenorizadamente os acontecimentos.

5 [de Setembro de 1666]. [...]. *Por volta das duas da madrugada a minha mulher chamou-me e disse-me que havia novos gritos de fogo, agora vindos da igreja de Barking, situada ao fundo da nossa rua. Levantei-me e verifiquei que assim era, pelo que resolvi logo dali tirar a minha mulher, o que fiz, levando também o meu ouro, que era de cerca de 2 350 li-*

bras, bem como W. Hewer e Jane, no barco de Proundy para Woolwich [que era uma área naval na margem Sul do Tamisa, a cerca de 10 km a SE da Torre de Londres]. *Mas. Senhor! que visão triste era, à luz do luar, ver quase toda a cidade em chamas, podendo ver-se claramente de Woolwich, como se se estivesse perto dela. Ao chegar lá, encontrei os portões fechados, mas sem nenhum guarda, o que me incomodou por causa do que agora se diz, de que há trama nisto* [no incêndio], *e que foram os franceses que o começaram. Abri os portões e fui para a casa do sr. Shelden, onde guardei o meu ouro e pedi à minha mulher e a W. Hewer que nunca saíssem do quarto* [...]. *Então, de volta* [à cidade], *vendo no caminho os meus bens nas barcaças em Deptford* [estaleiros da Marinha Real, na margem esquerda do Tamisa, a cerca de 5 km da Torre de Londres] *e bem guardados. Fui para casa e, sendo agora por volta das sete horas, temia vê-la a arder, mas não estava. Mas* [fui] *para o incêndio, e lá encontrei maiores esperanças do que eu esperava. A certeza de que iria encontrar a nossa repartição em chamas era tal, que não ousei perguntar a ninguém, até que lá cheguei e vi que não tinha ardido. Depois, indo para o incêndio, descobri que com a explosão de casas e a grande ajuda dada pelos trabalhadores dos depósitos do Rei,* [...], *se conseguiu dar uma boa paragem nele, tendo só ardido o relógio da igreja de Barking e parte do alpendre, tendo essa frente sido ali extinta.*[61:425-6]

É fácil imaginar os temores do autor, pois que a igreja, situada ao fundo da rua em que estava a sua casa, tinha começado a arder de madrugada. Todavia, também nesse aspecto os seus piores receios não se concretizaram, e a igreja só tinha sido atingida parcialmente.

Subi até ao topo do campanário da igreja de Barking e tive a mais triste visão desoladora que já vi: em todos os lugares havia grandes incêndios, armazéns de óleo e de enxofre, e de outras coisas a arder. Tive receio de ficar ali muito tempo e, portanto, desci de novo, o mais rápido que pude, com o fogo alastrando até onde podia ver. Depois [fui para casa] *de Sir W. Pen, e ali comi um pedaço de carne fria,* [...]. *Aí encontrei-me com o Sr. Young e Whistler, e tendo já salvaguardado todas as minhas coisas, e tendo grandes esperanças de que o fogo no nosso lado fosse parado, caminhámos na cidade e deparámo-nos com a rua de Fanchurch, a rua Graciosa e a rua Lumbard, todas feitas em cinzas. A Bolsa era uma triste visão, nada ali* [estando] *de pé, de todas as estátuas ou pilares restando apenas a imagem de Sir Thomas Gresham num canto. Caminhámos por Moorefields (com os nossos pés queimando,* [...]*), e vimos que estava cheio de gente, e com pobres coitados levando os seus haveres para lá, e cada um guardando sozinho os seus bens (e é para eles uma grande bênção que esteja bom tempo para poderem ficar no exterior noite e dia).* [...]. *Dali* [fui] *para casa, tendo passado por Cheapside e Newgate Market, todos ardidos, e visto a casa de Anthony Joyce em chamas. E encontrei na rua um copo da Capela dos Mercadores (que guardo comigo), onde havia muitos mais, tão derretido e torcido pelo calor do fogo que parecia um pergaminho. Vi também vi um pobre gato a ser tirado de um buraco na chaminé junto à parede da Bolsa, com o pelo todo queimado, fora do corpo, mas ainda vivo. Então, à noite* [fui] *para casa, e fiquei com boas esperanças de conseguir salvar a nossa repartição, mas com grandes esforços para a vigiar durante toda a noite, e ter homens prontos, pelo que os instalámos na repartição, e* [arranjámos] *bebidas, pão e queijo para eles. Deitei-me por volta da meia-noite e dormi bem, embora quando me levantei tivesse ouvido que havia grande alarme* [devido aos] *franceses e holandeses terem chegado, o que não se comprovou.*[61:426-7]

Como já antes referimos, na altura corriam rumores de que o incêndio tinha sido provocado por uma conspiração de franceses, holandeses ou fanáticos religiosos. Por isso, não era

seguro para os estrangeiros e para os católicos romanos circularem nas ruas, situação a que Pepys faz alusão no texto que escreveu a 6 de Setembro:

> *6* [de Setembro]. *Levantei-me por volta das cinco horas, e encontrei o Sr. Gawden à porta da repartição* [...] [disse-me para eu] *chamar os nossos homens para* [irem para] *Bishop's gate* [figura 16], *onde nenhum incêndio estivera próximo, mas onde agora irrompeu um, o que deu grandes motivos para as pessoas, e também para mim, pensarem que há nisto algum tipo de tramóia (o que, nesta altura, muitos pensam, pelo que tem sido perigoso para qualquer estranho andar nas ruas), mas eu fui com os homens e apagámos o fogo em pouco tempo, de modo que tudo ficou bem novamente. Era bonito ver como as mulheres trabalhavam* [...], *varrendo a água, mas depois reclamavam por bebida e ficavam bêbadas como demónios. Vi na rua bons recipientes de açúcar partidos, e as pessoas iam e pegavam mãos cheias dele, e colocavam-no na cerveja, e bebiam. E depois, estando tudo a ir bem, apanhei o barco* [...], *e então* [fui] *para Westminster, pensando em mudar de roupa, pois que estava todo sujo de cima a baixo. Mas não consegui encontrar nenhum lugar onde pudesse comprar uma camisa ou um par de luvas, pois que Westminster Hall estava cheio de bens trazidos pelo povo, e o dinheiro do Tesouro* [tinha sido] *colocado em navios para o transportar não sei para onde.* [...]. *Depois* [fui] *para White Hall, mas não vi ninguém, e então* [fui para] *casa. Triste ver como está o Rio: não há casas nem igrejas perto dele, até ao Templo, onde* [o incêndio] *parou.* [...].[61:427-8]

No dia 7 de Setembro o pior já tinha passado: o incêndio estava já dominado, embora subsistissem ainda pequenos focos dispersos. A situação era desoladora e calamitosa.

> *7* [de Setembro]. *Levantei-me às cinco da manhã e, abençoado seja Deus, encontrei tudo bem. Fui pelo rio, num barco, até ao Cais de* [São] *Paulo* [um cais imediatamente a Sul da Catedral de São Paulo]. *Dali, continuei a pé e vi toda a cidade consumida pelo fogo, e uma visão lastimosa da igreja de Paulo, com todos os telhados caídos e o corpo do coro derrubado* [...]; *e na escola de* [São] *Paulo também, o mesmo em Ludgate e Fleet-street, a casa de meu pai, a igreja e boa parte do Templo. Fui então ao alojamento de Creed* [colega de trabalho de Pepys], *perto do New Exchange, e encontrei-o lá deitado numa cama, a casa toda sem mobília devido ao receio de que o fogo aí chegasse. Pedi-lhe uma camisa emprestada e lavei-me. Depois fui a casa de Sir W. Coventry, em St. James, que estava sem cortinas, tendo tirado todos os seus bens, como o Rei, em White Hall, e como todo a gente tinha feito e estava fazendo. Ele espera que não tenhamos distracções públicas com este incêndio, que é o que todos temem, por causa da conversa dos franceses estarem nele envolvidos. E é um momento adequado para os descontentes, mas as mentes de todos estão preocupadas em se protegerem e salvarem os seus bens. A milícia armada está em todos os lugares. As nossas frotas, disse-me, estiveram à vista uma da outra, mas infelizmente, devido ao mau tempo, separaram-se* [...]. *Os holandeses apenas saem para se mostrarem e agradar ao seu povo, mas em péssimas condições quanto a provisões, mantimentos e homens. Estão em Bullen* [Boulogne-sur-Mer, junto a Pas-de-Calais] *e a nossa frota vem para Santa Helena* [na Ilha de Wight, na costa Sul inglesa]. [...]. *Então* [fui] *para casa, e dei ordens para que fosse limpa e depois para Woolwich, onde encontrei tudo bem.* [...]. *Cheguei tarde a casa de Sir W. Pen, que me deu uma cama* [...]. *Assim, pela primeira vez,* [dormi] *numa cama nua, só com ceroulas e dormi muito bem. No entanto, a dormir e acordado, tinha no meu coração medo do fogo, pelo que descansei pouco. As pessoas em todo o mundo exaltam em geral a simplicidade do Lord Mayor, e em especial nesta questão do incêndio* [...]. *Foi emitida uma proclamação para que os mercados sejam mantidos aber-*

> *tos em Leadenhall e Mile-end-greene, e em vários outros lugares ao redor da cidade, e em Tower-hill e para que todas as igrejas estejam abertas para receber os pobres.*[61:428-31]

No Domingo seguinte choveu, o que ajudou muito a extinguir os incêndios que ainda persistiam, embora os reacendimentos tivessem continuado, ainda, por alguns meses. Com o incêndio foi destruída a maior parte (cerca de quatro quintos) do que era a zona nobre da cidade. Embora a muralha tivesse subsistido quase na totalidade, bem como várias construções monásticas e edifícios públicos, um balanço efectuado logo depois do incêndio refere que 13 200 casas arderam ou foram demolidas em 400 ruas e pátios, o que indica que entre 70 e 80 mil pessoas perderam os seus lares. Na área dentro de muralhas arderam 150 hectares, a que há que adicionar mais 25 hectares nas paróquias fora da muralha, nas zonas Norte e Oeste. Muitos edifícios públicos, nomeadamente de serviços oficiais, hospitais e prisões, foram duramente atingidos. Quase noventa igrejas foram completamente destruídas ou seriamente danificadas, 35 das quais nunca chegaram a ser reedificadas[78]. Socialmente, a situação era dramática e temia-se que se verificasse outra rebelião em Londres. É relevante relembrar que a Inglaterra mantinha uma guerra contra a Holanda. Mas, surpreendentemente, o número de vítimas mortais parece ter sido muito baixo, apontando algumas estimativas para menos de uma dezena.

Medidas oficiais para resolver a situação

Eram muitos milhares os desalojados que tentavam sobreviver e recuperar da catástrofe. Grande parte destes estabeleceram acampamentos em espaços abertos situados a norte da muralha. O preço do pão próximo das zonas atingidas aumentou para o quádruplo. Era imperioso que urgentemente se tomassem medidas adequadas.

Logo a 5 de Setembro, ainda o fogo ardia com intensidade, embora desse já mostras de querer amainar, o rei Carlos II emitiu uma Proclamação em que tentava minorar as aflições da população:

> *Sua Majestade em sua Principesca compaixão e muito terno cuidado, levando em consideração a condição angustiante de muitos de seus bons Súbditos a quem o último terrível e sombrio incêndio tornou destituídos de moradas e expôs a muitas exigências e necessidades, sua Majestade, para remédio e reparação, pretendendo dar-lhes testemunho e evidências da sua Graça e Favor conforme surja a ocasião, está em condições de declarar e publicar a sua Real Vontade,* [...]. *Que tão grandes quantidades de pão e de todas as outras provisões quantas as que possam ser fornecidas, sejam diária e constantemente trazidas, não apenas para os Mercados anteriormente em uso, mas também para os Mercados que foram estabelecidos por ordem e declaração de sua Majestade ao Lord Mayor e aos xerifes de Londres e Middlesex, como em Clerkenwell, Islington, Finsbury-fields, Mile-end-Green e Ratclif. Sua Majestade está consciente de que tal será também para benefício das cidades e lugares adjacentes, pois que é o melhor expediente para evitar que tais pessoas possam recorrer ao roubo e à perturbação.* [...].[20]

Figura 21 – O Grande Incêndio de Londres à noite, numa pintura a óleo sobre tela, de *circa* 1666, de autor desconhecido. Dimensões: 48 x 39 cm. Museum of London, id 95.313.

Porém, não bastava garantir o fornecimento de alimentos. Era também necessário que os que tinham conseguido salvar os seus bens os pudessem salvaguardar, e a dita proclamação contemplava igualmente essas situações:

> *E considerando também que vários dos ditos aflitos salvaram e preservaram seus Haveres, os quais, no entanto, não sabem como resguardar, é vontade de sua Majestade Que todas as Igrejas, Capelas, Escolas e outros lugares Públicos estejam livres e abertos para receberem os ditos Haveres e sejam gratuitos quando forem para aí trazidos e colocados. E todos os juízes de Paz nos vários Condados* [municípios] *de Middlesex, Essex e Surry devem fazer o mesmo em conformidade*.[20]

Tendo mais de 80% da parte central (*city*) de Londres sido destruída pelo fogo, o que deixou percentagem semelhante da população desabrigada, havia necessidade urgente de possibilitar que essas pessoas pudessem continuar a exercer as suas profissões, de modo a garantirem a subsistência familiar. Também esse aspecto foi contemplado na proclamação aludida:

> *E da mesma forma todas as Cidades e Vilas, quaisquer que sejam, receberão* [...] *as ditas pessoas em dificuldades, e permitir-lhes-ão o livre exercício de seus ofícios Manuais, resolvendo e prometendo sua Majestade que, quando a presente emergência tiver passado, tomará tal cuidado e ordem para que as ditas pessoas não sejam uma sobrecarga para suas cidades ou paróquias.* [...].[20]

Na realidade, a situação em Londres após o incêndio era dramática. Grande parte das pessoas que aí continuavam viam-se obrigadas a viver em casas pequenas, sem condições apropriadas, onde era difícil efectuarem os seus negócios e acomodarem as suas famílias. Verificava-se, também, carência de moeda circulante, o que levou vários proprietários de lojas e tabernas a produzirem fichas metálicas (com o nome e localização do emitente) para facilitarem os trocos.

Com a parte central de Londres destruída e em ruínas, era preciso pensar na reconstrução, a qual tinha que ser efectuada seguindo normas que minimizassem a possibilidade de ocorrer outro incêndio parecido e que obedecesse a critérios arquitectónicos mais modernos. Subsistindo ainda alguns pequenos focos de incêndio isolados, Carlos II apressou-se, em 10 de Setembro, a determinar que fosse efectuada a cartografia de toda a zona atingida pelo fogo:

> *Nomeamos Wencelaus Hollar e Francis Sandford para fazer um plano exacto e levantamento da nossa cidade de Londres com os subúrbios adjacentes* [para se saber] *como o mesmo está agora após a triste calamidade do último incêndio, com particular representação* [descrição] *das suas ruínas.*[19]

O mapa que foi produzido (figura 22) permitia ter uma visão genérica da área atingida, constituindo uma base imprescindível para a reconstrução da cidade em novos moldes. No entanto, era preciso evitar que fossem efectuadas reconstruções particulares, as quais inviabilizariam uma solução de conjunto, pelo que estas foram proibidas até que os novos regulamentos foram formulados e emitidos.

Pouco tempo depois de o incêndio estar extinto, vários indivíduos propuseram planos para a reconstrução da cidade, incluindo, como já mais acima referimos, John Evelyn. Em geral, esses projectos visavam substituir as ruas estreitas e sinuosas da velha Londres por avenidas amplas e praças largas, que tomariam o lugar da antiga cidade medieval. Porém, a maior parte dos terrenos da cidade eram de propriedade privada, com uma mistura in-

trincada de proprietários, inquilinos e sublocatários, cuja resolução exigiria muito tempo, incompatível com a pressão exercida pelas pessoas que tinham ficado sem tecto e queriam reconstruir as suas casas o mais rapidamente possível. Além disso, e é preciso ter isso sempre presente, a Inglaterra estava em guerra com os holandeses, o que dificultava ainda mais a situação.

Figura 22 – Mapa de Londres produzido em 1667, após o incêndio, por Wencelaus Hollar, em seis folhas, reduzido a uma única folha por John Leake. A zona da cidade a branco corresponde à parte que ardeu. Em cima, à esquerda, está uma vista da cidade durante o incêndio.

Nessas circunstâncias, nenhum dos planos apresentados foi superiormente aprovado, e a reconstrução de Londres foi empreendida por uma *Comissão de Reconstrução* constituída por seis individualidades, três indicadas pela Coroa, e outras três escolhidos pela cidade. Porém, nessa reedificação seguiram-se várias normas estabelecidas por uma Proclamação do rei Carlos II, o *Act for Rebuilding the Citty of London*[18], emanada a 13 de Setembro de 1666. Alguns excertos desse acto, começando pela parte inicial:

> *Visto que a Cidade de Londres, sendo o Palácio Imperial dos Reinos de Sua Majestade e conhecida pelo Mercado e Comércio em todo o mundo, foi na sua maior parte queimada e destruída em alguns dias pelo mais terrível incêndio ocorrido recentemente, e agora está enterrada em suas próprias Ruínas; Para sua rápida Restauração e para o melhor Regulamento de Uniformidade e Graciosidade dos novos edifícios que serão erigidos para habitação; E com o objectivo de que grandes e ultrajantes incêndios possam ser (com a bênção do Todo-Poderoso Deus, tanto quanto da Providência humana, com submissão à satisfação Divina) acautelados pela prevenção razoável ou evitados nos tempos que hão-de vir, tanto pelos materiais, quanto pelas formas de tais edifícios;* [...]. *Seja, portanto, decretado pela Excelentíssima Majestade do Rei e com o Parecer e o Consentimento dos*

Senhores Espirituais e Temporais e dos Comuns no presente Parlamento reunidos, e pela Autoridade do mesmo, Que as Regras e Directrizes a seguir prescritas neste Acto devem ser devidamente observadas por todas as pessoas nele envolvidas.[18]

Segue-se um vasto conjunto de regras que começam pela definição de quatro tipos de edifícios a que deviam obedecer as reconstruções:

E para que todos os construtores saibam melhor como providenciar e ajustar os seus materiais para seus vários edifícios, Que seja decretado que haverá apenas alguns tipos de edifícios e mais nenhum, e que todos os tipos de casas a serem erguidas serão de um desses [quatro] *tipos de edifícios e nenhum outro* [...].[18]

Os tipos de casas aludidos eram: 1) casas menores voltadas para ruas; 2) casas voltadas para ruas e avenidas dignas de nota; 3) casas que estavam nas ruas principais; e 4) casas apalaçadas de *cidadãos ou outras pessoas de qualidade extraordinária*. Estipulava-se, também, que os telhados de cada um dos primeiros três tipos deveriam ser uniformes. São muitas as normas construtivas constantes deste longo diploma, das quais ressaltamos apenas algumas:

E, no geral, o prédio com Tijolos não é apenas mais atraente e durável, como é também mais seguro contra futuros perigos de Incêndio, pelo que é ainda promulgado por e com a Autoridade acima mencionada Que todas as partes externas de todos os edifícios dentro e ao redor da referida 'City' sejam doravante feitos de Tijolo, ou de Pedra, ou de Tijolo e Pedra juntos [...].

E seja ainda decretado que as ditas Casas do primeiro tipo de Edifícios mais pequenos com fachada para ruas ou avenidas, como mencionado acima, serão de dois Andares, além das Caves e Sótãos; Que as Caves terão seis pés e meio [cerca de 2 metros] *de altura se as nascentes de água o não impedirem, que o primeiro Andar tenha nove pés* [±2,7 m] *de altura a partir do nível do Solo, e o segundo Andar tenha nove pés de altura* [...].

E é também decretado Que as Casas do segundo tipo de edifícios que têm frente para Ruas e Avenidas de destaque e [para] *o Rio Tamisa consistirão em três Andares de altura além das Caves e Sótãos,* [...].

Além disso, as Casas do terceiro tipo de prédios, com frente para as Ruas principais, serão compostas por quatro andares, além de caves e sótãos [...].

E é ainda decretado Que na Frente de todas as Casas a serem erigidas em qualquer uma das Ruas [...] [deverão ter varandas] *com corrimãos e barras de ferro* [...].

E é ainda decretado Que todos os Carpinteiros, Pedreiros, Estucadores, Marceneiros e outros Artífices e Operários a serem empregados nos referidos Edifícios que não sejam Homens Livres da referida Cidade, que a tenham e gozem dessa tal e mesma liberdade pelo período dos sete anos seguintes, e mesmo depois, até que os ditos edifícios estejam totalmente acabados, [...].

E é ainda decretado Que deve e pode ser lícito que o Lord Maior e a Câmara dos Comuns da referida Cidade possam proibir, de vez em quando, os Comércios e Ocupações que entenderem poderem ser nocivos ou perigosos no que se refere ao Fogo usado ou exercido nas Ruas principais ou fundamentais da dita Cidade. [...].

E considerando que muitas Ruas e Passagens antigas na dita Cidade [City] *e Arredores* [Liberties], *e entre outras aquelas que são mencionadas a seguir, eram estreitas e incómodas para Carruagens e Passageiros e prejudiciais para o Comércio e para a Saúde dos Habitantes, sendo necessário que sejam alargadas, tanto por razões de Conveniência, como Estética da Cidade,* [...], *é decretado* [...] *que o Vereador Maior* [Mayor Alderman] *e*

os Comuns da dita Cidade [...] *podem e são por meio desta capacitados e obrigados a ampliar todas e qualquer uma das Ruas e Lugares a seguir mencionados* [...].
E os ditos Vereador Maior e Conselho dos Comuns devem e podem também, em virtude do presente Acto, ampliar e alargar quaisquer outras passagens apertadas e estreitas dentro da referida Cidade, que tenham menos de quatro pés [±1,2 m] *de largura,* [...].[18]

O principal objectivo desse conjunto de regras era o de tentar evitar, tanto quanto possível, a ocorrência de novos incêndios catastróficos. No entanto, a cidade de Londres acabou por ser reconstruída, na maior parte, de acordo com o antigo plano de ruas medievais, embora com algumas ruas e alamedas alargadas e vários becos removidos.

O incêndio na visão poética de John Dryden

As visões do Grande Incêndio de Londres que acima referimos, vivenciadas por John Evelyn e por Samuel Pepys, foram narradas em cima dos acontecimentos, e traduzem bem todo o pavor que o fogo tinha instilavdo nas pessoas que, a todo o custo, procuravam salvar-se e aos seus bens. Contrastam bastante com a visão poética que John Dryden apresenta no poema *Annus Mirabilis*, a qual foi redigida *a posteriori*, sendo dirigida aos seus leitores com o objectivo de lhes inculcar opiniões e julgamentos, e em que ressaltam os aspectos interpretativos.

Parte muito significativa (quase um quarto) do poema *Annus Mirabilis* (das estâncias 209 a 282) é dedicada ao incêndio de Londres. Aí, o autor opõe-se claramente às interpretações que então eram frequentes (porventura dominantes), principalmente em meios republicanos e anglicanos, que viam os acontecimentos como resultado de um julgamento divino pelo qual Deus tinha castigado a cidade de Londres, primeiro com a peste, depois com o incêndio. É uma interpretação que radicava nos panfletos *mirabilis annus* dos anos anteriores e dos receios do ano de 1666, o *ano da Besta*. Dryden tem uma interpretação totalmente oposta, embora, como veremos, dúbia e, por vezes, contraditória.

Tendo aludido à vitória britânica na chamada Batalha do Cabo do Norte e aos ataques na costa dos países baixos a navios mercantes holandeses que, por certo, proporcionaram grandes saques, Dryden remete, então, para vontades sobrenaturais que regeriam o rumo dos acontecimentos e faz a transição para o incêndio:

208 Nossos ávidos Homens do Mar vasculham cada porão,
Sorriem no saque de cada Baú mais abastado
E, como os Sacerdotes que com seus deuses ousam,
Peguem o que quiserem e sacrifiquem o resto.

209 Mas ah! quão insinceras todas as nossas alegrias são!
Que, enviado do Céu, como Relâmpago, não permanece;
Seu sabor sombrio da viagem interrompe a duração,
Ou o luto, notícia anunciada, os faz regressar à realidade

210 Inchados com nossos sucessos sobre o Inimigo,
Que França e Holanda queriam que o poder cruzasse:
Exortamos um invisível Destino para nos derrubar,
E alimente seus olhos invejosos com a perda do Inglês.

211 Cada elemento obedece a seu terrível comando,
Quem faz ou estraga com um sorriso ou carranca;
Quem, como um, fez a nossa Nação erguer-se,
Então agora, com outra, faz com que se desmorone.

212 No entanto, Londres, Imperatriz do Clima do Norte,
Por um grande destino com grandeza tu morreste;
Grande como os mundos, que na morte do tempo,
Deve cair e erguer-se pelo fogo num quadro mais nobre.[30:53-4]

Portanto, das referências à guerra, a presumíveis vitórias navais e aos respectivos saques, transita-se para o incêndio, o qual é encarado como uma prova, expiação ou remissão, o que é evidente no verso *Deve cair e erguer-se num quadro mais nobre pelo fogo*, alu-são indirecta à Fénix que renasceu das cinzas, que noutras partes da obra é referida de forma explícita. Dryden embrenha-se na descrição do incêndio:

215 Tal foi a ascensão deste fogo prodigioso,
Que em edifícios obscuros primeiro se gerou;
A partir daí, depressa para as ruas abertas passou
E directo para palácios e templos se espalhou.[30:55]

Figura 23 – O Grande Incêndio de Londres, à noite, com as pessoas fugindo em pânico pelo Tamisa. Pintura a óleo sobre tela de Philip James de Loutherbourg, (1740-1812), de *circa* 1797. Dimensões: 81 x 60 cm. Yale Center for British Art, id B1976.7.110.

É admirável a forma enérgica como o poeta descreve o início do incêndio e o começo da sua progressão:

217 Neste silêncio profundo, que de fonte desconhecida,
Essas sementes de fogo seu fatal nascimento revelam;
E primeiro, algumas dispersas fagulhas foram sopradas,
Grandes com as chamas que para nossa ruína se ergueram.
218 Então, nalgum quarto fechado, ele rastejou,
E, fumegando, em silêncio foi sendo alimentado;
Até que o infantil monstro, com força devoradora,
Audaciosamente erecto caminhou com a cabeça exaltada
219 Agora como um rico ou poderoso Assassino,
Grande demais para a prisão, que ele rompe com Ouro,
Que mais fresco para novas malignidades aparece,

E desafia o mundo com o habitual tributar.

À sua maneira, Dryden vai descrevendo o incêndio, por vezes com insinuações políticas, deixando implícito que se o fogo foi efectivamente um julgamento de Deus, foi certamente uma punição pelos pecados das pessoas comuns, do povo, não tendo de modo algum como alvo o monarca ou o governo. De forma poética, o autor vai descrevendo o desenvolvimento do incêndio:

220 Assim, o insultuoso fogo sai de sua apertada cadeia
E faz pequenas surtidas ao ar livre;
Lá os ventos ferozes suas forças assaltam,
E empurram-no para a frente para seu primeiro restauro.

221 Os ventos, como cortesãos astutos, prenderam
Suas chamas ardendo, mas sopraram-nas ainda mais;
E, a cada nova tentativa, ele é repelido
Com contestações fracas, mais fracas do que antes.

222 E agora, não mais largou a sua presa,
Ele salta com um desejo enfurecido;
Agora olha para a vizinhança numa ampla pesquisa,
E acena para cada casa com o seu fogo ameaçador.[30:56]

No poema, a culpa do incêndio é atribuída aos traidores (que seriam os republicanos e os não católicos) e, em última análise, em termos genéricos, ao povo de Londres. Essa atribuição de culpas é feita de forma bastante expressiva. Mas todo este drama provocado pelos fantasmas dos traidores não envolvia directamente o monarca, que estava abençoado:

223 Os fantasmas dos traidores, da Ponte [de Londres] *descem,*
Com ousados espectros fanáticos para se alegrarem;
Em volta do fogo, numa dança, eles se inclinam,
E seus tons de Sabbath com voz fraca cantam.

224 Nosso Anjo da Guarda os viu onde estavam,
Por cima do Palácio de nosso Rei adormecido,
Ele suspirou, entregando seu cargo ao Destino,
E, caindo, olhou com frequência para trás, sobre a asa.[30:57]

A descrição dos acontecimentos é, por vezes, crua, dura e, mesmo, violenta, mas retrata o que possivelmente se passou em várias situações:

226 O próximo ao perigo, ardentemente perseguido pelo destino,
Meio vestido, meio nu, foge apressadamente;
E mães assustadas apertam seus seios, tarde demais,
Pois as crianças no meio do fogo partiram.

227 Seus gritos logo despertam todos os moradores próximos;
Agora, ruídos murmurantes em todas as ruas surgem;
A corrida mais distante tropeça no seu próprio medo,
E, no escuro, os homens simplesmente se encontram.[30:57-8]

É, de facto, uma descrição poética bastante expressiva do que deve ter acontecido na realidade. Tentava-se, de todas as formas combater o incêndio:

229 Agora as ruas crescem apinhadas e atarefadas como de dia;
Alguns correm com Baldes para o sagrado Coro:
Alguns cortam os canos, e alguns os motores utilizam,

E alguns mais ousados sobem Escadas até ao fogo.[30:58]

Figura 24 – O Grande Incêndio de Londres, à noite, vendo-se Ludgate, a porta mais ocidental da muralha, em chamas, e as pessoas a fugir, levando os haveres que podem. Pintura a óleo sobre tela de *circa* 1670, de artista desconhecido, com 135 x 111 cm, Yale Center for British Art, id B1976.7.27.

O autor descreve a progressão do incêndio e as projecções que, impelidas pelo vento Leste, iniciam novos fogos. Não perde, também, a oportunidade para aludir a uma eventual culpabilidade dos holandeses que, na altura, eram também conhecidos como belgas:

230 *Em vão: pois, do Leste, um vento Belga,*
Seu hálito hostil através das vigas secas enviadas;
As chamas impelidas, logo deixaram seus inimigos para trás,
E para a frente, com uma fúria desenfreada progrediram.[30:58]

E Dryden vai continuando a descrever o incêndio, não esquecendo as igrejas (*a cruz*) que o fogo destruiu, e os novos focos que iam surgindo:

233 *O fogo, entretanto, caminha com violência alargada;*
Para todos os lados as suas asas se abrem amplamente;
Avança pelas ruas, e directamente alcança a cruz,
E deita suas chamas ansiosas para o outro lado.

234 *A princípio, aquecem, depois queimam e depois conquistam;*
Agora, com pescoços longos de um lado para o outro se nutrem;
A certa distância, cresceram fortes, sua Mãe fogo abandonam,
E uma nova Colónia de chamas consegue prosperar.

235 *Para cada porção mais nobre da cidade,*
As vagas ondulantes agitam sua turbulenta Maré;
Em grupos agora dispersam-se para cima e para baixo,
Como exércitos, sem oposição, por presas se dividem.[30:59]

O autor, realista convicto, vai enaltecendo, ao longo de todo o poema, a actuação do rei e, obviamente, também a que demonstrou durante o incêndio. Com efeito, o monarca é descrito, em toda a acção, como um pai que sofre por seus filhos e por eles implora ao Céu, conseguindo finalmente que a tragédia acabe. O povo sofre e, portanto, o monarca, desde o primeiro momento, com ele sofre também e tenta fazer o que está ao seu alcance para o auxiliar:

238 *Agora o dia aparece, e com o dia o Rei,*
Cujo cuidado precoce o roubou de seu descanso;
Longe dos estrondos do círculo de casas caindo,
E os gritos das pessoas perfuram seu terno peito.

239 *Perto, enquanto ele esboça, espessos mensageiros de fumo,*
Com pilares sombrios, cobrem todo o local;
Cujos pequenos intervalos da noite são quebrados
Por fagulhas que se dirigem contra sua Sagrada Face.

240 *Mais do que seus Guardas seus sofrimentos o fizeram conhecido,*
E lágrimas piedosas, que suas bochechas mostravam;
O infeliz em sua Dor esqueceu a sua própria;
(Tanto poder a Piedade de um Rei tem).[30:60-1]

No meio de todo o pavor, quando o fogo estava consumindo a cidade é o próprio monarca que decide o *que primeiro deve ser feito* e, nesta passagem, Dryden faz também alusão à demolição de casas com explosivos por forma a criar corta-fogos:

243 *Ele mesmo dirige o que primeiro deve ser feito,*
E ordena todos os socorros que a ele são trazidos.
O que é útil e bom para ele corre,
E forma um Exército digno de tal Rei.

244 *Ele vê o contágio terrível espalhar-se tão rápido,*
Que, onde se apodera, todo o auxílio é vão;
E portanto deve a contragosto destruir
Aquele País que de outra forma o inimigo manteria.

245 *A pólvora explode tudo antes do fogo;*
As chamas atónitas reúnem-se numa pilha;
E na beira dos precipícios se retira,
Com medo de se aventurar em tão grande salto.[30:62]

Figura 25 – O Grande Incêndio de Londres no Ano de 1666. Em Ludgate homem corre de braços abertos, fugindo do fogo. Em primeiro plano vê-se um casal carregando com trouxas de roupa uma carroça puxada por cavalos e um bebé num berço, no chão. Gravura de 1792, de William Russell Birch segundo desenho de Jan Griffier, publicada por T. Thornton, com 32,7 x 21,2 cm, pintada à mão. British Museum, id. B1976.7.27.

A exaltação do monarca e dos líderes que o acompanhavam contrasta fortemente com a imagem que Dryden apresenta do povo inglês, que só surge como admirável quando revela a sua lealdade e obediência ao monarca, e quando exerce esses talentos no comércio marítimo e na navegação, assim dando cumprimento ao grande projecto de Carlos II. Per-

ante a situação dramática do incêndio, os ricos oferecem grandes somas de dinheiro aos pobres para que estes possam sobreviver e salvaguardar os seus pertences, mas estes, segundo o poeta, querem cada vez mais:

250 Os ricos ficam suplicantes e os pobres ficam orgulhosos;
Aqueles oferecem grandes ganhos, e estes exigem mais.
Tão desprovida de piedade é a multidão ignóbil,
Quando a ruína de outros pode aumentar as suas provisões.[30:63]

No poema o rei é sempre apresentado de forma panegírica, agindo de modo incansável no seu desvelo para com o povo, dedicando-se a fundo na procura de soluções para este drama:

253 Os dias foram todos gastos neste trabalho vão;
E quando o cansado Rei deu lugar à noite,
Seus feixes ele emprestou a seu Real Irmão,
E assim continuou a brilhar através dos seus reflexos.[30:64]

Dryden canta de forma sentida a angústia da população que perdeu as suas casas e se vê na necessidade de se refugiar nos campos:

254 Chegou a noite, mas sem escuridão nem repouso
Um retrato sombrio da ruína geral;
Onde as Almas se distraem quando a Trombeta toca,
E meio desprevenidas com seus Corpos vêm.

255 Os que têm lares, quando em casa reparam,
Para um último alojamento seus amigos errantes chamam;
Seus sonos curtos e inquietos são interrompidos pelos cuidados,
Por ver o quão perto sua própria destruição tende.

256 Aqueles que não têm nada, sentam-se onde antes estavam,
E com olhos repletos cada quarto habitual pedem:
Assombrando as ainda quentes cinzas do lugar,
Como homens assassinados caminhando onde expiraram.

257 Alguns atiçam carvões e observam o fogo Vestal,
Outros em vão de vista da ruína fogem;
E, enquanto através de Labirintos em chamas se retiram,
Com olhos de repugnância repetem o que evitariam.

258 A maioria, em campos, como animais em rebanho se deitam,
Ao relento desagradável, no chão coberto de erva;
E enquanto seus bebés dormem suas mágoas afogam,
Pais Tristes observam os restos de suas provisões.

259 Enquanto, pelo movimento das chamas eles adivinham,
Que ruas estão agora ardendo, e quais serão as próximas;
Uma criança, acordando, contra os papás se aconchega,
E encontra, em vez de Leite, uma Lágrima caindo.[30:64-6]

A situação desesperada das pessoas só consegue encontrar algum alívio, segundo o poema de Dryden, na cuidada atenção do monarca:

260 Nenhum pensamento os pode aliviar, a não ser o cuidado do Soberano
Cujo louvor os afligidos como seu conforto cantam;
Mesmo aqueles, a quem a necessidade pode levar ao desespero,
Pensam que a vida sob tal Rei é uma bênção.

261 Enquanto isso, ele sofre tristemente as suas aflições,
Chora como um Ermitão e reza como um Santo;
Durante toda a noite, ele estuda seu auxílio,
Como é que podem ser abastecidos, e o que podem querer.[30:66]

É também referido, como não podia deixar de ser, o incêndio da Catedral de São Paulo (*a Sagrada Escritura*) embora, na visão apresentada pelo poeta, tal tivesse correspondido a uma purificação devido ao que aconteceu durante a guerra civil:

276 As ousadas chamas aparecem e vêem de longe,
As terríveis belezas da Sagrada Escritura;
Mas, uma vez que pela Guerra Civil foi profanado,
O Céu achou adequado que pelo fogo fosse expurgada.
277 Agora pelas ruas estreitas veio rapidamente.
E, amplamente se abrindo, fez de ambos os lados presas.
Este benefício devemos à Chama, infelizmente,
Se apenas a ruína deve ampliar nosso caminho.[30:70]

Após o longo período em que o fogo foi destruindo Londres, o grande incêndio amortecia agora e começava a extinguir-se:

278 E agora quatro dias o Sol tinha visto nossas aflições,
Quatro noites a Lua viu o fogo incessante;
Parecia que as Estrelas mais doentiamente se levantavam,
E mais longe do exótico Norte se aposentavam.[30:70]

Figura 26 – O Grande Incêndio de Londres em 1666. A cidade a arder enquanto as pessoas tentam escapar em barcos, pelo Tamisa, com alguns dos seus haveres. Vê-se a Ponte de Londres com casas a arder nas proximidades e a Catedral de São Paulo em chamas. A Torre de Londres permanece incólume. Pintura sobre tela de Lieve Verschuier (1634-1686), de data indeterminada, com 148,5 x 92,5 cm. Museum of Fine Arts, Budapest, id. 380.

O incêndio estava, finalmente, dominado e chegava-se à fase de rescaldo. Como se referiu, no Domingo choveu, o que ajudou a extinguir os focos de incêndio que ainda persistiam. Tal é encarado no poema como obra do Todo-Poderoso,

280 *Finalmente, o Todo-Poderoso lançou um olhar compadecido,*
E a misericórdia tocou suavemente seu peito comovido;
Ele viu metade da cidade jazendo em escombros,
E as chamas ansiosas desistem de o resto atacar.

Por fim, já com o incêndio dominado, começa a cair chuva no dia seguinte, o que permitiu que a maior parte dos focos que ainda subsistiam acabassem por ser extintos. Assim terminava o devastador incêndio.

281 *Uma Pirâmide de cristal oca ele agarra,*
E águas do firmamento por cima são lançadas;
Disso um amplo Extintor ele faz,
E cobre as chamas que procuram sua presa.
282 *Os fogos dominados de todos os lugares se retiram,*
Ou saciados de alimento, mergulham no sono;
O génio de cada casa mostra novamente seu rosto,
E, das lareiras, os pequenos Lares rastejam.[30:71]

Com o incêndio extinto, o monarca agradece a Deus. Agora, a vida tinha que continuar, e Dryden não perde a oportunidade de continuar a enaltecer o rei:

283 *Nosso Rei esta mudança mais do que natural contempla;*

Com sóbria alegria seu coração e seus olhos se enchem;
Para o Todo-Bom suas mãos levantadas ele ergue,
E agradece-lhe humilde em seu terreno resgatado.

284 Como quando geadas cortantes longamente constrangeram a terra,
Um degelo gentil o desbloqueia com chuva suave,
E primeiro a terna lâmina para o nascimento desponta,
E rasgados campos verdes riem com o grão prometido.

285 Em tais graus o expansivo contentamento cresceu
Em cada coração, que antes o medo havia congelado;
As duradouras ruas com tanta alegria eles vêem,
Que com menos pesar os perecidos eles deploram.

286 O Pai do povo amplamente abriu
Seus armazéns, e todos os pobres com fartura alimentados;
Assim, o Ungido de Deus o próprio lugar de Deus supriu,
E com o seu Pão de cada dia o Vazio preencheu.[30:72]

No *Annus Mirabilis* de Dryden, o Grande Incêndio de Londres acaba por terminar devido a um milagre que ocorreu na sequência da oração do Rei, visão esta que contrasta com as superstições e profecias que então estavam em voga, as quais defendiam que tinha sido castigo divino. Aliás, prova de que o monarca estava nas boas graças do Todo-Poderoso é o facto do palácio real não ter sido atingido, nem os depósitos navais cheios de material altamente combustível, nem os reais paióis de pólvora. É verdade que a Basílica de São Paulo foi destruída, mas tal não traduziu um sinal do descontentamento de Deus para com a Igreja da Inglaterra. Como já referimos, a catedral ardeu, mas apenas para a purificar pelo fogo, pois que tinha sido profanada durante a Guerra Civil.

Se acaso o incêndio foi punição divina, foi certamente um castigo motivado pelos pecados do povo. Foram os erros das pessoas comuns que teriam suscitado a punição, mas esta não teve como objectivo a destruição do povo: foi apenas para o purificar dos seus vícios e suscitar laços mais fortes de amor e lealdade para com o seu soberano; foi apenas para os ensinar que a vontade do céu e os desígnios dos reis são mais bem atingidos com a obediência e a eficácia do trabalho do povo.

Figura 27 – Vista geral de Londres durante o Grande Incêndio de 1666. Gravura holandesa de data e autor desconhecidos, com 42,3 x 15,6 cm. Yale Center for British Art, Id. B1977.14.17852.

Como já se referiu, na visão expressa no poema, o incêndio foi uma purificação, da qual Londres e a Inglaterra iriam renascer com maior glória. Essa perspectiva é bem evidente na parte final da obra, onde John Dryden faz uma das poucas alusões metafóricas à alquimia, fazendo alusão à transformação, pelo fogo, de outros metais em ouro:

293 *Já em meus pensamentos, desta chama Química,*
Vejo uma Cidade nos mais preciosos [metais] *moldada;*
Rica como a Cidade que dá nome às Índias [alusão ao México],
Com Prata pavimentada e toda divina com Ouro.[30:74]

V

A Guerra Anglo-Holandesa

Antecedentes

A maior parte do *Annus mirabilis* de John Dryden versa sobre a Guerra Anglo-Holandesa, pelo que consideramos relevante debruçarmo-nos um pouco sobre este conflito bélico determinante para o domínio dos mares, embora sem nos alongarmos muito no assunto. Na realidade, é mais apropriado falar-se em Guerras Anglo-Holandesas, pois que houve quatro: a primeira entre 1652 e 1654, a segunda entre 1665 e 1667, que é a que é descrita no poema, uma terceira entre 1672 e 1674, tendo um século depois acontecido uma quarta, entre 1780 e 1784. Como já referimos, a base de todas estas guerras era a disputa pelo domínio dos mares, mais propriamente pelo domínio do comércio marítimo.

Com efeito, desde finais do século XVI que os holandeses tinham expandido as suas rotas comerciais muito para lá do Norte da Europa, primeiro para o Mediterrâneo e, depois, para as Américas, África e Oceano Índico, participando no lucrativo negócio das especiarias. Inicialmente, os seus grandes rivais eram os navegadores e comerciantes portuguêses que durante décadas tinham dominado as rotas comerciais para e do Oriente. Porém, na sequência da morte de D. Sebastião na batalha de Alcácer Quibir, em 1578, o trono foi ocupado por seu tio, o Cardeal D. Henrique, que passados dois anos morreu sem descendentes. A coroa portuguesa acabou por ser assumida por Filipe II de Espanha, criando-se a chamada União Ibérica. As possessões ultramarinas portuguesas entraram, deste modo, na Guerra dos 80 anos (1566-1609), provocada pela rebelião dos Países-Baixos que tentavam a independência da coroa espanhola (que até então dominava esta região), tornando-se alvos de ataques holandeses. No início do século XVII os holandeses tinham fundado colónias na América do Norte, na Índia e na Indonésia (nas ilhas das Especiarias) e, com a criação, em 1602, da Companhia Holandesa das Índias Orientais, tornaram-se, juntamente com os portugueses, os principais comerciantes europeus na Ásia. A frota mercante holandesa teve enorme crescimento, ficando com mais navios mercantes do que todas as outras nações juntas.

Quanto à Inglaterra, pode dizer-se que as tentativas de expansão para territórios ultramarinos se iniciaram, embora timidamente, no reinado de Isabel I (de 1558 a 1603). Porém, foi com a ascensão ao trono de Jaime I, em 1603, que a situação se modificou. O Tratado de Londres, de 1604, veio pôr fim à Guerra Anglo-Espanhola (1585-1604): agora, em paz com o seu principal rival, a Inglaterra ficava com disponibilidades para estabelecer as suas próprias colónias ultramarinas, principalmente na América do Norte, mas também em África e na Ásia, intensificando o seu comércio ultramarino, aproveitando também para atacar o de outras nações. Nesta nova situação, a Inglaterra esforçava-se por ter o maior

quinhão possível no comércio marítimo mundial, designadamente no lucrativo tráfego de especiarias (mas também o de escravos), tendo de igual modo criado companhias para o efeito, a mais famosa das quais foi a Companhia Britânica das Índias Orientais. Assim, intensificou-se fortemente a rivalidade com os Países-Baixos,

Perante esta situação, o confronto entre ingleses e holandeses agudizou-se, com ambos os países a tentarem dominar o comércio marítimo com os territórios ultramarinos, com especial realce para os que se localizavam na Ásia. No reinado de Carlos I, de 1625 a 1649, houve um grande programa de construção naval tendente a dotar os ingleses de navios mais adequados ao comércio marítimo e de navios de guerra que pudessem assegurar o domínio desse comércio. Porém, com a decapitação do rei e a eclosão da Guerra Civil Inglesa (1642-1651), a posição naval britânica ficou bastante enfraquecida. Como já mais acima referimos, o poder acabou por ser dominado, em 1653, por Oliver Cromwell, que foi nomeado Lorde Protector de Inglaterra. Este governante adoptou um ambicioso programa de expansão naval, através do qual os britânicos conseguiram constituir uma forte armada, talvez a mais poderosa da época. Todavia, os holandeses continuavam a ter bastantes mais navios mercantes, bem como taxas de frete mais baixas e maior gama de produtos manufacturados para negociar, continuando a ter primazia no comércio internacional. Foi neste contexto que se verificou a Primeira Guerra Anglo-Holandesa, entre 1652 e 1654, que acabou por ser ganha militarmente pelos britânicos. No entanto, embora estes tivessem conseguido ter efectivo controlo do Mediterrâneo, do Canal da Mancha e de outras zonas marítimas, o tratado de paz (Tratado de Westminster) não satisfazia as ambições inglesas de substituírem os holandeses como nação comercial dominante do mundo

Entretanto, outra guerra eclodiu, motivada por razões semelhantes, ou seja, rivalidades comerciais: a Guerra Anglo-Espanhola (1654-1660). Neste caso, duas potências que, tradicionalmente, eram inimigas dos britânicos, estavam já em guerra: a chamada Guerra Franco-Espanhola (1635-1659). De forma pragmática, Cromwell considerou que a Espanha, com as riquezas que os seus navios traziam da América do Sul, poderia fornecer presas mais apetecíveis. Por outro lado, havia a questão religiosa: tanto a França, como a Espanha, eram católicas, e Cromwell era grande defensor do protestantismo, tendo a ambição de que este viesse a prevalecer na Europa. Também neste aspecto a Espanha aparentava ser o principal inimigo. Assim, terminada a guerra com os holandeses, a Inglaterra, aliando-se a um antigo inimigo (a França), envolveu-se no conflito contra Espanha. Transversal a tudo isto estava, como já dissemos, a ambição britânica de dominar o comércio marítimo mundial. Com a morte de Cromwell, em 1658, a Inglaterra entrou, de novo, em turbulência política, a qual terminou, como já mais acima referimos, com a Restauração, ou seja, o regresso à monarquia através da entronização do rei Carlos II, em 1660. Embora a Guerra Anglo-Espanhola tenha terminado após a Restauração, os conflitos prosseguiram de forma intermitente nas Caraíbas durante mais 10 anos.

Passado algum tempo após ter ascendido ao poder, o monarca inglês, Carlos II, adoptou uma série de políticas mercantis contra os holandeses que, em última análise, convergiam com a ambição de largos sectores comerciais britânicos de conseguirem ter o domínio dos mares, o que era impedido pela forte e intensa navegação comercial efectuada pelos Países-Baixos, devidamente enquadrada por navios de guerra. O clima a favor da guerra foi-se acentuando.

Prenúncios de guerra

a) Justificação da guerra no *Annus mirabilis*

No poema *Annus mirabilis,* Dryden começa por dar todo este enquadramento, iniciando a obra da seguinte forma:

> *1* *Nas prósperas artes há muito que a Holanda cresceu,*
> *Servil em casa e cruel quando no exterior;*
> *Deixando-nos escassos os meios para nos afirmarmos,*
> *Nosso Rei cortejaram, e nossos Mercadores deslumbraram.*[30:1]

Como é normal neste género de obras, muitas vezes as palavras precisam de ser descodificadas. Tendo em atenção o que se diz na continuação, as artes do primeiro verso não se referem, obviamente, às chamadas Belas-Artes, mas sim às artes da astúcia e das artimanhas. Aliás, tal é confirmado quando, a seguir, se alude ao rei e aos mercadores ingleses.

Por outro lado, ao dizer *Servil em casa*, o autor alude a outro episódio: no final do período do Interregno, devido a pressões do governo inglês, o futuro rei Carlos II tinha sido expulso da Holanda, onde então estava exilado. Porém, pouco antes da Restauração, quando já se antevia que ele iria assumir o poder, os Estados Gerais dos Países Baixos receberam-no com grande pompa e discursos enaltecedores, numa clara tentativa de que o monarca esquecesse o insulto antes recebido.

Também a afirmação *e cruel quando no exterior* está certamente relacionada com a tortura e execução que agentes da Companhia das Índias Orientais holandesa perpetraram, em 1623, na ilha de Ambon (actuais Ilhas Maluku, antes ilhas Molucas), na Indonésia, de vinte comerciantes, dez dos quais ingleses (e os outros portugueses e japoneses) que estavam ao serviço da Companhia das Índias Orientais inglesa. Este acontecimento, consequência da intensa rivalidade existente entre as duas potências navais que competiam ferozmente pelo domínio do comércio das especiarias, permaneceu um foco de tensão até quase finais do século XVII.

Após as alusões iniciais à duplicidade e crueldade holandesa, Dryden aborda o assunto principal: a rivalidade comercial entre as duas nações. Fá-lo comparando o comércio à circulação sanguínea, a qual tinha sido descoberta apenas poucas décadas antes, em 1628, por William Harvey (1578-1657).

> *2* *Comércio, que como sangue deve circular,*
> *Parado em seus Canais, encontrou sua liberdade perdida;*
> *Para lá a riqueza de todo o mundo foi,*
> *E parecia apenas naufragada em tão baixa Costa*[30:1]

Trata-se, obviamente, de alusão à Holanda, situada no delta anastomosado dos rios Reno, Mosa e Escalda, cuja costa é, portanto, baixa, e onde existe extensa rede de canais interiores. Era nesses corpos hídricos que grande parte do comércio de e para a Europa do Norte fazia escala, e onde os navios se refugiavam dos temporais e de ataques inimigos. O poeta continua a citar os factores que estavam na base da riqueza holandesa, recorrendo a conceitos genéticos ainda prevalecentes na época:

> *3* *Só para eles os Céus tinham calor gentil*
> *Nas Pedreiras Orientais amadurecendo o precioso Orvalho;*
> *Para eles o Bálsamo Edomita transpirava,*
> *E no quente Ceilão as Florestas Apimentadas cresciam.*[30:2]

De modo a tornar os versos mais inteligíveis, Dryden sentiu-se na obrigação de acrescentar uma nota em que diz que as *Pedras Preciosas são, em princípio, orvalho condensado e endurecido pelo calor do Sol ou por Fogos Subterrâneos.* A alusão ao *Bálsamo Edomita* remete para um antigo reino da Transjordânia, referido na Bíblia, que exportava da região do Mar Morto sal e bálsamo, este utilizado para produção de perfumes e do incenso queimado nos templos no mundo antigo. A referência às *Florestas Apimentadas* do Ceilão (actual Sri Lanka) remete, como é óbvio, para a árvore da pimenta, especiaria muito apreciada que era trazida da Ásia pelos portugueses, mas que, na segunda metade do século XVII, passou a ser importada pelos holandeses, o que contribuiu muito para que Portugal perdesse irremediavelmente esse negócio. Portanto, na visão apresentada pelo poeta, *os Céus* beneficiavam a Holanda em tudo, desde as pedras preciosas às especiarias.

Na descrição da situação que então existia, Dryden compara a guerra que se avizinhava às guerras púnicas e, por consequência, acentuava a inevitabilidade do conflito bélico entre as duas potências marítimas rivais. Como é óbvio, nessa imagem, Inglaterra é comparada com Roma, a vencedora, e a Holanda a Cartago, a derrotada.

5 *Assim, poderosa em seus navios, Cartago longamente permaneceu,*
E varreu as riquezas do mundo longínquo;
No entanto, dobrada por Roma, menos rica, mas mais forte;
E isto pode revelar ser a nossa segunda Guerra Púnica.[30:2]

O autor continua descrevendo o ambiente propício à guerra, deixando pressupor que a Inglaterra tinha maiores probabilidades de vencer, pois que era *mais forte*, mas reconhecendo, não obstante, que os holandeses eram *mais diligentes*:

6 *Que paz pode haver onde ambos fingem?*
(Mas eles são mais diligentes e nós mais fortes)
Ou se houver paz, depressa deve ter fim,
Pois eles tornar-se-iam muito poderosos se tivessem tempo.

7 *Eis duas Nações, então, comprometidas até agora,*
Que a cada sete anos, o ajuste deve abalar cada uma das Terras
Onde a França tomará partido para nos enfraquecer pela Guerra,
Quem só a seus vastos projectos pode resistir.

8 *Vejam como ele alimenta o Ibérico com demoras,*
Para nos tornar vã sua oportuna amizade;
E, enquanto sua alma secreta em Flandres ataca,
Ele balança o Berço do Bebé da Espanha.[30:2-3]

A referência a França é uma alusão ao contexto político internacional da altura. Como já mais acima referimos, em 1566 as Dezassete Províncias dos Países Baixos (ou seja, o que são hoje a Holanda, a Bélgica e o Luxemburgo) revoltaram-se contra o domínio dos Habsburgos, traduzida pela soberania do rei Filipe II de Espanha, governante hereditário dessas províncias. Foi o início da guerra da independência holandesa, ou melhor, da chamada Guerra dos Oitenta Anos, que se prolongaria até 1648. Entretanto, o rei Luís XIV de França, que tinha ascendido ao trono em 1643, reivindicava a Holanda espanhola pelos direitos de sua esposa, Maria Teresa de Espanha, que era filha mais velha do rei da Espanha, Filipe IV (III de Portugal até 1640), falecido em 1665. Não nos reteremos nos meandros políticos e nas conspirações da época: apenas adiantaremos que, aparentemente, Luís XIV fez propostas ardilosas a Espanha no sentido de evitar que este país entrasse na guerra

ao lado da Inglaterra. Compreende-se, assim, melhor a alusão que Dryden faz à França, bem como as referências ao *Ibérico* (os espanhóis), à *Flandres* (os Países-Baixos) e ao *Berço do Bebé* (referência a Carlos II de Espanha, nascido em 1661 e entronizado em 1665).

Depois, o autor enfatiza a hesitação de Carlos II de Inglaterra em começar a guerra contra a Holanda:

> *10* *Isto viu nosso Rei; e muito tempo dentro de seu peito*
> *Seus pensativos conselhos balançavam num vaivém;*
> *Ele lamentou que a Terra que libertou fosse oprimida,*
> *E menos por isso do que os Usurpadores fazem.*[30:3]

Dryden continua explanando sobre a importância que o comércio tinha para Inglaterra, justificando a necessidade imperiosa da guerra e a necessidade de prosseguir com os preparativos para o conflito, fazendo alusão à aptidão do rei em assuntos navais (estrofe 14: *Ele, que os velhos homens do mar podem chamar seu mestre, / e escolheriam para general não fosse ele seu rei*) e aos sinais auspiciosos, como foram, na interpretação do autor, os cometas que apareceram em 1665.

b) Clima pré-guerra no diário de Pepys.

A guerra próxima era pressentida por todos, sendo desejada por vastos sectores ingleses. Samuel Pepys foi expressando no seu diário o ambiente que então existia, e as dúvidas sobre o resultado desse conflito bélico. Como Secretario do Conselho da Armada, tinha uma posição privilegiada para saber o que se passava. Em 30 de Março de 1664, ou seja, um ano antes da declaração da guerra, o autor descrevia essa quase inevitabilidade:

> *30* [de Março]. [...] *tive uma boa conversa* [...] *sobre uma guerra holandesa e parece que a intenção do Rei é pôr nas suas mãos* [as reclamações de] *os mercadores para levar as suas queixas ao Parlamento, para os fazer honrar o início uma guerra, que ele não pode honradamente declarar primeiro, com receio de que o não secundem com dinheiro.* [...].

Com efeito, fazer uma guerra é muito dispendioso, pelo que era essencial que a estrutura parlamentar do país a sancionasse, de modo a poderem-se obter as grandes verbas imprescindíveis para o efeito. Esse clima de pré-guerra foi-se prolongando, e tal está bem expresso em várias entradas do diário de Pepys, como, por exemplo, quando refere que:

> *2* [de Abril de 1664]. [...] *as queixas contra os holandeses da maioria das Companhias foram ontem apresentadas ao Comité do Parlamento, excepto a das Índias Orientais,* [...] *porque eles não* [pretendiam] *ser considerados a primeira e única causa de uma guerra com a Holanda, a qual é muito provável, bem como muito necessária* [...].[61:96]
>
> *4* [de Abril]. [...] *e daí* [fui] *para White Hall para* [me encontrar com] *o Duque* [de York, irmão do rei]*, onde todos nos encontrámos, e depois de alguma conversa sobre a condição da Armada para uma guerra holandesa, percebi que o Duque tem em mente que tal deveria acontecer,* [...].[61:98]

Tudo indiciava que a guerra se aproximava e os focos de tensão eram múltiplos. Um deles era na África Ocidental, onde o comércio britânico era desenvolvido pela *Royal African Company*, criada em 1660 na sequência da Restauração, que entronizou Carlos II, e que era detida pelo Duque de York, irmão do rei. O objectivo inicial era o de explorar o ouro da Gâmbia, mas depressa ficou com o monopólio do comércio britânico na costa ocidental africana. Uma das principais actividades era o tráfego de escravos (que abastecia a América de mão-de-obra). Como é evidente, tal monopólio britânico colidia com os interesses dos Países-Baixos na região, pelo houve vários confrontos. Em 1663, como um prelúdio da guerra anglo-holandesa, ingleses capturam ou destruíram os assentamentos holandeses nesta costa, o que iniciou uma série de actos bélicos, com perdas e recapturas de entrepostos comerciais. Samuel Pepys faz recorrente alusão à situação na Guiné e à possibilidade de tal degenerar numa guerra generalizada, por exemplo, quando refere:

> *7* [de Abril de 1664]. [...] *e depois* [fui] *até à Bolsa, onde se fala alto do protesto dos holandeses contra a nossa Royal Company na Guiné* [*Guinny*] *e das suas cartas de concessão de mercado contra nós, e todos esperam uma guerra, mas ainda espero que assim não seja, nem que tal seja verdade.* [...].[61:103]

As tensões eram muito grandes, mas as posturas dos dois países eram dúbias, pois que, se em ambos as nações muitos eram a favor do início de uma guerra, outros temiam os resultados de tal conflito. Tal é explícito em muitas partes da pormenorizada prosa de Pepys, de que apresentamos como exemplo a seguinte:

> *13* [de Abril de 1664]. [...] *e eu* [fui] *para St. James's, onde encontrei o Sr. Coventry* [...]. *Então conversámos sobre os nossos negócios com os holandeses e disse-me estar plenamente convencido de que não chegará a uma guerra;* [...]. *Mostrou-me primeiro uma car-*

> *ta de Sir George Downing, da sua própria mão, em que ele lhe assegura que os próprios holandeses não desejam* [a guerra]*, mas que acima de tudo a temem, e que eles não emitiram Cartas de Corso contra os nossos navios na Guiné, nem que De Ruyter* [o almirante holandês] *fica em casa com a sua frota* [...]*, mas apenas por falta de vento, e que agora está saíndo e vai para os Estreitos. Disse-me também que o máximo que espera é que, diante das queixas dos mercadores, o Parlamento as apresente ao rei, desejando que ele proteja os seus súbditos contra eles* [holandeses]*, e embora eles talvez não considerem directamente apropriado, mesmo assim será o suficiente para que os holandeses saibam que o Parlamento não se opõe ao rei, e assim fazer morrer as suas esperanças, que eram a de que o rei da Inglaterra não conseguiria obter dinheiro* [...] *para* [fazer] *uma guerra contra eles,* [...]*. Disse-me também que os próprios estados holandeses não estão em boas condições,* [...]*, e que, com certeza, apenas os estados da Holanda e da Zelândia contribuirão para uma guerra, e que os outros, estando no interior, não estão preocupados com os lucros da guerra ou da paz.* [...].[61:107-8]

Assim, durante mais de um ano que se vivia na expectativa, sem se saber ao certo se a guerra aconteceria mesmo ou se seria possível enveredar pelo caminho da paz.

> *30* [de Abril de 1664]. [...]. *Todas as notícias são agora sobre a questão holandesa, se* [háverá] *guerra ou paz. Todos nós parecemos desejá-la* [a guerra]*, pensando que de momento temos vantagens sobre eles, embora pela minha parte esteja temeroso. O Parlamento prome-te ajudar o rei com vidas* [homens] *e fortunas* [dinheiro]*, e ele recebe* [a promessa] *com agradecimentos e compromete-se a exigir satisfações dos holandeses.* [...].[61:123]

Como já referimos, a maior parte dos ingleses era, aparentemente, a favor da guerra, e a altura parecia ser boa, pois que a Holanda estava fragilizada, até porque desde 1663 que Amsterdão era assolada por um grave surto de peste, a qual, como já vimos no capítulo III, viria também, posteriormente, a atacar Londres com grande intensidade.

> *4* [de Maio]. [...]. *As notícias sobre o procedimento dos holandeses são dúbias. Alguns dizem-se a favor, outros contra uma guerra. A peste aumenta em Amsterdão.* [...].[61:123]

O tempo ia decorrendo, subsistindo sempre a dúvida sobre se a guerra eminente aconteceria mesmo ou não:

> *30* [de Maio]. [...]. *As conversas na cidade são apenas sobre se haverá ou não guerra com a Holanda, e estamo-nos preparando tanto quanto podemos, o que é pouco.* [...].[60:147]
>
> *30* [de Junto]. [...]. *Ainda grandes dúvidas se a guerra com a Holanda acontecerá ou não. A frota de doze velas está pronta* [...].[61:172]

As posturas das duas potências navais continuavam a ser ambíguas, mas as tensões iam crescendo cada vez mais, sendo um dos pontos nevrálgicos a disputa pelo domínio do comércio africano:

> *3* [de Agosto de 1664]. [...] *encontrei-me com o Sr. Coventry, e conversámos sobre a probabilidade de uma guerra com a Holanda, a qual penso que agora será muito provável, pois que os holandeses preparam uma frota para se opor a nós na Guiné, e ele acha, embora nenhum de nós gostasse disso, que de um momento para o outro cairemos nela, e isso apesar da peste estar a aumentar entre eles e a entrar na sua frota e até no próprio navio de Opdam, pelo que é estranho que eles estejam tão arrogantes.* [...].[61:207]

O Opdam referido era o já aludido Jacob Banner (1610-1665), Lord Obdam, comandante supremo da marinha de guerra dos Países-Baixos. Como referimos, o principal foco de tensão era, aparentemente, a luta pelo domínio do comércio na África Ocidental:

15 [de Agosto]. *Levantei-me e* [fui] *com Sir J. Mines, de coche, para St. James, onde tratámos de assuntos com o Duque* [de York], *que nos disse haver cada vez mais sinais de* [que haverá] *uma guerra com a Holanda, e de como devemos agora preparar uma frota para partir em breve para a Guiné, pois que os holandeses estão fazendo o mesmo, e creio que a guerra começará* [em breve]. [...].[61:217]

19 [de Agosto de 1664]. *Levantei-me e* [fui] *para a repartição, onde, com o Sr. Coventry e Sir W. Penn, passámos a manhã inteira contratando navios para irem para a Guiné, onde acreditamos que a guerra com a Holanda começará primeiro.* [...].[61:221]

27 [de Agosto]. [...]. *As novidades deste dia são que os holandeses estão, com vinte e dois navios de guerra, navegando para cima e para baixo em Ostende, pelo que estamos alarmados. Lord Sandwich* [o superior directo de Pepys] *voltou para Downes com apenas oito velas, o que é ou pode ser uma presa dos holandeses se eles soubessem da nossa fraqueza e incapacidade de nos prepararmos mais rapidamente.*[61:230]

A tensão estava ao rubro e tanto os britânicos, como holandeses, estavam a enviar frotas para o Golfo da Guiné, na expectativa de que aí se defrontassem, mas ambos os países prosseguiam com os preparativos para um expectável confronto na Europa:

19 [de Outubro de 1664]. *Levantei-me e, estando a chover,* [fui] *no coche de Sir W. Penn para St. James, e lá tratámos dos nossos assuntos habituais com o Duque* [de York], *e são cada vez mais os preparativos* [para a guerra] *que surgem todos os dias contra os holandeses, e (o que devo confessar me provoca um pouco de inveja) Sir W. Penn, devido aos serviços que antes prestou na guerra holandesa, cresce a cada dia cada vez mais na consideração do Duque,* [...].[61:262]

É conveniente referir que o almirante William Penn (1621-1670) tinha adquirido vasta experiência de combates navais durante a Primeira Guerra Anglo-Holandesa, entre 1652 e 1654, e que os comandantes dos esquadrões da frota britânica (Duque de York, Príncipe Rupert e Lord Sandwich) não tinham ainda experiência em combates navais. Aliás, isso levou a que o Duque de York tivesse levado Sir Penn com ele no seu próprio navio. A situação tinha-se degradado de tal forma que se vivia já num clima que tendia para uma guerra não declarada:

14 [de Novembro de 1664]. [...] depois [fui] *para casa, parando no Café para saber das novidades. Parece que os holandeses, como depois confirmei pelas cartas do Sr. Coventry, detiveram um navio de mastros* [carregamento de mastros] *de Sir W. Warren, que vinha para cá num navio sueco, o qual não libertarão por reclamação de Sir G. Downing, o que parece ser o primeiro acto de hostilidades, e assim é visto pelo Sr. Coventry.* [...].[61:288]

21 [de Novembro]. [...] *e hoje chegou a notícia de que Teddiman trouxe* [...] *a sua frota de Bordéus e dois navios de guerra para Portsmouth. E esta tarde recebi cartas* [informando] *que três vêm para Downes e Dover. Portanto, a guerra começou. Deus dê um bom fim a isto!* [...].[61:292]

Com efeito, vivia-se já em estado de guerra. Embora esta não tivesse ainda sido declarada, verificavam-se já acções militares no terreno:

24 [de Dezembro de 1664]. *Ao meio-dia* [fui] *à Bolsa, ao Café, e lá ouvi Sir Richard Ford contar toda a história de nossa derrota na Guiné, em que os nossos homens são culpados da mais horrível covardia e perfídia, como ele diz e conta. O capitão Reynolds, que era o único comandante dos navios do rei* [que estavam] *lá, foi alvejado por De Ruyter,* [...]. *Em vez de se opor (o que, de facto, não teria servido para nada, a não ser apenas para manter*

a honra), foi ele próprio a bordo para perguntar o que De Ruyter queria, e assim cedeu a tudo o que Ruyter desejava. O rei e o duque estão muito irritados com isso, ao que parece, e o assunto não é para menos. [...].[61:314-5]

16 [de Janeiro de 1665]. [...]. *Esta tarde, o secretário Bennet leu ao duque de York as suas cartas, as quais dizem que Allen se encontrou em Cádis com a frota holandesa* [que vinha] *de Esmirna, e que afundou um* [navio] *e tomou três. Quão verdadeiras* [são as notícias] *ou o que são esses navios, o tempo o mostrará, mas é uma boa notícia e as notícias de se terem perdidos navios nossos em Cádis e em Málaga são duvidosas. Deus faça com que tal seja falso!* [...].[61:334]

Às acções na África Ocidental, juntava-se agora esta em Espanha, que Pepys confirma alguns dias depois:

23 [de Janeiro de 1665]. [...] *recebi a grande notícia, confirmada pela própria relação do Duque, por carta do capitão Allen. Primeiro, da nossa própria perda de dois navios, o Phoenix e o Nonesuch, na baía de Gibraltar. Depois, o dele* [capitão Allen] *e dos seus sete navios, na baía de Cádis ou próximo, lutando com 34* [navios] *da frota holandesa* [que vinha] *de Esmirna, tendo afundado o* [navio] *Rei Salomão, que valia 150 000 libras ou mais* [...], *e outro* [navio], *e tomando três navios mercantes. Dois dos nossos navios foram danificados, pois os holandeses infelizmente neles concentraram a sua atenção* [...]. *O capitão Allen recebeu muitos tiros* [disparados] *à distância antes de disparar uma arma, o que não fez até chegar a um tiro de pistola do seu inimigo. Os espanhóis na praia de Cádis ficaram rindo dos holandeses ao vê-los fugir e escapar para o litoral,* [sendo] *mais ou menos 34* [navios] *contra, no máximo, oito ingleses.* [...].[61:338-9]

Já não podia haver dúvidas: estava-se em guerra, embora esta só viesse a ser formalmente declarada posteriormente. Tanto os britânicos, como os holandeses, procediam em conformidade:

24 [de Janeiro de 1665]. [...] *não há mais notícias, a não ser que os holandeses, com o consentimento de todas as províncias, votaram não haver comércio durante dezoito meses, para se dedicarem totalmente à guerra. Dizem que tal é verdade, mas é muito estranho, pois costumamos acreditar que eles não se podem sustentar sem comércio.* [...].[61:340]

A afirmação de Pepys sobre a completa proibição de todo comércio na República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos é surpreendente, pois que o país era profundamente dependente das relações comerciais. O que parece ter acontecido foi que, vendo que a guerra com a Inglaterra era inevitável, decidiram adoptar medidas extremas para poderem equipar uma frota adequada. Para isso, tal como já tinha acontecido no passado em situações semelhantes, proibiram a navegação, em especial a relacionada com as pescarias, incluindo a pesca da baleia, por forma a arranjarem navios e, em particular, marinheiros para equiparem a frota de guerra.

Finalmente, a 4 de Março de 1665, foi oficialmente declarada a guerra. Se nos alongámos ao apresentar algumas passagens do diário de Samuel Pepys, é porque elas apresentam uma visão clara do que se passava efectivamente em Londres, de como era o ambiente que aí se vivia e do que se ia fazendo como preparação para a guerra. Trata-se, assim, de uma visão complementar à de John Dryden, que explora essencialmente as motivações para o confronto bélico. Outra visão complementar, a que a seguir faremos alusão, é a de John Evelyn.

c) John Evelyn e a preparação para a guerra.

Como já antes referimos, John Evelyn foi um dos quatro comissários nomeados pelo rei para cuidar dos marinheiros feridos e doentes, bem como dos prisioneiros de guerra. É de relevar que tal nomeação aconteceu ainda antes de formalmente ter sido declarado o estado de guerra, mas em que os ânimos ingleses contra os Países-Baixos estavam exacerbados. Evelyn descreveu assim a sua nomeação:

> *27* [de Outubro de 1664]. [...]. *No mesmo dia, no Conselho, sendo precisos Comissários para cuidarem dos* [marinheiros] *doentes, feridos e dos prisioneiros de guerra, como era de esperar por ocasião de uma guerra e sucessivas acções no mar, já declarada guerra contra os holandeses* [é insólita esta afirmação]*, Sua Majestade dignou-se nomear-me para ser um deles, com três outros cavalheiros, parlamentares,* [...] *com um salário de 1 200 libras por ano entre nós,* [...]*, sendo cada um de nós nomeado para um distrito em particular, passando o meu a ser o de Kent e Sussex, com poder para constituir oficiais, médicos, cirurgiões,* [...]*, e dispor de metade dos hospitais da Inglaterra.* [...].[33:385]

Essas funções faziam com que Evelyn tivesse uma visão diferente dos acontecimentos. Por outro lado, o autor ia redigindo o seu diário de forma bastante lacónica, sem a preocupação de nele ir sempre escrevendo diariamente (ao contrário de Pepys). Por isso, o diário de Evelyn é muito menos informativo do que o de Pepys, mas ainda assim é útil ver as anotações que foi fazendo.

Como já referimos, em 1664 havia em Inglaterra, de modo geral, grande entusiasmo pela guerra, e embora o conflito bélico não tivesse sido ainda declarado, iam-se sucedendo vários confrontos. Principalmente fora da Europa, os corsários ingleses atacavam os navios holandeses, capturando-os e levando-os para portos ingleses (e ficando com os importantes rendimentos do saque). No final de 1663, o almirante Robert Holmes (1622-1692) tinha sido enviado para a costa africana para proteger os interesses da *Royal African Company*, tendo aí tomado, em 1664, vários navios holandeses. Em Maio capturou a principal base holandesa na África Ocidental, o Castelo de Anta, na Costa do Ouro, e vários outros estabelecimentos, juntamente com diferentes navios. Quando a guerra começou, em Março de 1665, já tinham sido trazidos para Inglaterra cerca de duzentos navios holandeses capturados[44:766] e, como é evidente, muitos prisioneiros. É de referir também que a colónia holandesa de *New Amsterdam*, na América do Norte, foi também conquistada em 1664 pelos ingleses, que lhe deram o nome de *New York*. Como antes dissemos, havia já fora da Europa guerra aberta, o que significava que iam chegando à Grã-Bretanha não só mais prisioneiros, mas também marinheiros britânicos feridos nos confrontos. Portanto, mesmo ainda antes da declaração formal da guerra, Evelyn, como um dos comissários encarregados dos prisioneiros e dos marinheiros doentes e feridos, tinha já bastante que fazer.

No diário de Evelyn, são quase nulas as referências ao espírito dos ingleses quanto à guerra iminente, bem como às notícias sobre os confrontos que se verificavam no ultramar. O que aí anotava eram essencialmente acontecimentos relacionados com a sua vida pessoal. Assim, nesse documento, não expressa minimamente o clima bélico que grassava em Londres. Na sua escrita essencialmente factual, só no final de Novembro é que faz alusão às tensões com os Países-Baixos, mas apenas de forma tangencial:

> *24* [de Novembro de 1664]. *Sua Majestade dignou-se contar-me como foi a conferência com o Embaixador da Holanda, que, como depois vim descobrir, foi a base do discurso que fez na reabertura do Parlamento,* [...].[33:386]

Se Evelyn é extremamente parco em referências à situação que então se vivia, o mesmo não acontece com o que se relacionava com as suas funções, embora sempre expressas de modo muito sumário:

> *2 de Dezembro* [de 1664]. *Entregámos as cartas do Conselho Privado aos governadores do Hospital de St. Thomas, em Southwark, para que metade do edifício fosse reservado para os doentes e feridos que, de tempos em tempos, durante a guerra, deverão ser enviados da frota.* [...]*, o Presidente e vários Vereadores, Governadores daquele Hospital, convidaram-nos para um grande banquete no Salão do Peixeiro.*[33:386]

Depreende-se, portanto, que se tomavam as necessárias providências para a guerra que se iniciaria em breve, prevendo-se que provocaria bastantes feridos, pelo que metade do hospital ficava desde logo reservada para esses casos. É o que se deduz também do que escreveu no início do novo ano:

> *4* [de Janeiro de 1665]. *Devido ao excesso de geada e neve, fui num coche em direcção a Dover e outras partes de Kent, para estabelecer em todos os portos marítimos médicos, cirurgiões, agentes, delegados e outros oficiais para cuidarem dos* [marinheiros] *que devem ser trazidos para terra, feridos, doentes ou prisioneiros, de acordo com a nossa comissão, que vai de North Foreland, em Kent, a Portsmouth, em Hampshire. O resto dos portos na Inglaterra foram atribuídos aos outros Comissários.* [...].[33:388]

Se, no que se refere aos marinheiros feridos, a actividade de Evelyn era essencialmente a de preparação do futuro próximo imediato, o mesmo não acontecia com os prisioneiros de guerra, que, depreende-se, iam chegando a Inglaterra em virtude das acções efectuadas no ultramar:

> *8* [de Fevereiro de 1665]. *Quarta-feira de Cinzas. Visitei os nossos prisioneiros no Colégio de Chelsea e examinei como o delegado e o vivandeiro se comportavam. Eram prisioneiros feitos na guerra. Só reclamaram que o seu pão* [que lhes davam] *era muito fino.* [...].[33:389]

As armadas dos beligerantes quando a guerra eclodiu.

Na altura, tanto a Grã-Bretanha como os Países-Baixos tinham fragilidades que não permitiam encarar com optimismo a hipótese de uma guerra. Havia clara percepção de que o estado das finanças britânicas não permitiria sustentar uma guerra prolongada, e da parte dos Países-Baixos sabia-se que o bloqueio britânico dos portos holandeses em Abril e Maio de 1665 e os ataques às suas frotas mercantes conduziria à ruína da economia holandesa. Tal justifica o longo período de indecisões e ambiguidades que precedeu a declaração da guerra. Porém, além da situação de beligerância em África e na América do Norte, os ataques britânicos a comboios mercantes holandeses na Baía de Cádis e no Canal da Mancha forçaram os Países-Baixos a fazer a declaração de guerra.

Como já referimos, na Grã-Bretanha a principal motivação para um espírito de guerra contra os Países-Baixos era a luta pela preponderância no comércio marítimo, o qual era em muito dominado pelos holandeses (embora interviessem também outros factores, como os religiosos). Em 1660, a *Restauração*, isto é, a entronização de Carlos II, gerou em Inglaterra uma onda geral de optimismo, em que muitos esperavam que o domínio holandês no comércio mundial fosse revertido a favor da Grã-Bretanha. Nessa altura, o irmão mais novo do rei, James (Jaime), Duque de York, foi nomeado Almirante-mor e Primeiro Lorde do Almirantado da Inglaterra. Como este tinha grandes interesses na navegação comercial, tendo mesmo criado a já referida *Royal African Company*, criaram-se fortes expectativas de que o comércio britânico fosse mais protegido e bastante ampliado. Com efeito, a Grã-Bretanha enveredou por uma agressiva política comercial e, face às tensões existentes no ultramar, os corsários britânicos começaram a juntar-se aos navios da marinha de guerra para atacar os navios mercantes holandeses, capturando-os e levando-os para os portos ingleses. Foi neste contexto que o já aludido Robert Holmes foi enviado para a costa africana, onde tomou muitos dos estabelecimentos holandeses na região e confiscou vários navios da *Companhia das Índias Ocidentais* dos Países-Baixos, alegadamente como represália pela captura de navios ingleses por aquela companhia[56:67]. Com estas expectativas e acções, o entusiasmo pela guerra crescia entre a população inglesa. Como resposta, a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos enviou uma armada comandada pelo almirante Michiel Adriaenszoon de Ruyter (1607-1676) que recapturou os postos comerciais holandeses em África e efectuou uma expedição punitiva contra os britânicos na América do Norte. Portanto, como já antes referimos, fora da Europa havia já um espírito de guerra aberta entre a Grã-Bretanha e as Províncias Unidas.

Nos Países-Baixos, a ameaça ao seu domínio comercial marítimo era encarada com preocupação. Durante a Primeira Guerra Anglo-Holandesa (1652-1654), foi eleito, em 1653, como *Raadpensionaris* (Grande Pensionário, uma espécie de Primeiro-Ministro) Johan de Witt (1625-1672), o qual encetou um vasto programa de renovação da marinha de guerra dos Países-Baixos. Embora os interesses económicos holandeses beneficiassem de uma política de paz na Europa, De Witt estava consciente de que era preciso estar preparado para qualquer eventualidade e, portanto, ter uma marinha forte, até porque os comboios de navios comerciais careciam de protecção adequada. Uma marinha forte, com uma frota de combate permanente e grande número de navios de escolta exigia uma base financeira sólida, o que era exequível, pois que De Witt tinha conseguido restabelecer o equilíbrio das finanças do Estado, tendo mesmo criado fundos de reserva[16:64-6]. Porém, embora os Países-Baixos estivessem em muito melhores condições financeiras do que a Grã-Bretanha e estivesse em curso um programa de renovação da armada, a marinha holandesa carecia de boa liderança no mar.

A marinha de guerra dos Países-Baixos estava dividida em cinco almirantados, o que provocava problemas, inclusivamente na nomeação do comando-chefe. Em 1653, próximo do final da primeira guerra, o comandante supremo da armada, Maarten Tromp, tinha morrido em acção na *Batalha de Scheveningen*, sendo preciso substituí-lo rapidamente. Embora houvesse figuras notáveis e muito competentes da marinha que poderiam assumir o cargo (como Witte de With, Cornelis Evertsen e Michiel de Ruyter), a província mais rica dos Países-Baixos, a Holanda, que detinha três dos cinco almirantados (entre os quais dois dos maiores), não aceitava subordiná-los a um comandante-em-chefe de um dos almirantados menores. A escolha acabou por recair sobre Jacob van Wassenaer-Obdam (1610-1665), um personagem proveniente da cavalaria, membro da nobreza, amigo do Grande Pensionário, cujo pai tinha ocupado a mesma posição entre 1603 e 1623. Porém, Obdam acabou por se revelar incompetente para o comando naval. Assim, pese embora a renovação da armada que estava em curso e as boas condições financeiras dos Países-Baixos, faltava à sua marinha de guerra uma liderança forte, o que, após Obdam ter morrido em combate em 1665, na *Batalha de Lowestoft*, foi corrigido, com a nomeação de De Ruyter.

Portanto, tanto o Reino Unido, como a República das Sete Províncias Unidas dos Países-Baixos, tinham à frente da marinha de guerra chefes sem experiência em combates navais. Na Grã-Bretanha, o Duque de York (irmão do rei) tratou de organizar a armada, formando três esquadrões, com ele (tendo o experiente William Penn a bordo) a comandar toda a frota, bem como o esquadrão do centro (Esquadrão Vermelho). Os outros dois esquadrões eram comandados pelo Príncipe Rupert (na chefia do Esquadrão Branco) e por Edward Montagu, Conde de Sandwich, a capitanear a força de retaguarda (Esquadrão Azul). Rodeou-se, assim, de homens muito experientes, em geral com provas dadas na guerra antecedente. Tendo por base chefias bem experimentadas, o Duque de York teve uma actuação que imprimiu grande coesão à armada e estabeleceu uma cadeia hierárquica bem definida.

Pelo contrário, a organização da armada dos Países-Baixos reflectia mais as prioridades políticas do que as operacionais. A frota foi dividida em sete esquadrões distribuídos por cinco almirantados, os quais, embora sob a superior chefia de Obdam, eram comandados em muitos casos por almirantes desconhecidos dos seus subordinados, não havendo uma hierarquia bem estabelecida[55]. Acresce que, quando a guerra se tornou iminente, os maiores navios holandeses eram bastante menores do que os britânicos e, dos novos vasos de guerra que se tinha decidido construir, apenas quatro navios de linha estavam prontos. A frota era essencialmente constituída por navios de guerra mais antigos (que tinham sido desactivados após a primeira guerra e que, entretanto, tinham sido reactivados) e por grandes navios híbridos da *Companhia das Índias Orientais* holandesa, concebidos tanto para transportar cargas como para serem usados em batalhas navais[16:66-74]. Portanto, quando a segunda guerra anglo-holandesa se tornou iminente, a marinha de guerra inglesa estava bastante mais bem organizada do que a dos Países-Baixos.

É relevante considerar também os contrastes populacionais e económicos entre as duas potências navais. Em 1665, a Inglaterra tinha uma população cerca de quatro vezes maior do que a das Sete Províncias Unidas, mas era essencialmente constituída por campesinato pobre. Nos Países-Baixos a população urbana excedia a de Inglaterra, tanto em termos proporcionais, como absolutos. Tal significava que a Holanda tinha capacidade para despender na guerra mais do dobro das verbas que a Grã-Bretanha podia conseguir[68:79]. Porém, os Países-Baixos tinham o factor limitativo da peste, que grassava desde 1663. Refira-

-se que o mesmo problema viria a atingir a Inglaterra no início da guerra, o que depois viria a ser agravado pelo pavoroso incêndio de Londres. Pode assim concluir-se que, embora a guerra estivesse iminente (e houvesse mesmo um estado de guerra aberta no ultramar), nenhum dos países estava em condições de a encetar com a segurança de ter grandes vantagens sobre o inimigo, o que justifica as ambiguidades que caracterizaram o período que antecedeu o conflito bélico.

No entanto, o clima de guerra aberta que já existia em África e na América do Norte depressa se propagou à Europa. Como já referimos, a 19 de Dezembro de 1664 navios de guerra britânicos, comandados pelo almirante Thomas Allin (por vezes grafado como Allen), atacaram em Cádis um comboio de navios mercantes holandeses que vinha de Esmirna, seguindo-se pouco tempo depois outro no Mar do Norte. Pode dizer-se que os Países-Baixos ficaram sem saída, e a guerra acabou por ser declarada a 4 de Março de 1665.

O início da guerra.

Como se referiu, a Grã-Bretanha e a República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos entraram formalmente em guerra em Março de 1665. Quando o conflito bélico começou, ambos os contendores consideravam que era desejável haver uma batalha decisiva inicial que permitisse resolver logo a situação, pois que, por um lado, as finanças inglesas não permitiriam sustentar uma guerra longa, e, por outro, o bloqueio inglês aos portos holandeses e os ataques aos seus navios mercantes rapidamente provocariam a ruína económica dos Países-Baixos.

a) As narrativas de Evelyn e de Pepys.

Enquanto as frotas de ambos os países vagueavam à espreita de uma oportunidade para se confrontarem, em Londres, a 7 de Março, verificou-se a explosão acidental de um navio, o *London*, um vaso de guerra de 76 canhões lançado à água dez anos antes, que se tinha tornado famoso por ter sido um dos navios que, na *Restauração*, escoltaram Carlos II desde a Holanda até Inglaterra para ser entronizado, trazendo a bordo o irmão mais novo do rei, James, Duque de York. No seu estilo bastante sucinto, Evelyn alude ao acontecimento referindo, como era seu costume, quase apenas o que lhe dizia respeito:

> *9* [de Março de 1665]. *Fui receber as pobres criaturas que foram salvas da fragata de Londres, que explodiu por acidente, com mais de 200 homens.*[33:391]

Como veremos, Samuel Pepys referiu também este acidente, mas de modo bastante mais pormenorizado. Como já dissemos, o que John Evelyn anotava no seu diário eram factos relacionados consigo próprio e com os marinheiros feridos e os prisioneiros de guerra, de que estava encarregue. Já a guerra tinha sido declarada quando escreveu:

> *2* [de Abril]. *Dei ordens sobre alguns dos prisioneiros enviados do navio do capitão Allen, capturados no Solomon, bravos homens que o defenderam tão corajosamente.*[33:391]

Tratava-se dos prisioneiros do navio holandês *Koning Salomon*, que vinha numa frota proveniente de Esmirna, a qual, como já acima aludimos, foi atacada por sete navios de guerra ingleses sob o comando de Allen, e que acabou por ser afundado.

A guerra estava já em curso, mas não tinha havido ainda nenhuma grande acção. No entanto, as refregas que iam ocorrendo provocavam feridos que precisavam de ser tratados, bem como conduziam à captura de marinheiros do inimigo, e essa era a constante preocupação de Evelyn:

> *20* [de Abril de 1665]. *Fui a Whitehall, para* [ter audiência com] *o rei, o qual me chamou ao seu quarto enquanto se vestia, e a quem mostrei a carta que o Duque de York me escreveu da frota, informando-me sobre o jovem Evertzen e alguns comandantes recentemente capturados ao lutarem com as fragatas "Dartmouth" e "Diamond", que ele me mandou como prisioneiros de guerra. Perguntei a Sua Majestade como gostaria que eu os tratasse, e ele ordenou-me que trouxesse o jovem capitão até ele, e que transmitisse as palavras do Embaixador holandês (que ainda permanece aqui) aos outros, e que este deveria vir até mim sempre que eu o chamar, e não deveria partir sem permissão. Sobre isso, pedi mais guardas, sendo a prisão a de Chelsea House.*[33:391-2]

O referido *jovem Evertzen* era o comandante Cornelis Evertsen (1642-1706), filho do almirante com o mesmo nome. O seu navio e um outro, após terem combatido heroicamente e terem perdido muitos homens, ficaram incapacitados, acabando por ser capturados pelos navios britânicos do almirante Sir Thomas Allin (por vezes grafado Allen). Evertsen

e o outro comandante foram enviados para Inglaterra, tendo o Duque de York, que dirigia a armada britânica, recomendado ao rei que, pelo seu comportamento valoroso, fossem libertados, o que veio a acontecer. Como veremos, tal foi também referido por Pepys. Todavia, nessa libertação, pesou muito o facto do pai do *jovem Evertzen*, o almirante Cornelis Evertsen, ter prestado vários serviços ao rei Carlos II durante o seu exílio na Holanda, antes da sua *Restauração*. A aludida libertação foi referida por Evelyn nos seguintes termos:

> *24* [de Abril]. *Apresentei o jovem capitão Evertzen (filho mais velho de Cornelius, vice-almirante da Zelândia, e sobrinho de John, agora almirante, uma pessoa muito valente) a Sua Majestade, no seu quarto. O Rei deu-lhe a sua mão para ser beijada e restituiu-lhe a liberdade. Fez muitas perguntas sobre o combate (foi o primeiro sangue derramado* [nesta guerra]*), lembrando Sua Majestade as muitas cortesias que outrora recebera, no exterior, de seus parentes* [...]*. Depois, mandou-me ir com ele ao Embaixador da Holanda, onde ele ficaria para tirar o passaporte, e que eu lhe desse cinquenta moedas de ouro. No dia seguinte, o Embaixador deu-me a sua palavra de honra* [para obter a liberdade condicional] *para o outro capitão, capturado no combate com o comandante Allen, diante de Calais. Prestei contas ao Rei do que havia feito e depois pedi o mesmo favor para outro Comandante, o que sua Majestade me concedeu.*[33:393]

Embora a guerra estivesse apenas no início, John Evelyn tinha já bastante trabalho, além do que a aludida explosão do *London* no Tamisa lhe dava:

> *16* [de Maio]. [Fui] *a Londres, para prestar ajuda aos pobres órfãos e às viúvas que este começo sangrento fez, e cujos maridos e parentes morreram na fragata* London*, havendo cinquenta viúvas, quarenta e cinco delas com filhos.*[33:393]
>
> *26* [de Maio]. [Fui] *falar com o Embaixador da Holanda em Chelsea sobre a libertação de diversos prisioneiros de guerra* [que estão] *na Holanda em troca* [dos que estão] *aqui. Após o jantar, fui chamado à Câmara do Conselho em Whitehall, e fiz a Sua Majestade um relato do que tinha feito, informando-o da vasta carga* [que] *agora temos, não inferior a 1000 libras semanais.*[33:393-4]

Com efeito, a captura de combatentes implica despesas avultadas, pois que envolve a necessidade de lhes providenciar alimentação, instalações, guardas, cuidados médicos e várias outras coisas, pelo que uma solução é a de efectuar a troca de prisioneiros, como a que Evelyn estava a tratar. Estava-se ainda apenas no início da guerra e ainda não tinha havido nenhum grande confronto, pelo que era importante estar para tal precavido, pois que esse embate ocorreria mais tarde ou mais cedo:

> *29* [de Maio]. *Fui com meu filho ao distrito em Kent, para acertar as contas com os meus oficiais. Visitei o Governador em Dover Cattle, onde estavam alguns dos meus prisioneiros.*
>
> *3* [de Junho]. *No meu regresso, fui a Gravesend. As frotas, agora preparadas, deram ordens especiais para que os meus oficiais estivessem prontos para receberem os feridos e os prisioneiros.*
>
> *5* [de Junho]. [Fui] a *Londres, para falar com Sua Majestade e o Duque de Albemarle sobre guardas a cavalo e a pé para* [vigiarem] *os prisioneiros de guerra que me foram particularmente confiados* [...].[33:394]

As preocupações de John Evelyn tinham toda a razão de ser, pois que estava já a decorrer a primeira grande batalha naval desta guerra, a chamada *Batalha de Lowestoft*.

No seu diário, Samuel Pepys é bastante mais informativo. Todavia, o início formal da guerra é por ele referido, no final da entrada desse dia, de forma bastante singela mas plena de significado:

> *4* [de Março de 1665]. [...]. *Este dia foi proclamada* [...] *a guerra com a Holanda*.[33:366]

Agora já não era apenas em paragens longínquas que se desenvolviam as acções bélicas: era preciso estar preparado para o que aconteceria às portas de casa. A guerra era principalmente naval, pelo que era no mar que era importante estar a postos:

> *6* [de Março de 1665]. *Levantei-me e* [fui] *com Sir J. Minnes, de coche,* [...], *para St. James, e lá tratámos dos nossos assuntos com o Duque* [de York]. *Grandes preparativos para o seu rápido retorno ao mar. Vi-o provar o seu casaco de couro e o chapéu coberto de veludo preto. Incomoda-me mais pensar na sua aventura do que em qualquer outra coisa em toda a guerra.* [...].[33:367]

Também Pepys faz referência à explosão acidental do navio no Tamisa, aludida de modo muito sucinto por Evelyn, o que permite constatar a profunda diferença de estilos dos dois diaristas:

> *8* [de Março]. [...]. *Esta manhã chegou-me ao escritório a triste notícia do "The London", que estava a ser levado por homens de Sir J. Lawson de Chatham para Hope, e de lá ele iria nele para o mar. Porém, um pouco deste lado da bóia de Nower, explodiu de repente. Salvaram-se cerca de 24* [homens] *e uma mulher, que estavam na cabine da popa e na cabine posterior abaixo do convés de popa. Os restantes, sendo mais de 300* [pessoas], *afogaram-se. O navio fez-se em pedaços,* [...]. *Jaz afundado, com a sua cabine da popa acima da água. Sir J. Lawson perde assim tantos bons homens escolhidos*, [...].[61:367]

Tendo a guerra sido já formalmente declarada, as frotas de ambos os países preparavam-se para sulcarem os mares em busca de uma oportunidade de confronto, que se pretendia que fosse definitiva. Ao mesmo tempo, eram desenvolvidas paralelamente acções diplomáticas tendentes a fortalecer cada um dos lados, como a que, logo no início oficial do conflito, é referida por Pepys:

> *8* [de Abril de 1665]. [...] *Os Embaixadores Franceses chegaram incógnitos* [...]. *Pensa-se que vêm para fazer com que o nosso rei se junte ao rei da França para o ajudar contra a Flandres, e ele para fazer o mesmo connosco contra a Holanda. Passámos um bom bocado de tempo com uma boa frota em Harwich. Ainda não se ouviu que os holandeses estivessem fora* [no mar]. *Nós, por mais que nos mostremos, estou certo que, se acontecer o pior, não poderemos preparar outra pequena frota. Portanto, Deus nos dê paz! peço eu.*[61:389]

A guerra ia-se desenvolvendo com acções que podemos considerar menores, enquanto ambos os lados aguardavam, como se disse, um confronto que poderia ser decisivo. Sendo as comunicações morosas e difíceis, as notícias chegavam frequentemente deturpadas e proliferavam os boatos, como está expresso na passagem seguinte:

> *14* [de Abril]. [...] *Esta manhã recebi a notícia de que as frotas, a nossa e a dos holandeses, estavam envolvidas, e que durante todo o dia de ontem foram ouvidos canhões em Walthamstow* [...]. *Mas antes da noite ouvi o contrário, tanto por cartas a mim endereçadas, como por mensageiros* [vindos] *de lá, que do nosso lado estavam todos bem e que o inimigo ainda não apareceu, e que o Royal Katherine* [um navio de 84 canhões lançado à água em 1664] *chegou à frota e certamente mostrar-se-á tão bom navio quanto qualquer outro dos do rei* [...].[61:393]

Nesta fase de espera, iam-se verificando algumas acções episódicas que podemos classificar como menores e laterais. Pepys ia anotando essas movimentações e contendas, como, por exemplo:

> *16* [de Abril de 1665]. [...]. *Esta noite ouvi dizer que chegaram notícias de que tomámos três navios de guerra holandeses, com a perda de um dos nossos capitães.*[61:394]
>
> *17* [de Abril]. *Levantei-me e* [fui] *até ao Duque de Albemarle, onde ele me mostrou cartas do Sr. Coventry,* [que diziam] *como três corsários holandeses foram tomados,* [...]. *Mas mataram o pobre Capitão Golding* [John Golding (1613-1665), tendo na refrega morrido também nove de seus homens], *no* [navio] *"The Diamond". Dois* [dos navios] *deles, um de 32 e outro de 20 canhões, resistiram-lhe vigorosamente* [...]. [*Assim, eles fizeram mais do que esperávamos, não cedendo até que muitos dos seus homens foram mortos. E Everson* [o já referido comandante holandês Cornelis Evertsen, capturado no início de Março], *quando foi levado perante o Duque de York, e foi referido que tinha sido alvejado no chapéu, respondeu que desejava que* [a bala] *tivesse passado pela sua cabeça, em vez de ser capturado. Está escrita* [nas cartas] *mais uma coisa: que no outro dia dois dos nossos navios, aparecendo na costa da Holanda, dispararam seus sinais luminosos para avisar. E foram trazidas ao Rei notícias de que a frota holandesa de Esmirna foi avistada nas costas da Escócia, e então o rei escreveu ao Duque para que ele designasse uma frota para ir para Norte, para os tentar encontrar no caminho para casa* [Holanda]*: que dádiva de Deus!*[61:394-5]
>
> *9* [de Maio]. [...]. *Hoje tivemos notícias de oito navios que foram tomados por alguns dos nossos que foram a Texel* [na costa holandesa], [...]. *Vinham dos lados da Irlanda* [...][61:409]

Os aludidos navios holandeses que foram tomados pelos britânicos eram navios mercantes, possivelmente da frota que vinha de Esmirna, na Turquia. Na altura, tais presas eram muito desejadas, até porque davam origem a saques, parte dos quais revertia para a guarnição dos navios atacantes.

As acções iam-se sucedendo, mais ou menos de forma esporádica, por vezes com pequenas vitórias britânicas, outras com insucessos, outras ainda com resultados que conduziam a julgamentos marciais:

> *18* [de Maio]. [...] *Levantei-me e* [fui] *com Sir J. Minnes ter com o Duque de Albemarle* [...]. *Entre outras coisas, examinámos* [os processos] *de Nixon e de Stanesby, sobre a sua fuga a dois navios holandeses, pelo que foram metidos num navio para serem transportados para a frota, para serem julgados. É a coisa mais cruel e desagradável jamais ouvida, por pura covardia da parte de Nixon.*[61:413-4]

Esta entrada do diário de Pepys refere-se a um episódio infeliz, em que dois navios ingleses, o *Elisabeth* e o *Eagle*, comandados respectivamente por Edward Nixon e por John Stanesby, que foram atacados na costa da Cornualha por dois navios holandeses. Após combaterem durante duas horas, anoiteceu, e segundo depoimentos das guarnições, a conduta dos comandantes foi indecente, pois que apagaram as luzes para não denunciarem a suas posições, e fugiram pela calada da noite[68:123]. Foram julgados em tribunal de guerra, e Nixon acabou por ser fuzilado, mas Stanesby foi absolvido.

A frota estava no mar, o que implicava apoio logístico permanente, parte do qual dependia do autor do diário:

> *22* [de Maio]. [...] *Levantei-me e* [fui] até *aos navios, que agora (para nossa grande tristeza e pena) estão impedidos de ir com as suas provisões até à frota, pois que o vento está*

contra. [...] *e depois* [fui] *para casa, para a cama, muito preocupado com várias coisas, a principal das quais pelas condições da frota com falta de provisões* [...].[61:416]

A vigilância da frota inimiga era uma necessidade permanente, o que, naqueles tempos, só podia ser feito através de avistamentos ocasionais por navios de passagem ou por pessoas que estavam junto ao mar, as quais enviavam depois as notícias por carta:

23 [de Maio]. [...]. *Sir Arthur Ingram veio tarde ao meu escritório para me dizer que, por cartas de Amsterdão do dia 28 deste mês (no seu estilo), a frota holandesa saiu nos dias 23 e 24, sendo* [constituída por] *cerca de 100 navios de guerra, além dos navios de fogo* [incendiários] [...].[61:417]

A anotação *no seu estilo* a seguir à data justifica-se porque os Países-Baixos já tinham aderido ao calendário gregoriano, enquanto que a Grã-Bretanha continuava a usar o calendário juliano (que só viria a abandonar em 1752). Por outro lado, os *navios de fogo* aludidos correspondiam a uma prática usada na altura, em que navios velhos eram carregados com materiais combustíveis e/ou com pólvora, sendo depois, quando surgia uma ocasião propícia, deliberadamente incendiados para serem dirigidos, tanto quanto possível à deriva, até à armada inimiga, com o propósito de destruir navios, gerar o pânico e fazerem com que o adversário se visse forçado a desfazer a formação de ataque.

As armadas estavam no mar, em busca uma da outra, espreitando uma oportunidade para se confrontarem:

2 [de Junho] [...]. *Depois fui para casa, e aí encontrei uma mensagem de Sir W. Batten, de Harwich, dizendo que a frota saiu toda de Solebay, tendo avistado a frota holandesa no mar, e que, se as calmarias não atrapalharem, se confrontarão agora*.

3 [de Junho] [...]. *Durante todo este dia, foram ouvidos canhões, por todas as pessoas* [...] *e em quase todos os lugares. As duas frotas estão certamente a confrontar-se, o que foi confirmado por cartas de Harwich, mas nada* [sem pormenores] *em particular. Os nossos corações* [estão] *cheios de preocupação pelo Duque,* [...].

[4 de Junho] [...]. *Chegaram novidades de que a nossa frota está perseguindo os holandeses, que, seja por astúcia, seja por medo de serem derrotados, cedem terreno, mas ao certo nada mais.*[61:423-5]

Estava a decorrer a *Batalha de Lowestoft*, a que dedicamos o sub-capítulo seguinte.

b) A perspectiva de Dryden.

O início da guerra é mais uma oportunidade para Dryden se referir ao rei de forma encomiástica, ressaltando-lhe as qualidades:

11 Sua mente generosa as ideias justas atraíram
De Fama e Honra, que em perigos estavam;
Onde a riqueza, como frutas nos precipícios, crescem,
Para não serem apanhadas se não por Aves de Rapina.

12 A Perda e o Ganho fatalmente grandes foram;
E ainda seus Súbditos clamavam em voz alta por guerra;
Mas os Reis pacíficos sobre o povo marcial se colocam,
O equilíbrio e a compensação um do outro são.

13 Primeiro, examinou a carga com olhos cuidadosos,
A qual ninguém além de poderosos Monarcas podem manter;
Ainda avaliado, como vapores que de Alambiques sobem,
Em chuvas mais ricas desceriam novamente.[30:4]

Portanto, o monarca teria de modo ponderado avaliado a situação, pesando cuidadosamente os prós e contras, até que se decidiu avançar para a guerra como forma de se apoderar da sua quota parte do comércio dos oceanos mundiais (*bola aquosa*):

14 Por fim, resolveu reivindicar,
Ele mesmo todo o Armado trouxe;
A ele, os velhos Homens do Mar podem seu Mestre chamar,
E escolher para General se ele seu Rei não fosse.[30:4]

Aqui *General* pode ser interpretado como *Almirante*, pois que se trata da reivindicação da *Bola aquosa* (*watry ball*), e a guerra seria eminentemente naval. Para isso dotou-se de um *Armado* ou armada, mas o poeta ressalta de modo implícito que a infra-estrutura não basta, pois que é imprescindível poder também contar com pessoal experiente (*velhos homens do mar*). Dryden apresenta a participação desses marinheiros, que podem ser interpretados por extensão como o povo, de forma recíproca, fazendo convergir os interesses do monarca e da população. Ao explicitar que as suas qualidades são reconhecidas pelos *velhos homens do mar*, ressalta que a legitimidade do rei e a sua decisão são aprovadas pelos conhecedores, pelos que agem com cuidado, e não (apenas) pelo entusiasmo da juventude ou pelos interesses mesquinhos dos cortesãos. E o poema prossegue na mesma linha:

15 Parece que cada Navio seu Soberano conhece,
Às suas terríveis convocações logo obedecem;
Então ouça o rebanho escamoso quando Proteu arfa,
E assim para Pasto pelo Mar seguirem.[30:5]

Relembramos que, na mitologia grega, Proteu era a divindade associada aos rios e aos mares. A seguir, o poeta recorre aos cometas que foram visíveis em Londres (e que referimos no capítulo I), apresentando-os como bons augúrios:

16 Para ver esta frota no Oceano se movendo
Os Anjos amplamente as Cortinas dos céus abriram;
E o Firmamento, como se quisesse Luzes por acima,
Por Círios dois Cometas cintilantes surgir fizeram.[30:5]

A Batalha de Lowestoft (13 de Junho de 1665)

O primeiro grande confronto da segunda Guerra Anglo-Holandesa ocorreu a 13 de Junho de 1665: foi a *Batalha de Lowestoft*, assim designada por se ter desenvolvido a cerca de 40 milhas a Oriente do porto com o mesmo nome, no condado de Suffolk, no Leste de Inglaterra. É relevante referir que a Grã-Bretanha seguia então ainda o calendário juliano (que só abandonou em 1752), introduzido por Júlio César em 46 a.C., enquanto que a maior parte da Europa tinha já adoptado o calendário gregoriano (que usamos actualmente), definido em 1582 pelo Papa Gregório XIII. Essa modificação foi efectuada porque o calendário juliano não estava sincronizado com o ano astronómico, o que fazia com que o equinócio da Primavera (do hemisfério Norte) ocorresse antes de sua data nominal (21 de Março), o que provocava problemas na definição da data da Páscoa. O calendário gregoriano veio fazer essa correcção, introduzindo um dia intercalar (29 de Fevereiro) a cada quatro anos (anos bissextos) e outras pequenas adaptações. Entre os dois calendários há uma diferença média de 10 dias. Compreende-se assim que os diaristas que temos vindo a seguir refiram o nosso dia 13 de Junho como sendo o de 3 de Junho.

Na *Batalha de Lowestoft* defrontaram-se mais de uma centena de navios de cada um dos beligerantes. O resultado foi catastrófico para os holandeses, que sofreram uma das piores derrotas da sua história, com a perda de dúzia e meia de navios e a morte ou captura de um terço das tripulações. Os ingleses perderam apenas um navio. O factor decisivo da batalha foi a explosão, possivelmente acidental, do navio almirante holandês, provocando a morte do comandante em chefe (o almirante Obdam) e de toda a tripulação. Tal provocou a confusão na armada dos Países Baixos, que acabaram por se retirar.

Como já dissemos, as comunicações eram, na altura, lentas, e, consequentemente, as notícias demoravam a chegar, deixando as pessoas na incerteza. Isso passava-se também com Samuel Pepys, embora ele tivesse uma posição privilegiada na administração naval. Apesar da batalha naval ter ocorrido a 13 de Junho (ou seja, dia 3 no calendário então usado na Grã-Bretanha), os textos que nos dias seguintes foi escrevendo no seu diário denotam bem a morosidade da circulação das notícias:

> *5* [de Junho de 1665]. [...]. *Dali para casa para jantar, e depois para a Bolsa, onde* [havia] *grande conversa sobre os holandeses fugindo e nós perseguindo-os, e que o nosso navio* Charity *se perdeu* [...], *mas de nada disso há certezas, a não ser o relato de alguns dos homens desgostosos do* Charity, [que ficaram] *à deriva num barco tirado do* Charity *que deu ontem à costa em Sole Bay, e as novidades trazidas por Sir Henry Felton.* [...].
>
> *6* [de Junho]. [...]. *Mas o nosso grande receio eram algumas notícias recentes da frota, mas não* [provenientes] *da frota, todas dizendo que estavam bem e* [que tinham] *derrotado os holandeses, mas eu não dou muita fé a isso, e de facto chegaram notícias de Sir W. Batten, de Harwich, e escritas de forma tão simples que todos nós nos divertimos muito com isso.* [...].
>
> *7* [de Junho]. [...] *para a Bolsa, ainda* [sem] *nenhuma notícia ao certo vinda da frota.* [...]. *Então, por água, fomos para Fox-Hall* [Vauxhall Gardens], *para o jardim da Primavera, e lá caminhámos uma ou duas horas com grande prazer, aliviando um pouco as nossas mentes* [da preocupação] *relativamente à frota e ao meu Lord Sandwich, de que não temos notícias,* [embora] *circulem boatos desagradáveis de que ele foi morto, mas sem confirmação.* [...]. *E depois por água para White Hall, onde parei para saber notícias da frota, mas não tinha chegado nenhuma, o que é estranho.* [...].[61:425-7]

Relembremos que à angústia da ausência de notícias seguras da armada se juntava a de ver a peste começar a grassar em Londres com intensidade, o que Pepys expressa bem ao dizer que foi a *Drury Lane e vi duas ou três casas marcadas com uma cruz nas portas, e "Senhor, tenha piedade de nós" nelas escrito,* e que, com receio de ser atingido pelo cheiro (pois se pensava que essa era uma forma de transmissão da doença), *fui forçado a comprar um pouco de tabaco para cheirar e mastigar.* Só a 8 de Junho, ou seja, 5 dias após a batalha, é que conseguiu ter confirmação da vitória britânica. Exuberante, escreveu uma longa entrada no seu diário:

> *8* [de Junho]. [...] *recebi finalmente a grande notícia, recém-chegada, trazida por Bab May do Duque de York, de que derrotámos totalmente os holandeses, e que o próprio Duque, o Príncipe, o meu Lord Sandwich e Mr. Coventry estão bem, o que me deixou tão feliz que esqueci quase todos os meus outros pensamentos*. [...]. *Dali* [fui] *com grande alegria ao Cocke-pitt, onde o Duque de Albemarle, fora de si com o contentamento, me contou tudo, e logo depois chegou a uma carta do próprio Mr. Coventry para ele, que ele ainda não tinha aberto (o que, para mim, era coisa surpreendente), mas que me deu para abrir e ler, e considerar o que era útil para a nossa repartição, e depois deixar a carta com Sir W. Clerke* [William Clarke, que então actuava como secretário do Duque de Albemarle], *o que em tal momento e ocasião era uma estranha indiferença, dificilmente perdoável. Copiei a carta* [...] *e a súmula das novidades é: VITÓRIA SOBRE OS HOLANDESES A 3 DE JUNHO DE 1665. Confrontaram-se neste dia. Os Holandeses, negligenciando muito o benefício do vento que tinham sobre nós, perderam a vantagem dos seus navios de fogo* [incendiários]. *O conde de Falmouth, Muskerry e o Sr. Richard Boyle* [foram] *mortos com um tiro a bordo do navio do Duque, o Royall Charles,* [tendo] *o seu sangue e cérebro voado até ao rosto do Duque, e, segundo dizem alguns, a cabeça do Sr. Boyle derrubou o Duque.* [...]. *O* [navio holandês do] *Almirante Opdam explodiu.* [...]. *Todos os outros dos seus almirantes foram, segundo dizem, mortos, excepto Everson* [o já acima referido Cornelis Evertsen]. *Acredita-se que tomámos e afundámos cerca de 24 dos seus melhores navios, e matámos ou capturámos cerca de 8 a 10 000 homens, tendo nós perdido, julga--se, não mais de 700. Uma grande vitória como jamais foi conhecida no mundo. Todos* [os navios holandeses] *fugiram, tendo cerca de 43 entrado em Texel, e outros* [refugiaram--se] *em outros lugares, e perseguimos os restantes. Depois, com o coração cheio de ale-gria, fui a casa e a seguir um pouco para o escritório, e então* [fui] *para a de Lady Pen, onde estão todos alegres e não pouco orgulhosos com o bom sucesso de seu pai* [almirante William Penn]. [...]. *Havia uma grande fogueira* [de festa] *na porta da cidade, e eu com o pessoal de Lady Pen e outros* [fomos] *para a grande sala da Sra. Turner e depois para a rua.* [...]. *Depois* [fui] *para a cama, com meu coração acalmado e em grande descanso, embora a vitória seja tão grande que é difícil dela ter total compreensão agora.*[61:428-32]

Também John Evelyn, a 8 de Junho, registou a grande vitória, embora tal significasse para ele que tinha que tomar providências para receber muitos feridos e grande quantidade de prisioneiros. Presume-se que estava de tal modo ocupado, que a entrada seguinte no diário só viria a ser feita a 22 de Junho. Aliás, o que consta referente ao dia 8 foi redigido dias depois, pois que relata acontecimentos ocorridos até ao dia 15. Escreveu Evelyn:

> *8* [de Junho de 1665]. *Fui novamente a Sua Graça, depois ao Conselho,* [...] [e solicitei] *que eu pudesse dispor do Hospital Savoy para os doentes e feridos, tendo-me tudo sido concedido. Daí* [fui] *para a Royal Society, para refrescar* [a mente] *entre os filósofos.*

> *Chegaram notícias da vitória de sua Alteza que, na verdade, poderia ter sido completa, pondo imediatamente termo à guerra, se tivesse sido procurada, mas a covardia de alguns, ou a traição, ou ambos, frustraram isso. Tínhamos, no entanto, fogueiras, sinos e alegria na cidade.*

A observação sobre a cobardia ou traição alude ao facto de a armada holandesa ter podido retirado com a maior parte dos navios incólumes. Evelyn prossegue:

> *No dia seguinte, 9, recebi ordens para ir de imediato para Downs* [uma zona abrigada na costa de Kent utilizada pela armada], *pelo que cheguei a Rochester essa noite. No dia seguinte fiquei em Deal, onde encontrei tudo em prontidão* [para receber feridos e prisioneiros], *mas a frota foi impedida* [de aí chegar] *por ventos contrários. Vim-me embora no dia 12 e fui para Dover, e voltei para Deal, e no dia 13, sabendo que a frota estava em Solbay, voltei para casa* [...]. *No dia 15, veio jantar comigo o filho mais velho do actual Secretário de Estado do Rei de França,* [...]. *Depois do jantar, fui com ele a Londres para pedir ao meu Lorde General mais guardas, e fiz a Sua Majestade um relato da minha viagem às costas sob minha responsabilidade. Esperei também por sua Alteza Real* [o Duque de York], *que veio agora triunfante da frota, a qual foi para reparações.*[33:394]

> *20* [de Junho de 1665]. *Para Londres, e reapresentei a Sua Majestade, no Conselho, o estado dos doentes e dos feridos, por falta de dinheiro. Ele mandou-me perguntar ao Lord Tesoureiro e ao Chanceler do Tesouro sobre que fundos devia levantar o dinheiro prometido. Apresentámos também a Sua Majestade diversos expedientes para redução da carga. Esta noite, fazendo a minha corte ao Duque, falei com Monsieur Comminges, o Embaixador Francês, e Sua Alteza concedeu-me seis prisioneiros, Embdeners, que estavam desejosos de ir para os Barbados com um* [navio] *mercante.*[33:394-5]

Figura 28 – A batalha naval de Lowestoft, de 13 de Junho de 1665, numa pintura a óleo sobre madeira, de Hendrik van Minderhout (1632-1696). Em primeiro plano estão os navios *Royal Charles* (inglês) e *Eendracht* (holandês). São de notar, na parte inferior, restos de navios ainda a arder e náufragos em salva-vidas. Dimensões: 0,76 m x 1,26 m. National Maritime Museum, Greenwich, id. 121.

É interessante a referência aos *prisioneiros Embdeners,* homens da cidade de Emden, cujo antigo nome era Embden, que era uma cidade independente e porto marítimo na Baixa Saxónia, no noroeste da Alemanha, no rio Ems. Na altura, era uma urbe bastante rica onde havia grande quantidade de emigrantes holandeses. Não se sabe se os prisioneiros aludidos eram provenientes dos Países Baixos ou se eram de outra nacionalidade, pois que a forte economia da Holanda atraía mão de obra de todos os países da orla do Mar do Norte, muitos dos quais, quando começou a guerra, foram alistados na marinha de guerra. Com efeito, na altura, um terço dos marinheiros da armada holandesa eram de origem estrangeira, sendo por vezes mais de metade no Almirantado de Amsterdão[70]. Assim, no cumprimento das suas funções, Evelyn tinha que lidar com prisioneiros de ampla diversidade de nacionalidades, os quais tinham sido capturados por estarem ao serviço da República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos.

No *Annus mirabilis*, depois de se referir aos preparativos para a guerra, Dryden descreve a vitória inicial na *Batalha de Lowestoft* nos seguintes termos:

19 *O vitorioso York fez, primeiro, com famoso sucesso,*
Com seu conhecido valor faz os Holandeses cederem;
Assim, aos Céus a fortuna de nosso Monarca confessou,
Começando a conquista de sua Raça Real.[30:6]

A alusão a York refere-se, logicamente, ao Duque de York, Jaime, irmão do monarca, que, como já dissemos, o rei Carlos II tinha nomeado *Lorde Grande Almirante*, e que na batalha era comandante-em-chefe das forças britânicas. Aliás, Jaime acumulava outros cargos, como o de Governador dos *Royal Adventurers into Africa* (mais tarde encurtado para *Royal African Company*), igualmente nomeado pelo irmão, tendo sido dele a iniciativa, a que já antes fizemos alusão, de capturar fortes holandeses em África para facilitar o envolvimento britânico no comércio de escravos. Um pouco mais à frente prossegue referindo-se à explosão do navio-almirante holandês e à fuga dos navios para os Países-Baixos:

22 *O seu Chefe explodiu no ar, e não nas ondas expirou,*
Às quais seu orgulho presumiu dar a Lei;
Os Holandeses ao Céu presente se confessaram, e retiraram-se,
E tudo era a Grã-Bretanha que o largo oceano via.

23 *Para os Portos mais próximos, seus Navios quebrados vão para consertar,*
Onde, com nosso terrível Canhão ficaram apavorados;
Tão reverentemente os homens abandonam o livre ar
Quando o trovão fala os Deuses irados no exterior.[30:6-7]

Como já referimos, em Junho de 1665 a peste bubónica atingiu Londres com forte intensidade. A situação ficou muito complicada, mas o monarca recusou-se, no que à guerra diz respeito, a fazer concessões, nomeadamente pedindo tréguas. Por outro lado, a guerra estava a consumir enormes recursos financeiros, a que coroa não conseguia corresponder. No entanto, nada disso é realmente explicitado no poema.

Dryden alude novamente na estrofe 22 ao fato de que Deus ficou do lado dos ingleses na batalha, fato admitido pelos holandeses ao perderem seu comandante, Sir John Lawson.

A Incursão de Bergen (2 de Agosto de 1665)

Após a *Batalha de Lowestoft*, a armada britânica tentou interceptar e capturar um comboio mercante holandês que regressava da Ásia, constituído por umas cinco dezenas de navios. Esse episódio da guerra ficou conhecido pela designação de *Tentativa de Bergen* (ou *Batalha de Bergen*), e ocorreu a 2 de Agosto, cerca de dois meses após a primeira batalha naval.

Uma frota comercial holandesa constituída por dez navios holandeses provenientes do Extremo Oriente, junto com dezassete vindos de Esmirna e vinte e oito oriundos de outros portos, com uma carga avaliada em 25 milhões de libras, para evitarem o Canal da Mancha, dominado pelos britânicos e onde, portanto, era possível encontrar navios de guerra ingleses, tinham navegado pelo Norte da Irlanda e da Escócia, até ao Mar do Norte[72:162]. Mesmo assim, verificando que não poderiam, mesmo por aquela rota tortuosa, tentar entrar em segurança nos portos holandeses, refugiaram-se na baía de Bergen, na Noruega. Na esteira da vitória na batalha de Lowestoft, Lord Sandwich (que tendo o Duque de York ido a terra o tinha ficado a substituir) enviou uma pequena frota para o Mar do Norte, comandada pelo contra-almirante Thomas Teddiman (ou Teddeman, ou Teddyman), com a função de interceptar o aludido comboio naval. Porém, os navios holandeses tinham já encontrado abrigo no porto de Bergen, e a Noruega tinha até aí o estatuto de neutralidade. A Dinamarca e a Noruega estavam então unidas sob o mesmo rei, Frederico III, e os serviços diplomáticos ingleses tentaram junto deste obter autorização para efectuar o ataque. O embaixador britânico em Copenhague acabou por chegar a um acordo segundo o qual os britânicos dariam à coroa dinamarquesa metade dos bens apreendidos aos holandeses, ficando Frederico III de dar instruções ao comandante das forças norueguesas em Bergen para não resistir ao ataque. Mas essa mensagem atrasou-se e, quando os navios ingleses entraram no porto, as forças em terra abriram fogo. Como resultado, os britânicos não conseguiram atacar os navios holandeses e, após duas horas de combate, viram-se forçados a retirar, com algumas perdas, permitindo que os holandeses esca-passem.

No seu diário, por entre notícias da peste que então grassava com intensidade em Londres, Samuel Pepys refere-se inicialmente ao episódio de Bergen nos seguintes termos:

> *16* [de Agosto de 1665]. [...]. *Mas, Senhor! como é triste ver as ruas vazias de gente*, [devido à peste] [...]. *Notícias muito contraditórias* [...], *algumas dizem que a nossa frota tomou alguns navios holandeses das Índias Orientais, outras que os atacámos em Bergen e fomos repelidos, outras ainda que a nossa frota está em grande perigo após este ataque, ao encontrar-se com a grande armada que agora saiu da Holanda, com quase 100 navios de guerra. Toda a gente está muito preocupada, e ninguém pode ter certezas* [...].[61:47-8]

Finalmente, três dias depois, houve notícias do que tinha acontecido, curiosamente no mesmo dia em que Pepys recebeu ordens para, por causa da epidemia, deslocalizar o seu lugar de trabalho de Londres para Greenwich:

> *19* [de Agosto]. [...] *recebi cartas do Rei e de Lorde Arlington, para mudarmos a nossa repartição para Greenwich* [por causa da peste]. [...] *de repente chegou uma carta do Duque de Albemarle para nós dizendo-nos que a frota tinha regressado a Solebay, e que actualmente estava para se fazer de novo ao mar. Em seguida, fui por água ter com o Duque de Albemarle para saber novidades, e vi ali uma carta do meu Lorde Sandwich para o Duque de Albemarle, e também de Sir W. Coventry e do Capitão Teddiman,* [dizendo] *como o meu Senhor mandou Teddiman com vinte e dois navios (dos quais apenas quinze puderam lá chegar, e destes apenas oito ou nove poderiam entrar em acção) para ir a*

Bergen, onde, depois de trocadas várias mensagens com o Governador do Castelo, instando a que Teddiman não deveria ir lá com mais de cinco navios, e desejando tempo para pensar no assunto, e nesse tempo via os navios holandeses a desembarcarem as suas armas para terem maior vantagem. Teddiman [...] *começou a disparar para os navios holandeses* [...], *e em três horas (com a cidade e o castelo, sem qualquer provocação, a dispararem contra os nossos navios), acabaram por cortar todos os nossos cabos, o que, com o vento que soprava da terra, nos forçou a sair, e tornou inúteis os nossos navios de fogo* [incendiários]. [...] *Perdemos cinco comandantes* [...]. *A nossa frota voltou para casa para nossa grande tristeza* [...]. *No entanto, devemos partir novamente, e o Duque* [de York] *ordenou que o Sovereign e todos os outros navios que estejam prontos devem sair para se juntarem à frota, para a fortalecerem.* [...].[61:50-2]

Figura 29 – A Batalha de Bergen numa gravura de Arnold Bloem, de 1670, colorida manualmente. Na parte superior direita está escrito: *Atacco fatto dall vascelli inglesi a qualli olandesi nel porto di Berge in Norvegia il di 12 di Agosto 1665*. Dimensões: 0,42 m x 0,34 m (ID: MMH205)

Evelyn, no seu diário, não se refere este episódio. Na realidade, os seus escritos revelam que estava muito mais preocupado com outros assuntos, designadamente com os prisioneiros de guerra de que tinha sido encarregue e com a peste que então ainda grassava com intensidade em Londres. No entanto, muito mais tarde, já em 1670, o autor alude a este episódio de Bergen, dizendo apenas o seguinte:

14 de Outubro [de 1670]. *Passei toda a tarde em privado com o Tesoureiro que pôs nas minhas mãos aquelas peças e transacções secretas respeitantes à guerra holandesa, e particularmente à expedição de Bergen, na qual ele próprio teve um papel importante, e deu-me instruções até que o Rei chegou* [...], *e ambos subimos até à sua câmara.*[34:52]

Dryden, no seu *Annus Mirabilis,* dedica oito estrofes à *Incursão de Bergen,* das quais as primeiras são:

24 E agora se aproximam da sua Frota da Índia, repleta
Com todas as riquezas do Sol Nascente;
E a preciosa areia dos Climas do Sul trouxeram,
(As regiões fatais onde a guerra começou).

25 Como Castores caçados, conscientes de suas provisões,
Sua riqueza para as costas da Noruega eles trazem;
Lá primeiro as Especiarias no seio frio do Norte entraram,
E o Inverno pairava sobre a Primavera Oriental.

26 Pelo rico aroma encontramos nossa presa perfumada,
Que flanqueada com Rochas se fechou em mentira secreta;
E em torno de seu Canhão assassino estava,
Imediatamente para ameaçar e chamar a atenção.[30:7]

Ao referir *As regiões fatais onde a guerra começou* o poeta faz alusão às agressões mútuas que, como já mencionámos, se verificaram no ultramar, designadamente na costa da Guiné. Embora um pouco absurda, a comparação dos holandeses com castores permite deduzir que os primeiros poderiam ser caçados pelo cheiro das especiarias.

Depois de referir as grandes riquezas que vinham na frota holandesa proveniente do Oriente e que esta se tinha refugiado na costa rochosa norueguesa, Dryden passa a descrever a batalha que aí se travou:

27 Mais feroz então o Canhão, e depois as Rochas mais fortes,
Os Ingleses empreenderam a Guerra desigual;
Sete Navios apenas, com os quais o Porto foi barrado,
Cercam as Índias e toda a Dinamarca desafiam.[30:8]

Depois de referir as grandes riquezas que vinham na frota holandesa proveniente do Oriente e que esta se tinha refugiado na costa rochosa norueguesa, Dryden passa a descrever a batalha que então se travou:

29 No meio de montes inteiros de Especiarias acende uma Bola,
E agora seus Odores armados contra eles voam:
Alguns preciosamente pela queda de quebrada Porcelana,
E alguns por Aromáticas lascas morrem.[30:8]

Embora a incursão de Bergen não tenha sido bem-sucedida, no poema é utilizada também para ilustrar as grandes riquezas que poderiam ser obtidas das Índias quando a Holanda fosse finalmente derrotada.

Portanto, a frota holandesa do Oriente conseguiu escapar ao ataque britânico, mas faltava-lhe prosseguir viagem até aos Países Baixos, o que fez dias depois, escoltada pela marinha de guerra holandesa. Porém, no trajecto, quando se encontravam próximo do Banco Dogger, um banco de areia com pouca profundidade existente a cerca de uma centena de quilómetros a Oriente da costa inglesa, a frota foi atingida por violento temporal que fez dispersar os navios. Embora a maior parte dos navios tenha conseguido iludir e escapar

à esquadra de Lord Sandwich que os procurava, este acabou por conseguir capturar vinte e três embarcações holandesas, entre as quais cinco navios mercantes ricamente carregados, fazendo nessa intervenção cerca de 3 mil prisioneiros. Ciente de que os seus homens há algum tempo que não eram pagos, e com permissão verbal do rei, Lord Sandwich autorizou a distribuição imediata do espólio, o que para ele acabou por ser politicamente desastroso, pois que ele e os seus oficiais ficaram também com partes do saque, o que deu azo a que os seus inimigos o descrevessem como aproveitador corrupto. A sua carreira naval ficou arruinada e, no ano seguinte, foi para Madrid como embaixador.

Dryden confirma que foram os temporais no porto de Bergen que permitiram que o comboio naval holandês se tivesse furtado à acção dos ingleses, mas, na sua descrição poética do acontecimento, diz que os temporais, *arrependendo-se,* deram aos britânicos uma segunda oportunidade de obter o prémio:

31 *Nem totalmente perdidos nós merecíamos mesmo uma presa;*
Para as tempestades, arrependendo-se, parte dela restaurada:
A qual, como um tributo do Mar Báltico,
O Oceano Britânico seu poderoso Senhor enviou.[30:9]

Assim, tais temporais são apresentados como um *tributo do Mar Báltico* pago ao *poderoso Senhor* do *Oceano Britânico*. Desta forma, Dryden evita sugerir que os navios holandeses foram entregues aos ingleses pelo oceano, não tendo sido vencidos em batalha, o que diminuiria a glória dos britânicos. Por isso, coloca o oceano a reconhecer a autoridade do monarca inglês e agindo em favor do lado britânico, provocando uma tempestade, que ajuda os ingleses a vencerem os inimigos com a sua bravura. É de referir que, na Grã-Bretanha, havia a ideia de que o Canal da Mancha era dos ingleses, sendo por isso considerado como o Oceano Britânico, sendo essa ideia expandida na altura de forma a abranger o Mar do Norte, o que, como é óbvio, era fortemente contestado pelos holandeses. Dryden continua o poema lamentando a sorte dos prisioneiros.

Embora a tentativa dos ingleses de se apoderarem do comboio mercante holandês seja perfeitamente compreensível, pois que estava carregado com especiarias e outras riquezas cujo valor comercial era elevadíssimo, permitindo a sua captura ajudar a minorar em muito as grandes despesas da guerra, a incursão de Bergen teve como consequência a entrada da Dinamarca/Noruega no conflito bélico ao lado dos holandeses, juntando-se assim aos franceses. Com efeito, a França mostrou-se inicialmente relutante em entrar no perigoso conflito e expor a sua marinha a uma guerra com a Inglaterra, tendo tentado durante muito tempo ser mediador entre os dois grandes estados marítimos. Porém, esgotados os meios de negociação e carecendo a Holanda de ajuda imediata, a França declarou guerra a Inglaterra em Janeiro de 1666. A Dinamarca, que durante muito tempo se tinha revelado vacilante, uniu-se abertamente à França e à Holanda pouco depois. Sobre este assunto, diz Dryden:

[41] Ofendido por termos lutado sem sua permissão,
Ele aproveita este momento para mostrar seu ódio secreto;
O que Carlos faz com uma mente tão calma receber,
Como alguém que não busca nem evita seu inimigo.

[42] Com a França, para ajudar a Holanda, os dinamarqueses se unem;
França como seu Tirano, Dinamarca como seu Escravo.
Mas quando com uma, três Nações se unem para lutar,
Silenciosamente confessam que enfrentam um mais bravo.[30:11]

A seguir, Dryden alude a uma diferença substantiva entre as declarações de guerra proclamadas pela França e pela Inglaterra. Como era habitual, a declaração de guerra francesa, emitida por Luís XIV, proibia as relações entre as duas nações, impondo que os súbditos britânicos deixassem a França. Todavia, na declaração inglesa essa cláusula usual de proibição foi substituída por: *Que todos os da nação francesa ou holandesa que permanecerem* [em território britânico] *devem-se comportar obedientemente, sem se corresponderem com os inimigos, e assim devem estar seguros em suas pessoas e propriedades, e livres de todo molestamento e problemas*. Acrescentava-se ainda: *Se alguns dos súbditos franceses ou dos Países Baixos, por qualquer motivo entrarem* [nos reinos britânicos], *devem ser protegidos em suas pessoas e propriedades e, especialmente, aqueles da religião reformada* [...][7166].

[43] Luís expulsou os Ingleses da sua costa;
Mas Carlos os Franceses como Súbditos, convida.
Iria o Céu para cada um algum Salomão restaurar,
Que pode decidir seu direito, por sua misericórdia.[30:12]

Segundo o poeta, o rei de Inglaterra, Carlos II, não se atemorizou com a coligação de forças inimigas e continuou com a guerra (não obstante os problemas causadas pela peste):

[45] Ele sem medo de uma Guerra perigosa prossegue,
Que sem precipitação ele antes começou;
Como a Honra o fez primeiro o perigo escolher,
Ainda assim, ele se sai bem por conta das Virtudes.[30:12]

Após a vitória de Lowestoft, o Duque de York (irmão do monarca) não voltou ao mar, pois que era o herdeiro da coroa e, portanto, não era aconselhável que fosse submetido aos perigos de outra batalha sangrenta. Foi enviado para Yorkshire, pois que havia o receio de ali ocorrer um levantamento. Mas com a França e a Dinamarca do lado da Holanda, havia que ter uma direcção forte da armada. Na ausência de Lord Sandwich, que estava como embaixador em Espanha, Carlos II nomeou dois almirantes: o Príncipe Rupert do Reno (1608-1670) e George Monck, primeiro duque de Albemarle (1608-1670). Dryden não poupa elogios exaltados às escolhas feitas pelo monarca, dizendo, por exemplo:

[47] Com igual poder ele dois Chefes criou,
Dois, cada um parecendo mais valoroso quando sozinho;
Cada um capaz de sustentar o destino de uma Nação,
Uma vez que ambos haviam encontrado em si mesmos algo maior.

[48] Ambos grandes em Coragem, Conduta e Fama,
No entanto, nenhum deles tem inveja do elogio do outro;
Seu dever, fé e interesse também são os mesmos,
Como Parceiros poderosos eles igualmente crescem.[30:13]

E um pouco mais à frente:

[51] Juntos para o Campo aquático eles se apressam,
A quem as Matronas passando a seus filhos mostram;
Os primeiros votos dos Infantes para eles no céu são feitos,
E as pessoas do futuro os abençoam à medida que avançam.[30:14]

A Batalha Naval dos Quatro Dias (11 a 14 de Junho de 1666).

Como já referimos, embora os ingleses tenham derrotado os holandeses na Batalha de Loweroft, não conseguiram tirar o máximo proveito de sua vitória. Apesar do inimigo ter ficado sem mais de dezena e meia de navios (destruídos ou capturados) e perdido mais de 5 000 homens (mortos, feridos ou capturados), a fuga do grosso da frota holandesa frustrou a possibilidade da Inglaterra terminar logo a guerra com uma única vitória esmagadora[35:99-100]. Após essa batalha, os holandeses aproveitaram o tempo para reparar e equipar os seus navios, bem como para lançar à água novos vasos de guerra. No entanto, os navios das Províncias Unidas eram, em geral, menores do que os dos britânicos, pois que as águas rasas dos portos dos Países-Baixos impediam que construíssem navios com tão grandes calado quanto os maiores dos britânicos. Acresce que, como já antes aludimos, as Províncias Unidas tinham cinco almirantados, cada um com as suas próprias políticas de construção de navios e armamentos, e cada um favorecendo os seus comandantes locais. Tinham, portanto, níveis variáveis de eficiência, o que dificultava a existência de um sistema unificado na marinha[45]. Portanto, a armada holandesa debatia-se com problemas que não poderiam ser resolvidos antes do próximo confronto naval.

Aproveitando a vitória de Loweroft e o facto dos navios de guerra holandeses se terem retirado para os seus portos, os britânicos colocaram junto à costa dos Países-Baixos navios de guerra e de corsários a bloquearem os três principais pontos de entrada e saída dos navios mercantes holandeses, ou seja, Texel, o rio Maas e a costa da Zelândia, o que paralisou temporariamente o comércio ultramarino holandês e enfraqueceu a sua confiança empresarial[45]. Mesmo assim, sabia-se que o próximo combate naval ocorreria em breve, pelo que os holandeses se apressaram a aprontar as suas frotas de guerra.

No dia 11 deu-se o embate entre as frotas inimigas, perto da costa flamenga, o qual se prolongou até ao dia 14, estando nessa altura os navios já próximos da costa inglesa. Foi a Batalha dos Quatro Dias, possivelmente o mais longo combate naval da história. A armada inglesa era composta por cerca de oitenta navios, e a holandesa, comandada por Michiel de Ruyter por uma centena, mas esta desigualdade numérica era amplamente compensada pela maior dimensão de muitos dos navios ingleses. Entretanto, o rei Carlos II foi informado que uma frota francesa, vinda do Atlântico, estava a caminho para se juntar aos holandeses, pelo que mandou de imediato dividir a sua armada, enviando vinte navios sob o comando do príncipe Rupert para o Oeste, para encontrar os franceses, enquanto que a restante, sob o comando de Monk, deveria ir para Leste, para defrontar os holandeses.

O resultado da batalha naval foi desastroso para os navios ingleses comandados por Monk, que foram obrigados a recuar em direcção à frota de Rupert e, provavelmente, apenas o retorno oportuno deste último salvou a armada inglesa de uma derrota catastrófica[52:118-9]. Foi uma batalha naval muito violenta e profundamente sangrenta, em que as noites eram dedicadas a consertar os estragos sofridos durante o dia, e de manhã se continuava o combate com grande animosidade e vigor. Na refrega, os ingleses perderam dezassete navios no total, tendo morrido cerca de cinco milhares de homens, incluindo alguns vice-almirantes, tendo sido feitos prisioneiros quase três milhares de soldados e marinheiros. Os holandeses perderam quatro navios, destruídos pelo fogo, tendo morrido quase dois milhares de homens, entre os quais também alguns almirantes[52:125]. Embora o resultado tenha sido uma clara vitória holandesa, a frota inglesa, embora muito danificada, não ficou incapaz de desenvolver acções posteriores.

a) A batalha vista por John Evelyn e por Samuel Pepys

No seu diário, John Evelyn expressa bem a expectativa que se vivia em Inglaterra, aguardando a qualquer momento notícias de um confronto naval, mesmo que, por vezes, os presumíveis sinais do troar de canhões se revelassem falsos:

> *1º de Junho* [sistema antigo / *old style*]. *Estava no meu jardim, às seis da tarde, e ouvi os grandes canhões dispararem. Montei a cavalo e cavalguei naquela noite para Rochester e daí, no dia seguinte, em direcção a Downs e à costa marítima, mas encontrei o tenente da fragata Hampshire, que me contou o que aconteceu, ou melhor, o que não aconteceu* [ou seja, que não se ouviu o troar dos canhões]. *Voltei para Londres, não havendo barulho* [de canhões] [...], *ou sinal de qualquer combate naquela costa.* [...].[34:5]

Porém, sabia-se que estava a decorrer uma batalha naval, e esperava-se que a qualquer momento chegassem notícias sobre o resultado do confronto:

> *3* [de Junho]. *Domingo de Ramos. Após o sermão, chegou a notícia de que o Duque de Albemarle estava ainda combatendo, tal como estivera durante todo o sábado, e que o navio do Comandante Harman (o Henry) estava prestes a arder. Em seguida, uma carta do Sr. Bertie* [dizendo] *que o Príncipe Rupert tinha vindo com o seu esquadrão (de acordo com meu conselho anterior* [...]*), o que deu novo ânimo à nossa frota,* [...], *de modo que agora estávamos perseguindo os caçadores.* [...].[34:5]

Constata-se que mesmo para pessoas altamente colocadas as notícias eram esparsas e, por vezes, contraditórias. Mas a 6 de Junho chegam novidades mais consubstanciadas:

> *6* [de Junho de 1666]. [...]. *Foi no solene dia de jejum que chegaram as notícias. Sua Majestade, estando na capela, fez uma interrupção para ouvir as novidades, segundo as quais o resultado* [da batalha naval] *era muito favorável para o nosso lado, pelo que Sua Majestade ordenou que fossem imediatamente feitos agradecimentos públicos pela vitória.* [...]. *Mas não tardou muito que chegasse a notícia de que as nossas perdas foram muito grandes, tanto em navios, quanto em homens, que a fragata Prince tinha sido queimada, assim como tinha sido perdido um navio de noventa canhões de bronze;* [...] *e os grandes danos em ambas as armadas; assim, como ambas eram obstinadas, separaram-se, mais por falta de munições e equipamento do que por falta de coragem, tendo o nosso General recuado como um leão. Estas notícias diminuíram muito a nossa alegria anterior. No entanto, foram dadas ordens para se acenderem fogueiras e tocar os sinos. Porém, Deus sabe, foi mais uma libertação do que um triunfo.*[34:5-6]

Eram outros tempos, em que mesmo as mais altas individualidades recebiam as notícias com atraso significativo. Passados dois dias Evelyn escreveu o seguinte no seu diário:

> *8* [de Junho]. *Jantou comigo Sir Alexander Fraser, médico principal de sua Majestade. Depois subi a bordo do barco de recreio de sua Majestade, e vi a fragata Londres há pouco lançada* [à água], *um navio majestoso, construído pela cidade para substituir aquele que ardeu por acidente há algum tempo. O Rei, o Lord Mayor e Xerifes, estavam lá, num grande banquete.*[34:6]

A fragata aludida vinha substituir outra, com o mesmo nome, que em Março de 1665, como mais acima fizemos menção, explodiu acidentalmente no Tamisa. Estando o país em guerra e tendo sofrido há poucos dias uma importante derrota, era muito importante poder dispor de novos meios navais. Aliás, passados poucos dias, quando Evelyn foi aos estaleiros de Sheerness situados na foz do rio Medway, na pequena Ilha de Sheppey, no estuá-

rio do Tamisa, teve oportunidade de constatar o estado miserável em que se encontravam muitos dos navios da armada.

> *17* [de Junho]. [...]. *Desembarquei em Sheerness, onde estavam construindo um arsenal para a frota e projectando um forte real com uma bacia onde poderão ancorar grandes navios. Vi aqui um triste espectáculo: mais da metade daquele esplêndido baluarte do reino exibindo miserável destruição, dificilmente* [se vendo] *um navio inteiro, antes aparecendo muitos destroços e cascos, tão cruelmente os holandeses nos mutilaram. A perda do Príncipe* [o *HMS Royal Prince,* perdido na Batalha dos Quatro Dias], *aquele esplêndido navio, foi uma perda a ser universalmente deplorada, e ninguém sabe por que razão nos envolvemos nesta guerra ingrata. Perdemos mais nove ou dez* [navios], *tivemos cerca de 600 homens mortos e 1 100 feridos, bem como 2 000 prisioneiros. Para equilibrar isso, talvez possamos ter destruído dezoito ou vinte dos navios inimigos e* [morto] *700 ou 800 pobres homens.* [34:6-7]

O *forte real* aludido era uma fortaleza que estava a começar a ser construída para substituir o antigo forte mandado construir por Henrique VIII para impedir que navios inimigos entrassem no rio Medway e atacassem o estaleiro naval de Chatham. No entanto, este segundo forte acabaria por ser destruído antes de estar concluído, em Junho de 1667, durante a chamada *Incursão de Medway*, que referiremos mais à frente, em que a frota naval holandesa entrou no estuário do Tamisa e, entre outras destruições, arrasou Sheerness.

Figura 30 – Uma cena da Batalha Naval dos Quatro Dias (11 a 14 de Junho de 1666), numa pintura a óleo sobre tela da autoria do pintor holandês Abraham Storck (1644-1708), de *circa* 1670. Dimensões: 1,28 m x 0,95 m. Minneapolis Institute of Art (ID: 84.31).

A guerra tinha muitas exigências, e uma delas era a necessidade de ter pólvora em abundância, pelo que era importante nomear pessoas de confiança para tratarem das matérias--primas. Uma das pessoas nomeadas foi John Evelyn:

> *2 de Julho. Sir John Duncomb e o Sr. Thomas Chicheley, ambos Conselheiros Privados e Comissários do Material Militar de Sua Majestade vieram visitar-me e informaram-me que Sua Majestade me nomeou no Conselho para ser um dos Comissários para regular a exploração e a fabricação de salitre em todo o reino, e que nos deveríamos reunir no dia seguinte na Torre.* [34:7]

O salitre, nitrato de potássio, é o principal componente da pólvora, onde actua como oxidante, sendo os outros o enxofre e o carvão vegetal, que funcionam como combustíveis. Compreende-se, portanto, a preocupação em ter pessoas de confiança a tratarem dessa importante matéria-prima.

Samuel Pepys é mais esclarecedor nas suas narrativas, além de que, trabalhando no Almirantado, estava numa posição privilegiada para receber as notícias. Por ele ficamos a saber vários pormenores importantes relacionados com a *Batalha dos Quatro Dias*. Como de costume, como já antes referimos, as datas estão no sistema antigo (*old style*, ou seja, calendário juliano). Nestes textos é possível pressentir o que era a angústia e a incerteza de ir recebendo notícias a pouco e pouco, por vezes contraditórias. Dos longos depoimentos do autor, seleccionámos os seguintes:

> *2* [de Junho de 1666]. *Levantei-me fui para o escritório, onde nos chegaram notícias através de uma carta enviada esta manhã pelo Duque de Albemarle para o Rei, datada de ontem às onze horas: enquanto navegavam* [...] *avistaram a frota holandesa e prepararam-se para os combater;* [...]. *Além disso, várias pessoas afirmam ter ouvido os canhões ontem à tarde.* [...]. *Tendo posto tudo em ordem para a próxima maré, desembarquei com o capitão Erwin em Greenwich e entrei no Parque, e lá pudemos ouvir os canhões da frota com mais clareza.* [...]. *Enquanto isso, caminhámos até a margem e, vendo o Rei e o Duque virem na sua barcaça para a casa de Greenwich, fui até eles e fiz-lhes um relato* [do] *que estava fazendo. Subiram ao Parque para ouvirem os canhões da frota a dispararem. Todas as nossas esperanças estão agora depositadas no príncipe Rupert com sua frota, que está voltando* [...]. *Foi-lhe enviada uma mensagem a esse propósito na quarta-feira passada, à qual ele respondeu esta manhã* [dizendo] *que pretendia navegar do ponto de Santa Helena por volta das quatro da tarde de quarta-feira* [sexta-feira]*, ou seja, ontem, o que nos dá grandes esperanças, estando o vento muito bom, que ele consiga estar com eles* [a esquadra de George Monck] *neste mesmo dia, e o renovado disparo das armas faz-nos acreditar nisso.* [...]. [...] *fui até Blackewall onde vi os soldados (que a essa altura estavam quase todos bêbados) embarcarem. Mas, Senhor!, ver como os pobres homens, ao partirem, beijavam as suas mulheres e namoradas daquela maneira simples, e gritavam e disparavam as suas armas, era uma situação estranha.* [...].[61:305-6]

O testemunho de Pepys permite confirmar que em Londres já se ouvia claramente o troar dos canhões, o que ampliava ainda mais a angústia de saber qual seria o resultado da batalha que tinha começado três dias antes próximo da costa belga. O que o autor diz sobre a actuação da esquadra de Rupert está conforme o que historicamente se conhece: foi o seu regresso que permitiu socorrer a esquadra de Monk, evitando um desastre ainda maior da armada inglesa.

> *3* [de Junho]. *(Dia do Senhor; Festa do Divino Espírito Santo). Levantei-me e fui por água até White Hall, onde me reuni com o Sr. Coventry, que me disse que a única notícia da fro-*

ta foi trazida pelo Capitão Elliott, do Portland, que [...] *ficou incapacitado de permanecer lá fora* [...]. *Disse que viu um dos grandes navios holandeses explodir e três em chamas; que começaram a lutar na sexta-feira, e que na sua chegada ao porto viu que havia outro navio do Rei a chegar, que ele julga ser o de Rupert, e que não conhece qualquer outro dano feito aos nossos navios. Com essas boas novidades, voltei outra vez por água para casa.* [...]. *Esta tarde chegou também uma carta* [...] [dizendo que] *Rupert, tendo penetrado no corpo da frota holandesa, abriu caminho pelo meio dela, e foi atacado por três navios de fogo* [incendiários], *um após o outro, tendo conseguido livrar-se de dois deles e inutilizado o terceiro. Ele próprio começou a arder, pelo que muitos dos seus homens saltaram para o mar e morreram, entre outros e em primeiro o capelão. Perdeu mais de 100 homens e muitas mulheres* [...], *e finalmente acabou por apagar o fogo e chegou a Aldbrough* [uma aldeia costeira no Yorkshire no Leste de Inglaterra]. *Segundo todos dizem, foi o maior perigo de que qualquer navio escapou, tão bravamente manobrado por ele. O mastro do terceiro navio de fogo caiu em chamas no seu navio* [...]. *Fui ter com Sir G. Carteret,* [vice-almirante George Carteret] *que me disse ter havido muito má administração em tudo isto, que as ordens do Rei de sexta-feira em que mandava regressar o Príncipe* [Rupert] *foram enviadas por correio normal apenas na quarta-feira, e chegaram às mãos do Príncipe apenas na sexta-feira, e ele, em vez de velejar de imediato* [de regresso], *esperou até às quatro da tarde.* [...]. *Se tal for verdade, é difícil de compreender. Isso causa grande estupefacção ao Rei, ao Duque e à corte, tendo ficado todos sem palavras.* [...].[61:306-7]

Também Pepys, tal como Evelyn, faz alusão aos ruídos que antes se tinham se ouvido em Londres e que pareciam disparos de canhões, elaborando um pouco sobre o assunto:

4 [de Junho do calendário juliano]. [...]. *Depois caminhámos pelo Parque e vimos centenas de pessoas em Gravell-pits* [Kensington] *ouvindo* [o troar dos canhões], *e novamente para o Parque para ouvir os canhões, e vi uma carta, datada de ontem à noite, de Strowd, Governador do Castelo de Dover, que diz que o Príncipe apareceu lá* [ficou à vista] *com a sua frota na noite anterior, mas que os canhões que dissemos que ouvimos foram apenas confusões com trovões. É uma coisa extraordinária que até ontem todos nós, sexta, sábado e ontem, tivéssemos ouvido em todos os lugares, claramente, os canhões dispararem, e que em Deale e em Dover, até à noite passada, nada tenham sabido do combate, e acho que não ouviram* [o disparo de] *qualquer arma. Isso* [...] *abre espaço para uma grande disputa filosófica, como é que nós ouvimos e eles não, sendo o vento que trouxe* [o ruído] *até nós o mesmo que o traria a eles, mas assim é.* [...]. [61:308]

Samuel Pepys, no que escreveu a 4 de Junho (14 de Junho do calendário gregoriano), continua a referir-se às notícias que ia recebendo do combate naval que estava a ser travado, agora junto à costa inglesa:

[...]. *O major Halsey (que foi enviado de propósito para saber novidades), trouxe esta manhã notícias de que viu o Príncipe e a sua frota, às nove da manhã de ontem, a quatro ou cinco léguas ao largo* [...], *de modo que, pelo som dos canhões esta manhã, concluímos que ele veio para a frota* [socorrer a esquadra de Monk]. *Esperámos pelo Duque, e Sir W. Pen (que recebeu a ordem de ir hoje à noite por água até Harwich, para enviar* [para a batalha] *todos os navios que puder) e eu fomos depois para casa.* [...].[61:309]

Refira-se que Harwich, para onde W. Pen foi enviado, é uma cidade na costa de Essex, no litoral do Mar do Norte, onde existiam estaleiros navais e um porto de águas profundas. A missão de que Pen foi encarregado, que era a de enviar todos os navios que pudesse pa-

ra reforçar a frota inglesa, era desesperada, visto que se estava então já no final da Batalha dos Quatro Dias. Na sua prosa prolixa, Pepys continua a dar conta das notícias que ia recebendo:

> [...] *dois homens que vieram falar comigo, vindos da frota, trouxeram notícias e, quando desci, não era outro senão o Sr. Daniel, todo agasalhado, com o rosto tão preto como uma chaminé, e coberto com sujidade, piche, alcatrão e pó, vestido com panos sujos, e com o seu olho direito tapado com estopa de linho. Chegou da frota ontem à noite, às cinco horas, com um camarada seu* [...]. *Foram desembarcados esta manhã, às duas horas, em Harwich, juntamente com cerca de mais vinte homens feridos, do navio Royall Charles. Estando em condições de viajar, partiram por volta das três da manhã e chegaram aqui entre as onze e o meio-dia. Entrei na carruagem com eles e levei-os para as escadas* [de acesso ao rio] *de Somerset-House, onde fomos por água (com toda a gente a olhar para nós, concluindo que eram novidades da frota, e todos os rostos pareciam expectantes por novidades) para as escadas Privadas, e deixei-os no gabinete do Sr. Coventry (embora ele não estivesse lá). Então fui ao Parque onde estava o Rei,* [...]. *O Rei ficou extremamente satisfeito com as notícias, e então pegou-me na mão e falámos um pouco. Fiz-lhe o melhor relato que pude. Então, entrando em casa, pediu-me para trazer os dois marinheiros até ele. Assim, fui buscar os marinheiros* [...], *e ele ouviu todo o relato.* [...].[61:309]

O longo texto referente ao dia 14 de Junho (gregoriano) do Diário de Samuel Pepys continua com a descrição da batalha naval, tendo como epígrafe, destacado em letras maiúsculas, "O Combate", correspondendo presumivelmente a narrativa ao que os dois homens que tinha trazido contaram:

> *Como encontrámos, na sexta-feira, a frota holandesa ancorada* [...], *entre Dunquerque e Ostende, e os fizemos soltar as âncoras. Eles* [tinham] *cerca de noventa* [navios] *e nós menos de sessenta. Lutámos contra eles e pusemo-los em fuga, até que se encontraram com cerca de dezasseis navios que há pouco se tinham feito ao mar, e então avançaram novamente. A luta continuou até à noite, e novamente na manhã seguinte, das cinco* [da manhã] *até às sete da noite. E ontem de manhã começaram de novo e continuaram até cerca de quatro horas, eles perseguindo-nos durante a maior parte de sábado e ontem, nós fugindo deles.* [...] *aos poucos, espiaram a frota do Príncipe chegando, após a que De Ruyter convocou um pequeno conselho (estando em nossa perseguição nesse momento), e então a sua frota foi dividida em dois esquadrões: quarenta navios num, e cerca de trinta no outro (a princípio, a frota era de cerca de noventa navios, mas, por um ou outro acidente, parece ter diminuído para cerca de setenta). O esquadrão maior ficou a perseguir o Duque e o menor foi ao encontro do Príncipe. Mas o Príncipe apareceu com a generalidade da armada, e os holandeses voltaram a reunir-se e seguiram em direcção à sua própria costa, e nós com eles. E agora qual será a consequência desse dia, lutando o tempo todo, não sabemos. O Duque foi forçado a ancorar na sexta-feira, pois tinha perdido as velas e o cordame.* [...]. *O próprio Duque teve um pequeno ferimento na coxa, mas pouco significativo.* [...].[61:309-10]

Terminada a narrativa dos dois marinheiros, Pepys prossegue explanando sobre os acontecimentos a que tinha assistido nesse dia:

> *O Rei tirou do bolso cerca de vinte moedas de ouro e deu-as a Daniel, para ele e o seu companheiro. E assim abalou, extremamente satisfeito com o relato do combate que tinha feito ao Rei, e o sucesso com que terminou, da vinda do Príncipe, embora pareça que o Duque cedeu vez após vez. O Rei ordenou que se cuidasse do Sr. Daniel e do seu companheiro;*

e assim nos separámos dele, e então encontrámos o Duque [de York], *a quem fizemos o mesmo relato.* [...]. *Todas as nossas conversas são sobre este combate no mar, e todos duvidam do sucesso, e concluem que se teria perdido tudo se o Príncipe não tivesse vindo, tendo-nos eles* [holandeses] *perseguido a maior parte do sábado e domingo* [...].[61:310-1]

No dia seguinte continuava a haver alguma expectativa sobre o que realmente tinha acontecido e sobre o desfecho da batalha:

5 [de Junho]. *Levantei-me e fui para a repartição, onde, durante toda a manhã, esperámos constantemente por mais notícias da frota e do resultado do combate de ontem, mas não chegou nada.* [...]. *E depois fui até Long Reach* [no Tamisa] *parando em todos os navios no caminho para ver em que condições estavam e do que precisavam.* [...].[61:312]

Figura 31 – Cena da Batalha Naval dos Quatro Dias (11 a 14 de Junho de 1666), vendo-se o *HMS Royal Prince* a ser destruído e vários outros navios, numa pintura a óleo sobre tela da autoria do pintor holandês Abraham Storck (1644-1708), de *circa* 1670. Dimensões: 1,10 m x 0,78 m. National Maritime Museum, Greenwich, London (ID: BHC0286).

A entrada de dia 16 de Junho do diário de Samuel Pepys revela que as notícias eram então ainda contraditórias, e que havia ainda a esperança dos ingleses terem vencido a batalha:

6 [de Junho] [...]. [...] *e a seguir caminhei para White Hall, e aí todos tentavam ouvir o ruído dos canhões, mas não se escutava nada, e todos estavam radiantes, concluindo, com base nisso, que os Holandeses tinham sido derrotados, pois não ouvimos nem canhões, nem temos novidades da nossa frota.* [...] *sendo a narrativa do Capitão Hayward do navio The Dunkirke, que dá um relato muito grave de como, na segunda-feira, as duas armadas lutaram o dia todo até às sete da noite, e então toda a frota dos holandeses iniciou a fuga*

e nunca mais olhou para trás. [...]. *Que é razoavelmente concebível que, de toda a armada holandesa, que inicialmente tinha, com todos os navios, cem velas, não mais de cinquenta tenham voltado para casa, e destes, poucos ou nenhuns com as suas bandeiras. E aquele pequeno Capitão Bell, num dos navios incendiários, no final do dia, detou fogo a um navio de 70 canhões. Ficámos todos tão impressionados com esta boa notícia, que o Duque foi a correr dá-la ao Rei, que tinha ido para a capela, e lá toda a Corte ficou em alvoroço, regozijando-se com esta boa notícia.* [...].[61:313]

O autor prossegue, explanando longamente sobre os acontecimentos do dia e sobre as notícias que iam chegando, as quais se pretendia que fossem favoráveis à Inglaterra. Termina dizendo que foi para a rua com amigos, numa espécie de festejo:

Estive com eles, ociosamente, a noite toda até à meia-noite, nas fogueiras [que tinham sido acesas] *nas ruas. Algumas pessoas andavam por ali com mosquetes e deram-me duas ou três salvas com as suas armas, e eu dei-lhes uma coroa para beberem, e depois fui para casa.* [Estou] *muito satisfeito com as notícias deste feliz dia, e ainda mais porque Sir Daniel Harvy, que esteve em todo o combate com o General, me disse que parece que havia apenas trinta e seis* [navios] *de toda a armada holandesa que restava no final, quando voltaram para o seu país. Esta noite foi muito grande a alegria na cidade.*[61:315]

Mas as ilusões depressa feneceram, e na entrada do dia seguinte (17 de Junho) o autor expressa a mágoa trazida pela dura realidade:

7 [de Junho]. *Acordei cedo e* [fui] *para a repartição (Sir W. Coventry mandou-me dizer que foi até à frota para ver como estão as coisas e que voltaria rapidamente) com a mesma expectativa de nos felicitarmos pela vitória que tivemos ontem. Mas Lord Bruncker* [William Brouncker, primeiro presidente da *Royal Society*, também comissário da *Royal Navy* e, portanto, colega de Pepys] *e Sir T. H.* [Thomas Harvey, membro do Parlamento e de igual modo comissário da *Royal Navy*], *que vêm da Corte, contam-me novidades totalmente contrárias, que me surpreendem, isto é, que fomos derrotados, perdemos muitos navios e bons comandantes, e que não tomámos nenhum navio ao inimigo. Assim, apenas podemos dizer a nós mesmos que foi uma vitória.* [...]. *Mas, acima de tudo, que o Príncipe* [o já referido navio *Prince Royal*, o maior da armada inglesa] *navegou para a costa em direcção ao Galloper* [um baixio de areia a cerca de 50 km ao largo da costa de Suffolk, no Leste de Inglaterra, que tem profundidades mínimas da ordem de 2 m] *e lá ficou encalhado. Os holandeses tentaram resgatá-lo, mas não conseguiram, e então queimaram-no, e Sir G. Ascue* [o comandante] *foi feito prisioneiro e levado para a Holanda. Estas novidades incomodam-me muito, e penso bastante nas ruins consequências que isto pode ter, e o orgulho e a presunção que nos levaram a isso* [...]. *O Sr. Wayth veio falar comigo e, discorrendo sobre nosso mau sucesso, disse-me claramente* [ter ouvido] *da boca do próprio capitão Page (que perdeu um braço na luta), que os holandeses nos perseguiram durante duas horas antes de nos deixarem, e assim permitiram que viéssemos para casa* [para os portos ingleses], *e eles recuaram em direcção à sua costa, o que são notícias muito tristes. Depois fui para o meu escritório e em seguida para White Hall, tarde, para* [me encontrar com] *o Duque de York para ver que ordens ele tem* [para mim] [...], *e achei o Duque muito em baixo na sua conversa sobre o último combate, e toda a Corte fala tristemente disso.* [...]. *E quanto a notícias, tenho fortes razões para pensar que fomos derrotados em todos os aspectos e que somos os perdedores. O* [navio *Royal*] *Prince perdeu-se no* [baixio] *Galloper, onde o Royal Charles e o Royal Katharine* [também] *encalharam duas vezes, mas escaparam. O Essex foi levado para a Holanda. O Swiftsure está desaparecido (Sir William Barkeley) desde o início do combate. Os Comandantes Bacon, Tearne,*

> *Wood, Mootham, Whitty e Coppin* [foram] *mortos. O duque de Albemarle escreve que nunca lutou com oficiais piores na sua vida, não* [havendo] *mais de vinte que se tenham comportado como homens. Sir William Clerke perdeu uma perna, e morreu em dois dias. Os* [navios] *Loyal George, Seven Oakes e Swiftsure ainda estão desaparecidos* [...].[61:315-6]

As notícias da notável derrota da armada britânica desfizeram por completo o entusiasmo inicial de ter sido uma vitória. Mais pormenores do fracasso iam chegando a pouco e pouco. Mas a guerra continuava, e era urgente tomar as medidas adequadas para que, no futuro próximo, a situação pudesse ser revertida.

> *8* [de Junho]. *Acordei muito cedo e, por ordem dele, fui ter com o Duque de York, e todos nós lhe relatámos quais são os trabalhos que nos são exigidos, repartidos entre nós, tendo eu recebido uma grande parte, mais do que, julgo, consigo fazer.* [...]. *Mas, Senhor! ver como a Corte está triste com a constatação desta última derrota (pois assim é), em vez de uma vitória, tanto e tão irracionalmente esperada.* [...]. *Então,* [Creed e eu] *voltámos conversando sobre a forma como este combate foi mal gerido e sobre a má decisão de defrontar uma força tão maior do que a nossa, e assim chegámos à repartição, onde nos separámos, mas com a satisfação de termos ouvido que o* [navio] *Swiftsure, Sir W Barkeley, chegou em segurança ao Nore* [um longo banco de areia existente no estreitamento final do estuário do Tamisa]*, depois de ter estado desaparecido desde o início da batalha, em que não apareceu do começo ao fim. Mas onde quer que ela tenha estado, dizem que chegou bem, o que eu peço a Deus possa ser verdade.* [...].[61:317-8]

b) A batalha dos Quatro Dias no poema de John Dryden

A chamada Batalha dos Quatro Dias, talvez a maior batalha naval da história, traduziu-se numa pesada derrota para os ingleses. No entanto, John Dryden, no seu *Annus Mirabilis*, fornece uma visão algo diferente do confronto, quase que o transformando numa vitória inglesa inequívoca. Na realidade, pode dizer-se que esta batalha naval constitui a parte central e dominante do poema, pois que quase um terço das estrofes (83 estrofes de um total de 305) são dedicadas à descrição da batalha, e se incluirmos as partes referentes aos preparativos e às consequências imediatas (num total de 208 estrofes), ocupa mais de metade da obra. A narrativa poética da contenda inicia-se quando as armadas se encontram e procuram posicionar-se a barlavento do inimigo (o que dava vantagens na batalha), preparando-se para a luta:

[55] O Duque, menos numeroso, mas mais corajoso,
Nas asas de todos os ventos para o combate voa;
Seus Canhões assassinos em voz alta rugem,
E cruzes sangrentas nas bandeiras em seus mastros se erguem.

[56] Ambos enrolam suas velas e preparam-nas para a luta;
Suas superfícies retraídas evitam o ar inútil;
As Planícies Eleanas não se podiam orgulhar de mais nobre visão,
Ao lutar contra Campeões, seus corpos ficavam nus.[30:15]

As *Planícies Eleanas* situam-se na região de Elis, na parte ocidental da Península do Peloponeso, na Grécia, e era aí que se localizava a pequena cidade de Olympia onde tradicionalmente se realizavam os jogos olímpicos. A seguir, Dryden passa a fazer o relato poético do confronto propriamente dito

[58] Agora passaram, de ambos os lados eles agilmente se atacam,
Ambos se esforçam para interceptar e tirar proveito do vento;
E, a seu ver, mais de perto voltam a encontrar-se,
Para finalizarem todas as mortes que para trás deixaram.

[59] Em Conveses elevados, os altivos Belgas cavalgam,
Sob cuja sombra vão nossas humildes Fragatas;
Tal porto o Elefante carrega, e assim desafiado
Pelo Rinoceronte, seu inimigo desigual.[30:15-6]

Como já antes referimos, “belgas” era outra designação dada aos holandeses. A alusão aos “elevados conveses” refere-se ao facto dos navios holandeses serem, em geral, mais altos do que os ingleses.

[60] E tal como construídos, tão diferente é a luta,
Seu tiro em cadeia está em nossas velas projectado;
No fundo de seus cascos, nossas balas mortais acendem,
E através das tábuas maleáveis uma passagem encontram.[30:16]

Como *construídos* entenda-se a estrutura dos navios que, como dissemos, era em geral diferente nos vasos de guerra holandeses e ingleses. Nesta estrofe o poeta ressalta a forma distinta como os dois contendores lutavam: os holandeses disparavam de mais longe, usando com frequência duas balas de canhão unidas com uma corrente (tiro em cadeia / *mounting shot*), que era então uma invenção recente, as quais eram disparadas num ângulo elevado e que, ao atingirem os navios inimigos, danificavam os cordames, as velas e os

mastros; pelo contrário, os ingleses disparavam de mais perto, nivelando o tiro para o casco dos vasos adversários[72:169]. Dryden continua a descrever a batalha:

[61] Nosso temido Almirante de longe eles ameaçam,
Cujo cordame maltratado toda a guerra recebe;
Tudo despojado, como um velho carvalho que as tempestades açoitam,
Ele levanta-se e vê por baixo suas folhas dispersas.[30:16]

E um pouco mais à frente:

[65] Enquanto isso, seus marinheiros ocupados ele apressa,
Suas velas despedaçadas com cordame para restaurar;
E pinheiros dispostos sobem seus mastros quebrados,
Cujas cabeças elevadas se erguem mais alto do que antes.

[66] Directo para os Holandeses ele vira sua proa terrível,
Mais feroz a disputa importante para decidir;
Como Cisnes, em longa disposição seus navios mostram,
Cujas proas avançando as ondas se dividem.

[67] Eles carregam, recarregam e ao longo do mar
Eles dirigem e delapidam a enorme frota belga;
Berkeley sozinho, que mais próximo do perigo estava,
Teve um destino parecido com o encontro perdido de Creusa.[30:17-8]

Berkeley refere-se a William Berkeley (1639-1666), que então tinha sido promovido a vice-almirante e comandava o navio *Swiftsure*. Na Batalha dos Quatro Dias navegou para o meio da frota holandesa, tendo sido cercado por navios inimigos. Quando o seu navio era já apenas um destroço e a sua guarnição tinha sido dizimada na maior parte, apesar de estar gravemente ferido continuou a recusar quartel, tendo morto com as suas próprias mãos vários inimigos que tentaram abordar o navio. Mortalmente ferido na garganta por uma bala de mosquete, retirou-se para a sua cabine, onde depois veio a ser encontrado sem vida, estendido sobre uma mesa e coberto com o sangue que escorria das suas feridas[7170]. Dryden compara o destino de Berkeley ao de Creusa, filha de Príamo e mulher de Enéias, que misteriosamente desapareceu na fuga de Tróia capturada.

O dia de sangrento combate naval chegou ao fim, e Dryden descreve-o com palavras de enaltecimento dos combatentes britânicos:

[68] A noite chega, e nós ansiosos por perseguir
O Combate continua, e eles com vergonha de partir;
Até que os últimos raios do dia moribundo se retiraram,
E a duvidosa luz da Lua fez nossa raiva enganar.[30:18]

Como já antes referimos, na longa batalha naval que durou quatro dias, o dia era passado a combater e quando chegava a noite era altura de fazer reparações, tratar dos feridos e preparar a luta do dia seguinte. Como é evidente, dado o carácter da obra, os ingleses são descritos como merecedores de palavras de exaltação e enaltecimento, enquanto que, para os holandeses, são empregues termos depreciativos:

[69] Na Frota Inglesa cada navio ressoa com alegria,
E aplausos à fama de seu grande Líder;
Em sonhos ardentes os Holandeses ainda destroem,
E, adormecidos, sorriem para a chama imaginada.

[70] *Não é assim com a frota da Holanda, que, cansada e acabada,*
Esticados em seus conveses como Gado cansado jazem;
Suores leves por todos os seus membros poderosos correm,
(Grandes volumes cujas pequenas almas mal abastecem.[30:18]

Como já mais acima aludimos, na manhã de 12 de Junho (2 de Junho do calendário juliano) a armada da República das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos foi reforçada com a chegada de um novo esquadrão de dezasseis navios, o que lhe deu uma superioridade decisiva sobre os ingleses que, inicialmente, tinham predomínio na quantidade de meios navais. É a chegada desse novo esquadrão holandês que o poeta descreve a seguir:

[72] *A manhã eles olham com olhos relutantes,*
Até que, de suas velas de estai, alegres eles ouvem
De navios que, por seu molde, trazem novos suprimentos,
E em suas cores Leões Belgas carregam.[30:19]

Figura 32 – A Batalha Naval dos Quatro Dias: o incêndio do *HMS Royal Prince* em 3 de Julho de 1666 do calendário juliano, ou seja, 13 de Junho do calendário gregoriano. Pintura a óleo sobre tela da época, da autor não identificado. Dimensões: 2,06 m x 1,19 m. National Maritime Museum, Greenwich, London (ID: BHC0290).

Na altura, George Monck (também grafado como Monk), que comandava o esquadrão naval que enfrentava os holandeses, na preparação para a continuação da batalha, proferiu aos seus homens um discurso de exaltação que ficou célebre, em que, entre outras coisas, disse: *Se tivéssemos temido o número dos nossos inimigos, teríamos retirado ontem; mas, embora sejamos inferiores a eles em* [quantidade de] *navios, somos superiores em tudo o mais. A força dá-lhes coragem; nós vamos, se precisarmos, buscar emprestada a resolução dos pensamentos do que já anteriormente realizámos. Deixemos o inimigo sentir que, embora a nossa frota esteja dividida, o nosso espírito está inteiro.* E depois, na continuação da sua prelecção, referia: *Ser vencido é a fortuna da guerra, mas fugir é apanágio dos covardes. Vamos ensinar ao mundo que os ingleses preferem conhecer a morte do que o medo*[7171]. É a esta dissertação que John Dryden faz alusão na estrofe seguinte:

[76] *Se o número a coragem Inglesa pudesse subjugar,*
Deveríamos logo de início ter evitado, e não enfrentado nossos inimigos,
Cujas numerosas velas apenas os temerosos assustam;
A coragem vem dos corações, e não dos números cresce.[30:20]

Um novo dia tinha despontado e, com ele, a continuação da aguerrida e sangrenta batalha que iria prosseguir ainda por mais dois dias. Os ingleses penetraram por duas vezes no interior da armada holandesa, infligindo e recebendo grandes danos.

[79] *A nossa pequena Frota estava agora comprometida,*
Que, como o Espadarte na Baleia, eles lutavam;
O Combate só parecia uma Guerra Civil,
Até que através de suas entranhas nossa passagem forjámos.[30:21]

Mas, perante a desigualdade de meios, a batalha não podia prolongar-se durante muito mais tempo. Os ingleses já tinham perdido, afundados ou capturados, pelo menos, nove navios, e George Monk tentou retirar-se com tudo o que lhe restava em condições de combater, ou seja, vinte e seis navios, sendo perseguido por De Ruyter com quase três vezes esse número[7171]. É a essa perseguição que o poeta a seguir faz alusão

[82] *Enquanto isso, os Belgas avançam em nossa Retaguarda,*
E Armas de Caça através de nossas popas eles enviam;
Perto seus Navios de Fogo, como Chacais, aparecem,
Que nos seus Leões pela presa esperam.[30:21]

As *Armas de Caça* (*chase-guns*) eram canhões montados na proa dos navios que eram usados para tentar danificar o navio inimigo perseguido, fazendo com que este perdesse desempenho. Os navios incendiários, muito utilizados na época, eram, como já antes referimos, embarcações velhas ou inúteis carregadas com combustíveis e explosivos, cuja finalidade era a de serem enviados até aos navios inimigos com o propósito de os danificar e fazer com que ardessem. A menção aos Leões advém do facto da bandeira holandesa da altura exibir o desenho de um destes animais segurando sete flechas (simbolizando as sete províncias) e uma espada (representativa do poder).

A situação da esquadra naval inglesa, comandada por George Monck (que, em 1660, pelo seu apoio a Carlos II na Restauração tinha sido feito Duque de Albemarle) era desesperada: tentava retirar-se para a costa da Grã-Bretanha, mas era perseguido pela armada holandesa de de Ruyter. Tal está bem expresso nos versos seguintes:

[88] *De entre os Holandeses então Albemarle saiu:*
Ele não conseguia conquistar e desdenhava fugir;
Esperança passada de segurança, foi seu último cuidado,
Como a queda de César, decentemente morrer.

[89] *No entanto, seu espírito viril moveu-se com pena,*
Ver perecer aqueles que tão bem lutaram;
E generosamente com seu desespero ele lutou,
Resolveu viver até que garantisse a segurança deles.

[90] *Que outras Musas escrevam seu próspero destino,*
Falem de Nações conquistadas, e de Reis restaurados;
Mas o meu deve cantar a sua propriedade eclipsada,
Que, como o Sol, mais maravilhas pode ofertar.

[91] *Ele desenhou todas as suas poderosas Fragatas antes,*
Nas quais o inimigo emprega sua força infrutífera;
Seus fracos profundamente na sua Retaguarda ele carregou,
Longe dos Canhões, como os doentes do barulho. [30:23-4]

Na última estrofe, segundo a interpretação de Walter Scott, Dryden inverteu a ordem da retirada do Duque de Albemarle. Os seus navios danificados ou destruídos receberam ordens de se colocarem à frente, e ele próprio, com dezasseis dos seus navios mais capazes, na retaguarda, de forma a suster todo o embate dos perseguidores holandeses[71][72]. As-sim as embarcações danificadas iam à frente, ou seja, em posição oposta à que se depreen-de do verso: *Seus fracos profundamente na sua Retaguarda ele carregou.* Não se sabe se foi equívoco do poeta ou liberdade poética. Não obstante os esforços do autor, não podia ser completamente escamoteado que o de-senrolar da contenda não se mostrava favorável aos britânicos, pelo que o poeta recorria a imagens de estilo para descrever os acontecimentos:

[93] *Noutro lugar, a força Belga derrotámos,*
Mas aqui nossa coragem eles subjugaram;
Então, Xenofonte uma vez liderou aquela famosa,
Que primeiro o Império Asiático derrubou.[30:24]

As referências clássicas são constantes. Aqui, o autor faz alusão ao historiador grego Xenofonte de Atenas (c.430 a.C-354 a.C.), que, numa das suas obras (Ciropédia), descreveu os métodos militares e políticos usados por Ciro, o Grande, para conquistar o Império Neo--Babilónico em 539 a.C. Perante a situação, havia que enfatizar as perdas do inimigo:

[94] *O inimigo aproximou-se; e um por seu pecado ousado,*
Foi afundado, como aquele que tocou a Arca foi morto:
As ondas selvagens o dominaram e o sugaram,
E redemoinhos sorridentes formaram covas em seu Lugar.[30:24]

Continuando a descrever o desenrolar dos acontecimentos, recorrendo com frequência a referências clássicas, nomeadamente de Virgílio e de Estácio, o poeta chega ao final do segundo dia da violenta batalha naval:

[98] *No meio dessas labutas sucede a noite amena;*
Agora as águas sibilantes restauram as armas extintas;
E ondas cansadas, retirando-se da luta,
Deitam-se embaladas e ofegantes na costa silenciosa.[30:25]

Como é referido no poema, a noite era aproveitada para fazer algumas reparações e para prepararem o combate do dia seguinte (*restauram as armas extintas*). O poeta continua referindo-se ao comandante em chefe:

[99] *A Lua brilhou clara na inundação calma,*
Onde, enquanto seus raios brilham como prata brilhante,
No Convés, nosso cuidadoso General estava de pé,
E reflectiu profundamente no dia seguinte

[100] *Aquele Sol feliz, disse ele, nascerá novamente,*
Quem duas vezes vitorioso nossa Marinha viu;
E só eu devo vê-lo subir em vão,
Sem um raio de toda a sua Estrela para mim.[30:26]

Em nota, o poeta refere que a 3 de Junho (13 de Junho do calendário gregoriano) tinha anteriormente havido duas vitórias. Com efeito, nesse dia do ano anterior tinha ocorrido a Batalha de Lowestoft, a que mais acima dedicámos um sub-capítulo, que se traduziu numa inequívoca vitória inglesa. Também nesse dia, mas em 1653, durante a Primeira Guerra Anglo-Holandesa, uma armada de mais de cem navios das Sete Províncias Unidas, comandada por Marteen Tropm e Witte de With, defrontou a armada britânica, de dimensão semelhante, chefiada por Georges Monck e William Penn, no que ficou conhecido como Batalha de Gabbard, ao largo da costa de Suffolk, na qual os ingleses saíram também vitoriosos. Assim, o verso *duas vezes vitorioso nossa Marinha viu* tem toda a razão de ser.

O poema prossegue dando voz ao Duque de Albemarle para corajosamente se lamentar, após o que descreve a situação ao amanhecer, com navios em chamas. Embora o poeta tente sempre enaltecer a coragem e engenho britânicos, não podia encobrir por completo o desaire. O resultado da batalha não é apresentado de forma clara, mas, no entanto, refere-se que os ingleses se sentiam muito fracos e sem munições que lhes permitissem perseguir o inimigo.

[101] No entanto, como um General Inglês, vou morrer,
E todo o Oceano constitui minha sepultura espaçosa;
Mulheres e Covardes em Terra podem mentir,
O Mar é uma Tumba própria para os bravos.

[102] Impaciente ele passou o resto da noite,
Até que o ar fresco proclamou a manhã da noite;
E navios em chamas, os Mártires do combate,
Com fogos mais pálidos contemplam o céu Oriental.

[103] Mas agora, suas Reservas de Munições gastas,
Sua bravura despojada é o seu único guarda;
Trovões raros são de seu emudecido Canhão enviados,
E solitárias Armas escassamente são ouvidas.[30:26-7]

A situação era desesperada quando, como já mais acima referimos, chegou o esquadrão comandado pelo Príncipe Rupert:

[105] Pois agora o bravo Rupert de longe aparece,
Cujas flâmulas ondulantes o alegre General conhece;
Com as velas bem abertas sua ávida marinha dirigem,
E cada navio em rápida proporção cresce.[30:27]

Como é óbvio, o aparecimento do esquadrão de Rupert permitiu que a angústia que se vivia nos navios de Monck se atenuasse fortemente:

[111] Com corações tão alegres nossos homens desesperados
Saudaram o aparecimento da Frota do Príncipe;
E cada um ambiciosamente reivindicaria a visão
Que com os primeiros olhos a segurança distante encontrou.[30:29]

Entre os esquadrões de Albemarle e de Rupert havia alguns bancos de areia perigosos, entre os quais o já mencionado *Galloper* onde, como já antes referido, tinha encalhado o *HMS Royal Prince*, um dos maiores da armada inglesa. Nestas condições, os holandeses montaram uma armadilha: numa atitude provocatória, enviaram um esquadrão para a periferia dos bancos, para que os navios de Rupert os viessem atacar acabassem por ficar

encalhados nesses bancos. Todavia, quer pela sua vasta experiência, quer porque o Duque de Albemarle disso o avisou por sinais, Rupert não caiu nessa artimanha:

[114] *Os astutos Holandeses, que, como Anjos caídos, temiam*
A vinda deste novo Messias, esperam,
E ao redor da borda seus bravos Navios colocaram,
Para tentarem a sua coragem com tão belo engodo.

[115] *Mas ele, impassível, despreza sua ameaça vã,*
Seguro da fama sempre que quiser lutar;
Sua experiência fria tempera todo o seu calor,
E o talento inato ostenta orgulhoso valor.[30:29-30]

Os esquadrões ingleses acabaram por se juntar, mas a noite estava já próxima, pelo que nesse terceiro dia de batalha parece não ter havido mais acções relevantes.

[117] *Mas, quando abordado, amarrado em abraços estritos,*
Rupert e Albemarle juntos crescem:
Ele se alegra por ter encontrado seu amigo em segurança,
O que ele deveria a ninguém, excepto àquele amigo.[30:29-30]

Com as armadas de ambos os contendores já muito desgastadas, entrou-se no quarto dia de batalha, agora com a parte inglesa fortalecida pelo esquadrão de Rupert:

[119] *Assim reforçado, contra a Frota adversária*
Ainda dobrando os nossos, o bravo Rupert lidera o caminho.
Com os primeiros rubores da Manhã eles se encontram,
E traz a noite de volta ao dia recém-nascido.

[120] *Sua presença logo explode a luta inflamada,*
E seus Canhões barulhentos falam grosso como homens irados;
Parecia que a carnificina a noite toda havia sido respirada,
E a morte de novo apontou seu estúpido dardo.[30:29-31]

Embora completamente exaustos, têm que continuar a combater encarniçadamente, pois que o resultado da guerra e o pretendido domínio dos mares disso pode depender. O confronto desenvolve-se agora próximo da foz do Tamisa e, como acima foi referido, o troar dos canhões era nitidamente ouvido em Londres:

[124] *O som crescente é levado para as margens,*
E por seus interesses as Nações combatentes temem;
Suas paixões dobram com o rugido dos Canhões,
E com desejos calorosos cada homem aí combate.[30:29-32]

Um pouco mais à frente o poeta diz:

[126] *E agora, reduzidos a igualdade de condições para lutar,*
Seus Navios como Patrimónios desperdiçados se mostram;
Onde as finas Árvores espalhadas admitem a luz,
E evitam as sombras umas das outras à medida que crescem.[30:32]

Como já referimos, John Dryden tenta escamotear o mais possível o facto de a Batalha dos Quatro Dias ter sido uma grande derrota para os ingleses. Assim, tenta enfatizar tanto quanto lhe pareceu possível as perdas dos holandeses. Com efeito, a investida do esquadrão de Rupert veio de certo modo equilibrar a situação do quarto dia da batalha.

[128] *Já derrotados, por seu Sotavento eles jazem;*
Em vão sobre os ventos que passam eles chamam;
Os ventos que passam através de suas telas rasgadas brincam,
E velas enfraquecidas em Marinheiros sem coração caem.

[129] *Seus lados abertos recebem uma luz sombria,*
Terrível como o dia se abre nas sombras abaixo;
Do lado de fora, a morte sombria cavalga descalça à sua vista,
E insta a entrar em ondas conforme elas fluem.[30:33]

A certa altura, percebendo que os holandeses estavam a atacar Albemarle, Rupert ordenou ao seu esquadrão que atacasse de Ruyter, cujos navios ficariam presos entre ele e a principal frota inglesa. Porém, nesta acção, o *Royal James* (o navio almirante de Rupert) perdeu o mastro principal, o mastro de mezena e teve vários outros danos graves, tendo ficado incapaz de prosseguir a luta[35:263-4]. Tal é descrito por Dryden da seguinte forma:

[130] *Quando um tiro terrível, o último que eles poderiam dar,*
Perto da prancha, o Mastro principal do Príncipe perfura:
Todos os três, agora indefesos, mentem um para o outro,
E isso não ofende, e aqueles não temem mais.[30:33]

Nestas circunstâncias, o esquadrão de Rupert, em vez de continuar a combater os holandeses, retirou-se para defender o seu incapacitado navio almirante e rebocá-lo. Ao ver o que estava a acontecer, de Ruyter ordenou que os seus navios se concentrassem no ataque à retaguarda da frota inglesa. Nessa altura, o navio almirante de Albemarle, o *Royal Charles*, ficou com o mastro principal e um mastro dianteiro danificados, tendo ainda sofrido buracos no costado de barlavento devido aos tiros do inimigo, pelo que foi incapaz de virar para ajudar os navios da retaguarda. Porém, a maior parte destes conseguiu escapar, pois que os holandeses (tal como os ingleses) estavam já com carência de pólvora, pelo que tentaram abordá-los e capturá-los, o que conseguiram fazer com alguns. De Ruyter, com a maior parte da sua frota, perseguiu Albemarle e Rupert que se dirigiam para Oeste, em direcção ao canal de águas profundas que conduz ao estuário do Tamisa, acabando depois por se retirar[35:268-9]. Como é evidente, no *Annus Mirabilis*, Dryden não entra nesses pormenores. O que faz é descrever o sentimento de insatisfação de Rupert:

[133] *O Príncipe injustamente suas Estrelas acusa,*
Que o impediram de fortalecer a sua fortuna;
Pelo que à sua coragem recusaram,
O que por valor mortal nunca deve ser feito.[30:34]

Chega o final da longa batalha, com os holandeses a clamarem vitória, mas alguns meios em Inglaterra a fazerem o mesmo. O poeta concentra-se agora na retirada do inimigo:

[134] *Esta hora de sorte o sábio Bataviano toma,*
E admoesta a sua frota andrajosa para seguir para casa;
Orgulhoso de ter saído com apostas iguais,
Onde havia um triunfo a não ser superado.[30:34]

Bataviano é outra forma do poeta se referir ao inimigo, pois que a Batávia era uma região dos Países-Baixos situada no delta anastomosado dos rios Reno e Mosa. Por *frota andrajosa* deve entender-se com muitos navios bastante danificados (tal como ficou, também, a armada britânica). A seguir, com a Batalha dos Quatro Dias terminada, Dryden, descreve os sentimentos angustiados que remanesceram no chefe inglês:

[135] A força do General, mantida viva pela luta,
Agora, sem oposição, não pode mais perseguir;
Perdurando até que o Céu fizesse de sua coragem merecimento,
Quando ele conquistou, sua fraqueza conhecia.

[136] Apresenta um sobrolho franzido ao inimigo que parte,
E suspira ao vê-lo abandonar o campo aquático;
Seus olhos fixos e severos não mostram satisfação,
Por todas as glórias que o Combate rendeu.

[137] Embora, como quando os Demónios fazem Milagres confessam,
Ele permanece apreciado até mesmo pelos presunçosos Holandeses;
Ele apenas sua conquista renega,
E pensa muito pouco no que eles acham ser muito.[30:35]

Em mau estado, carecendo de grandes reparações, os navios regressaram a Inglaterra, principalmente ao estuário do Tamisa:

[138] Retornado, ele com a Frota resolveu ficar,
Nenhum pensamento terno de casa seu coração divide;
Põe de lado alegrias e preocupações domésticas,
Pois os reinos são famílias que os grandes devem guiar.[30:35]

Reparações navais urgentes

Era tempo do rescaldo, de avaliar as perdas e de, rapidamente, reparar e fazer com que os navios ficassem de novo operacionais, pois que a guerra continuava e podia haver (como houve) nova batalha naval em breve. Já mais acima fizemos alusão à passagem do diário de John Evelyn em que, visitando os estaleiros navais de Sheerness, a 17 de Julho, escreveu a certa altura: *mais da metade daquele esplêndido baluarte do reino exibindo miserável destruição, dificilmente* [se vendo] *um navio inteiro, antes aparecendo muitos destroços e cascos, tão cruelmente os holandeses nos mutilaram.* Tal expressa bem o estado lastimável em que ficaram muitos navios. Por seu lado, Samuel Pepys também não faz grandes referências aos navios muito danificados, nem à sua reparação. Com efeito, as importantes funções, tanto de Evelyn como de Pepys, eram outras, pelo que o conserto dos meios navais não era preocupação dos autores.

Pelo contrário, no *Annus Mirabilis*, John Dryden dedica mais de dezena e meia de estrofes à reparação dos navios, enaltecendo a perícia dos operários e a supervisão e génio do monarca, bem como à rapidez como esses trabalhos foram efectuados. Como faz ao longo de toda a obra, o poeta não perde oportunidade para enaltecer o monarca:

[141] O Paraíso não terminou no primeiro ou segundo dia,
No entanto, cada um foi perfeito para o trabalho projectado:
Deus e os Reis trabalham, [mesmo] *quando vigiam o seu trabalho,*
Uma aptidão passiva em todos os assuntos encontrados.[30:36]

A reparação dos navios danificados era uma tarefa difícil, dado o estado ruinoso de muitos deles. No poema, Dryden descreve poeticamente toda a azáfama da reconstrução dos navios, de que são exemplo as estrofes seguintes:

[142] Em Navios carregados primeiro, com rápido cuidado,
Seus abundantes Depósitos de madeira temperada enviam;
Por lá os musculosos Carpinteiros consertam,
Enquanto os Cirurgiões de navios mutilados comparecem.

[143] Com cordão e tela da rica Hamburgo enviado,
As asas cortadas de sua Marinha ele repara mais uma vez;
Altos Abetos da Noruega, seus Mastros em Batalha consumidos,
E Carvalho Inglês, rombos preenchidos e pranchas restauradas.

[144] Todas as mãos empregues, o trabalho Real cresce quente,
Como Abelhas trabalhadoras num longo dia de Verão,
Alguns tocam a Trombeta para o resto enxamear,
E alguns em experimentados sinos de Lírios tocam.[30:36-7]

O poeta continua a descrever os trabalhos de reparação naval:

[146] Então aqui alguns pegam balas dos lados,
Alguns Estopa velha em cada junta e fenda enfiam;
A sua mão esquerda faz a guia de Calafetagem,
O rápido Maço com a direita eles levantam.

[146] Com Piche fervente próximo à mão,
(Da amistosa Suécia trazida), as costuras preenchem;
Que bem pago, às ondas Salgadas do mar resistem,
E do bico [proa] *ascendente em gotas as sacode*.[30:37-8]

A alusão à Suécia justifica-se por este país ser na altura o único aliado continental da Grã-Bretanha, e de onde vinham vários materiais essenciais para a construção naval.

Como sempre, o poeta enaltece o monarca que, agora, na visão do poeta, faz a supervisão de todos estes trabalhos de reconstrução naval:

[149] *Nosso cuidadoso Monarca está em Pessoa por perto,*
Para a firmeza de seus Canhões recém-fundidos explorar;
A força da pólvora bem misturada adora experimentar,
E a Bala e o Cartucho ordena para cada abertura.[30:38]

Há também palavras elogiosas para o novo navio, o *Loyal London,* ofertado pela cidade de Londres, a que já acima fizemos alusão:

[151] *A bela Londres no seu galante acabamento,*
(A Fénix, filha do velho desaparecido);
Como uma Noiva rica faz para nadar no oceano,
E na sua sombra cavalga em ouro flutuante.

[152] *Sua bandeira no alto, aberta ondulando ao vento,*
E flâmulas sanguíneas, parecem a inundação pelo fogo;
O tecelão, encantado com o que seu tear desenhou,
Vai para o mar e sabe que não deve se retirar.

[153] *Com conveses espaçosos, suas armas de grande força,*
Cujas bocas baixas cada vaga crescente banha;
Profundo no seu calado, e guerreiro no seu comprimento,
Parece uma vespa marinha voando nas ondas.

[154] *Este Presente marcial, piedosamente projectado,*
A Cidade Leal dá ao seu Rei mais amado;
E com uma generosidade ampla como o vento,
Construído, equipado e mantido, para o ajudar a provocar.[30:39]

Na continuação, nomeadamente nas estrofes 155 a 164, Dryden passa a discorrer sobre o transporte marítimo, dando ênfase quase exclusiva à navegação inglesa, fazendo, como de costume, alusões a autores clássicos (neste caso a Virgílio com *Extra anni solisque vias*):

[160] *De todos os que desde então usaram o Mar aberto,*
Do que o corajoso Inglês ninguém mais fama ganhou;
Além do Ano, e fora do alto caminho do Céu,
Fazem descobertas onde o Sol não se vê.[30:39]

É de relevar que Dryden tinha a visão de uma ordem social idealizada, organizada pelo conhecimento filosófico natural, uma sociedade cujas realizações económicas e militares dependiam da descodificação do livro da natureza[75]. Tal conduziria ao estabelecimento de uma ‘cidade universal’ onde as necessidades de todos seriam supridas:

[162] *As Vazantes das Marés e seus misteriosos fluxos,*
Nós, como Elementos da Arte, devemos entender;
E como por Carreira sobre o Oceano devemos ir,
Cujos caminhos devem ser familiares como os de Terra.

[163] *Os navios instruídos devem navegar para rápido Comércio,*
Pelo qual as Regiões mais remotas são aliadas;
O que torna uma Cidade do Universo,
Onde alguns podem ganhar e todos podem ser abastecidos.[30:41-2]

O coração dessa ‘cidade universal’ seria Londres, a que o poema é dedicado, a qual era o centro do poder comercial e militar de Inglaterra, a residência do monarca e a sede da *Royal Society*. O autor aproveita para incluir duas estrofes panegíricas sobre esta sociedade da qual era membro:

[165] Isto eu prevejo de vosso auspicioso cuidado,
Que a busca de Deus e da Natureza muito cresça;
Quem o louvor do seu sábio Criador melhor declara,
Já que para melhor elogiar suas obras é melhor saber.

[166] Ó verdadeiramente real! quem vê a Lei,
E regra dos seres na mente do seu Criador,
E daí, como o Alambique, Ideias são estabelecidas,
Para se ajustarem ao uso nivelado da espécie humana[30:42]

A *Royal Society* tinha sido recentemente criada (em 1660), e Dryden fora proposto para seu membro em Novembro de 1662. Porém, parece que não era um sócio muito activo e, em 1666, dela acabaria por ser banido por não pagamento de quotas[51].

É assim que o autor faz a transição para a próxima parte do poema, dedicada à Batalha Naval do Cabo do Norte.

Entre combates navais

Como já referimos acima, nem John Evelyn, nem Samuel Pepys fazem grandes referências às reparações navais decorrentes dos danos que a Batalha dos Quatro Dias causou aos navios da armada inglesa. Embora tivessem importantes funções, estas não convergiam minimamente com os consertos que tinham que urgentemente ser efectuados nos meios navais. No entanto, no seu diário, Pepys descreve bem os sentimentos que existiam em Inglaterra após o confronto naval e o regresso dos navios, a procura de culpados e a preparação da armada para a continuação da guerra. Começa, a 19 de Junho, por constatar que, ao contrário das reacções iniciais, a população via agora o resultado da contenda como uma derrota:

> *9* [de Junho (do calendário juliano)]. [...]. *Voltei de novo a White Hall e, como era um pouco cedo, fui a Westminster Hall* [...] *para ver como as pessoas encaram este último combate no mar, e julgo que todos desistiram de pensar nele como uma vitória e consideram-na uma grande derrota* […].[61:318]

Tendo os navios regressado aos portos, tornava-se importante reabastecê-los para poderem fazer-se de novo ao mar. Por outro lado, as notícias sobre o que realmente aconteceu tornavam-se mais frequentes e mais fiáveis, o que permitia avaliar o comportamento dos principais responsáveis. Tal está bem expresso nas passagens seguintes:

> *10* [de Junho] *(Domingo). Levantei-me muito cedo e desci o rio até Deptford* [os já acima mencionados estaleiros da Marinha Real, na margem esquerda do Tamisa] *e tratei muitos assuntos* [de modo] *a enviar e dirigir várias coisas para a Frota.* [...]. *Caminhando* [em White Hall] *encontrei-me com o cirurgião Pierce, recentemente vindo da frota, e ele disse-me que todos os comandantes, oficiais e até marinheiros comuns condenam toda a conduta tardia do Duque de Albemarle, tanto pelo seu combate, como pela forma de lutar, colocando-se entre eles* [os navios] *na sua retirada, e conduzindo os navios para terra* [...]. *Também* [me disse] *como Sir Thomas Teddiman (de quem o rei e toda a gente fala bem) está profundamente descontente,* [...]. *Ele diz que perdemos mais* [navios] *depois do Príncipe chegar, do que antes. O* [navio do] *Príncipe estava tão danificado que foi forçado a ser rebocado para casa* [para o porto]. *Ele diz que toda a frota declarou ter sido perseguida pelos holandeses; e, no entanto, o corpo dos holandeses que o fez não tinha mais de quarenta velas, no máximo. E, todavia, isso assustou-nos a ponto de trazermos todos os nossos navios para terra. Disse que, contudo, o Duque de Albemarle continua tão altivo como quase sempre, e contenta-se em pensar que deu que fazer aos holandeses, sem ter a noção de que foi ele que nos perdeu; e diz que agora sabe como é que os pode vencer. Mas* [Pierce] *diz que até o próprio Smith, uma das suas criaturas* [de *Albemarle*], *condenou ele próprio a conduta tardia do começo ao fim.* [...]. *Esforcei-me para encontrar Sir G. Carteret, e finalmente consegui* [...] *e então ele e eu saímos e caminhámos uma hora no pátio da igreja,* [...], *tendo ele vindo recentemente da frota; e disse-me, como ouvi de toda a gente, que a gestão no último combate foi má de cima a baixo.* [...]. *Também entre os oficiais não há nada mais do que descontentamento; e todos os velhos experientes são menosprezados* [...]. *No entanto, considera que a retirada da frota no Domingo foi uma retirada muito honrosa, e que o duque de Albemarle se saiu bem nela, e que teria sido bom se tivesse feito isso antes, em vez de arriscar a perda da frota e da coroa, como teria acontecido se o Príncipe não tivesse chegado.* [...].[61:319-22]

Uma das coisas importantes, era o lançamento de novos navios que pudessem substituir os que tinham sido perdidos. Um deles era o *Loyal London,* que iria substituir o *London*,

um vaso de guerra lançado à água dez anos antes, que, como referimos mais acima, se tinha afundado no Tamisa a 7 de Março de 1665 devido a uma explosão acidental. Como vimos antes, o lançamento deste novo navio, ofertado pela cidade de Londres, é também aludido tanto por Evelyn, como por Dryden. Sobre o assunto, no mesmo dia de 20 de Junho (do calendário gregoriano), Pepys diz o seguinte:

> [...]. *Mas neste dia, depois de três dias de tentativas em vão, e do risco de o navio se deteriorar até a próxima Primavera,* [...], *foi-me trazida a notícia de que o Loyall London foi lançado* [à água] *em Deptford.* [...].[61:323]

A situação estava ainda algo confusa, mas era imprescindível preparar os navios da armada para a continuação da guerra e o próximo confronto naval:

> [11 de Junho] [...]. *No escritório toda a manhã com Sir W. Coventry e alguns outros do nosso conselho contratando navios de fogo* [...]. *Tarde, chegou Sir J. Bankes para me ver e disse-me que, vindo de Rochester, encontrou trezentos ou quatrocentos marinheiros, e acredita que todos os dias eles vêm da frota em bandos, em números semelhantes, o que é uma negligência triste, porquanto será impossível conseguir outros, e temos poucos motivos para pensar que estes voltarão em breve* […].[61:323-4]

Como já antes referimos, eram na época muito utilizados navios incendiários enviados contra o inimigo, pelo que se compreende bem a preocupação de dotar a armada com este tipo de embarcações. Compreende-se também a alusão que o autor faz aos marinheiros *que todos os dias vêm da frota em bandos*, pois que era difícil arranjar pessoal para os navios, e o abandono da armada por tão grande quantidade de homens tornava-se numa fragilidade importante que, no limite, poderia impedir navios de se fazerem ao mar. Por essa razão, como veremos, recorreu-se a uma prática usual na época, o recrutamento forçado. Com o recente desaire, os desentendimentos entre as chefias eram cada vez mais evidentes:

> *13* [de Junho]. *Levantei-me e fui de carruagem para St. James, e aí tratámos, como de costume, dos nossos assuntos com o Duque* [de York] *tendo, antes que o Duque saísse da cama, entrado numa antecâmara com Sir H. Cholmly* [Hugh Cholmley, um político inglês]*, que me disse que havia grandes divergências entre o Duque de York e o Duque de Albemarle sobre a saída* [do esquadrão] *deste último de um ou dois dos comandantes* [aí] *colocados pelo Duque de York.* […].[61:324-5]

Devido às suas funções no almirantado, Pepys estava profundamente envolvido no fornecimento de materiais à armada. Por isso, no seu diário vai dando, de forma recorrente, notícias dessas acções através de frases como *por água até Deptford, para encomendar coisas a serem despachadas para a frota* e semelhantes. Porém, vai também anotando repetidamente diferentes opiniões sobre o que tinha acontecido na última batalha naval, e a quem deveriam ser assacadas responsabilidades:

> 19 [de Junho]. [...]. *Ele* [Sir G. Carteret] *disse-me como o General* [Duque de Albermarle] *está descontente, e que houve algumas palavras duras entre o General e Sir W. Coventry.* [...]. *Encontrei-me com o capitão Cock, e ele disse-me que a primeira coisa que o Príncipe* [Rupert] *disse ao Rei quando chegou* [do mar] *foi reclamar dos Comissários da Marinha; que eles poderiam ter estado no exterior mais três ou quatro dias se não fosse por nós, que não cuidámos deles. Isso preocupa-me, e temo que, a qualquer momento, a violência irrompa nesta repartição, pois não seremos capazes de continuar a desempenhar as nossas funções.* […].[61:334]

Compreende-se o incómodo de Pepys com a afirmação do Duque de Albermarle, pois que ele era um dos responsáveis pelo fornecimento de géneros à armada. O autor continua a assinalar as dissenções entre altos responsáveis da armada:

> *21* [de Junho]*. Levantei-me e* [estive] *na repartição toda a manhã. Aí descobri, por várias circunstâncias, que, como de costume, Sir W. Coventry e o Duque de Albemarle não concordam, com Sir W. Coventry a elogiar Aylett* [comandante John Aylett do *H.M.S. Portland*] *(nalguma censura ao Duque), a quem o Duque rejeitou por falta de coragem, e encontrou falhas em Steward* [comandante Francis Steward], *que o Duque mantém, embora em falta tanto quanto qualquer* [outro] *comandante da frota.* [...]. *Voltei para casa e encontrei Sir George Smith no caminho, que me disse que hoje o meu Lord Chancellor e alguns membros da Corte estiveram* [em reunião] *com a Cidade, e a Cidade votou emprestar ao Rei 100 000 libras, o que, se for pago em breve (como ele diz acreditar), será um serviço maior do que eu esperava neste momento da Cidade.* [...].[61:336]

Como é sabido, as guerras são caras e o monarca inglês precisava de financiamento para continuar o conflito bélico. Por isso, é de relevar a postura da cidade de Londres que, embora estivesse a sofrer ainda as consequências da grave epidemia de peste, não só se disponibilizou para custear o acima aludido navio *Loyal London,* como acedia a conceder um vultoso empréstimo ao rei.

As notícias dos recentes acontecimentos continuavam a chegar, as quais davam aso a críticas diversificadas:

> *23* [de Junho]. [...]. *De Deptford caminhei para Redriff* [actual Rotherhithe, no SE de Londres, na margem sul do Tamisa, onde havia estaleiros navais], *e no meu caminho fui alcançado por Bagwell, recentemente vindo do mar no* [navio] *Providence, que me fez um relato de vários detalhes do final do combate, e como o seu navio foi basicamente abandonado pelo comandante do* [navio] *York, Capitão Swanly* [John Swanley, nomeado para o *H.M.S. York* em 1664]. [...].[61:337-8]

No meio da azáfama relacionada com as reparações navais e com o abastecimento da armada, para que pudesse sair novamente para o mar, continuava-se a escalpelizar o recente combate naval e a discutir sobre quem deveriam ser assacadas responsabilidades.

> *24* [de Junho]. *Domingo. Midsummer Day* [dia de celebração do meio do Verão; festa do solstício de Verão]. [...]. *Sir W. Coventry escreveu-me* [dizendo] *que havia alguns rumores de que a frota holandesa tinha saído ou estava saindo.* [...]. *Na galeria, entre outros, encontrei-me com o Major Halsey, uma grande criatura do Duque de Albemarle;* [...]. *Ele diz que o Duque de Albemarle afirma que esta é uma vitória que tivemos, tendo, como ele tem a certeza, morto 8 000 homens e afundado cerca de quatorze dos seus navios; mas nada disso parece* [ser] *verdade. No entanto,* [Halsey] *atribui muito do pouco sucesso que tivemos à divisão da frota por ordem* [vinda] *de cima e à falta de ânimo dos comandantes; e que o mandaram sair de Downes* [Downs uma enseada do Mar do Norte, perto do Canal da Mancha, na costa Leste de Kent, que na altura era utilizada como base de estacionamento de navios de guerra] *para ir ter com a frota, e que no caminho, encontrando a armada holandesa, o que deveria ele fazer? Deveria não os defrontar?* [...]. [...] *e depois apanhei a sua carruagem* [de Sir W. Coventry] *e fomos para Hide-Parke, ele e eu, sozinhos: lá conversámos muito.* [...]. *Em seguida passou a falar de si mesmo, dizendo que ouviu dizer que estava sob o chicote do falatório das pessoas por causa do Príncipe* [Rupert] *não ter notado que os holandeses estavam fora* [no mar] *e que deveria ter voltado, e nem o Duque de Albemarle ter notado que o Príncipe tinha sido enviado novamente de*

volta; ao que ele me disse muito particularmente o quão cuidadoso ele foi nessa mesma noite em que foi resolvido mandar o Príncipe regressar, fazendo com que as ordens tivessem sido escritas e [tendo decidido] *acordar o Duque* [de York], *que estava então na cama, para as assinar; e que* [as ordens] *foram enviadas por expresso naquela mesma noite, ou seja, a noite de quarta-feira antes do combate, que começou na sexta-feira;* [...]. *Eu disse-lhe que não era tanto sobre isso que se comentava ma cidade, mas sim sobre a razão de dividir a frota. A isso respondeu-me que desejava não dizer muito, mas garantiu-me que, em geral, a proposta veio primeiro da frota,* [...], *e que em tudo isso nada foi feito que não fosse com o pleno consentimento e conselho do Duque de Albemarle*. [...]. *Ele concorda comigo que o próximo combate será fatal para um ou para o outro lado, porque, se formos derrotados, não seremos capazes de fazer zarpar novamente a nossa armada. Ele confessa-me que os corações dos nossos marinheiros estão muito tristes;* [...]. *Ele não rejeita que a divisão da armada com base nos pressupostos que então havia (que, suponho, era a frota francesa estar a vir para cá) foi uma boa resolução. Depois de toda essa conversa, ele e eu voltámos para White Hall, onde o deixei.* [...].[61:338-42]

A guerra continuava, pelo que havia urgência em aparelhar rapidamente a armada, inclusivamente dotando-a de homens, pois que algumas notícias davam conta de que os holandeses estavam novamente no mar. Por outro lado, começava agora a fermentar com intensidade o receio de que o inimigo pudesse invadir território britânico:

27 [de Junho]. [...] *e depois desci um pouco o rio para ver os navios prontos para o transporte de 400 soldados terrestres para a frota.* [...]. *Descemos todos para a câmara de Sir W. Coventry* [...]. *Mas o que mais observei no discurso foi que Sir W. Coventry nos pareceu estar numa condição aflitiva.* [...]. *E, apesar de tudo, confiamos totalmente que na próxima sessão o Parlamentos nos dê mais dinheiro, ou então estamos perdidos.* [...]. *Por ordem do rei, o meu Senhor está descendo para sua guarnição para Hull* [Kingston upon Hull, cidade portuária do Yorkshire onde havia estaleiros], *para a pôr em ordem com medo de uma invasão, a qual, pelo que percebo, seria feita nas costas marítimas ao redor, pois temos uma verdadeira apreensão de que o rei de França* [se esteja a preparar para] *nos invadir.* [...].[61:344-6]

Do que Pepys escreveu a 8 de Julho (do calendário gregoriano), deduz-se que o temor de que pudesse ocorrer uma invasão devia ser grande:

28 [de Junho]. [...]. *para Lumbard Street* [Lombard Street, uma zona de Londres que no século XIII tinha sido concedida a ourives da Lombardia] *para negociar com Sir Robert Viner* [um banqueiro inglês] *algum dinheiro, e resolvi tudo bem, para meu grande contentamento,* [...]. *Estou com a mente ocupada neste momento em fazer as minhas contas e ter o máximo de dinheiro possível, pois que actualmente deve-se temer uma grande reviravolta,* [com] *os franceses preparando algum grande plano (seja qual for) em mãos,* [...]. *Agora sabemos que os holandeses estão fora* [no mar], *e podemos esperá-los na nossa costa a qualquer momento. Mas a nossa armada está muito bem preparada para eles* [para os defrontar].[61:346]

Com efeito, as notícias que iam chegando indicavam cada vez com mais clareza que a armada holandesa se tinha feito de novo ao mar e se dirigia para a costa inglesa, pelo que era de esperar que em breve ocorresse outra batalha naval e talvez mesmo uma invasão:

29 [de Junho]. [...]. *Dali para casa e para o escritório; onde recebi uma carta de Dover (que veio por expresso), que me diz que um cavalheiro de Callice* [Calais] *trouxe notícias*

de que a frota holandesa, 130 velas, chegou à costa francesa; e que estão trazendo picaretas, pás e carrinhos de mão para Callice; que há 6 000 homens armados [...] *(franceses) prontos para embarcarem na frota holandesa, e que serão seguidos por mais 12 000.* [Disse ainda] *que fingem que estão a vir para Dover; e que por isso o governador do castelo de Dover está levando as provisões dos fornecedores de alimentos da cidade para o castelo, para as proteger. Eu acho isso uma ideia ridícula, mas em pouco tempo saberemos.* [...].[61:347]

Estava em curso, de forma acelerada, a preparação de nova batalha naval. A armada britânica tinha de se fazer ao mar e, para isso, os navios precisavam de ser abastecidos, nomeadamente em homens:

1 [de Julho]. *(Domingo). Acordei cedo e fui para a repartição* [...] *atarefado com vários assuntos, mas entre os principais está o envio de forçados* [recrutados à força] *desde a cidade, descendo o rio, até à frota.* [...]. *E assim voltei várias vezes para a Torre para tratar do assunto dos homens, e estive nisso até tarde, até à meia-noite, despachando-os* [para os navios]*. Mas, Senhor! como algumas pobres mulheres choravam. Na minha vida nunca vi expressão natural de tão extrema de paixão como a que aqui vi nalgumas mulheres a lamentarem-se, e correndo para cada grupo de homens que eram trazidos, um após o outro, para procurarem os seus maridos e choravam por cada embarcação que partia pensando que eles poderiam aí estar, e acompanhando com o olhar cada barco até o mais longe que podiam, à luz da Lua. Como o meu coração sofreu ao ouvi-las. Além disso, foi muito difícil ver pobres trabalhadores e caseiros pacientes deixando suas pobres esposas e famílias, apanhados repentinamente por estranhos, e isso sem envolver dinheiro, mas forçados a irem embora contra todas as leis. É uma grande tirania.* [...].[61:349-50]

O recrutamento forçado, prática que foi sancionada pelo Parlamento ao longo de séculos, era a forma de obter homens para os navios de guerra (e até mercantes) quando os métodos normais (não violentos) de alistamento não conseguiam obter número suficiente de voluntários. Normalmente, nas acções de recrutamento forçado (isto é, de apanhar homens desprevenidos, muitas vezes em bares e outros locais públicos, para seguirem para os navios) tentavam-se obter marinheiros das frotas mercantes ou homens com alguma prática de marinharia, mas, caso tal não fosse conseguido, eram alistados à força mesmo jovens aprendizes e trabalhadores comuns, desde que fossem homens válidos. Não há dúvida de que o recrutamento forçado incomodava bastante Samuel Pepys:

2 [de Julho]. *Acordei cedo e fui forçado a ir a casa do Lord Mayor* [Presidente da Câmara, que na altura era Thomas Bloodworth, que já acima foi referido a propósito do incêndio de Londres] *para tratar do assunto dos homens pressionados* [...]. *Dalí, por curiosidade,* [fui] *para Bridewell* [um palácio cedido à cidade de Londres, que servia de prisão] *para ver os homens pressionados, onde há cerca de 300; mas tão desordeiros que não me atrevi a ir até eles: têm razão para ser assim, pois que foram mantidos presos durante três dias, com pouco ou nenhum alimento, e forçados e, contrariando todos os cursos da lei, sem pré* [...]. *Dali* [fui] *para casa e* [depois] *para a Torre para ver o embarque dos homens de Bridewell.* [...] *voltei e na água encontrei um dos barcos carregados com os pássaros de Bridewell num grande motim, e não queriam navegar* [ir para os navios]*, mas com boas palavras e persuadindo o líder do grupo a entrar na Torre (onde, quando chegou, foi logo enfiado no buraco), foram levados muito silenciosamente;* [...].[61:350]

A armada estava a fazer-se ao mar, e havia notícias de que tinham sido avistados navios holandeses, pelo que era de esperar que em breve houvesse novo combate naval. Mas, pe-

rante a continuação da guerra, uma das preocupações era a renovação da frota (como Dryden deixou expresso no seu diário). Todavia, continuava-se a escalpelizar o que tinha acontecido no último combate naval por forma a perceber de quem tinha sido a responsabilidade do que aconteceu:

> *4* [de Julho]. [...]. *Para St. James, e lá tratámos dos nossos assuntos habituais com o Duque, todos nós, discutindo, entre outras coisas, sobre os lugares onde poderiam ser construídos dez grandes navios.* [...]. *À noite, Sir W. Pen veio ter comigo, e caminhámos juntos e conversámos sobre o último combate. Acho-o muito honesto e simples* [quando diz] *que toda a conduta no último combate foi má,* [...]. *Diz-me que não é apenas ele, mas que dois terços dos comandantes de toda a frota o disseram. Todos eles dizem que não ousaram opor-se a isso no Conselho de Guerra com receio de serem chamados de covardes, embora fosse totalmente contra a sua opinião* [irem] *combater naquele dia, dada a desproporção de forças,* [...]. *Além disso, poderíamos muito bem ter ficado em Downs* [a já referida enseada na costa Leste de Kent] *sem combater, ou em qualquer outro lugar, até que o Príncipe* [Rupert] *pudesse chegar, ou pelo menos até que o tempo estivesse bom,* [...]. *Diz que há três coisas que devem* [ser] *corrigidas, ou então seremos destruídos por esta frota. 1. Que devemos lutar em linha, e não desordenadamente* [...]. *2. Não devemos abandonar os nossos próprios navios em perigo, como fizemos, pois isso deixa qualquer comandante desesperado, o qual fugirá quando não houver mais esperanças de socorro. 3. Que os navios, quando estão um pouco danificados, não devem ter a liberdade de ficar por conta própria, mas* [devem] *reajustar-se o melhor que puderem e ficar de fora, tendo muitos dos nossos navios chegado* [ao porto] *com deficiências muito pequenas.* [...].[61:353-4]

Outro dos problemas que então havia relacionava-se com os homens que tinham sido aprisionados pelo inimigo e eram mantidos nos Países-Baixos. Não só estes careciam de algum apoio para atenuar as condições deploráveis em que eram mantidos, como as suas famílias precisavam também de alguma assistência. A 20 de Julho (do calendário gregoriano) Samuel Pepys faz alusão a essa questão:

> *10* [de Julho]. [...]. *Ao meio-dia* [fui] *para casa para jantar* [almoçar] *e depois para o escritório. O pátio* [estava] *apinhado de mulheres (julgo que mais de trezentas) que vieram procurar dinheiro para os seus maridos e amigos que estão presos na Holanda. Ficaram clamando e praguejando e amaldiçoando-nos, de tal modo que a minha esposa e eu ficámos com receio de enviar uma massa de veado que temos para o jantar desta noite para o cozinheiro, para ser assada, com medo de que elas se tornassem violentas, mas foi, e não houve problemas. Então aproveitei a oportunidade, quando todas já tinham ido para o jardim da frente, e esgueirei-me para o escritório e lá fiquei ocupado toda a tarde. Mas depressa as mulheres vieram para o jardim, e vieram todas para a minha janela, e aí atormentavam-me. Confesso que os seus gritos por dinheiro eram tão tristes, e a destruição da condição das suas famílias e de seus maridos, e o que eles fizeram e sofreram pelo Rei, e quão mal eles são tratados por nós, e quão bem os holandeses são aqui tratados com a mesada de seus senhores, e o que seus maridos recebem por servir os holandeses no exterior, que eu sinto muito por eles e estava a ponto de chorar ao ouvi-las, mas não posso ajudá-las. No entanto, quando se foram embora, chamei uma que ouvi apenas reclamar e ter pena do seu marido e dei-lhe algum dinheiro, e ela abençoou-me e foi-se embora.* [...].[61:358]

A par do aprovisionamento da armada para preparar a próxima batalha naval, Pepys ia tratando dos diferentes assuntos a que temos feito menção, como se depreende da seguinte entrada do seu diário:

> *11* [de Julho]*. Levantei-me, e* [fui] *por água ter com Sir G. Downing* [George Downing, membro do parlamento, que na altura era contador do erário público]*, para conversar com ele sobre o alívio dos prisioneiros* [ingleses que estão] *na Holanda, o que eu fiz, e resolvemos enviar-lhes algum* [dinheiro]. [...]. *Depois fui chamado para* [ter audiência com] *o duque, estando o Rei presente, e concordou-se, entre outras coisas, sobre os locais para construir os dez novos grandes navios que se decidiu construir e sobre o alívio dos prisioneiros na Holanda.* [...].[61:358]

No entanto, a prioridade era o apetrechamento dos navios da armada, pois que era inevitável que em breve houvesse novo combate naval:

> *11* [de Julho]*.* [...]. *A nossa armada está agora, em todos os locais, pronta para se fazer ao mar, a não ser por dois ou três novos navios, que os manterão* [nos portos] *por mais um ou dois ou três dias. Diz-se que os Holandeses saíram da nossa costa, mas não tenho razões para acreditar nisso, e Sir W. Coventry pensa da mesma maneira.* [...].[61:363-4]

A armada inglesa acabou por sair para o mar por volta de 30 de Julho (calendário gregoriano). Agora restava esperar até que o combate naval se iniciasse, o que poderia acontecer a qualquer momento.

> *23* [de Julho] [...]. *Todos cheios de expectativa do envolvimento da armada* [no combate]*, mas não aconteceu ainda. Sir W. Coventry diz que são oitenta e nove navios de guerra, mas um de quinta categoria, e esse, o Sweepstakes, de quarenta canhões. Eles* [os navios] *são imensamente tripulados. Ele disse-me que o Loyall London,* [comandado por] *Sir J. Smith* [almirante Jeremiah Smith] *(que, a propósito, ele enaltece como sendo o melhor navio do mundo), tem mais de oitocentos homens e, além disso, observa o que vale a pena notar, que a frota está agora há quase quatorze dias sem qualquer exigência de um centavo de qualquer tipo, mas apenas para conseguir homens. Ele também observa que, não obstante esse excesso de homens, acharam adequado deixar para trás dezasseis navios, dos quais roubaram os homens, que certamente poderiam ter sido tripulados e seriam úteis em combate.* [...]. *Concluem que, tanto pela força de canhões, como pela dimensão, bem como pelo número de navios e de homens, esta é a melhor armada que a Inglaterra já viu, sendo* [constituída], na avaliação de *Sir W. Coventry, além dos que ficaram para trás, por oitenta e nove navios de guerra e vinte navios de fogo, embora tenhamos ouvido que estejam com eles não mais de dezoito. Os franceses ainda não se juntaram aos holandeses, o que desagrada aos holandeses,* [...].[61:372]

Com as duas armadas no mar, era apenas questão de tempo até se encontrarem e começarem a combater, pelo que a ansiedade era grande.

> *24* [de Julho]. *Levantei-me e fui para a repartição, onde poucos assuntos foram tratados, estando nós com as cabeças cheias da expectativa de que a frota se envolvesse* [em combate]*, mas disso não chegou nenhuma notícia ao certo, apenas que Sheppeard* [Robert Sheppard, então comandante] *do iate do Duque* [de York]*, os deixou ontem de manhã a uma légua da frota holandesa,* [...].[61:372]

Finalmente, no dia 4 de Agosto (do calendário gregoriano), começa a haver algumas novidades sobre o tão esperado combate naval:

> *25* [de Julho]. *Acordei cedo* [...] *e com Sir W. Batten* [William *Batten*, oficial da marinha britânica que tinha trabalhado com Pepys] *de carruagem de aluguer para St. James, onde o Duque* [de York] *tinha ido com o Rei para o Parque, mas logo voltou para White Hall, e nós, depois de uma hora de espera, caminhámos até lá.* [...]. *Em White Hall, constatámos que* [a Corte] *tinha ido para a Capela, pois era dia de São Tiago. E a pouco e pouco, enquanto eles estão na Capela e esperamos que a missa termine, começam pessoas a sair do Parque dizendo-nos que se ouviam nitidamente canhões. Assim,* [fomos] *todos para o Parque, e logo a missa terminou, e o Rei e o Duque* [foram] *para o campo de boliche* [*bowling-green*], *e* [depois] para o terraço*, para onde fui, e lá os canhões podiam ser ouvidos com facilidade.* [...].[61:373]

Nesse mesmo dia 4 de Agosto (do calendário gregoriano), também John Evelyn anotou no seu diário, da forma sóbria e sintética que lhe era característica:

> *25* [de Julho]. *As frotas estão a confrontar-se. Jantei* [almocei] *no Lord Berkeley's, em St. James, onde jantaram* [também] *Lady Harrietta Hyde, Lord Arlington e Sir John Duncomb.*[34:8]

É interessante esta entrada do diário de Evelyn: de modo muito objectivo e factual expressa duas componentes importantes da vida do autor (e das pessoas em geral), a guerra e o quotidiano social, colocando-as quase ao mesmo nível.

Batalha do Cabo do Norte (4-5 de Agosto de 1666).

Como já antes referimos, após a Batalha dos Quatro Dias, muito navios ingleses tinham ficado seriamente danificados, pelo que foi necessário proceder urgentemente à sua reparação, pois que a guerra continuava. Os custos de reparação e apetrechamento dos navios foram enormes, só tendo sido possíveis com grande empenhamento, pois que os cofres britânicos estavam extremamente depauperados. Mas os trabalhos decorreram rápidamente e, passado apenas cerca de mês e meio, para grande surpresa dos holandeses[52:130], a armada inglesa voltou ao mar. Poucos dias decorridos, na manhã de 4 de Agosto (do calendário gregoriano, 25 de Julho do juliano), as duas frotas inimigas avistaram-se perto de North Foreland, um cabo da costa de Kent, no SE de Inglaterra, à saída do estuário do Tamisa.

Cada uma das armadas era constituída por cerca de noventa navios, sendo comandadas, do lado holandês, por Michiel de Ruyter, e do lado inglês conjuntamente pelo Príncipe Rupert do Reno e por George Monck, primeiro Duque de Albemarle. O almirante holandês, estando a sotavento, ordenou a perseguição. Foi o início de uma batalha naval que ficou conhecida por Batalha do Cabo do Norte (ou Batalha do Dia de Santiago Maior, por se ter iniciado no dia deste santo, ou Batalha de Orfordness, porque o combate prosseguiu até ao largo desta restinga da costa de Suffolk), sendo designada nos Países-Baixos por Tweedaagse Zeeslag (Batalha dos dois dias). Porém, o vento mudou, colocando os ingleses em vantagem. A contenda prolongou-se por dois dias e saldou-se por uma clara vitória inglesa, embora não muito expressiva, tendo os holandeses retirado para a segurança das águas pouco profundas do seu país.

Este conflito naval foi também referido, como seria de esperar, pelos diaristas a que temos recorrido. John Evelyn, com textos mais abreviados, como de costume, revela que uma das suas preocupações da altura era a peste, que ainda grassava em Londres, não dando relevo especial à Batalha do Cabo do Norte (como sempre, as datas referem-se ao calendário juliano):

> *29* [de Julho de 1666]. *Com a peste agora a aumentar na nossa paróquia, inibi-me de ir à igreja. À tarde, chegaram informações da nossa vitória sobre os holandeses, tendo afundado alguns navios, encalhado outros, e* [os outros] *foram para os seus* portos.[34:8]

Como de costume, Samuel Pepys é, como veremos a seguir, bastante mais prolixo e informativo

a) Notícias da batalha no diário de Pepys

Como já referimos, na madrugada de 4 de Agosto (do calendário gregoriano, 25 de Julho do calendário juliano) a frota holandesa avistou a frota inglesa à saída do estuário do Tamisa, e começou a persegui-la. Dada a proximidade de Londres, não é de admirar que, como Pepys escreveu no seu diário nesse dia, que o troar dos canhões fosse claramente ouvido na cidade. Como é sabido, as comunicações eram então bastante lentas (em comparação com a actualidade), e só a 6 de Agosto, já a batalha tinha terminado, é que o autor se refere de forma relevante a notícias do confronto bélico:

> *27* [de Julho]. [...]. *Ainda não há notícias da frota.* [...]. *Fui por água do Old Swan* [escadas de acesso ao rio, situadas perto da Ponte de Londres] *para White Hall. O barqueiro disse-me que chegou a notícia de que nosso navio Resolution foi queimado e que afundámos quatro ou cinco navios inimigos.* [...].[61:376]

O *H.M.S. Resolution* era um navio de cinquenta canhões lançado à água em 1654 com o nome de Tredagh, que após a Restauração tinha sido rebaptizado como *Resolution*. Na Batalha de North Foreland era o navio almirante de Sir John Harman e, sendo atacado por um navio incendiário holandês, acabou por encalhar e arder. Foi, portanto, uma perda importante da armada britânica. Pepys continua:

> [...]. *Quando cheguei a White Hall, encontrei-me com Creed, e ele informou-me da mesma notícia, e caminhei com ele para o Parque, eu para o alojamento de Sir W. Coventry, e aí ele* [Coventry] *mostrou-me a carta do comandante Talbot* [Chales Talbot, que comandava o *H.M.S. Elisabeth*]*, na qual diz que o combate começou no dia 25, que nosso esquadrão Branco começou* [a lutar] *com um dos esquadrões holandeses, e depois o* [esquadrão] *vermelho com outro,* [numa luta] *tão encarniçada que os fizemos ceder, e assim continuaram em perseguição o dia todo, enquanto ele* [Talbot] *esteve com eles; que o* [esquadrão] *Azul caiu sobre o esquadrão da Zelândia; e ele* [Talbot], *depois de um longo combate com dois ou três grandes navios, recebeu oito ou nove tiros perigosos, e por isso veio embora; e diz que viu o Resolution ser queimado por um dos seus navios de fogo e por quatro ou cinco dos inimigos. Mas diz que dois ou três dos nossos grandes navios corriam o risco de serem queimados pelos nossos próprios navios de fogo, o que nem Sir W. Coventry, nem eu, conseguimos entender.* [...].[61:376-7]

Figura 33 – Gravura intitulada *Zee-Slag tussen de Engelse en Nederlandtse Vloot, op den 4. Aug. 1666* (*Batalha Naval entre as Frotas Inglesa e Holandesa, no dia 4 Ago. 1666*), de *circa* 1666, da autoria de um artista holandês desconhecido.

As notícias começavam a chegar a pouco e pouco, mas não era ainda claro qual tinha sido o resultado do combate:

> *28* [de Julho]. *Levantei-me e fui para a repartição, onde não há mais notícias da frota do que as de ontem.* [...]. *Então,* [fui] *para St. James para* [me encontrar com] *Sir W. Coventry, e aí ouvi apenas que o Bredah* [o *H.M.S. Breda*] *entrou* [no porto] *e fez o mesmo pequeno relato que o outro fez ontem, de modo que não sabemos o que é feito da parte principal da frota, mas pensamos* [que temos] *boas razões para esperar* [que tudo tenha corrido] *bem.* [...].[61:379-80]

Mesmo para pessoas com grandes responsabilidades na marinha real, as notícias apenas iam chegando aos poucos:

> *29 (Domingo).* [...]. *Por volta do meio-dia, antes do sermão na igreja, chegou-me às mãos uma carta para Sir W. Batten sobre a última batalha, a qual enviei para sua casa, pois ele estava na igreja. Mas, Senhor! com que impaciência esperei até que o sermão terminasse, para saber o resultado da batalha, com mil esperanças e receios, e pensamentos sobre as consequências de ambos. Por fim acabou o sermão e ele foi para casa* [...]. *Mas indo a* [casa de] *Sir W. Batten para saber das novidades, a sua carta nada dizia sobre isso. Porém, toda a cidade está cheia* [de notícias] *de uma vitória. Pouco depois, uma carta de Sir W. Coventry informa-me que tivemos uma vitória. Batemo-los junto a Weelings* [Wielingen, o canal principal na costa dos Países-Baixos que liga ao Escalda Ocidental]. *Tomámos dois dos seus grandes navios, mas pelas ordens dos Generais foram queimados. Assim sendo, pensei,* [foi] *apenas um pobre resultado após o combate entre duas frotas tão grandes, e após quatro dias sem notícias deles eu estava ainda impaciente, mas não conseguia saber mais.* [...]. *E eu a Sir W. Batten,* [fomos até] *onde estavam o Tenente da Torre e Sir John Minnes* [John Mennes chefe directo de Pepys], *e as notícias que aí encontro são pouco mais ou menos as que antes ouvi, apenas que nosso esquadrão Azul, ao que parece, foi perseguido na maior parte do tempo, tendo mais navios,* [...]. *O jovem Seamour* [Hugh Seymour, então comandante do *H.M.S. Foresight*] *foi morto, o único comandante morto. O Resolution ardeu, mas, segundo dizem, a maior parte dela* [da guarnição] *e o comandante salvaram-se. Isso é tudo, apenas mantemos o mar* [nosso], *o que denota uma vitória, ou pelo menos que não fomos derrotados. Mas, Deus sabe, não há grandes motivos para nos vangloriarmos.* [...].[61:380-1]

Mas, embora a pouco e pouco, as notícias confirmavam que a armada inglesa tinha saído vitoriosa da batalha, embora de forma não muito expressiva:

> *30* [de Julho]. [...]. *Depois* [fui ter com] *Sir W. Coventry em St. James* [...]. *Acho que ele fala muito superficialmente sobre a última vitória: não gosta que eles* [holandeses] *permaneçam com a frota na sua costa, acreditando que os holandeses sairão em catorze dias, e então nós, com a nossa frota despreparada por causa de alguns dos navios danificados, estaremos em más condições para os combater na sua própria costa. Está muito insatisfeito com o grande número de homens* [a bordo dos navios] *e os seus novos pedidos de vinte e quatro navios de abastecimento, tendo no outro dia ido tão cheios quanto podiam levar.* [...]. *Falou um pouco do Duque de Albemarle, e que, quando De Ruyter veio para o abordar, disse — "Agora", diz mascando tabaco, "este sujeito virá e far-me-á dois ataques disparando todos os canhões, e depois vai fugir", mas parece que esteve em combate durante duas horas, até que o próprio Duque foi forçado a retirar-se para se recompor e foi rebocado. E De Ruyter esperou por ele até que ele voltasse para* [continuar a] *lutar. Alguém no navio disse ao Duque: "Senhor, acho que De Ruyter nos fez mais de dois ataques".*

> — *"Bem", diz o Duque, "mas você vai encontrá-lo a fugir", e assim fez, diz Sir W. Coventry; mas depois* [foi] *o próprio Duque que teve que desistir.* [...].[61:382]

O episódio aludido, passado com George Monck, primeiro Duque de Albemarle, e Mi-chiel de Ruyter, tem foros de veracidade. Com efeito, estando a frota holandesa quase derrotada, os navios de Monck e Rupert convergiram para desferir o golpe de misericórdia no centro da frota de De Ruyter, tendo o Duque de Albemarle previsto que ele faria dois ataques e fugiria, mas, em vez disso, o holandês travou uma luta renhida no seu navio-almirante, o *De Zeven Provinciën*, resistindo ao ataque combinado. A resis-tência da parte central da frota holandesa permitiu que os restantes navios que esta-vam em condições de navegar escapassem para Sul. Entretanto, o almirante Cornelis Tromp, que comandava a retaguarda holandesa, trouxe os seus navios para resgatar De Ruyter, conseguindo isolar a retaguarda inglesa, que foi obrigada a fugir. A perse-guição à retaguarda inglesa durou até ser já noite cerrada, e foi nessa acção que um na-vio incendiário do esquadrão de Tromp destruiu o já referido *H.M.S. Resolution*.

Como a circulação das notícias era difícil, eram frequentes os boatos, como aquele a que Pepys alude no início do que escreveu a 10 de Agosto (do calendário gregoriano):

> *31* [de Julho]. [...] *fui para a repartição e enquanto estávamos à mesa* [reunidos]*, ficámos muito contentes com as notícias trazidas por Sir J. Minnes e Sir W. Batten sobre a morte de De Ruyter, mas quando Sir W. Coventry chegou, disse-nos que tal não tinha acontecido, o que me surpreendeu novamente, embora, Deus me perdoe! estivesse um pouco triste com receio de que isso pudesse trazer muita glória ao Duque de Albemarle.* [...].[61:383]

Como se estava em guerra, era também importante saber o que se passava nos Países-Baixos, em especial depois do confronto naval, pois que isso permitia não só aquilatar das perdas que tinham sofrido, como também saber o que se passava com a marinha de guerra do inimigo e conhecer qual era o seu estado de espírito, o que permitia inferir da sua força nos próximos desenvolvimentos do conflito. No que escreveu no mesmo dia, Pepys anotou algumas dessas informações:

> [...]. *Depois* [estive] *com Creed e li com ele a narrativa da última* [batalha]*, da qual ele faz uma coisa muito pobre, como de facto é, e fala com muito desdém de todo o assunto.* [...]. *Povy foi ter com o Sr. Williamson* [Joseph Williamson, político e diplomata inglês com assento na Câmara dos Comuns] *e trouxe-me este extracto das cartas da Flandres que chegaram hoje: que o almirante Everson e o almirante e vice-almirante* [do esquadrão] *da Freezeland* [Friesland, Frísia em português, uma das Sete Províncias Unidas dos Países Baixos] *com muitos capitães e homens, foram mortos; que De Ruyter está a salvo, mas perdeu 250 homens do seu próprio navio; mas que caiu em grande desgraça e Trump* [Tromp] *é agora favorito; que o navio de Bankert foi queimado e ele dificilmente escapou com alguns homens para bordo do De Haes; que quinze capitães serão julgados no dia 7 de Agosto; e que o carrasco foi enviado de Flushing* [cidade situada numa antiga ilha que então era o principal porto da Companhia das Índias] *para ajudar o Conselho de Guerra. Quanto disso é verdade, o tempo o mostrará.* [...].[61:383-4]

O almirante Everson era Johan Evertsen, que na batalha foi atingido por uma bala de canhão e perdeu uma perna, tendo morrido no dia seguinte. O almirante e vice-almirante da esquadra da Frísia era Rudolph Koenders, que também perdeu a vida nesta batalha. O navio do almirante Adriaen van Trappen Banckert, o *Thoolen*, afundou-se efectivamente durante a batalha e ele teve que ir para o *Ter Veere* (e não para o *De Haes*), assim o trans-

formando em navio-almirante, tendo conseguido cobrir a retirada da frota holandesa no segundo dia do confronto[46:58]. No mesmo dia, Pepys prossegue discorrendo sobre as consequências que a batalha (e a guerra) teria para Inglaterra:

> [...]. *Dali* [fui] *para Westminster Hall e caminhei uma hora com Creed conversando sobre a última batalha e notando a ridícula administração dela e o sucesso do Duque de Albemarle.* [...]. [Estou] *muito bem, e termino este mês com satisfação da mente e do corpo. As questões públicas parecem agora mais seguras do que antes, e tivemos uma vitória sobre os holandeses exactamente como eu poderia ter desejado, e como o reino está apto a suportar o suficiente para nos que possamos ter o nome de conquistadores e deixar-nos senhores do mar, mas sem quaisquer acontecimentos tão importantes que pudessem dar ao Duque de Albemarle qualquer honra, ou dar-lhe motivo para voltar à sua antiga insolência.*[61:384-5]

A 11 de Agosto (do calendário gregoriano) estava confirmado e era evidente que a Batalha do Cabo do Norte tinha sido ganha pelos britânicos

> *1* [de Agosto]. [...]. *Então caminhei no Parque com Sir W. Coventry, que vejo bem que não está muito satisfeito com a gestão da última batalha, nem com qualquer coisa que os Generais façam. Só está contente por saber que De Ruyter caiu em desgraça e que esta batalha lhes custou 5 000 homens, como eles mesmos relatam. E é uma coisa estranha, como ele observa, como de vez em quando o morticínio ocorre* [apenas] *de um lado, pois que houve 5 000 mortos neles, e não mais de 400 ou 500 mortos e feridos no nosso [lado], e tantos oficiais superiores no seu [lado] e capitães comuns no nosso.* [...].[61:385]

Na realidade, já vitória inglesa estava já decidida no final do primeiro dia de combate, embora Tromp tenha tentado retomar a batalha no segundo dia, mas foi forçado a retirar-se quando chegou com um reforço inglês de dezoito navios.

b) A batalha do dia de Santiago em *Annus Mirabilis*.

Em *Annus Mirabilis*, John Dryden, depois de descrever a Batalha dos Quatro Dias e, na sequência discorrer sobre a importância da obtenção de conhecimentos científicos para promover o comércio marítimo, aproveitando para fazer o elogio da *Royal Society*, passa a relatar a Batalha do Cabo do Norte (North Foreland) ou do dia de Santiago, começando ainda antes do confronto se ter iniciado.

[167] *Mas primeiro as labutas da guerra que devemos suportar,*
E dos injuriosos Holandeses redimir os Mares.
A guerra torna o valente de seu direito seguro,
E desiste da fraude para ser punido com facilidade.

[168] *Já os Belgas estavam na nossa costa,*
Cuja Frota mais poderosa a cada dia se tornava,
Pelo último sucesso, do qual falsamente se gabaram,
E agora, ao aparecerem primeiro, pareciam reivindicar.[30:43]

Com efeito, não obstante os esforços feitos pelo monarca Carlos II e o seu governo na reparação dos navios que tinham sido danificados na batalha, cantados em detalhe de modo apologético pelo poeta, os consertos foram mais demorados do que os da frota holandesa, que precisava de menos reparos. Assim, esta armada saiu mais cedo para o mar, dirigindo-se, como diz o autor, para as costas inglesas

[169] *Astutos, subtis, diligentes e próximos,*
Sabiam administrar a Guerra com sábio atraso,
No entanto, todas essas artes que sua vaidade cruzou,
E por seu orgulho, sua prudência traiu.

[170] *Nem ficaram os Ingleses por muito tempo; mas, bem fornecidos,*
Parecem tão numerosos quanto o insultante inimigo.
O Combate agora pela coragem deve ser tentado,
E o sucesso mostrado pela Nação mais corajosa.[30:43]

O poeta passa a fazer o elogio de alguns comandantes para depois, com os navios da armada reparados e aprontados, se fazerem novamente ao mar, preparados para enfrentarem o inimigo:

[177] *De todos os tamanhos, cem Velas de combate,*
Tão vasta a Marinha agora com Âncoras anda,
Que por baixo dela as águas prensadas falham,
E, com seu peso, fazem desviar as Marés.

[178] *Agora Âncoras pesadas, os Marinheiros gritam tão estridente,*
Que o Céu e a Terra e o vasto Oceano tangem;
Uma brisa de Oeste espera suas velas encher,
E repousa, nessas elevados leitos, suas felpudas asas.[30:45]

Tudo preparado para o combate, o resultado do embate dependia das estratégias escolhidas por cada beligerante. Curiosamente, Dryden compara os holandeses à aranha que, com a sua teia, apanha as suas presas:

[180] *Assim, a falsa Aranha, quando suas teias são estendidas,*
Profundamente emboscada em sua toca silenciosa jaz;
E sente, distante, o tremor de seu fio,
Cuja corda fina deve enlaçar a mosca que luta.

[181] Então, se finalmente ela a encontra rapidamente cercada,
Sai e corre ao longo de seu Tear;
Ela alegra-se ao tocar a Captiva em sua rede,
E arrasta a pequena desgraçada em triunfo para casa.

[182] Os Belgas esperavam que, com pressa desordenada,
Nossas profundas quilhas nas areias pudessem encalhar;
Ou, se com cautela vagarosa fossem além,
Seu corpo principal nos pudesse cobrar um a um.[30:46]

O poeta vai sempre enaltecendo a armada britânica, dando mesmo a entender que o deus do mar, Neptuno, era britânico. Como era costume na época, vai recheando a sua poesia com alusões a autores clássicos, como acontece na estrofe seguinte, em que o último verso é inspirado na *Eneida* de Virgílio, quando aí se diz *levat ipse tridente et vastas aperit syrtis* (ele mesmo levanta o tridente e abre os vastos areais). É de relevar que o termo utilizado para areais é *Syrtes* (singular *Syrtis*), termo que em inglês se tornou obsoleto, o qual deriva do nome de dois grandes bancos de areia na costa da Líbia.

[184] Parecia que lá estava o Britânico Neptuno,
Com todas as suas hostes de águas sob comando;
Abaixo deles para submeter a inundação oficiosa,
E com seu tridente os empurrou para fora da areia.[30:47]

Por fim, verifica-se o embate entre as duas forças navais inimigas.

[187] Amplamente, os Almirantes adversos aparecem,
(Os dois ousados Campeões do direito de cada País)
Seus olhos descrevem as listas à medida que se aproximam,
E desenham as linhas da morte antes que lutem.

[188] A distância medida para tiros de todos os tamanhos,
Os morrões tocam, a pesada bola é expirada;
O vigoroso Marinheiro cada vigia de bombordo abre,
E adiciona seu coração a cada Canhão que dispara.

[189] Feroz foi a luta do lado dos orgulhosos Belgas,
Pela honra, que raramente antes procuraram;
Mas agora por suas próprias vãs vanglórias estavam amarrados,
E forçados, pelo menos para mostrarem, a valorizá-la mais.[30:48]

Mas o resultado da batalha depressa se inclina para o lado dos britânicos, sendo os holandeses, derrotados, obrigados a retirar-se para junto da sua costa:

[191] Nem por muito tempo os Belgas puderam sustentar aquela frota,
O que fez o destino de dois Generais e o urso de César;
Cada um dos vários navios uma vitória ganhou,
Como Rupert ou como Albemarle lá estavam.

[192] Seu maltratado Almirante cedo demais se retirou,
Não agradecido pelos nossos por sua luta inacabada;
Mas as mentes de seus Mestres Holandeses sabiam,
Quem chamou aquela Providência a que chamamos de combate.[30:49]

Apesar da derrota, De Ruyter foi recebido nas Províncias Unidas com agradecimentos pela sua boa conduta durante o combate, o que levou Dryden a compará-lo com o general romano Gaius Terentius Varro que, na batalha de Cannae, após sua retirada diante do inimi-

go, recebeu os elogios do Senado. Recorde-se que a batalha de Cannae foi travada entre cartagineses e romanos durante a segunda guerra púnica, a 2 de Agosto de 216 a.C., próximo da antiga vila com aquele nome, no Sudeste de Itália, tendo as tropas cartaginesas, lideradas por Aníbal, cercado e praticamente aniquilado o exército romano. Foi uma das piores derrotas da história romana.

[194] Ó famoso líder da Frota Belga,
Em teu Monumento gravado tal louvor estará
Como Varro, fugindo na hora certa, uma vez se encontrou,
Porque ele a sua Roma não desesperou.[30:49]

Como já referimos, a vitória inglesa nesta batalha não foi muito expressiva, mas o poeta transforma-a num sucesso que pode ser menosprezado dado o ignóbil inimigo:

[196] Quem quer que estude os Monumentos Ingleses,
Noutros registos, a nossa coragem pode conhecer;
Mas deixemo-los esconder a história deste dia,
Cuja fama por um inimigo muito vil foi maculada.[30:50]

A seguir, numa curiosa associação imaginativa, como o principal dia de combate foi 25 de Julho, dia de Santiago Maior, o poeta explica o resultado da batalha como sendo vingança de São Tiago, o santo padroeiro da Espanha. De facto, no início da revolta dos Países-Baixos contra a Espanha, que dominava o território, Isabel I da Grã-Bretanha apoiou os revoltosos. Segundo o poeta, ao apoiar os Países-Baixos, a rainha lançou as bases para a rebelião e o estabelecimento de uma república, a Comunidade de Inglaterra (*Commonwealth of England*) que abrangia, além da Inglaterra, e País de Gales, e depois a Irlanda e a Escócia, a qual foi implantada em 1649 em consequência da Guerra Civil Inglesa e da execução do rei Carlos I, tendo perdurado até 1660, quando a monarquia foi restaurada.

[197] Ou, se muito ocupados, indagarão
Numa vitória, que desdenhamos;
Então deixe-os saber, os Belgas se retiraram,
Diante do Santo padroeiro da ferida Espanha.

[198] Arrependendo-se da Inglaterra neste dia vingativo
Para as Crinas de Filipe trouxe uma oferta;
Inglaterra, que primeiro, conduzindo-os à perdição,
Inventou uma Rebelião para destruir seu Rei.[30:50]

A incursão de Vlie (19-20 de Agosto de 1666)

Após a Batalha do Cabo do Norte, os ingleses ficaram com o domínio dos mares da região. Os navios holandeses estavam em reparação e havia que aproveitar a oportunidade antes que a armada das Províncias Unidas voltasse ao mar. Assim, foi decidido atacar o inimigo nos portos do seu próprio território. Para isso, foram dadas instruções ao Almirante Robert Holmes (1622-1692) para atacar as ilhas holandesas de Vlieland e de Ter Schelling. Entre estas ilhas localiza-se o Vlie, um antigo estuário que era frequentemente usado como ancoradouro transitório. Como a batimetria era complexa, com muitos baixios, os navios holandeses procuravam aí abrigo, protegidos dos navios ingleses, que tinham receio de se aventurar numa zona em que facilmente podiam encalhar. Porém, nesta ocasião, Holmes tinha a vantagem de ter a colaboração de um capitão holandês, Laurens Heemskerck, que tinha fugido da Holanda em 1665 após ter sido acusado de cobardia durante a Batalha de Lowestoft[59:149]. Com a colaboração deste poder-se-ia fazer com que alguns navios pudessem entrar nestas águas perigosas para quem as não conhecia.

Ao chegar aí, a 18 de Agosto [do calendário gregoriano], Holmes ancorou a frota principal ao longo da costa da ilha de Texel, e ele próprio navegou em direcção ao Vlie para fazer o reconhecimento, com a ajuda do piloto holandês de um navio mercante dinamarquês que tinha sido capturado na véspera, o qual achou mais capaz do que o renegado Heemskerck, cujo conhecimento dos baixios tinha constatado que era muito exagerado. Nesse reconhecimento, Holmes descobriu que havia aí uma frota de cerca de centena e meia de navios mercantes holandeses aguardando a oportunidade de entrarem nos portos ou de seguirem viagem, os quais estavam protegidos por apenas dois navios de guerra. Embora as ordens de Holmes o instruíssem para se concentrar principalmente no saque das ilhas, tal concentração de navios mercantes era uma oportunidade que não podia deixar de aproveitar, até porque era uma oportunidade de prejudicar seriamente a economia holandesa. Assim, no dia 19, por volta das 13 horas, derrotando os navios de guerra, passou a ter como alvo os navios mercantes, contra eles enviando cinco navios incendiários. Poucos foram os navios que escaparam, encontrando refúgio em águas mais a montante. No total, segundo os arquivos holandeses, foram destruídos 114 navios[59:150-7]. Enquanto isso, a milícia da cidade de Vlie (Vlielaand em holandês) dissuadia as tentativas de desembarque de pequenos grupos ingleses, mas, vendo tantos navios a arder, perderam a coragem e fugiram com a maior parte da população.

Mas Holmes ainda não estava satisfeito. No dia seguinte, de madrugada, desembarcou as suas forças na ilha de Schelling (actual Terschelling), em cuja parte ocidental havia uma cidade, com o mesmo nome da ilha, constituída por cerca de quatro centenas de casas de pedra, a qual era a base da indústria baleeira holandesa. A maior parte da população tinha já fugido. As forças atacantes saquearam e incendiaram a cidade, nomeadamente os armazéns, uns ligados à indústria baleeira, e outros pertencentes à Companhia Holandesa das Índias Orientais, pelo que conseguiram um rico espólio. O Verão tinha sido quente e seco, de forma que os armazéns e o casario ardiam com facilidade. A certa altura, Holmes, que tinha ficado com duzentos homens do lado de fora, a Sul, apercebeu-se que as tropas estavam mais interessadas em saquear do que em destruir a cidade. Por isso, ordenou que algumas casas no lado oriental fossem também incendiadas, forçando desta forma os seus homens a pararem com o saque, assim evitando que se demorassem muito e perdessem a maré favorável que lhes permitia regressar ao mar[59:155-6]. Quando ocorreu a maré alta, altura propícia à saída das fragatas do Vlie, Holmes, para não perder a ocasião, decidiu não queimar as aldeias do leste da ilha, retirando as suas tropas de Terschelling, execu-

tando, na passagem para o mar, um rápido desembarque em Vlieland, em conformidade com as ordens originais. Depois retirou-se antes que qualquer contra-ataque holandês pudesse acontecer

Figura 34 – Representação da frequentemente chamada *Fogueira de Holmes*, em que foram incendiados muitos navios mercantes holandeses entre Terschelling e Vlieland, no dia 19 de Agosto de 1666. Pintura a óleo sobre tela do pintor holandês Willem van de Velde, o Velho (1610-1693), datado de 1676. Dimensões: 2,83 m x 1,26 m. Colecção Real da Família Real Britânica (ID: RCIN 406560).

Regressado à frota, Holmes apressou-se a comunicar a Monck que tinha destruído cerca de 150 navios e destruído Terschelling, tendo do lado britânico havido apenas meia dúzia de mortos e número semelhante de feridos[59:155-9]. Com efeito, foi uma pesada derrota para os holandeses, que com esta incursão perderam uma frota no valor de dois milhões de florins. Como era costume na época, o rei Carlos II da Inglaterra ordenou que fossem acesas fogueiras em comemoração da vitória.

Três semanas depois ocorreu o Grande Incêndio de Londres que nos Países-Baixos foi interpretado como retaliação divina pelo acontecido em Vlie. Os holandeses viriam a desforrar-se no ano seguinte com um ataque devastador a Chatham e aos estaleiros navais aí existentes, onde os maiores navios da frota inglesa estavam estacionados, no que ficou conhecido como Incursão de Medway.

Curiosamente, John Evelyn, no seu diário, não faz referência a estes acontecimentos, estando mais preocupado na altura com outros assuntos, entre os quais a peste que continuava a grassar na região de Londres.

a) A fogueira de Holmes no diário de Samuel Pepys.

Como a última batalha naval tinha ocorrido há poucos dias e os holandeses se tinham refugiado nas suas costas, não era de esperar que, entretanto, surgissem novas notícias da guerra, pelo que esta passou para segundo plano. Assim, no seu diário, Samuel Pepys revela estar de momento mais preocupado com outros assuntos, como, por exemplo, os que expressou a 15 de Agosto (calendário gregoriano):

> *5* [de Agosto] *(Domingo).* [...]. *Estando uma noite muito boa e fresca,* [...]*, eu e a minha mulher passámos uma hora no jardim conversando sobre a nossa* [futura] *vida no campo, quando fôr dispensado do cargo, pois temo que o Parlamento possa encontrar falhas suficientes na repartição para nos demitir a todos, e fico feliz em pensar como estou em boas condições para me retirar para lá* [para o campo] *e ter recursos muito bons para subsistir.*[61:389]

Outra das preocupações do diarista era a peste, que embora se tivesse atenuado muito em Londres, continuava a grassar nas imediações:

> *6* [de Agosto] [...]. *Na rua de Fenchurch encontrei-me com o Sr.* [John] *Battersby* [um próspero boticário que, em 1674 viria a tornar-se mestre da Sociedade de Boticários de Londres]. Disse-me "Vê a porta de Dan Rawlinson [um vitivinicultor que tinha na referida rua um estabelecimento, a *Mitre Tavern*] *fechada?" (o que eu fiz e me admirei). "Ora", diz ele, "depois de toda a doença* [peste], *e tendo ele mesmo passado os últimos anos no campo, um dos seus homens morreu agora de peste, e sua mulher e uma das suas empregadas estão doentes, e ele próprio está confinado", o que me preocupa muito. E depois* [fui para] *casa, e aí ouvi também da Srª. Sarah Daniel que Greenwich está muito pior do que nunca, e Deptford também; e ela disse-nos acreditar que todas as pessoas deixariam a cidade e viriam para Londres, que é agora o receptáculo de todas as pessoas de todos os lugares infectados* [com a peste]*. Deus nos proteja!* [...].[61:389-90]

Com efeito, Pepys confirma essas notícias da peste no dia seguinte:

> *7* [de Agosto] [...]. *Recebi novas informações de que Deptford e Greenwich estão agora extremamente aflitos com a doença, mais do que nunca*.[61:393]

Finalmente, a 21 de Agosto (gregoriano) o autor refere, embora expressando bastantes dúvidas, a incursão de Vlie ocorrida no dia 19:

> *11* [de Agosto] [...]. *Esta tarde, ouvi dizer que tínhamos desembarcado alguns homens nas costas holandesas, mas acredito que seja apenas uma absurdidade no relatório ou na tentativa.*[61:396]

Finalmente, a 25 de Agosto (gregoriano), Pepys teve a confirmação da incursão e do seu retumbante sucesso:

> *15* [de Agosto]. *Muito sonolento, dormi até depois das oito e fui acordado por uma carta de Sir W. Coventry que, entre outras coisas, me conta como queimámos cento e sessenta navios do inimigo dentro do Fly* [Vlie]. *Levantei-me, e com toda pressa possível, com medo de chegar tarde, pois que é o nosso dia de audiência com o Duque de York, em St. James, que estava cheio de mensagens: que são, em geral, bons navios mercantes, alguns deles carregados e supostamente ricos. Utilizámos, contra eles, cinco navios incendiários. Desembarcámos na* [ilha de] *Schelling* [Terschelling] *(Sir Philip Howard com alguns homens, e Holmes, julgo, com outros, cerca de 1 000 no total) e incendiámos uma cidade, e depois viemos embora. Aos poucos, o Duque de Yorke, com os seus livros, mostrou-nos*

[onde se situa] *o próprio lugar e modo* [como foi feito], *e que não era nossa intenção ou expectativa ter feito isso, mas apenas desembarcar no Fly* [Vlie] *e queimar alguns dos seus armazéns; mas, quando chegámos, vimos aqueles navios, e com os nossos barcos compridos incendiámo-los um a um, com os nossos navios a encalharam, por serem águas rasas. Fomos levados a fazer isso, ao que parece, por um comandante renegado dos holandeses que se sentiu maltratado por De Ruyter* [...], *e então veio até nós e prestou-nos um bom serviço, de modo que agora confiamos nele, e ele próprio participou nesta expedição. Prestou--nos um grande serviço e estamos contentes por isso.* [...]. *Os canhões da Torre* [de Londres] *disparam, e havia também fogueiras na rua por este bom último sucesso.*[61:399-401]

Figura 35 – Gravura representando a chamada 'Fogueira de Holmes", durante a incursão de Vlie, de 1666, atribuída a Harmen de Mayer (*c.*1624-*c.*1701). Entre a parte superior e a inferior está escrito: *Brand Stigting der Engelse op t Eyland West Ter Schelling in den Jaare 1666 den 20 Augustus* (*Incêndio feito pelos ingleses em Terschelling Oeste no ano 1666 a 20 de Agosto*). Rijks Museum, Amsterdam, Países Baixos. ID: RP-P-OB-82.011.

As notícias provenientes dos Países-Baixos continuavam a chegar, e no dia seguinte Pepys escreveu o seguinte:

16 [de Agosto]. [...]. *Hoje, Sir W. Batten mostrou-nos à mesa uma carta de Sir T. Allen que diz que tomámos dez ou doze navios (desde a última grande expedição de queimar os seus navios e cidades), carregados com cânhamo, linho, betume, pranchas de madeira, etc. Esta foi uma boa notícia. Mas pouco depois chega Sir G. Carteret que nos perguntou o que da-*

> *ríamos por boas notícias. Sir W. Batten diz: "Para uma aposta, tenho mais do que o senhor". Apostaram seis pence, e nós, que estávamos ali, deveríamos também dar seis pence ao que desse a melhor notícia. Assim, Sir W. Batten falou sobre os dez ou doze navios. Emtão, Sir G. Carteret disse-nos que, após a notícia do incêndio dos navios e da cidade, o povo de Amsterdão sitiou a casa de De Witt e ele foi forçado a fugir para* [casa de] *o Príncipe de Orange, que foi para Cleve* [Cleves, na Alemanha] *para o casamento de sua irmã. Com isso concluímos as melhores notícias, e eu e Lord Bruncker* [William Brouncker] *demos a Sir G. Carteret os nossos seis pence cada um, que ele deu ao Sr. Smith* [Robert Smith, mensageiro da *Royal Navy*] *para dar aos pobres. Assim ficámos muito alegres.*[61:399-402]

É de referir que o aludido Príncipe de Orange era Guilherme, sobrinho do rei Carlos II de Inglaterra, que na altura tinha 16 anos, sendo Johan de Witt, Grande Pensionário das Províncias Unidas (espécie de Primeiro Ministro), uma das individualidades que estavam encarregues da sua educação. Mais tarde, em 1689, o Príncipe de Orange viria a ser coroado como rei de Inglaterra, da Irlanda e da Escócia com o nome de Guilherme III. Não é de estranhar que o autor mostre contentamento com acontecimentos nefastos que ocorridos nos Países-Baixos: estava-se em guerra, e tudo o que pudesse enfraquecer o inimigo podia desequilibrar os pratos da balança do conflito bélico e fortalecia o ânimo dos britânicos.

A incursão de Vlie foi um acto de guerra muito violento, ao qual os holandeses responderam em Junho do ano seguinte, como aludiremos mais à frente, com a incursão a Medway, em Inglaterra, tão ou mais violenta.

b) O ataque a Vlie no *Annus Mirabilis*.

No seu poema, John Dryden refere-se a esta incursão, embora sem muitos pormenores, talvez porque, não obstante o êxito que teve, se traduziu num verdadeiro acto de selvajaria. O poeta inicia esta parte fazendo alusão às riquezas que eram obtidas com este tipo de acções:

[202] Agora, em suas costas, nossa conquistadora Marinha anda,
Emboscados seus Mercadores e suas Terras sitiadas;
Cada dia novas riquezas fornece sem seus cuidados;
Deitam-se dormindo com prémios em suas redes.[30:51]

Depois, visto que os ingleses dominavam os mares em redor, faz referência a acções desenvolvidas em terras distantes da Grã-Bretanha, e especificamente, como o autor esclarece em nota, à Incursão de Vlie:

[204] Tal não era tudo: em Portos e Estradas remotas,
Fogos Destrutivos entre Frotas inteiras nós enviamos;
Chamas triunfantes sobre a água flutuam,
E navios vindo do exterior em casa sua viagem acabam.[30:52]

[205] Esses várias Esquadrões, de várias formas desenhados,
Cada navio fretado com uma carga variada,
Cada Esquadrão esperando por ventos vários,
Todos encontram menos um - para os queimar na Estrada.

[206] Alguns com destino à Guiné, para areia dourada encontrarem,
Carregam todos os enfeites que os Nativos simples usam;
Alguns para o orgulho dos Tribunais Turcos projectados,
Para Turbantes dobrados o melhor da Holanda levam.[30:52]

Na realidade, são apenas estas três estrofes que o poeta dedica às chamadas *Fogueiras de Holmes*, após o que aproveita para abordar outra causa de atrito entre as nações rivais, o contrabando de lã inglesa para teares holandeses, onde eram produzidos tecidos mais baratos do que na Inglaterra.

[207] Alguma da Lã inglesa, vexada em um Tear Belga,
E em Tecido de maciez esponjosa transformada,
Entrou na França, ou na Dinamarca mais fria, desgraça,
Para arruinar com mercadorias inferiores nosso Comércio básico.[30:53]

Uma última estrofe desta parte é dedicada aos saques:

[208] Nossos Marinheiros gananciosos vasculham cada porão,
Sorriso no saque de cada Peito mais rico;
E, como os Sacerdotes que com seus deuses ousam,
Pegam no que gostam e o resto sacrificam.[30:53]

Como já referimos, pouco tempo após a incursão de Vlie, ocorreu, entre 2 e 6 de Setembro, o Grande Incêndio de Londres, o qual, na interpretação dos holandeses, mais não foi do que um castigo de Deus pelo que os ingleses tinham feito à cidade de Terschelling.

VI

Epílogo do *Annus Mirabilis*

A seguir às poucas estrofes alusivas à Incursão de Vlie, John Dryden, no seu *Annus Mirabilis*, passa a descrever o Grande Incêndio de Londres, a que dedica quase 80 estrofes, após o que transita para a parte final, em que elogia a magnanimidade do monarca e a lealdade do povo, essenciais para que a guerra então em curso se saldasse numa vitória, terminando a obra com a profecia de uma Londres cheia de esplendor, dominadora dos mares e do comércio marítimo.

Assim, tendo por base as cinzas do grande incêndio, o poeta passa a elogiar o monarca e o povo, o qual, através da autoridade e da influência do rei enceta a reconstrução da cidade (e do país). É de notar que na edição de 1668, que temos vindo a seguir, por erro, da estrofe 287 se passa para a 289. Nos excertos seguintes, corrigimos essa numeração.

[288] *Mas assim possa ele viver muito, aquela Cidade para dominar,*
A qual por seu Auspício eles farão mais nobre,
Como ele fará eclodir as suas cinzas com a sua presença,
E não abandonam agora suas humildes ruínas.

[289] *Eles não perderam sua Lealdade pelo fogo;*
Nem é sua coragem ou sua riqueza tão baixa,
Que de suas Guerras miseravelmente se retirassem,
Ou implorassem piedade a um inimigo derrotado.

[290] *Nem com mais constância os Judeus da antiguidade;*
Por Ciro do recompensado Exílio enviados,
A sua Cidade Real em pó contemplada,
Ou com mais vigor para a reconstruir foram.[30:73-4]

Na última estrofe o poeta faz alusão ao Livro I de Esdras da Bíblia, na parte em que o rei Ciro II de Pérsia, após conquistar a Babilónia (em 539 a.C.), emitiu um decreto libertando os judeus que, desde que Nabucodonosor II do Império Neo-Babilónico tinha destruído Jerusalém (em 587 a.C.), ali estavam exilados. O Decreto de Ciro devolveu os judeus exilados na Babilónia à Terra Prometida, com a obrigação de reconstruírem o Templo (e a cidade). No Livro de Esdras descreve-se a reconstrução do Templo e dos muros de Jerusalém e as dificuldades que foram vencidas. Assim, Dryden faz um paralelismo entre a cidade de Jerusalém, destruída por Nabucodonosor II, e a cidade de Londres, destruída pelo incêndio.

Na estrofe seguinte faz como que um resumo dos assuntos abordados no poema além da guerra, não esquecendo os cometas, assim fazendo a transição para o final do poema:

[291] A maior malícia de suas Estrelas passou,
E dois terríveis Cometas que flagelaram a Cidade,
Em sua própria Peste e Incêndio deram o último suspiro,
Ou, debilmente, em suas órbitas mergulhantes se ocultaram.[30:74]

A seguir, o poeta recorre à astrologia para expressar os bons augúrios que se desenham para o futuro:

[292] Agora frequentes Trígonos entre as luzes mais felizes,
E Júpiter exaltado, libertado de sua prisão escura,
(Aqueles pesos que penduravam em seu Planeta tiraram),
As novas obras serão gloriosamente bem-sucedidas.

No jargão da astrologia, um trígono ou conjunção triangular de planetas é a situação em que, num mapa astral, dois planetas se localizam num ângulo de 120º centrado na Terra, o que é interpretado como um sinal benigno. A isto Dryden acrescenta como aspecto favorável a circunstância do planeta Júpiter estar então em ascensão. Como já antes referimos, a astrologia tinha na época grande importância, sendo frequente as pessoas, mesmo as mais esclarecidas, recorrem a astrólogos antes de tomarem decisões importantes. O poeta não deixou de ser seriamente influenciado pela astrologia e, em referência a qualquer almanaque astrológico de 1666, fez uma descrição bastante precisa da situação dos corpos celestes naquele ano[7193]. A seguir, Dryden passa a interpretar o incêndio como uma purificação, da qual Londres e a Inglaterra iriam renascer com maior glória, fazendo alusão à alquimia, isto é, à transformação, pelo fogo, de outros metais em ouro (estrofe 293) e, logo a seguir, faz alusão a *Augusta*, aproveitando o epíteto que no século IV d.C. os romanos deram a *Londinium*, nome latino de Londres (e a muitas outras cidades):

[295] Mais do que humana agora, e mais Augusta,
De novo deificada de seus fogos se ergue;
Suas ruas alargadas em novas fundações confiam,
E, abrindo, em partes maiores ela voa.[30:75]

Embora o Grande Incêndio de Londres tenha sido uma catástrofe, por outro lado, de certa forma, propiciou a sua purificação, não propriamente no sentido que Dryden lhe atribuiu, mas porque, como já antes referimos no capítulo dedicado ao incêndio, por proclamação arbitrária e ditatorial do rei (que a emergência parece ter justificado), os cidadãos foram proibidos de reconstruir as suas casas a não ser com materiais inertes (interditando-se, portanto, o uso de madeira), e mediante planos a serem elaborados por uma comissão designada para o efeito. Assim, muitas das ruas medievais, estreitas, superlotadas e infestadas de doenças, foram demolidas e substituídas por outras mais largas, mais limpas e mais saudáveis. Nessa violenta purificação evitou-se, também, que continuassem a existir frequentes grandes e pequenos surtos de peste, que eram recorrentes, pois que a grande população de ratos diminuiu consideravelmente. Com efeito, costumava haver duas ou três grandes epidemias por século e, depois do incêndio, a peste supostamente desapareceu em 1679[24]. Assim, das ruínas, emergiu uma nova Londres com algumas características de modernidade e com grandes melhorias sanitárias e arquitectónicas.

Essa nova cidade de Londres que surgiu, renascida das cinzas, após a catástrofe que quase a destruiu por completo, é, como veremos, antevista por Dryden enriquecida pelos sucessos do comércio marítimo, como *A Fénix, filha do velho desaparecido*, que na sombra do oceano *cavalga em ouro flutuante*[30:39]. Portanto, na visão do poeta, o pavoroso incêndio

acabou por ser uma bênção para Londres. As estrofes finais são dedicadas à futura glória da cidade de Londres reedificada, que se transformaria no centro mercantil mundial, suplantando todas as grandes cidades europeias com comércio marítimo:

[298] O Tamisa prateado, com sua doméstica Inundação,
Levará seus Navios como uma Vaga arrebatadora,
E com frequência o vento (como de sua Amante orgulhosa),
Com olhos desejosos pare encontrar seu rosto novamente

[299] O abastado Tejo, e o mais próspero Reno,
Da glória de suas Cidades não mais se vangloriarão;
E o Sena, que com os Rios Belgas se reúne,
Encontrará seu brilho manchado e o Tráfego perdido.

[300] O ousado Comerciante que projectou mais longe,
E toca em nossa hospitaleira costa;
Encantado com o esplendor desta Estrela do Norte,
Aqui descarregará e jamais partirá.[30:75-6]

A finalizar a obra, Dryden retorna habilmente às ideias expressas nas estrofes iniciais, conferindo, deste modo, mais unidade e coerência interna à obra. Na parte introdutória explica-se a necessidade da guerra, pois que a supremacia inglesa no comércio naval era impedida e ameaçada pelos holandeses. Na parte final, presumindo que a guerra já estava quase ganha, prevê-se o domínio mercantil inglês, profetizando o surgimento de uma grande Londres. Para tal, era essencial que a armada britânica encontrasse a frota holandesa e que esta não se furtasse ao combate (*fazê-los ousar*):

[302] E enquanto este famoso Empório preparamos,
O Oceano Britânico se orgulhará de tais triunfos,
Que aqueles que agora desdenham de nosso Comércio compartilhar,
Roubarão como Piratas em nossa rica Costa.

[303] Já conquistámos metade da Guerra,
E a parte menos perigosa ficou para trás;
Nosso problema agora é fazê-los ousar,
E não é tão grandioso derrotar quanto encontrar.[30:76-7]

O futuro próximo se encarregaria de desmentir o prognóstico do poeta, pois que os holandeses viriam a fazer em 1667 a Incursão de Medway (retaliação da Incursão de Vlie que os ingleses tinham feito em 1666), que foi uma derrota tremendamente vexatória para os britânicos. Como é sabido, quando Dryden acabou de escrever o *Annus Mirabilis*, a guerra ainda prosseguia e, como é óbvio, era-lhe impossível adivinhar o que iria acontecer nos meses seguintes.

A guerra acarretava gastos enormes, e o incêndio de Londres veio impor despesas ainda maiores (a somar às que derivavam do surto de peste no ano anterior, a qual, embora mais atenuada, ainda continuava). Com carência de financiamento, o Conselho da Marinha não conseguia pagar os salários dos marinheiros da armada, pelo que começou a dispensar muito pessoal sem lhes pagar[35:299-300]. Nessas condições, seria impossível enviar para o mar uma grande frota em 1667. Nessa situação desesperada, iniciaram-se discussões informais de paz, com mediação da Suécia.

Entretanto, a guerra prosseguia, sendo de relevar, essencialmente, a actividade dos corsários escoceses, que aproveitando o facto de grande parte do comércio marítimo ter passa-

do a utilizar uma rota ao redor da Escócia para evitar o Canal da Mancha, dominado pelos ingleses, águas essas que eram também frequentadas pelos navios baleeiros e de pesca de arenque holandeses. A actividade era tão intensa que, num período de 17 meses, vinte e poucos corsários escoceses capturaram 108 navios holandeses, franceses e dinamarqueses[39]. Tal significa que a guerra trazia também pesadas perdas financeiras para a República das Sete Províncias Unidas da Holanda.

No início de 1667, a situação financeira da coroa inglesa tornou-se aflitiva, de modo que, sem fundos suficientes para manter a navegabilidade dos navios de guerra, em Fevereiro decidiu-se que os navios maiores permaneceriam estacionados em Chatham, no SE de Inglaterra, onde havia importantes estaleiros navais, mantendo apenas uma pequena frota cuja missão principal seria a de atacar navios mercantes holandeses. Tal, além de baixar o moral da armada, fazia com que os navios mercantes evitassem ir a Londres, com medo de serem interceptados pelos holandeses[83:139]. Perante a situação desesperada, como a Grã-Bretanha também estava em guerra com a França, em Março o rei Carlos II enviou emissários a Paris para negociações preliminares de paz, tendo na sequência, ao que parece, sido estabelecida uma aliança secreta com a França[56:76]. O facto é que, em Maio, os franceses invadiram as Províncias Unidas da Holanda, assim iniciando a Guerra da Devolução, assim chamada porque, segundo Luís XIV da França, esses territórios lhe tinham sido "devolvidos" por direito de casamento com Maria Teresa de Espanha.

Entretanto, como o rei Carlos II vinha protelando a assinatura de um eventual tratado de paz, esperando melhorar a sua posição com a ajuda secreta dos franceses, o Grande Pensionário, Johan de Witt, decidiu tentar terminar rapidamente a guerra através de uma vitória clara, que garantiria um acordo mais vantajoso para a República Holandesa. Foi neste contexto que ocorreu a Incursão de Medway. Na realidade, parece que os planos para esse ataque tinham sido gizados logo após a Batalha dos Quatro Dias, mas a derrota na Batalha do Cabo do Norte (*North Foreland*) protelou essa intenção.

Aproveitando o facto da maior parte da armada britânica estar estacionada em Chatham, a armada holandesa partiu em meados de Junho de Texel com rumo à costa inglesa. Era comandada por Michiel de Ruyter, Cornelis de Witt (irmão do Grande Pensionário, Johan de Witt), e por dois outros almirantes. A frota, constituída por mais de sessenta navios de guerra, mais alguns navios menores, bem como por cinco navios incendiários, entrou no estuário do Tamisa e, entre 19 e 24 de Junho de 1667, aí bombardeou alguns fortes e outras instalações. Tomaram a cidade de Sheerness, no baixo estuário do Tamisa, tendo subido este corpo de água até Gravesend e, em seguida, navegaram para o rio Medway (a Sul do Tamisa), indo até Chatham, onde estavam estacionados os navios de guerra britânicos, e enfrentaram as fortificações aí existentes com tiros de canhão. Nesta acção, os holandeses queimaram ou capturaram três navios de guerra importantes e mais dez navios da linha, bem como aprisionaram o navio almirante da armada inglesa, o navio *Royal Charles*, que levaram a reboque. Antes da operação, os militares dos Países-Baixos tinham recebido ordens estritas de Cornelis de Witt para não saquearem nem molestarem civis, principalmente mulheres e crianças (ordens essas que nem sempre foram cumpridas), como forma de envergonhar os ingleses pelo comportamento que estes tinham tido durante o saque e destruição de Terschelling, por ocasião da incursão que ficou conhecida como a *Fogueira de Holmes*, em Agosto do ano anterior.

Como é óbvio, o poeta não podia antever esta incursão que foi extremamente vexatória para os ingleses. No entanto, como é reconhecido por alguns autores, John Dryden não

conseguiu escapar à armadilha que aguarda os propagandistas em tempo de guerra: que a situação está em constante alteração, podendo rapidamente tornar erradas afirmações que, pouco tempo antes, pareciam ser irrefutáveis[29:43]. O que é certo é que, não obstante os versos de exaltação do poeta e os seus augúrios de glória de Londres (e de Inglaterra), os britânicos perderam esta guerra. Esses vaticínios de esplendor e de riqueza a serem conquistados no futuro próximo estão bem expressos na estrofe final de Annus mirabilis:

[304] Assim, para a riqueza Oriental através das tempestades nós vamos,
Mas agora, o Cabo uma vez dobrado, não é mais de temer;
Um constante Vento Alísio soprará com segurança,
E suavemente nos colocará na costa das Especiarias.[30:77]

Com efeito, assim viria a acontecer na realidade, embora sem a brevidade presumivelmente sonhada pelo poeta. A segunda Guerra Anglo-Holandesa prolongar-se-ia ainda por grande parte de 1667, embora, devido principalmente às consequências da peste e do Grande Incêndio de Londres, o rei Carlos II tivesse enveredado por uma política de economia no esforço de guerra. Os principais navios ingleses ficaram, em geral, estacionados nos portos, e apenas os navios menores se dedicavam a atacar navios comerciais holandeses. Não havia nenhuma acção que, ao contrário do que era preconizado por Dryden, tivesse o propósito de enfrentar a armada inimiga. Aproveitando-se disso, os holandeses estabeleceram um certo bloqueio aos portos ingleses, o que teve graves consequências, entre outros, no comércio de carvão (então essencial, nomeadamente para actividades domésticas) e no fornecimento de suprimentos vitais para a marinha, entre os quais mastros proveniente do Báltico. Em Maio de 166, ambos os lados estavam tão cansados da guerra, que iniciaram negociações de conciliação[25:78-9], tendo, a 31 de Julho, sido assinado o tratado de paz (Tratado de Breda). Em termos gerais, esta guerra saldou-se, como já dissemos, numa vitória holandesa. Seguir-se uma nova guerra entre 1672 e 1674.

Em geral, estas guerras que é costume designar por Guerras Anglo-Holandesas inseriram-se numa tentativa da Grã-Bretanha dominar o comércio marítimo mundial, o que, em grande parte, viria a conseguir nos séculos XVIII e XIX: foi a constituição do Grande Império Britânico, espalhado por todos os continentes, que tinha como centro a cidade de Londres. Foi o maior império da História, o qual integrava cerca de um quarto das terras emersas do planeta. Portanto, neste aspecto, o prognóstico de Dryden viria, efectivamente, a concretizar-se.

VII

Comentários finais

O Annus Mirabilis de John Dryden, além de um libelo promocional da monarquia, é também, talvez essencialmente, uma peça de propaganda em tempo de guerra. O verdadeiro *annus horribilis* de 1666 (ou melhor, 1665/1666), em que Inglaterra (e Londres) foi assolada pela peste, em que ocorreu um incêndio que destruiu grande parte da cidade, e em que se foi travando uma guerra que, em geral, não era favorável aos ingleses, e que exauria o erário público, foi transformado, pela arte do poeta, num *annus mirabilis*.

Apesar das pretensões explícitas do autor, parece ser evidente que Dryden não escreveu um poema histórico sobre o ano de 1666 (MDCLXVI, como é declarado no título), já que a acção começa com a vitória naval de Lowestoft, em Junho de 1665, e continua, por ordem cronológica, até à época do grande incêndio, em Setembro de 1666, ou seja, o período abrangido não corresponde a um ano civil, mas sim ao que decorreu, *grosso modo*, entre meados de 1665 e depois da metade do ano seguinte.

Por outro lado, o autor inspirou-se para o título nos *annus mirabilis* da literatura panfletária, cujos folhetos descreviam coisas prodigiosas, espantosas, que tinham acontecido, mas no seu poema, embora aluda a vários dos prodígios que então ocorreram (e podemos considerar como prodígios pelo menos os cometas e o incêndio), evita cuidadosamente referir-se à peste, um dos acontecimentos mais marcantes da altura, que começou a grassar em Londres em meados de 1665 e se prolongou pelo menos até meados do ano seguinte. Aliás, Dryden escreveu o poema enquanto estava na aldeia de Charlton, em Wiltshire, no SW de Inglaterra, para onde tinha ido para fugir à peste que grassava em Londres (como tinha feito a maior parte da alta sociedade londrina). É possível que o poeta tenha escolhido a locução *Annus Mirabilis* para título da sua obra porque essa expressão tinha grande potencial para chamar a atenção dos leitores, que estavam profundamente envolvidos nos acontecimentos e nas controvérsias da altura.

Com efeito, como referimos mais acima, a expressão *annus mirabilis* era usada, poucos anos antes, em panfletos de tendência sediciosa, que reforçavam antigas profecias, superstições e previsões astrológicas. Em muito, alertavam para o temor da aproximação do ano de 1666, um número místico que tinha também o número da Besta, 666, e, portanto, repleto de significado sobrenatural. Na realidade, tais panfletos tinham como principal objectivo fomentar o descontentamento contra a Igreja estabelecida e contra o monarca. De facto, até ao início do grave surto de peste, em 1665, proliferavam os rumores sobre estranhos prodígios e presságios, que apontavam para terríveis julgamentos divinos no futuro imediato. Sob o peso dessa expectativa, era óbvio que se ocorressem acontecimentos catastróficos, muitas pessoas os interpretariam como punição de Deus devida a um

povo que d'Ele se tinha afastado, a monarcas nefastos e a um episcopado opressor[87]. Assim, pode dizer-se que Dryden, nesta conjuntura, inverteu o significado associado a *annus mirabilis*: assumindo o mesmo título dos panfletos sediciosos, compôs um poema em que tendia a demostrar que os acontecimentos desastrosos eram apenas provações temporárias, apenas interrupções momentâneas no caminho para a riqueza e para a glória, e que, além disso, suscitariam maior união entre o rei e seu povo (se este fosse obediente), estreitando os laços do sofrimento e da afeição mútuos.

Tampouco Dryden compôs um poema panegírico ao povo de Londres, como é referido na parte introdutória, pois que o elogio da população pela sua coragem e lealdade ocupa apenas uma parte reduzida do poema, e ainda assim apenas merecedora de encómios quando se revela obediente aos desígnios do monarca. Posição contrária é atribuída, no poema, ao rei, que aí é sistemática e repetidamente enaltecido, o que explicitamente revela a posição política (monárquica) do autor. Com efeito, como já mencionámos, este poema é uma obra de exaltação do monarca e das suas virtudes e, ainda, uma obra propagandística adequada aos tempos de guerra que então se viviam[87]. Ao mesmo tempo, trata-se, efectivamente, de um panegírico eloquente de Inglaterra e da sua capital, cujo destino manifesto é o de conseguir dominar o comércio marítimo mundial, assim atingindo a glória (como de facto veio a acontecer mais tarde). Com estas características, o poema era seguramente do agrado do poder e de quem lhe estava associado

O poema caracteriza-se, também, por várias inconsistências. Uma delas, notável, é a alusão ao Destino, que, por vezes, parece ser a entidade que governa o mundo, mas que, logo a seguir, é substituído pela mão de Deus. Por outro lado, há no poema várias referências a presságios e julgamentos, mas o autor consegue manipular as palavras de tal forma que os presságios favorecem sistematicamente o monarca, enquanto que o alvo dos julgamentos são os seus súbditos[29]. É, definitivamente, uma obra de apoio incondicional ao monarca e, em geral, à dinastia dos Stuart.

Como foi classificado por alguns autores, o *Annus Mirabilis* de Dryden é uma peça de 'jornalismo inspirado', em que a própria página de frontispício tem um toque jornalístico, sendo os tópicos exibidos de modo a chamarem a atenção dos leitores[87]. É desta forma que é apresentada a presumível visão oficial dos factos, o que, certamente, faria com que o autor caísse nas boas graças do poder instituído. Com efeito, a estratégia do autor parece ter resultado, pois que, em 1668, foi nomeado *Poeta Laureado*, uma posição honorífica de nomeação real, e, em 1670, foi nomeado *Historiógrafo Real*, um cargo remunerado patrocinado pela corte.

A publicação do *Annus Mirabilis*, em 1667, foi um êxito, como é demonstrado pelas várias reedições posteriores. Foi certamente do agrado de muitas pessoas, principalmente de quem estava, de uma ou de outra forma, associado ao poder instituído, como era o caso de Samuel Pepys, que, a 2 de Fevereiro de 1667, escreveu no seu diário:

> [...]. *Esta noite fiquei muito satisfeito com a leitura de um poema que trouxe para casa comigo de Westminster Hall ontem à noite; é de Dryden, sobre a guerra actual; um poema muito bom.*[62:156-7]

Referências bibliográficas

1 ------------ (1661) – *Eniautos terastios, mirabilis annus, or The year of prodigies and wonders: being a faithful and impartial collection of several signs that have been seen in the heavens, in the earth, and in the waters: together with many remarkable accidents and judgments befalling divers persons according as they have been testified by very credible hands; all which have happened within the space of one year last past, and are now made publick for a seasonable warning to the people of these three kingdoms speedily to repent and turn to the Lord, whose hand is lifted up amongst us*. 88p, [London, place of publication not identified], [publisher not identified], printed in the year 1661.

2 ------------ (1662 [1816]) – *Farewell Sermons of some of the most eminent of the Nonconformist Ministers delivered at the period of their Ejectment by the Act of Uniformity in the year 1662*. XVIp + 449p., Printed for Gale and Fenner, London.

3 ------------ (1662) – *Mirabilis Annus Secundus, or The second year of prodigies: being a true and impartial Collection of many strange Signs and Apparitions, which have this last year been seen in the Heavens, in the Earth, and in the Waters: Together with many remarkable Accidents and Judgments befalling divers persons, according to the most exact Information that could be procured from the best Hands; and now Published as a Warning to all Men speedily to repent, and to prepare to meet the Lord, who gives us these Signs of His Coming*. [6p.]+88p, [London], [publisher not identified], printed in the year 1662.

4 ------------ (1662) – *Mirabilis Annus Secundus, or The Second Part of the Second Year of Prodigies* […]. [London], [publisher not identified], printed in the year 1662.

5 ------------ (1662) – *The Book of Common Prayer, and administration of the Sacraments, and other Rites and Ceremonies of the Church, according to the use of the Church of England: together with the Psalter or Psalms of David, pointed as they are to be sung or said in churches*. 685p., John Baskerville, Cambridge.

6 ------------ (1666) – *The London Gazette*. From Monday, Septemb. 3. to Monday, Septemb. 10. 1666. [2p.], Printed by Tho. Newcomb., London.

7 ------------ (1688 [1689]) – *Bill of Rights* [1688]. 6p., *In:* Acts of the English Parliament, Official Home of UK Legislation, The National Archives on behalf of H.M. Government. http://www.legislation.gov.uk.

8 ------------ (s/d [1522]) – *Mirabilis liber qui prophetias revelationesque, necnon res mirandas, preteritas, presentes et futuras apte demonstrat*. 88f., [E. and J. de Marnef, Paris.]

9 Adams, Reginald H. (1971) – *The Parish Clerks of London: A History of the Worshipful Company of Parish Clerks of London*. 152p., Phillimore & Co., Chichester, SU, England.

10 Austin, William (1666) – *Ἐπιλοωα επη or The anatomy of the pestilence a poem in three parts: describing the deplorable condition of the city of London under its merciless dominion, 1665* […]. 109p., Printed for Nath. Brooke, London.

11 Bacon, Francis (1597 [1884]) – *Bacon's essays and Wisdom of the ancients*. XXXp. + 425p., Little, Brown and Company, Boston.

12 Black, Winston (2019) – *The Middle Ages. Facts and Fictions*. 248p., ABC-Clio, Santa Barba-ra, CA, US.A.

13 Blome, Richard (1673) – *Britannia, or, A geographical description of the kingdoms of En-gland, Scotland, and Ireland* [...]. [34p.] + 464p., Printed by Tho. Roycroft for Richard Blome, London.

14 Brend, William A. (1908) – *Bills of Mortality*. 15p., Baillière, Tindall and Cox, London.

15 Britnell, Jennifer; Stubbs, Derek (1986) – The Mirabilis Liber: Its Compilation and Influence. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 49: 126-149. doi: 10.2307/ 751293.

16 Bruijn, Jaap R. (2011) – *The Dutch Navy of the Seventeenth and Eighteenth Centuries*. XXp. + 218p., International Maritime Economic History Association, St. John's, Newfoundland.

17 Charles II (1665) – *Rules and orders to be observed by all justices of peace, mayors, bayliffs, and other officers, for prevention of the spreading of the infection of the plague*. 2p., Published by Proclamation by Order of the Government, May 11, London.

18 Charles II (1666) – An Act for rebuilding the Citty of London. *In: The Statutes of the Realm*, Volume the Fifth (1819, reprinted 1963), pp.603-612, Dowsons of Pall Mall, London.

19 Charles II (1666) – Order from Charles II, 10 September 1666. *In: The Great Fire of London: What happened?* The National Archives, Education Service, London.

20 Charles II (1666) – *Proclamation: "His Majesty in his princely compassion and very tender care taking into consideration the distressed condition of many his good subjects, whom the late dreadful and dismal fire hath made destitute* […]. 1p., Printed by John Bill & Christo-pher Barker, London.

21 Coleman-Norton, P. R. (1947). Cicero's Doctrine of the Great Year. *Laval théologique et philosophique*, 3(2): 293–302. doi: 10.7202/1019794ar

22 Company of Parish-Clerks of London (1665) – *London's Dreadful Visitation: Or, A collection of All the Bills of Mortality For the Present Year* […]. [107p.], Printed and are to be sold by E. Cotes, London.

23 Court of Aldermen (1665) – *The orders and directions, of the right honourable the Lord Mayor and Court of Aldermen, to be diligently observed and kept by the citizens of London, during the time of the present visitation of the plague* […]. 6p., Printed for George Horton, London.

24 Cummins, Neil; Kelly, Morgan; Gráda, Cormac Ó (2016) – Living standards and plague in London, 1560–1665. *Economic History Review*, 69(1): 3-34. DOI: 10.1111/ehr.12098

25 Curtler, William Terry (1967) – *Iron vs. gold: a study of the three Anglo-Dutch wars, 1652-1674*. Master's Theses. 128p., University of Richmond, VA, U.S.A.

26 D'Arrigo, Rosanne; Seager, Richard; Smerdon, Jason E.; et al. (2011) – The anomalous winter of 1783–1784: Was the Laki eruption or an analog of the 2009–2010 winter to blame? *Geophysical Research Letters*, 38(5): L05706. doi: 10.1029/2011GL046696

27 Defoe, Daniel [presumably; signed at end H.F.] (1722) – *A Journal of the Plague Year, being Observations or Memorials of the most Remarkable Occurrences as well Publick as Private which happened in London during the last Great Visitation in 1665*. Written by a Citizen who continued all the while in London. 287p., printed for E. Nutt at the Royal-Exchange; J. Roberts in Warwick Lane; A. Dodd without Temple-Bar; and J. Graves in St. James's-street, London.

28 Dekker, Thomas (1603 [1925; 1971]) – The Wonderfull Yeare. *In:* F. P. Wilson (ed.), *The Plague Pamphlets of Thomas Dekker*, pp.1-62, Clarendon Press, Oxford University Press, Oxford.

29 der Welle, J. A. van (2010) - *Dryden and Holland*. 153p., J.B. Wolters, Groningen.

30 Dias, J. Alveirinho (2019) – *Malpica seiscentista: demografia histórica e temas correlatos*. [4p.] + IVp. + 193p., CIMA, Faro.

30 Dryden, John (1668 [1667]) – *Annus Mirabilis: the Year of Wonders, M.DC.LXVI.: An Historical Poem: Containing the Progress and various Successes of our Naval War with Holland* […] *And Describing the Fire of London*. [14p] + 77p., printed for Henry Herringman, London.

31 Evelyn, John (1661) – *Fumifugium, or, The Inconveniencie of the Aer and Smoak of London dissipated together With some Remedies humbly proposed* [...] *to His Sacred Majestie, and to the Parliament now Assembled*. [10p.] + 26p., Printed by W. Godbid for Gabriel Bedel and Thomas Collins, London.

33 Evelyn, John (1850) – *Diary and Correspondence of John Evelin* […]. A new edition in four volumes, Vol. I, XLp. + 380p., Henry Colburn, London.

34 Evelyn, John (1857) – *Diary and Correspondence of John Evelin* […]. A new edition in four volumes, Vol. II, 396p., Henry Colburn, London.

35 Fox, Frank L. (2018) – *Four Days' Battle of 1666: The Greatest Sea Fight of the Age of Sail*. 448p., Seaforth, Barnsley, U. K.

36 Freeland, Guy (2000) – Introduction: In Praise of Toothing-Stones. *In:* Guy Freeland & Anthony Corones (eds.), *1543 and All That: Image and Word, Change and Continuity in the Proto-Scientific Revolution*, pp.1-15, Springer-Science + Business Media, B.V. doi: 10.1007/ 978-94-015-9478-3_1.

37 Frith, John (2012) – The History of Plague – Part 1. The Three Great Pandemics. *Journal of Military and Veterans' Health*, 20(2): 11-16.

38 Geneva, Ann (1995) – *Astrology and the Seventeenth Century Mind: William Lilly and the Language of the Stars*. 298p., Manchester University Press, Manchester / New York, U.K.

39 Graham, Eric J. (1982) – The Scottish Marine during the Dutch Wars. *The Scottish Historical Review*. 61(171-1): 67–74.

40 Graunt, John (1662) – *Natural and political observations mentioned in a following index, and made upon the Bills of mortality*. [14p.] + 85p., Printed by Tho. Roycrost for John Mar-tin, James Allestry and Tho. Dicas, London.

41 Hodges, Nathaniaele (1672) – *Loimologia, sive, Pestis nuperæ apud populum Londinensem grassantis narratio historica*. [12p.] + 246p. + [8p.], Typis Gul. Godbid, sumptibus Josephi Nevill, Londini.

42 Hodges, Nathaniel (1720) – *Loimologia, or, an historical Account of the Plague in London in 1665, With precautionary Directions against the like Contagion*. 2nd edition, [trad.] John Quincy, Xp. + 288p., Printed for E. Bell, London.

43 Hooker, Edward N. (1946) – The Purpose of Dryden's "Annus Mirabilis". *Huntington Library Quarterly*, 10(1):49-67, University of Pennsylvania Press. doi: 10.2307/3815828.

44 Israel, Jonathan Irvine (1995) – *The Dutch Republic: Its Rise, Greatness, and Fall, 1477–1806*. 1231p., Clarendon Press / Oxford University Press.

45 Jones, J. R. (1988) – The Dutch Navy and National Survival in the Seventeenth Century. *The International History Review*, 10(1): 18-32.

46 Kattenburg, Rob (2023) – *Dutch Old Master Marine Paintings, Drawings & Prints*. 97p., Rob Kattenburg, VHOK / TEFAF, Bergen, The Netherlands.

47 Kelley, Greg (2020) – Doctor Beaky, the Four Thieves, and De Fabulis Pestis. *Contemporary Legend*, 10: 48-72.

48 Kezerashvili, Roman Ya. (2005) – The Hundredth Anniversary of Einstein's Annus Mirabilis. *Physics Education*, 27: 203-211.

49 Larkin, Philip (1979) – *High Windows*. 42p., Faber and Faber, London / Boston.

50 Lilly, William (1644) – *A prophecy of the white king, and dreadfull dead-man explaned to which is added the prophecie of Sibylla Tibvrtina and prediction of Iohn Kepler, all of especiall concernment for these times*. 106p., printed by G. M. and are to be sold by John Sherley and Thomas Vnderhill, London.

51 Lloyd, Claude (1930) – John Dryden and the Royal Society. *PMLA (Proceedings of the Modern Language Association of America)*, 45(4):967-976.

52 Mahan, A. T. (1890) – *The influence of Sea Power upon History 1660-1783*. XXIVp + 557p., Little, Brown and Company, Boston.

53 McGuire, J. E.; Tamny, Martin (1985) - Newton's Astronomical Apprenticeship: Notes of 1664/5. *Isis,* 76(3):349-365.

54 McRobbie, Linda Rodriguez (2016) – The Great Fire of London Was Blamed on Religious Terrorism. *Smithsonian Magazine*, September 2, 2016, Smithsonian Institution, *Washington,* D.C., U.S.A.

55 Moore, Norman (1891) – Hodges, Nathaniel. *In:* Sidney Lee (ed.), *Dictionary of National Biography*, vol. XXVII, pp. 59-60, MacMillan and Co. New York / Smith, Elder & Co., London.

56 Neilson, Joanna T. (2005) – *National Confusion over the Issues of the English Restoration*. 251p., PhD Dissertation submitted to the Department of History, Florida State University, Tallahassee, FL, U.S.A.

57 Newton, Isaac (1664/1665 [2003]) – *Quæstiones quædam Philosophiæ* (Certain Philosophical Questions). MS Add. 3996, Cambridge University Library, Cambridge, U.K.

58 Norrie, P.A. (2003) - The history of wine as a medicine. *In:* Merton Sandler & Roger Pinder (eds.), *Wine. A Scientific Exploration*, pp. 21-55, Taylor & Francis, London / New York.

59 Ollard, Richard (1969) – *Man of War: Sir Robert Holmes and the Restoration Navy*. 240p. Hodder & Stoughton, London.

60 Pepys, Samuel (1897) – *The Diary of Samuel Pepys*, […]. Transcribed from the Shorthand Manuscript in the Pepysian Library […] by the Rev. Mynors Bright […]. Vol. IV, 453p., George Bell & Sons, London.

61 Pepys, Samuel (1897) – *The Diary of Samuel Pepys*, […]. Transcribed from the Shorthand Manuscript in the Pepysian Library […] by the Rev. Mynors Bright […]. Vol. V, 451p., George Bell & Sons, London.

62 Pepys, Samuel (1897) – *The Diary of Samuel Pepys,* […]. Transcribed from the Shorthand Manuscript in the Pepysian Library […] by the Rev. Mynors Bright […]. Vol. VI, 408p., George Bell & Sons, London.

63 Perry, Robert D.; Fetherston, Jacqueline D. (1997) – Yersinia pestis - Etiologic Agent of Plague. *Clinical Microbiology Reviews*, 10(1): 35-66. DOI: 10.1128/CMR.10.1.35

64 Porter, Stephen (1999 [2009]) – *The Great Plague*. 2nd edition, 192p., Amberley Publ., Stroud, Gloucestershire, U.K.

65 Potter, Francis (1642) – *An Interpretation of the Number 666*. 214p., printed by Leonard Lichfield, Oxford.

66 Richardson, John (2007) – Annus mirabilis I - the sculpture (1931). *In:* John Richardson, *A Life of Picasso: The Triumphant Years, 1917-1932*, pp. 437-456, Alfred A. Knopf, New York.

67 Richardson, John (2007) – Annus mirabilis II - the paintings (1931-1932). *In:* John Richardson, *A Life of Picasso: The Triumphant Years, 1917-1932*, pp. 457-474, Alfred A. Knopf, New York.

68 Rodger, N. A. M. (2004) – *The Command of the Ocean. A Naval History of Britain 1649–1815*. 907p., Penguin Books in association with the National Maritime Museum.

69 Rolle, Samuel (1667) – *Shilhavtiyah, or, The burning of London in the year 1666* […]. [26p.] + 128p. + [4p.] + 220p. + [4p.] + 144p., Printed by R. I. for Thomas Parkhurst, London.

70 Rommelse, Gijs A.; Roger Downing (2014) – State formation, maritime conflict and prisoners of war: the case of Dutch captives during the Second Anglo-Dutch War (1665-1667). *Tijdschrift voor Sociale en Economische Geschiedenis*, 11:29-56. doi: 10.18352/tseg.109.

71 Sandcroft, William [1666] – *Lex ignea, or, The school of righteousness* […]. 55p., Printed for R. Pawlett, London.

72 Scott, Walter (1808) – *The Works of John Dryden: Now First Collected in Eighteen Volumes*. Vol. IX. 455p., William Miller, London.

73 Sloan, Archibald W. (1973) – Medical and Social Aspects of the Great Plague of London in 1665. *Bulletin of the History of Medicine*, 78(2): 273-308.

74 Steinthorsson, Sigurdur (1992) – Annus Mirabilis: 1783 í erlendum heimildum. *Skírnir*, 166: 133–159.

75 Stillman, Robert E. (2001) – The State (our) of the Language: Dryden's "Annus Mirabilis" as a Restoration Paradigm for Scientific Revolution. *Soundings: An Interdisciplinary Journal*, 84(1/2):201-227.

76 The National Archives (s/d) – *The Great Plague 1665-1666. How did London respond to it?* 11p, The National Archives, Education Service, London.

77 Tillotson, John (1696) – Of the End of Judgments, and the Reason of their Continuance. *In: The Works of the Most Reverend Dr. John Tillotson*, pp.102-110, Printed for B. Aylmer, London.

78 Tinniswood, Adrian (2011) – *By Permission of Heaven: The Story of the Great Fire of London*. 368p., Random House.

79 Usserio, Jacobo (1650) – *Annales Veteris Testamenti a prima mundi origine deducti, una cum rerum asiaticarum et aegyptiacarum chronico a temporis historici principio usque ad Maccabaicorum initia producto*. [8p.] + 554p. + [10p], Ex Officina J. Flesher, Londini.

80 Ussher, James (1658) – *The Annals of the World. Deduces from The Origin of Time* […]. Printed by E. Tyler for J. [8p.] + 907p. + [49p.], Crook and G. Bedell, London.

81 Whiteside, D. T. (1966) - Newton's Marvellous Year: 1666 and All That. *Notes and Records of the Royal Society of London*, 21(1): 32-41. doi: 10.1098/rsnr.1966.0004

82 Whitfeld, Henry Francis (1900) – *Plymouth and Devonport: in times or war and peace*. XIp. + 560p. + 48p., E. Chapple, Plymouth / Hiorns & Miller, Devonport.

83 Wilson, Charles W. (2012) – *Profit and Power: a Study of England and the Dutch Wars*. 170p., Springer Netherlands.

Algumas notas sobre o autor:

Nasceu em Malpica do Tejo, Castelo Branco

Licenciado em Geologia pela Universidade de Lisboa

Doutorado em Geologia / Geodinâmica Externa pela Universidade de Lisboa

Iniciou a actividade profissional na Universidade de Luanda, Angola

Trabalhou na Direcção-Geral de Minas / Serviço Geológicos de Portugal (Núcleo de Geologia Marinha) e no Instituto Hidrográfico

Em 1994 foi contratado como professor da Universidade do Algarve

Foi professor convidado das universidades de Évora, de Aveiro e de Lisboa

Orientou ou co-orientou mais de três dezenas de teses de mestrado e cerca de duas dúzias de teses de doutoramento

Publicou mais de três centenas de artigos científicos em revistas credenciadas

Foi professor convidado / visitante em várias universidades europeias (Cadiz, Bordeaux I, Nantes, Nápoles, Southampton, ...), norte-americanas (NCSU - North Carolina State Univ., Duke Univ., Grand Valley State Univ., SUNY - State Univ. New York), africanas (Univ.Agostinho Neto,Luanda, Univ.Cabo Verde), e sul-americanas (Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Pará e Univ. de la Republica, Montevideo)

Desenvolveu projectos científicos financiades por instituições portuguesas e europeias nas áreas do mar, das zonas costeiras, da paleo-climatologia e das interacções Homem-Meio